

**ISABEL DE ALMEIDA RAMOS SERRANO**

**MEMÓRIAS DA FAZENDA DA SERRA  
1857/1987**

**1ª Edição**

**2009**

**ISABEL DE ALMEIDA RAMOS SERRANO**

**MEMÓRIAS DA FAZENDA DA SERRA  
1857/1987**

**Dedico este livro a nossos antepassados que construíram o  
mundo maravilhoso de nossa infância**

**Vitória, 2009**

# SUMÁRIO

<b>1 – PREFÁCIO</b> .....	07
<b>2 – APRESENTAÇÃO PELA AUTORA ISABEL SERRANO</b> .....	09
<b>3 – A AUTORA</b> .....	13
<b>4 – O INÍCIO</b> .....	15
4.1 – Fazenda Boa Vista .....	15
4.2 – Desmembramento da Fazenda Boa Vista .....	21
4.3 – Fazenda Bela Vista .....	22
4.4 – Fazenda da Serra e Seus Proprietários .....	24
a) José da Rosa Machado Júnior.....	25
b) Ana Alves Ferreira da Rosa .....	26
c) Bráulio Ferreira Machado.....	28
d) Pedro Juvenal Machado Ramos .....	30
e) Pedro Paulo Lino Ramos .....	32
4.5 – A Casa da Fazenda da Serra .....	34
4.6 – Mobiliário da Casa da Fazenda.....	37
a) O Armário .....	40
b) O Piano da Serra .....	42
c) O Sino e os Relógios da Fazenda da Serra.....	43
d) Retratos dos Fundadores da Fazenda Boa Vista .....	45
4.7 – Água na Fazenda da Serra .....	47
4.8 – Iluminação na Fazenda da Serra .....	49
4.9 – Conjunto de Construções que Formaram a Fazenda da Serra.....	51
a) A Tulha .....	52
b) O Paiol .....	53
c) O Monjolo .....	54
d) O Moinho .....	55
e) O Pomar .....	58
f) A Horta.....	59
g) O Açude .....	60

h) Árvores Relíquias da Fazenda .....	61
1 – A Pitangueira do Moinho.....	61
2 – O Pé de Araçá da Horta .....	62
3 – O Coqueiro do Marechal .....	62
4 – As Paineiras.....	63
5 – O Jequitibá .....	64
6 – A Parreira.....	65
7 – O Pé de Flamboyant.....	65
8 – A Velha Mangueira do Açude.....	66
4.11 – As Pedras da Serra .....	67
4.12 – A Serra da Serra .....	70
<b>5 – A FAMÍLIA.....</b>	<b>72</b>
5.1 – A Vida na Família da Serra .....	72
a) Aspectos da Vida no Dia a Dia da Família .....	73
✓ A Religião.....	74
✓ Filhos de José e Ana.....	75
b) Oratório do Pico da Serra.....	76
c) Imagem de Nossa Senhora da Penha da Fazenda da Serra.....	78
d) Alimentação.....	79
e) Refeições da Família.....	81
f) Medicina e Remédios.....	82
g) Brinquedos e Divertimentos .....	84
h) A Vida Social da Família.....	87
i) Polca de Versos.....	89
j) Cartas Antigas .....	91
k) A Roupas na Fazenda.....	103
l) Pessoas que Trabalhavam e Conviviam com a Família.....	105
I) Maevana.....	107
II) Tia Rita .....	107
III) Mãe – Iná.....	111

IV)	Zé da Cantidia – Contador de Histórias.....	113
V)	Antônio Alves – O Rezador.....	115
VI)	Canuto Caetano.....	117
VII)	Os Marcelinos.....	117
VIII)	O Velho Bento e Seu Urucungo.....	119
IX)	Raimundo das Cabacinhas.....	120
X)	Constantino e Frederico .....	121
XI)	Graciana .....	121
XI)	Narcisa.....	122
XII)	Maria Coleta .....	123
XIII)	Colonos Italianos .....	123
5.2 –	Vizinhos e Amigos Mais Próximos .....	126
a)	Joaquim Luiz de Lima Neto – Professor de Música .....	126
b)	Tio Matheus.....	127
c)	Peregrino Gomes Vieira .....	128
d)	Prima Joaquina.....	130
5.3 –	Apoios no Desenvolvimento da Fazenda.....	131
a)	O Mascate .....	131
b)	Meios de Transportes.....	133
I)	De Caráter Geral.....	133
II)	O Carro de Bois .....	135
III)	Tropas e Tropeiros .....	139
IV)	Muladeiros .....	141
5.4 –	Outros Fatos Ocorridos na Fazenda.....	142
I -	Os Animais na Fazenda da Serra.....	142
II -	Nuvem de Gafanhotos.....	145
III -	Meus Tios da Serra.....	146
IV -	A Fazenda dos Alpes.....	150
V -	Escalada ao Forno Grande .....	158

<b>6 – OS FILHOS DE JOSÉ DA ROSA MACHADO JÚNIOR E ANA ALVES FERREIRA DA ROSA</b> .....	161
6.1 – Agostinho Ferreira Machado – Machadinho .....	161
6.2 – Ana Rosa Ferreira Machado – A Tia Anita .....	164
6.3 – Celsa Machado Ramos .....	168
6.4 – Agripina Machado Ramos.....	174
6.5 – Bráulio Ferreira Machado .....	178
6.6 – Humberto Ferreira Machado.....	180
6.7 – Alda Ferreira Machado .....	183
6.8 – Julinda Ferreira Machado .....	185
6.9 – Alberto Ferreira Machado .....	188
6.10 – Amanda Ferreira Machado .....	192
6.11 – Maria José Machado do Valle .....	194
6.12 – Augusto Ferreira Machado .....	198
<b>7 – HISTÓRICO DAS FAZENDAS ORGANIZADAS PELA FAMÍLIA E/OU AGREGADOS</b> .....	204
7.1 – Fazenda Apeninos .....	204
7.2 – Fazenda das Flores .....	206
7.3 – Fazenda Independência .....	207
7.4 – Fazenda do Macucu .....	210
7.5 – Fazenda da Povoação.....	214
7.6 – Fazenda da Prata .....	219
7.7 – Fazenda São Cristóvão .....	222
<b>8 – COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA CASA</b> .....	225
<b>9 – CONCLUSÃO</b> .....	234
<b>10 – ICONOGRAFIA</b> .....	239

## 1 – PREFÁCIO

Por ocasião das pesquisas que estávamos realizando, na busca de dados históricos sobre o município de Castelo, tivemos a oportunidade de ter acesso ao trabalho deixado por Isabel de Almeida Ramos Serrano, sob o título: “Memórias da Fazenda da Serra”, fruto em grande parte de artigos publicados em jornais e revistas das cidades do Rio de Janeiro, Vitória e Cachoeiro de Itapemirim. Incorporado a estes artigos, a cronista buscou com profundidade, lembranças de seu tempo de criança e jovem nas cercanias da Fazenda da Serra, assim como, traçou um perfil individual de seus familiares mais próximos e das fazendas que tiveram influência também de seus ascendentes e descendentes. Este material encontrava-se na residência de Pedro Juvenal Machado Ramos, em Guarapari, guardado com muito zelo e carinho pela sua filha Lúcia. Lúcia ao me transferir, em confiança, este fabuloso tesouro histórico, me fizera uma exigência: que o material (livro) a ser publicado fosse na íntegra de acordo com os escritos realizados por sua tia Isabel. Entretanto, foi impossível atendê-la na sua plenitude, havendo necessidade de algumas poucas inserções em alguns textos, correção de redação, inclusão de fotos e chamadas de rodapé, para esclarecimento que julgamos pertinentes, sem prejuízo de sua essência. Este material veio às minhas mãos em 2005, mas alguns imprevistos de saúde familiar (minha esposa), aliadas à enfermidade do Pedro Ramos (2006/2007) e prematuro desenlace do Marcos, esposo da Lúcia (2007), atrasaram esta publicação.

Não há quem não veja nestas memórias, também a sua história, para aqueles que nasceram e viveram na “roça” ou fazendas.

Toda esta história é iniciada quando o português José da Rosa Machado, casado com a portuguesa Maria Rosa Florinda, chegaram ao Brasil, em 1849, onde inicialmente se estabeleceram em Valença-RJ. Ele, nascido em 08/01/1819, na Ilha Faial, Açores, e ela, em 08/03/1822, na Ilha Torceiro. Outros irmãos já se encontravam no Brasil: Ana, Antônio, Francisco, Manoel e Maria Francisca. Uns ficaram pela região de Vassouras (RJ) e outros vieram para o Espírito Santo, juntamente com os Vieira Machado.

Quando da vinda para o Brasil, o casal veio acompanhado da filha Maria Rosa Machado, nascida em Portugal. Os outros filhos, nascidos no Brasil foram: José da Rosa Machado Júnior (Valença-RJ), Custódio, Francisco e Joaquim, na Fazenda Boa Vista, Castelo (ES).

O primeiro emprego do português José da Rosa Machado, no Espírito Santo, foi como administrador da Fazenda da Prata, em Castelo (ES), de propriedade de Joaquim Vieira Machado da Cunha, no ano de 1850.

Ainda naquela ocasião, adquiriu uma área de terras de Matheus Vieira Machado, por r\$: 700\$000 (setecentos mil réis), localizada nos limites da Fazenda Independência com a Fazenda do Destino, onde hoje é o povoado de São Vicente. Posteriormente, requereu ao Estado o domínio daquelas terras e incorporou outras, onde fundou a Fazenda Boa Vista. Ali, procedeu a derrubada das matas, plantou café, milho, mandioca e construiu a primeira residência com palmeiras. O construtor foi o Sr. Antônio Gonçalves Serpa, casado com a sua irmã Ana Maria.

Os filhos passaram a estudar na Fazenda Independência, assim como, quando do seus casamentos, foi iniciada, em 1875, a divisão territorial da propriedade. A primeira filha, Maria casada com Joaquim José de Araújo, fundou a propriedade Bocaiúva-Sossego, José da Rosa Machado Júnior casado com Ana Ferreira dos Santos, Fazenda Vista Alegre; Custódio, casado com Cecília Ferreira dos Santos, Fazenda Bela Vista, Francisco casado com Eliza, Fazenda Boa Vista, assim como Joaquim, casado com Ana.

José da Rocha Machado faleceu em 30/01/1886, e Maria Rosa, em 11/03/1898, respectivamente, nas Fazendas Boa Vista e Vista Alegre (propriedade do seu filho mais velho, José), tendo sido sepultados no cemitério da Fazenda Independência.

Ao longo dos anos, a Fazenda Boa Vista deixou de existir, pois fora desmembrada à proporção que os filhos do casal pioneiro iam se casando. Hoje, o que resta ainda de posse dos familiares, é a Fazenda da Serra.

Neste trabalho os senhores (as) poderão reviver as histórias que demonstrou-se a sagacidade de um casal português, que nos longínquos 1849, deixou a sua terra natal, para migrar para uma terra de futuro incerto, mas que conseguiu prosperar, criar os filhos e deixar-lhes uma situação financeira que pudesse encaminhar as gerações futuras, para uma vida confortável, dando-se, inclusive, ao “luxo” de mobiliarem as suas residências e propriedades com materiais adquiridos na Corte (RJ). A família prosperou, chegando alguns (as) a ter destaque na sociedade capixaba.

Entrem nesta rica história e bom proveito!

José Eugênio Vieira.

## 2 – APRESENTAÇÃO PELA AUTORA DOS ARTIGOS

Escrever sobre a Fazenda da Serra, construída no século passado (XIX), num pedaço de chão lá bem no alto, perto das montanhas, foi para mim como um mergulho no passado. E quanto mais eu me aproximava do fundo, mais tesouros descobria.

Escrevi estas memórias com o coração aberto às emoções, com a lembrança de objetos, de fatos, de lugares e, principalmente, de pessoas que amei com ternura.

Ao escrever, uma lembrança levava-me à outra. Quando eu olhava as fotografias de antepassados meus, suspensas à parede da sala, desejava que as pessoas, ali retratadas com seus trajes antigos, desprendessem dos quadros e falassem-me de coisas de seu tempo, contassem um pouco de suas vidas.

Lembrei-me de uma criança que, certa vez, ao lhe ser mostrada a fotografia de sua babá já ausente, colocou a mãozinha no retrato e disse ingenuamente: “Sai daí babá! Vem brincar comigo!”.

Às vezes, quando rezo diante da imagem da Virgem Maria, que fazia parte do conjunto de santas do oratório da fazenda, parece-me voltar aquela fé ingênua que, em criança, eu sentia ao ajoelhar-me para rezar, cercada por pessoas da família diante da mesma santa.

Em nosso apartamento na cidade (Rio de Janeiro) existem objetos, insignificantes à primeira vista, mas porque pertenceram à casa da Serra, ajudam-me a manter vivos fatos e recordações de pessoas que lá viveram no meu tempo de criança. Aquela jarrinha de opalina azul, agora colocada junto à imagem de minha Santa, outrora trazia botões de rosa que eu colhia nos canteiros do jardim, para homenagear os santos do oratório. A xícara de chá com listras azuis e douradas, que hoje integra nossa pequena coleção, eu a via, antigamente, pendurada num gancho de metal no guarda-louça que ainda hoje está no corredor da fazenda.

Jamais deixei de estar por perto da fazenda, ora recordando-me de momentos felizes, ora curtindo saudade.

Longe daquele cantinho amigo, nas horas de tristeza, eu me colocava em pensamento sob o telhado da velha mansão, como se eme enrolasse no meu próprio cobertor de lã para proteger-me do frio intenso.

Enquanto morei ali, tudo me parecia tão natural, tão espontâneo, que o relógio do tempo parava. Era o mundo que eu conhecia e amava-o com tudo que dele fazia parte - pessoas, casa, animais, objetos, natureza e tudo quanto estivesse dentro da casa ou do lado de fora.

Minha impressão era de que todas aquelas pessoas simples e ingênuas que ali moravam - a tia Rita de lenço na cabeça e avental rodado; o velho Bento tocando seu “urucungo”,

por ele mesmo fabricado; o Zé da Cantidia contando estórias de rainhas e de princesas, e tantas outras pessoas que conviviam conosco diariamente, eram peculiares daquele lugar, eram parte da Fazenda da Serra.

E quando algum morador resolvia mudar-se dali, um dia voltava de trouxa no braço pedindo para ficar. E ficava.

Na época em que surgiu a Fazenda da Serra, haviam muitas outras instaladas por todo o Estado do Espírito Santo, na maioria grandes fazendas construídas por homens experientes e de fibra.

Basta lembrar algumas: Centro, Povoação, Prata, Macuco, Monte Líbano, Pensamento, Prosperidade, Duas Barras, e tantas outras que ficaram na lembrança dos que as conheceram, porque deixaram marcas inesquecíveis. Uma pelos casarões luxuosos, outras pelas festas suntuosas, e, algumas pelo elevado nível de cultura que desenvolveram. “Athenas Campeste” foi título merecido por uma delas. Porém, em geral, o sistema de vida familiar e social mantido entre os fazendeiros da época era semelhante.

Os meios de transportes eram os mesmos e as famílias tratavam-se com apreço e cordialidade. Não raro existiam laços de parentesco entre elas.

Quando eu era jovem, certo amigo ofereceu-me um livro, que me impressionou na época, e cujo título era *Chão da França*. Do nome do autor nem me recordo, e pouco me lembro do conteúdo daquele livro. Sei, entretanto, que, ao terminar a leitura, ocorreu-me a idéia de um dia escrever sobre um chão que, desde criança, conhecia cantinho por cantinho.

Quando alguém escreve sobre uma cidade, existem ruas com nomes gravados em placas e as casas trazem numeração. Há praças, igrejas e edifícios que servem de derive<sup>1</sup> a quem escreve.

O meu chão é diferente. Os pontos de referência surgiam pouco a pouco, por causa de algum fato, de uma circunstância imprevista. Os nomes calhavam bem e permaneciam. Às vezes, eram apelidos pitorescos, um tanto quanto absurdos, mas no fundo tiveram suas razões e foram aceitos: Monte Real, Sapucaia, Caieira, Palhado, Caminho Novo e tantos outros. Depois de adotados, ninguém os esquecia mais.

Em cima daquele chão existem pedras com significados importantes, árvores que contam “estórias”. Avistam-se horizontes tão maravilhosos que inspiram qualquer pintor. O céu que o cobre é mais estrelado do que o das grandes cidades.

Jamais me esqueci das conversas que mantive com *carreiros*, *tropeiros* e aquele *menino candeeiro* que andava à frente da *junta dos bois de guia* do *carro chiodor*.

---

<sup>1</sup> DERIVE (DERIVADO), adj. Desviado; proveniente; originado; resultante.

Às vezes, tenho a impressão de que ainda sinto o calor das mãos mais ásperas daquelas meninas, pretinhas ou louras, recém-chegadas da Itália e que brincavam de roda no terreiro ou dançavam conosco ao redor das fogueiras de Santo Antônio e de São João. Por que será que não nos esquecemos do convívio com gente simples? Nem da voz frágil da *mãe-preta* cantando cantigas de ninar ou cochichando Ave-Maria, quando ia passando nos dedos as contas de seu rosário, enquanto esperava sua criança adormecer. *Mães-pretas, carreiros, tropeiros, meninos candeeiros* e tantas outras realidades do dia-a-dia na vida das fazendas de outrora, hoje são apenas folclore.

A casa da Fazenda da Serra, construída pelo meu avô, em 1877, continua de pé, protegida pelo firmamento estrelado. É a mesma ainda, porém talvez mais aconchegante e mais acolhedora, com as portas abertas e o telhado um pouco mais escurecido.

O som da orquestra dos passarinhos e o dos galos cantando pela madrugada continuam iguais. Porém, é preciso ficar em silêncio e esquecer o presente, para então escutar o chiado do *carro de bois*.

Em minhas andanças pelo mundo afora, pisei em muito chão áspero, duro, árido, porém, agora voltei a pisar no meu chão, no chão de nossa fazenda, aquele que conheço desde criança, cantinho por cantinho.

Escrevendo, eu o percorri todo novamente, passo a passo, de mãos dadas com as recordações, as emoções e a saudade.

Isabel Almeida Ramos Serrano  
(1987)



### 3 – A AUTORA



FOTO Nº 01 - Isabel de Almeida Ramos Serrano - Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

Isabel de Almeida Ramos Serrano, nasceu na Fazenda Independência, em Castelo, no dia 20 de outubro de 1901. Era filha de Pedro de Almeida Ramos e Celsa Machado Ramos. Casou-se com Mário Serrano, que era natural do Rio de Janeiro e no Espírito Santo chegou a ocupar o cargo de Secretário de Governo, quando da interventoria de Jones dos Santos Neves (21/01/1943 a 27/10/1945). O casal não teve filhos.

Mário Serrano foi escritor, professor e autor de vários livros, com destaque para os de literatura infantil: “Proezas do Espoleta (1941)”, “A Turista Vida de Latoreza (1941)”, “Aventuras do Macaco Simão (1939)”, “Tadinho (1940)”, “Trabuzana e Barrafunda (1961)”, “O Marrequinho Sanfona (1942)”, entre outras. Outras publicações do escritor. “O Demônio Mudo e Outros Contos (1938)” e “História de Joana D’Arc (1945).”

Mário era filho do Capitão-Tenente Frederico Guilherme de Souza Serrano, ex-Senador da República e amigo pessoal de D. João VI. O seu irmão Jonathas, foi casado com a Viscondessa de Duprat. No período que o Mário foi Secretário de Governo, Isabel foi nomeada a primeira presidente da LBA - Legião Brasileira de Assistência, que ajudou a fundar. Por muitos anos participou da Comissão Espírito-Santense do Folclore. Exerceu também as funções de Assistente de D. Zélia Viana de Aguiar na LBA, no governo de Francisco Lacerda de Aguiar (1955-1959).

Isabel quando jovem estudou no tradicional Colégio do Carmo, no

centro de Vitória, onde ao lado de outra prima, foi interna daquele Colégio, tendo concluído o curso de Normalista em 1919. Nessa ocasião, aproveitou dos momentos de solidão para escrever estas memórias.

Lecionou no Espírito Santo de 1920 a 1924, na escola pública Chave de Satyro, no município de Muqui (ES) e também na Escola para filhos de Militares da Fundação Osório, no Rio de Janeiro, no período de 1928 a 1938.

Lecionou Economia Doméstica em várias colégios do Rio de Janeiro, assim como, dirigiu o Jardim de Infância de Cachoeiro de Itapemirim, de 1956 a 1959.

Escreveu crônicas sobre lendas, folclore, fatos e curiosidades, nos principais meios de comunicação do país e do Espírito Santo. Entre eles: Correio da Manhã, Jornal do Brasil, A Vanguarda, A União, A Gazeta de Notícias, O Clamor, todos do Rio de Janeiro. O Jornal a Gazeta, de Vitória, Correio do Sul e O Arauto de Cachoeiro de Itapemirim. Também publicou artigos nas revistas: O Cruzeiro, Excelsior, Espírito Santo, também do Rio de Janeiro; O Lar, de São Paulo; Canaã e Folclore, de Vitória.

Livros publicados pela poetisa: “Quando Você Casar (1963)”, “Rainha do Lar (1953)”, “Noções de Economia Doméstica (1945 - 12 edições)”, “O Natal (1963)” e “Armadilha para Pássaros Vermelhos - Contos Folclóricos de Guarapari (s/ data)”.

Chegou a residir na cidade de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro. Faleceu em Cachoeiro de Itapemirim no dia 14 de Dezembro de 1994, aos 93 anos, onde foi sepultada. Quando do seu falecimento, estava residindo na cidade de Guarapari.

## 4 – O INÍCIO

### 4.1 – Fazenda Boa Vista

José da Rosa Machado nasceu em Portugal, na Ilha do Faial, do arquipélago dos Açores, em 08 de janeiro de 1819. Maria Rosa Florinda, sua mulher, nasceu também em Portugal, na Ilha Torceiro, a 08 de março de 1822. Casaram-se em sua terra e poucos anos depois partiram para o Brasil, de onde não mais retornaram à terra natal. Vieram em um navio *veleiro*, tendo feito uma viagem bastante demorada e penosa.

Inicialmente, estabeleceram-se em Valença, no Estado do Rio de Janeiro, lugar onde estavam seus irmãos – Antônio, Francisco, Manoel e Maria Francisca. Com eles vieram outras pessoas da família, uma filhinha de três anos de idade chamada Maria, duas irmãs de José – Ana e Rosa, e dois primos, sendo um chamado Francisco, já casado com Rosa. Devem ter aportado ao Brasil por volta de 1849.

Em Valença, a 08 de março de 1850, nasceu-lhes um filho – José da Rosa Machado Júnior.

Em 1850, alguns membros da família Vieira Machado da Cunha, que se haviam mudado para o Estado do Espírito Santo, animaram José da Rosa a ir também fixar-se naquele Estado, o que ele fez, contratando-se como administrador da Fazenda da Prata, situada em local hoje pertencente ao Município de Castelo. A referida fazenda era propriedade de Joaquim Vieira Machado da Cunha.

Ali trabalhava José da Rosa quando resolveu adquirir uma área de terra a partir das terras que fazem limite com a Fazenda da Independência, até a Fazenda do Destino, que fica no local onde hoje é o povoado São Vicente, e as montanhas.

Matheus Vieira Machado, então proprietário da Independência, cedeu-lhe a posse das ditas terras pela quantia de r\$ 700\$000 (setecentos mil réis).

Mais tarde, José da Rosa Machado requereu do Estado o domínio daquelas terras e de mais alguns pedaços, que anexou às primeiras.

Trabalhava José da Rosa na Fazenda da Prata e, aos domingos, contratava alguns escravos da fazenda para irem com ele trabalhar nas suas terras. Pagava-os aliás regamente, isto é r\$ 1\$000 (hum mil réis) por dia, o que para a época era um salário excepcional.

Para atingir as terras de sua propriedade, foi necessário preliminarmente abrir picadas na floresta virgem, pois toda aquela região ainda não fora desbravada. A dita picada passava pela atual Fazenda Santo Antônio e prolongava-se até o local por ele denominado Boa Vista e, escolhido para a construção de sua casa.

A Fazenda teve de início o nome de Córrego de São Lourenço, passando a chamar-se Fazenda Boa Vista quando entrou para o patrimônio de José da Rosa Machado, o velho

que, ao estabelecer-se ali, empolgado pela majestade e beleza do local onde construía a casa, achou de lhe dar o significativo nome de Boa Vista.

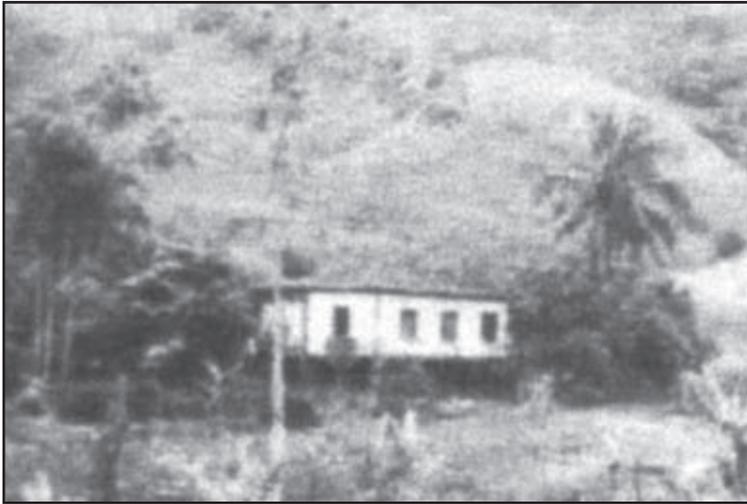


FOTO Nº 02 - Casa da Fazenda Boa Vista. Sem Data.  
(Acervo: Antonio Fabiano Ribeiro Vargas)

José da Rosa procedeu às derrubadas, plantou café, milho e mandioca, assim iniciando a lavoura, e depois começou sua primeira residência – uma casa toda ela construída de *palmiteiros*. Dizem que se aproveitou desse material, por ser o mesmo muito abundante na região e, ao mesmo tempo fácil de trabalhar. Com os troncos inteiriços fizeram os esteios; o telhado, ou melhor, a cobertura da casa foi feita com os troncos cortados no sentido longitudinal e colocados à maneira das telhas portuguesas; de palmito lascado em ripas fizeram o arcabouço das paredes, os vãos tomados a estuque; o chão era de terra batida.

Para a construção da casa, contratou os serviços de Antônio Gonçalves Serpa, que mais tarde veio a casar-se com sua irmã de nome Ana, tornando-se pois seu cunhado.

Construída a casa e feitas as lavouras, mudou-se José da Rosa para sua nova habitação, sendo assim fundada a Fazenda Boa Vista, a primeira naquelas paragens.

Nesse tempo, por volta de 1853, já tinha o casal três filhos – Maria, José e Custódio. Com eles veio um casal de escravos, trazido de Valença – Luiz Caetano e Joana Maria, pais de Canuto, o primeiro moleque nascido na incipiente fazenda. Na Fazenda Boa Vista, nasceram mais dois filhos – Francisco e Joaquim.

Aos poucos, foi a propriedade desenvolvendo-se. Fora construído o engenho, assim como o moinho, o paiol e o terreiro para secagem do café e outros cereais. Mais tarde, uma boa casa de moradia substituiu a pequena casa primitiva. Desenvolveram-se cada vez mais as lavouras e as criações.

Uma boa tropa foi organizada para transportar os produtos agrícolas, principalmente o

café, que era vendido em Cachoeiro de Itapemirim. A tropa pernoitava em dois lugares: Fruteira e Monte Belo.

Como nessa última paragem parecia haver certa má vontade quanto ao pernoite ali, José da Rosa comprou alguns alqueires de terra naquela região. Já que anteriormente havia adquirido terras na Fruteira, sua tropa só pousava em terrenos de sua propriedade, onde mandou plantar milho e preparar pastos, a fim de não depender de favores de pessoa alguma.

Era ele amigo do Capitão Souza, proprietário da Fazenda Monte Líbano, com quem realizava vultuosas transações comerciais.

Saindo de Portugal, atravessando o oceano, aquele casal de ilhéus veio morar em longínquas terras por eles próprios desbravadas. Lutaram e trabalharam, derrubaram capoeirões e matarias, plantaram lavouras, abrindo picadas e construindo caminhos em plena floresta virgem. Ali, naquelas ermas paragens, criaram os filhos e adquiriram com o próprio trabalho sua fortuna.

Para estudarem um pouco, os filhos tinham que ir a cavalo até a Fazenda Independência, local mais próximo em que havia um professor. Ali curtiram a saudade da família distante e da pátria que ficara para trás, a muitas centenas de milhas. Maria Florinda não se cansava de falar na família e, certa vez, recebeu a notícia de que uma de suas irmãs, casada com um médico, viria ao Rio de Janeiro. Com grande alegria, preparou-se para ir à Corte visitar a querida irmã. Porém, antes que lá chegasse a irmã, a mais moça, morreu de febre amarela. E a pobre criatura jamais teve oportunidade de rever qualquer pessoa de sua família.

Maria Florinda possuía um temperamento enérgico, porém extremamente afetivo. Gostava imensamente de ouvir romances e, mal começavam suas netas a ler corrido, pedia-lhes insistentemente para que lessem em voz alta livros e jornais, pois infelizmente não sabia ler – o que era comum entre as mulheres de sua pátria, naqueles tempos. Gostava de usar artigos da melhor qualidade; até os chinelos eram finíssimos e comprados na Corte.

Um de seus alimentos prediletos era a *açorda*<sup>2</sup>, tigela de água fervendo em que se colocava uma colher de manteiga, um pouco de açúcar e rosca partida em pedacinhos. Para não lhe faltar material necessário à confecção da açorda, mandava buscar no comércio mais próximo barricas de rosca seca, das chamadas “*canela de anjo*”, comuns naquela época.

De quando em vez, depois que a fazenda prosperou e a situação do casal tornou-se de notória abastança, iam, marido e mulher à Corte. De lá traziam louças, finas pratarias, jóias e alfaias.

Quando o velho morreu, sua viúva mandou ao Rio de Janeiro uma fotografia que haviam tirado, os dois na Corte, da qual o pintor Pedro Américo fez dois maravilhosos retratos que ainda existem. José da Rosa Machado viveu na Fazenda Boa Vista até o ano de

<sup>2</sup> AÇORDA (ô) s.f. 1. Sopa seca de pão com alho, azeite. Não é cozinhada, utiliza-se água quente; fig. pessoa mole, negligente, sem préstimo.

1886, quando faleceu, no dia 30 de janeiro, aos 67 anos de idade.



FOTO Nº 03 - José da Rosa Machado e Maria Rosa Florinda - Fazenda Boa Vista - 1886.

(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

Seu casamento durou mais de 40 anos e, à medida que os filhos do casal iam tornando-se aptos para a gerência de propriedades agrícolas e se casavam, seus pais os iam aquinhoando, dando-lhes *glebas* determinadas, nas quais passavam eles a trabalhar como futuros proprietários, que seriam por morte do casal. Foi assim que a Fazenda Boa Vista, já naquela época de 1875, começou a ser dividida em várias propriedades distintas e denominadas ao bel prazer de seus futuros proprietários.

José e Custódio receberam as primeiras terras em 1876, quando resolveram casar-se e formaram as propriedades – Fazenda Vista Alegre e Bela Vista. Os dois irmãos casaram-se no mesmo dia com duas irmãs - Ana e Cecília - filhas de Agostinho Ferreira dos Santos e Violante, proprietários da Fazenda dos Alpes.

Os dois casais foram sempre muito amigos. Todos os domingos alternadamente, um visitava o outro. O transporte das famílias era feito em carro de bois. As crianças esperavam ansiosamente pelos domingos, para a chegada dos parentes, o que era sempre uma festa.

Com a morte de Custódio em 11 de novembro de 1891, e o segundo casamento de Cecília com Hilário Duarte, um ano depois de viúva, tudo se modificou no convívio entre as

duas famílias. O maravilhoso convívio foi, aos poucos, dando lugar a um clima de ódio e de ameaças, que abalou profundamente as duas famílias.

Lembro-me de quando eu era bem pequena, o pavor que eu sentia quando avistava ao longe o Hilário passar a cavalo na estrada, a caminho da Bela Vista.

Joaquim e Francisco casaram-se também com duas irmãs - Ana e Eliza - filhas de Antônio da Rosa Machado e Justina Maria do Couto.

Em 30 de janeiro de 1886, o velho José da Rosa Machado foi morto por um escravo chamado José, um pretinho comprado em Vitória. Este escravo era estimado pelo fazendeiro e nada explicou o seu gesto perverso.

Naquele dia 30, o velho fora com a esposa à Bela Vista, almoçar com seu filho Custódio. Deixando a esposa na casa do filho, voltou à lavoura e, encontrando o dito escravo capinando preguiçosamente no meio do cafezal, longe dos companheiros, admoestou-o; replicando o escravo atrevidamente.

Indignado pela indisciplina do escravo, o fazendeiro ameaçou-o com a bengala; tanto bastou para que o preto, erguendo a enxada com que limpava o cafezal, atirasse violento golpe à cabeça do seu senhor, prostrando-o ao solo.

Vendo-o caído, sacou de uma faca e golpeou-o várias vezes, matando-o. Aos gritos do velho fazendeiro, Canuto, o feitor da fazenda, acudiu imediatamente, colocando a correr o escravo, que ainda o insultou.

Canuto levantou a cabeça do ferido, que pediu água; bebendo-a, e em poucos minutos morreu, ao colocarem-no na rede para ser transportado. O escravo assassino desapareceu e não se soube o seu paradeiro. Dizem que mais tarde foi preso na Fazenda da Prata, sendo julgado e condenado.

Quando a esposa e os filhos chegaram ao local do crime, já a vítima expirara. Maria Florinda quase enlouqueceu. E durante o resto de sua vida jamais se conformou com o fim trágico do marido, ela que o acompanhava sempre naquela jornada de trabalhos e de lutas, desde o longínquo Portugal. E sempre, desde a sua morte, ao falar em *Seu Izé*, como apelidava o marido, chorava e se lastimava inconsolável.

Em maio de 1950, estando eu na Fazenda da Serra, juntamente com meus tios Humberto, Bráulio, Alberto, Anita e Maria José, procurei ouvir diretamente do Canuto, a narração do fato de que ele fora testemunha. E foi ele que nos contou o que acabo de escrever. E perguntei-lhe se o velho era mau para os escravos e se houvera qualquer motivo que explicasse o gesto do assassino.

Canuto, levantou-se para responder-me de pé, tirou o chapéu da cabeça, e jurou sob as mais graves palavras de juramentos que o Sinhô José da Rosa Machado fora sempre boníssimo para os escravos, especialmente para aquele **negrinho** que abusara da confiança do seu senhor. José da Rosa, com efeito, nutria especial predileção por aquele escravo que o matou, chamando-o às vezes para conversar e ouvi-lo ler. Então Canuto, com os olhos fuzilando, afirmou-me: “ninguém soube explicar o procedimento daquele negro, até parecia que ele estava com o diabo no corpo”.

Depois da morte do fazendeiro, seu filho Joaquim, já casado, foi morar na Boa Vista. Entretanto ali não ficou muito tempo, porque sua mulher não se entendeu com a sogra

que ficara com um gênio difícil depois do duro golpe com a morte do esposo.

O mesmo aconteceu com o outro filho, o Francisco, que substituíra Joaquim na administração da Fazenda. Os sofrimentos, a trágica perda do esposo, a saudade da família e da Pátria, fizeram com que Maria Rosa Florinda se tornasse extremamente nervosa e de convivência muito difícil.

Em 1888, foi ela residir na Fazenda Vista Alegre, com seu filho José. E ali permaneceu até morrer, no dia 11 de março de 1898, cercada pela consideração e pelo carinho dos filhos e dos netos.

Minha mãe falava-me muito sobre a vovó Maria, a “Dindinha” de todos os netos. E, entre outras coisas, contava-nos que começou a ler romances para ela quando ainda nem entendia bem o que estava lendo; e minha mãe admirava-se vendo-a vibrar de entusiasmo ao ouvir certos lances das estórias. Muitas vezes a neta suspendia a leitura para acompanhar a avó, tomando uma tigela de açorda<sup>2</sup>. Diziam que ela usava sempre um copo de **crystal** para tomar água. Este copo era conservado sobre um prato de vidro, que hoje me pertence e que conservo carinhosamente como relíquia.

Comecei a querer bem àquela velhinha que eu contemplava, um pouco assustada, no quadro a óleo, suspenso à parede da sala de visitas, junto a outro quadro, com o retrato de José da Rosa. E não compreendia porque os dois nos acompanhavam com os olhos, a qualquer recanto da sala, onde nos encontrávamos.

Com o afastamento da proprietária, a Boa Vista foi arrendada a Felinto Martins, que ali ficou por pouco tempo. Com sua retirada, assumiu o posto de administrador um caboclo chamado Modestino, controlado por José da Rosa Machado Junior.

Descobertas várias irregularidades praticadas por Modestino, foi ele despedido e a fazenda entrou em decadência.

No local onde fora morto o velho fazendeiro, mandaram erguer uma cruz de madeira, cercada por uma muralha de pedra.

Ainda recordo que, quando menina, várias vezes atravessei um capoeirão para visitar a **cruz**. E todos nós, netos e bisnetos de José da Rosa Machado, sentíamos um arrepio, qualquer coisa de estranho, ao pisarmos aquele chão que sempre nos parecia banhado de sangue.

José da Rosa Machado e Maria Florinda repousam no cemitério da Fazenda Independência, onde se encontram também Custódio e José, seus filhos.

O quarto que meu avô José da Rosa construiu numa ala da casa da Fazenda Vista Alegre, quando sua mãe veio morar com o filho, ficou sempre sendo “o quarto da Dindinha”, até ser transformado em sala, já na quarta geração dos seus descendentes.

Sempre que eu ouvia falar qualquer coisa sobre esses meus bisavós, eu escutava com a mesma atenção e curiosidade com que ouvia as estórias dos contos de fada.

Nota: Tudo quanto escrevi neste resumo, eu obtive através de informações prestadas por minha avó **Ana**, minha mãe Celsa e meus tios: Humberto, Anita e Bráulio (21/12/1957).

## 4.2 – Desmembramento da Fazenda Boa Vista

A Fazenda Boa Vista não mais existe, visto que há muitos anos foi sendo dividida por partilhas hereditárias e vendas efetuadas pelos legítimos herdeiros a diversas pessoas. Atualmente onde existiu, há várias pequenas propriedades agrícolas, sem mencionar a Fazenda da Serra. A primeira divisão das terras que compuseram a Fazenda Boa Vista foi feita somente entre pessoas da família de seu fundador – José da Rosa Machado.

Em 1876, os dois filhos mais velhos, José e Custódio receberam de seu pai a doação de umas terras em locais por eles escolhidos, e começaram a construir suas propriedades, para receberem as esposas Ana e Cecília, filhas de Agostinho Ferreira dos Santos e Violante Alves Ferreira, da Fazenda dos Alpes.

Maria Rosa Machado, filha do casal da Boa Vista, ao casar-se com Joaquim José de Araújo, recebeu terras no lugar Bocaina, que depois ficou com o nome Sossego.

Francisco e Joaquim também casaram-se com duas irmãs, suas primas e filhas de Antônio da Rosa Machado Junior e Justina Maria do Couto, e ambos receberam terras da Boa Vista. Francisco casou-se com Eliza e Joaquim com Ana.

Não se tem notícias de que os dois tenham construído boas residências e dado nomes às suas propriedades, como José e Custódio, que escolheram os nomes de Fazenda Vista Alegre e Fazenda Bela Vista para suas respectivas propriedades. Todos os filhos de José e de Custódio nasceram em suas fazendas.

Ana Maria do Coração de Jesus, quando de seu casamento com Antônio Gonçalves Serpa, também recebeu terras da Boa Vista. Ana era irmã de José da Rosa Machado, e vieram juntos de Portugal.

Ao falecer José da Rosa, em 1886, as terras da Boa Vista foram repartidas entre sua viúva e os filhos. Posteriormente, falecendo Maria Rosa Florinda, todo patrimônio da Boa Vista passou definitivamente aos herdeiros. Com o falecimento de Custódio, em 1891, e o 2º casamento de Cecília com Hilário Duarte, este passou a administrar a Bela Vista.

Pouco a pouco, foram os descendentes dos fundadores da Boa Vista desfazendo-se de suas terras herdadas e a fazenda desmembrando-se.

Do imenso patrimônio legado por aquele ilhéu português a seus descendentes, hoje apenas a Fazenda Vista Alegre, agora denominada Fazenda da Serra, continua, sem interrupção, pertencendo a descendentes da família de José da Rosa Machado e Maria Rosa Florinda.

Conheci as propriedades de Francisco e de Joaquim, adquiridas com as importâncias apuradas da venda das terras que herdaram dos pais.

Francisco, o tio Chiquinho, adquiriu umas terras excelentes, num local bastante aprazível, perto da antiga Estação de Pedreiras, na linha da estrada de ferro de Castelo, onde hoje existe Conduru.

Ali construiu sua propriedade, com aquele capricho que lhe era peculiar. Desde quando estive em sua casa, recordo-me das primas e dos tios, e também de ouvir comentários

\*CONDURÚ - Conhecido anteriormente como Pedreiras. Quando da emancipação de Castelo (1928), passou a pertencer ao município de Cachoeiro de Itapemirim.

sobre as madeiras escolhidas para a construção da residência, tal como fizera meu avô, com a Fazenda da Serra.

Joaquim, o tio Quincas, comprou no município de Muqui a Fazenda da Verdade, aberta por Antônio de Azevedo Ramos, entre 1856 e 1860.

Visitei-a em 1920, com minha mãe, sua afilhada. Nesta época, eu era professora na Chave Satyro, há duas léguas da Fazenda da Verdade.

Nunca me esqueci de certa peculiaridade de sua fazenda: tio Quincas reservou uma área de mata virgem, perto de sua casa e, enquanto viveu, ninguém derrubou uma só árvore do seu bosque.

Mantinha-a limpa, com trilhozinhos em baixo das árvores e ali conservou fauna e flora naturais. Pela madrugada, ouviam-se canto de aves raras, como macucos, nhambus e outras, numa orquestra maravilhosa.

Tipo curioso aquele tio Quincas: idoso, barbas longas, olhar inteligente e transpirava enorme simpatia. Gostei dele e de sua mata, que chegava até perto da casa.

Maria Rosa, a filha do casal da Boa Vista, a nossa tia *Yayá*, permaneceu nas terras do Sossego. Conheci sua filha Joaquina quando residia na mesma casa de sua mãe. Somente os netos da prima Joaquina começaram a vender as terras herdadas.

Ana, a irmã de meu bisavô, casada com Antônio Gonçalves Serpa, mudou-se com a família para os lados do Guandu, hoje Afonso Cláudio, tendo antes uma propriedade na recém-fundada Muqui.

A Fazenda Bela Vista também foi vendida. Somente Vista Alegre, hoje Fazenda da Serra, continua com descendentes de José da Rosa Machado, meu bisavô.

Um dia, empolgados pela vista que se descortinara das terras que então adquiriram, José da Rosa e Maria Rosa Florinda, deram-lhe o nome de Fazenda Boa Vista. Escolheram-no com muito carinho porque até hoje, mesmo já desmembrada, e com somente um pedaço de terra que fora escolhido para nele se erguer a Fazenda Vista Alegre, toda região, como numa homenagem aos seus desbravadores, continua sendo a Boa Vista. E é justamente sobre aquele pedaço da Boa Vista, que hoje tem o nome de Fazenda da Serra, que me propus a escrever suas memórias.

Vivi minha infância e adolescência naquela fazenda, a que meu avô deu o nome de Vista Alegre; mas que a montanha, a serra da Serra, transformou-a em Fazenda da Serra.

### **4.3 – Fazenda Bela Vista**

Quando José da Rosa Machado Junior recebeu de seu pai a área de terra onde formou a Fazenda Vista Alegre, seu irmão Custódio também recebeu a área onde construiu a Fazenda Bela Vista.

Não conheci a Bela Vista mas, desde menina, ouvi minha mãe falar na fazenda da tia Cecília, que ficava lá bem perto da serra. Naquele tempo – Serra – era apenas a montanha que ficava na extremidade da cordilheira que formava o final das terras da Boa Vista.

Minha mãe referia-se com saudade e muito carinho ao bom relacionamento que existia

entre as famílias dos dois irmãos e das duas irmãs.

Não conheci a casa da Bela Vista, porém, muitos anos depois de haver desaparecido aquela residência, fui até lá para conhecer, pelo menos o local onde outrora ela estava de pé. Fiquei maravilhada com a paisagem, e senti-me emocionada. Depois daquela visita, comecei a pensar mais demoradamente no que teria sido a vida daquele casal, e a procurar, nos escaninhos da memória, o que eu já escutara contar sobre a Bela Vista. Lembro-me de me sentir empolgada quando mamãe falava-me das viagens em carro de bois, aos domingos em que iam à Bela Vista. Às vésperas do passeio ou na expectativa da chegada das primas, caprichavam nos preparativos: os quitutes e o almoço eram como nos dias de festa. Para uma meninazinha da roça, tudo era como nos contos de fadas. Diziam que o tio Custódio era muito caprichoso e, certamente, fez o mesmo que o meu avô, dotando sua propriedade do possível conforto.

Minha mãe contava que ele próprio plantou uma roseira trepadeira junto à janela do quarto da esposa. E, às vezes, durante as visitas, a janela estava enfeitada de lindas rosas amarelas.

Tal como acontecia na Vista Alegre, lá também, de vez em quando, nascia uma criança. E quando Custódio faleceu, já tinham seis filhos – Violante (Sinhazinha), Almerinda, Maria Cecília, Abelardo, Gilberto e Aurora.

Quando os filhos chegavam à idade de estudar, iam para a Fazenda Vista Alegre, porque a “Tia Donana” ensinou-os a ler, escrever e fazer contas. Ensinava aos filhos e aos sobrinhos e, mais tarde, também aos netos. História Sagrada e catecismo também faziam parte do ensino. O que os filhos do tio Custódio estudaram mais tarde não sei, porém, a base foi administrada pela “Tia Donana”, na Vista Alegre.

Com os desgostos resultantes do segundo casamento de tia Cecília, a Fazenda Bela Vista, pouco a pouco, entrou em declínio. Mudaram-se para a Fazenda Independência. Mais tarde foi vendida, não sei para quem.

Apesar das desavenças do padrasto com os tios, os filhos de Custódio mantiveram bom relacionamento com tios e primos da Vista Alegre.

Algo permaneceu daquele convívio dos tempos de criança, passados juntos, respirando o nosso ar puro daquelas montanhas.

Aos festejos do centenário da casa da Fazenda Vista Alegre, hoje Fazenda da Serra, compareceram alguns descendentes de tio Custódio e tia Cecília. E percebia-se que estavam comovidos, talvez pesarosos de que o mesmo não acontecia com a casa da Bela Vista, do que também nos lamentávamos.

Quando era menina, lembro-me de ter visto, muitas vezes, Maria Cecília passar pela nossa fazenda, a cavalo, com destino à Bela Vista. Ela usava uma “saia de roupão” escura e um chapéu de palha com um ramo de flores – o que eu achava lindo! E sempre que ela passava, parava um pouco, às vezes até sem descer do cavalo. Trazia-me nestas ocasiões um presentinho – uns doces feitos por ela, ou mesmo alguns retalhos coloridos para roupas de bonecas. Era uma simpatia espontânea a que muito me agradava. E quando, tempos depois, ela morava em Cachoeiro, numa pequena casa à beira do rio Itapemirim, na época em que era a única residência que existia naquela zona, onde hoje

é o Aquidaban, eu sentia grande satisfação em ir visitá-la.

Também com a Sinhazinha eu mantive agradável convívio; muito mais tarde tive o prazer de hospedá-la em minha casa no Rio de Janeiro, quando ela precisou de cuidados médicos especiais. Ninguém esquece os seus doces e biscoitos, preparados na acolhedora casa de Conceição do Castelo.

Almerindinha conheci quando estava estudando no Colégio do Carmo em Vitória, e seu marido, Marcondes Alves de Souza<sup>3</sup>, era o Presidente do Estado.

Todos os domingos, à hora do recreio da tarde, aparecia Dona Rosalina à porteira, no pátio do colégio, carregando uma cesta e dizia: “As meninas do Palácio!”. Entregava-nos então um embrulho contendo uma farta e gostosa merenda que a prima nos mandava, a mim e as outras parentas que também estudavam no internato. São pequeninas coisas que a gente jamais esquece.

O casamento de tia Cecília com o Hilário não deu certo. Tiveram uma única filha, Emirena, que foi minha colega no colégio do Carmo. Mais tarde, separaram-se e ela morou com os filhos até falecer. No primeiro casamento foi feliz, embora a escolha não tenha sido feito por ela.

Naquele dia 14 de novembro de 1977, quando comemorávamos o centenário da casa da Serra, eu pensei também, e com todo o carinho, na tia Cecília, madrinha de minha mãe, que lhe dedicou respeito e amor por toda a vida.

Tia Cecília era uma criatura admirável e deixou muitas recordações em toda família, até nesta sobrinha neta que, agora escrevendo as memórias da Fazenda Vista Alegre, gostaria imensamente de falar muito mais sobre a Bela Vista e seus fundadores.

#### **4.4 – Fazenda da Serra e Seus Proprietários**

A Fazenda da Serra está engastada num anel de serranias, a meia encosta de espaldões<sup>4</sup> alcantilados<sup>5</sup>, donde lhe veio a denominação de Fazenda da Serra.

Seu fundador, José da Rosa Machado Júnior, deu-lhe o nome de Vista Alegre e jamais alguém deliberadamente pensou em trocar-lhe o nome. Mas a presença das montanhas falou mais alto e a denominação Serra veio-lhe naturalmente, aos poucos, como o fluir das águas de um regato.

Recordo-me da emoção que eu sentia quando ao regressar do colégio nas férias, da janela do trem eu avistava as montanhas da Fazenda da Serra. Sentia vontade de chorar e um imenso desejo de poder abraçar aquela serra azulada, tão característica e que eu sabia estar perto da nossa casa, como que a protegendo. Vendo as montanhas, eu pensava logo no casarão comprido, de um só andar, de paredes brancas, portas e janelas de cor azul forte, telhado de escuras telhas antigas.

E, recordando-me da casa, surgiam-me também impregnadas de saudade, lembranças

<sup>3</sup>SOUZA, Marcondes Alves de (Cel). Presidente do Estado, no período republicano (1912-1915).

<sup>4</sup>ESPALDÕES (ESPALDAR): sm As costas da cadeira.

<sup>5</sup>ALCANTILADO: adj. escorpado, íngreme.

das fisionomias dos entes queridos que compuseram o meu mundo infantil. A fazenda da Serra teve até agora (1987) os seguintes proprietários:

- a) José da Rosa Machado Júnior (o fundador)
- b) Ana Alves Ferreira da Rosa
- c) Agostinho, Humberto, Alberto, Augusto e Bráulio Ferreira Machado
- d) Pedro Juvenal Machado Ramos
- e) Pedro Paulo Lino Ramos

## a) José da Rosa Machado Júnior



FOTO N° 04 - José da Rosa Machado Junior - Sem Data.  
(Acervo: João Gilberto Machado Moura)

Quando o considerou em condições de assumir a gerência de uma propriedade agrícola, o pai de José da Rosa Machado Júnior cedeu-lhe uma área de terra, desmembrada de sua Fazenda Boa Vista.

Antes do casamento, José começou a preparar sua propriedade. Plantou lavouras e construiu uma pequena casa provisória para receber a esposa logo após o casamento, que mais tarde foi aproveitada quando construíram outro andar para servir de tulha.

Seus pais eram José da Rosa Machado e Maria Rosa Florinda. José casou-se com Ana Alves Ferreira, no dia 10 de junho de 1876, na Fazenda dos Alpes, Estado do Espírito Santo. Após o casamento, José e Ana foram residir na Fazenda Vista Alegre. A casa foi construída junto ao córrego, e perto foram construídos um galinheiro e uma horta.

A casa de moradia definitiva ficou pronta em 1877; simultaneamente, iam plantando e colhendo lavouras, cuidando da horta e criação de animais domésticos. José da Rosa foi fundador e construtor de tudo em sua fazenda.

Depois de mudarem-se para a casa nova, foram aos poucos construindo todas as dependências necessárias ao bom funcionamento da propriedade – tulha, paiol, moinho, monjolo, alpendres<sup>6</sup>, novo galinheiro, ceva e manga para criação de porcos. Junto à casa fez cinco aposentos amplos, conjugados, com entradas independentes para ferraria, carpintaria, armazém com todo conforto para a guarda de mantimentos, queijaria, quarto

<sup>6</sup>ALPENDRE: s.m. Varanda que se projeta de um edifício.

para empregadas e celaria.

Quem olhasse lá de cima da Boa Vista, supunha tratar-se de um povoado, tal o numero de construções, todas branquinhas, em torno da casa.

Não se esqueceu do açude, do terreiro de cal, do lavadouro de café, tampouco de uma boa capitação e distribuição de água.

Pode-se avaliar a luta de José e Ana naquele primeiro período, contando apenas com a cooperação de uns poucos escravos e ao mesmo tempo trabalhando na lavoura, sem descuidar dos trabalhos domésticos.

José estudara pouco, e assim, contava somente com a experiência adquirida no dia a dia ao lado do pai, aquele português, ilhéu corajoso, que deixando a distante pátria construiu o belo patrimônio que legou à família.

Porém, José teve a colaboração da esposa Ana, que, mesmo tendo doze filhos enfrentava corajosamente as múltiplas tarefas de fazendeira.

José, o Juca da Rosa, era respeitado e querido dos fazendeiros vizinhos e dos próprios escravos. Ativo, trabalhador, inteligente e animado no cumprimento dos planos que elaborava.

Aos 57 anos de idade, ainda tinha muitos planos para melhorar sua propriedade, salvas as realizações adiadas por causa da abolição da escravatura e de suas naturais conseqüências.

Ainda tinha filhos menores, inclusive um com dois anos de idade, e havia problemas financeiros por resolver, mas José da Rosa faleceu a 29 de novembro de 1907, vítima de uma febre tifo, quando ainda cheio de vitalidade.

Porém, ficou na lembrança de seus descendentes a certeza do amor e da dedicação que ele e sua esposa conseguiram impregnar em tudo quanto construíram naquele relicário que é para todos nós, seus descendentes, a Fazenda da Serra.

## **b) Ana Alves Ferreira da Rosa - “Donana”**



FOTO N° 05 - Ana Alves Ferreira da Rosa - “Donana” - Sem Data.  
(Acervo: João Gilberto Machado Moura)

Falecendo José da Rosa, sua viúva Ana foi inventariante e assumiu a direção da Fazenda da Serra.

Durante 31 anos lutara ao lado do esposo na organização da fazenda. Em 27 anos teve 12 filhos. Era ao mesmo tempo, esposa, mãe, professora, enfermeira e administradora do lar; um lar que era um pequeno mundo distante dos centros civilizados. Ana ensinava a ler aos filhos e aos sobrinhos, distribuía remédios a todos os moradores da fazenda e da vizinhança. Porém, faltando-lhe o companheiro, teve que assumir sozinha a direção da propriedade e das responsabilidades com a família. E também honrar todos os compromissos deixados pelo esposo, enfrentar as dificuldades e ainda cuidar do inventário, com dívidas e hipotecas. Era preciso muita coragem; faltavam braços para os trabalhos rurais.

Poucos dias após o falecimento do marido, Ana perdeu também seu velho pai, Agostinho Ferreira dos Santos.

Na época, seu filho Bráulio viajara para o norte do Estado à procura de trabalho na construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas, onde já trabalhava seu cunhado Pedro de Almeida, meu pai. Alberto estava no colégio e o único filho que trabalhava era Humberto. Para sobreviver, em épocas diversas, Ana vendeu terras da fazenda a Marcelino Luiz Monteiro, ao todo 13,5 alqueires, e também a Pedro Luiz Monteiro vendeu 4,5 alqueires.

Em 1912, Ana resolveu mudar-se para Cachoeiro de Itapemirim, onde arrendou o Hotel da Estação, numa tentativa de melhorar as condições de vida, como garantir acesso ao colégio para os filhos, e salvar a Fazenda da Serra.

Bráulio voltara e assumira a direção da fazenda. Não dando certo com o negócio de hotelaria, em 1920, Ana desistiu e resolveu mudar-se para o Rio de Janeiro, onde já se estabelecera sua filha Agripina com a família.

Mesmo residindo no Rio, ela continuou vindo sempre ao Espírito Santo, passando dias na Serra. Visitava os filhos e todos os parentes, e também recebia muitas visitas.

Faleceu em São Paulo, onde fora em visita a seu filho mais moço, Augusto, que se casara e residia naquela cidade. Morreu no dia 21 de dezembro de 1933, aos 74 anos de idade, ainda muito forte e saudável. Era conhecida como Donana da Serra, a "Sinhá Donana".

Apareceram compradores para a Fazenda da Serra, porém ela nunca teve coragem de desfazer-se daquele cantinho gostoso, jamais esquecido por ela e por todos nós da família.

Ana Alves Ferreira da Rosa nasceu em Rio Pardo de Leopoldina, em Minas Gerais.

"Donana da Serra": quem não a conhecia e dela não se recordava com saudades, em todos aqueles lugares por onde ela espalhou benefícios e irradiou toda sua bondade?

Finalizando, desejo narrar aqui o que ocorreu certa vez em Vitória com três de seus filhos, Humberto, Alberto e Augusto.

Eles moravam respectivamente, em Itapemirim, Belo Horizonte e São Paulo, e passeavam pelas ruas de Vitória. Por acaso depararam com um homem, sem uma das pernas, sentado na escadaria do Palácio Anchieta, e, surpresos, reconheceram naquele homem

um velho amigo que havia sido distinto hóspede de Donana, no Hotel da Estação. Embora constrangidos pela triste situação em que encontraram o amigo, outrora abastado, convidaram-no para um cafezinho e um papo, na Praça Oito. E o amigo, mal trajado, andando de muleta, antes de sentar-se à mesa do bar, tirou o chapéu e, dirigindo-se aos que se encontravam no ambiente e que conheciam a sua triste história, pediu permissão para falar. Emocionado, aquele homem mais parecendo um mendigo, fez um discurso saudoso à mulher mais maravilhosa que conhecera em toda sua vida, e que era mãe daqueles seus três amigos ali presentes.

Meus tios, ao narrarem o fato, acrescentavam: "(...)e nós quatro, homens já grisalhos, choramos abraçados, ali diante de muita gente emocionada."

Assim era "Donana da Serra", assim era minha avó Donana.

### **c) Bráulio Ferreira Machado**



FOTO Nº 06 - Bráulio Ferreira Machado e Olympía Vieira - Sem Data.  
(Acervo: Augustinho Machado - "Machadinho")

De início, Bráulio administrou a Fazenda da Serra por procuração de sua mãe, de 1912 a 1933.

Em 1912, quando sua mãe mudou-se para Cachoeiro de Itapemirim, ele assumiu a direção da Fazenda.

Era solteiro, tinha 26 anos de idade e encontrou a propriedade em péssimas condições. Não havia recursos financeiros e contava com poucas pessoas para trabalhos na lavoura. Passou, então, a cuidar da lavoura como lhe foi possível, contando apenas com poucos colonos.

Em 1916, casou-se com Olympía Vieira, filha de Conrado Vieira da Cunha e Ana Vieira, proprietários da Fazenda do Fim do Mundo; um casamento feliz que durou 55 anos.

Olympía fora bem preparada e possuía as qualidades necessárias a uma boa fazendeira.

Bráulio dirigia a fazenda e Olympia a casa e seus arredores – horta, jardim, criação de animais domésticos.

Havia fartura na mesa e Olympia era exímia no preparo de comida e na confecção de doces.

Fabricava queijos para os gastos em casa e para vender. Também vendia goiabada, pessegada, rapadura e outros doces, o que ajudava bastante no orçamento doméstico. O pai de Bráulio fundou a Fazenda Vista Alegre, construiu as dependências que formam o conjunto e tudo funcionou muito bem. Ele possuía alguns escravos, homens e mulheres dispostos ao trabalho.

Bráulio recebeu todo aquele conjunto, um pequeno mundo, sozinho. Tudo precisava de reparos e de conservação. Pouco a pouco os prédios iam se deteriorando, muita coisa foi perdida. Em compensação, Bráulio manteve a fazenda, e naquela época a Serra era uma espécie de refúgio para todos nós da família. Era aquele cantinho gostoso para se repousar e curtir a saudade dos tempos antigos.

O casal recebia os que chegavam com alegria e muito carinho. Olympia esmerava-se no preparo dos quitutes. O trivial feito por tia Olympia era um manjar delicioso, mesa farta e pratos saborosos todos os dias. Era o gosto da comida misturado com saudade.

E os serões eram gostosos ali na Serra porque tio Bráulio conservou sempre aquele senso de humor que o caracterizou desde menino.

Conversava-se na varanda, na sala, no terreiro, e, à noite, não raro, na cozinha junto do fogão de lenha situado no centro do aposento. Aquele fogão, de ferro escuro e com enfeites de cobre dourado, conservava-se aceso, com suas labaredas iluminando o ambiente. O cheiro da madeira queimada impregnava o ar. O bule de café, de ágata azul, permanecia na chapa quente, dentro de uma panela com água. De quando em vez tomava-se café ralo, numa canequinha de esmalte colorida. E havia sempre latinhas com biscoitos caseiros.

Nestes serões, na velha cozinha, contavam-se estórias antigas da fazenda e muita coisa pitoresca provocava boas risadas. Estórias de assombrações, de caçadas, sei lá, tantas coisas fantásticas, tantas mentiras que faziam rir.

Como sinto saudades daqueles serões na velha cozinha da fazenda e daqueles tios que amei com ternura.

A estadia de tio Bráulio na Fazenda da Serra, embora não tenha sido produtiva, foi ótima, porque oferecia aos membros da família deslocados para grandes cidades oportunidade de voltar à fazenda, para amenizar a saudade do velho solar e rever os parentes que ficaram.

Também permitiu que a fazenda permanecesse com a família até que algum membro tivesse condições e coragem de adquiri-la, como aconteceu mais tarde.

Quando a mãe de Bráulio faleceu, em 21 de dezembro de 1933, foram os cinco filhos: Agostinho, Humberto, Bráulio, Alberto e Augusto – os herdeiros da Fazenda da Serra.

Bráulio era o único dos herdeiros que tinha condições de morar na fazenda, por isso continuou na direção. Nenhum dos irmãos visava obter lucro e sim conservar apenas a propriedade, para não vir mais tarde a ser vendida a pessoas estranhas.

Bráulio permaneceu na Serra até seus filhos Lauro e Luzia casarem-se. Ficando sozinho e já mais idosos, começaram a sentir solidão. Além disso, estavam amedrontados, devido à insistência de um vizinho em apoderar-se de uma área pertencente à Fazenda da Serra.

Bráulio e Olympia resolveram, então, mudar para a Fazenda das Flores, de seu irmão Machadinho.

Deixaram na direção um parente da tia Olympia. Porém, surgiu também a idéia de vender a fazenda, o que seria uma séria preocupação para toda nossa família.

Foi então que apareceu um pretendente para comprar a Fazenda da Serra, meu irmão Pedro Juvenal Machado Ramos, neto de José da Rosa Machado Júnior e, graças a Deus, a nossa velha Serra continuou com a família.

Pedro é filho de Pedro de Almeida Ramos e Celsa Machado Ramos, filha do fundador da Fazenda da Serra – José da Rosa Machado Júnior.

#### **d) Pedro Juvenal Machado Ramos**



FOTO Nº 07 - Pedro Juvenal Machado Ramos e Maria da Penha Lino Ramos - Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

Relendo carta do tio Alberto, datada de abril de 1982, encontrei o trecho seguinte: “Das fazendas antigas dos tempos de nossa infância, só escapou a Serra, graças à visão de Pedro, que manteve a sua posse com garra e bravura”.

“Todas as demais trocaram de donos, demoliram os velhos e lindos casarões”.

Cada proprietário da Fazenda da Serra teve sua atuação especial na direção da fazenda. E o Pedro foi realmente providencial para que a velha fazenda de nossos antepassados não caísse em mãos estranhas, tal a difícil situação em que se encontrava quando ele a assumiu.

Quando, em 1939, tio Bráulio mudou-se da Serra, deixou José Machado, o Zezinho, administrando-a.

A notícia de que tio Bráulio não estava mais no velho casarão onde, durante 27 anos, depois que todas as pessoas da família tinham ido embora, só ele permanecera, foi um susto, um choque para todos nós. Tio Bráulio, a essa altura, era para nós como “um pedacinho” da própria Serra. E mais terrível ainda foi a notícia da provável venda da fazenda.

Foi então, que Pedro, neto de José da Rosa Machado Junior, fundador da fazenda, resolveu tentar adquiri-la dos tios e dos herdeiros de tio Machadinho, donos da Serra.

Pedro morava no Rio de Janeiro, tinha escritório de advocacia montado na Travessa Ouvidor e era sócio da Livraria *Briguiet Garnier*. Foi imediatamente à procura dos tios, no Espírito Santo, e, após entendimentos com eles, voltou para o Rio com o firme propósito de comprar a Fazenda da Serra.

Soube que os tios, Agostinho, Humberto, Alberto e Augusto, já haviam decidido doar a parte de cada um ao irmão Bráulio, caso aparecesse um comprador da família de seu pai – José da Rosa.

A proposta do Pedro foi aceita e ele tratou logo de legalizar a documentação da Fazenda. Pagou todas as despesas – escrituras, impostos atrasados, regularizou o inventário de Ana Alves Ferreira da Rosa, ingressou na Ação Demarcatória movida por Gilberto Machado para readquirir as terras de Santa Luzia.

Só a luta jurídica durou mais de 10 anos, causando ao Pedro muita dor de cabeça e grandes despesas.

Como escrevera tio Alberto, não fora “a garra e a teimosia do Pedro” e não tivesse ele os conhecimentos de advocacia, advogado que era, talvez tivesse desistido e a Serra hoje estaria fora da nossa família.

Apesar de todas as dificuldades jurídicas, que iam sempre aumentando, a fazenda não podia parar.

Havia reparos urgentes a serem providenciados e tarefas constantes por realizar.

Foi preciso que lutas e trabalhos caminhassem juntos e rápidos. E pouco a pouco começaram a aparecer resultados: limpeza de pastos; divisão dos plantios de capim por cercas; compra de gado; venda de leite na Cooperativa de Cachoeiro de Itapemirim; construção de um bom curral e retirada do gado da frente da casa de moradia; construção de uma queijeira e fabricação de queijos; construção de uma boa ceva<sup>7</sup> para porcos; construção de tulha para café, com um descascador “Foster” primitivo, movimentado à água, onde assentou circular para serrar madeira e uma roda *Pelton* com gerador para a **primeira luz elétrica da região**; abertura da primeira estrada para automóveis até a fazenda, com rampas de cimento nos locais mais íngremes.

Foram realizados importantes consertos na casa de moradia, que estava prestes a desabar, como a construção de uma nova cozinha e copa, e de um banheiro dentro de casa. Também foram construídas várias casas para colonos e restaurados o terreiro de

---

<sup>7</sup>CEVA: s.f. 1. Ato de cevar. 2. Alimento para cevar animais. 3. Lugar onde se cevam animais.

cal, o lavador de café e várias outras construções externas – moinho, tulha e outras. A administração de Pedro na Fazenda da Serra começou desde que foi passada a escritura de promessa de venda, em 1939, já com tio Bráulio fora da fazenda, e com José Machado administrando e residindo na Serra com a família.

Naquela época, as viagens do Rio para o Espírito Santo eram de trem e ele não podia vir sempre, por causa de seus compromissos.

Praticamente dirigia a fazenda de longe, por cartas ao administrador e aos advogados de Cachoeiro de Itapemirim contratados por ele.

Desde o início, enfrentou ao mesmo tempo muitas frentes de trabalho, e resolvia sérios problemas.

Teve razão Tio Alberto – era preciso “muita garra, bravura e teimosia”. E foi o que não lhe faltou, graças a Deus.

Em 1943, mudou-se para Vitória, porque comprara a Araçatiba – a velha Fazenda Araçatiba, no município de Viana. Para facilitar a direção da referida fazenda, em 1944, mudou-se para Guarapari.

O administrador José Machado foi substituído por Pedro Machado. E, com a ida dos dois para Araçatiba, Ivo Gomes ficou encarregado da Fazenda da Serra, que, na época, já possuía uma ótima turma de colonos, gente antiga e boa, com famílias numerosas.

Nos trabalhos de recuperação da casa, Pedro contou com a colaboração do tio Humberto que, durante uma boa temporada, residiu na fazenda para acompanhar de perto os serviços.

Foram dois os resultados mais significativos da atuação de Pedro, na Fazenda da Serra: **manter** a casa da Serra de pé, a mesma construída por nossos avós; e **conseguir** que a fazenda continuasse pertencendo a descendentes de nossos avós – José da Rosa Machado Junior e Ana Alves Ferreira da Rosa.

Atualmente, a Fazenda da Serra pertence a Pedro Paulo Lino Ramos, por doação de seu pai, Pedro Juvenal Machado Ramos.

## e) Pedro Paulo Lino Ramos



FOTO Nº 08 - Pedro Paulo Lino Ramos - Sem Data.  
(Acervo: Maria Celsa Zanuncio Gonçalves)

Certa vez, Pedro Paulo disse-me que, quando era pequeno, ouvindo seu pai referir-se a possibilidade de, um dia, cada um de seus filhos dirigir uma de suas fazendas, ele, intimamente, escolheu a Fazenda da Serra.

Pedro Paulo estudou no Colégio Salesiano, em Vitória, e depois cursou o Colégio de Viçosa, em Minas Gerais, interessando-se especialmente pelas aulas práticas de agricultura.

Porém, antes de tomar direção definitiva sobre o rumo a seguir na vida, experimentou trabalhar no comércio, em Guarapari. Depois esteve, durante um ano, na Fazenda Santa Rosa.

Aos 21 anos, foi para a Fazenda da Serra e não mais a deixou. Residia sozinho na velha casa e, no início, estranhou bastante.

A fazenda pertencia a seu pai e, na época, teria que entrar numa fase de “reiniciação”, por motivo da erradicação dos cafezais. As lavouras cafeeiras antigas teriam que ser eliminadas e todas plantadas de novo.

Há alguns anos, a casa de moradia da fazenda vinha sendo restaurada e precisava de urgentes reparos.

Além disso, Pedro Paulo era pouco comunicativo e não se sabia de seus planos, nem de sua capacidade para administrar. Era muito jovem. Por sua própria iniciativa, começou a visitar fazendas consideradas modelo no plantio e cultura do café, bem como ouvir palestras e assistir a demonstrações práticas no gênero. Mais tarde cursou e recebeu certificado de cursos realizados pelo **PIPMO – Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra**. Tais cursos, destinados à preparação para organizar lavouras de café, foram de grande utilidade na formação das lavouras da Fazenda da Serra.

No dia 1º de janeiro de 1972, casou-se com Giuseppina Gine “Juse”, e, em fins do mesmo ano, sua esposa terminou o curso de professora e mudaram-se para a fazenda.

Em 1973, foi instalada a Escola da Fazenda da Serra e “Juse”, sua esposa, nomeada a professora.

Pouco a pouco, Pedro Paulo foi desenvolvendo seus planos na fazenda, de acordo com seu pai e aproveitando-se das experiências que ia adquirindo.

Plantou uma lavoura de café para seu pai, na zona mais elevada das terras da fazenda. Em seguida, iniciou a sua própria lavoura de café, variedade **conilon**, que, em 1974, seria a principal renda. Foi plantada no local Monte Real.

Adotando-se de uma nova técnica de plantio – **as filas em curva de nível, novo espaçamento, contenção da erosão, mudas tecnicamente preparadas**, foi logo criticado pelos plantadores de café da vizinhança.

Porém, quando verificaram que, em apenas **dois anos**, o cafezal ficara lindo e começando a florir, os críticos renderam-se e, em pouco tempo, todos aderiram à nova técnica de plantio. Hoje, a fazenda possui 100.000 covas de café.

As lavouras foram distribuídas pelas terras da propriedade, alternadas por pequenas reservas florestais e árvores frutíferas, oferecendo, assim, condições de preservar a flora e fauna locais, além de permitir a conservação da umidade do solo e o bom arejamento

dos cafezais.

Foi construída nova tulha, perto das lavouras, e a Cia Escelsa levou uma linha de alta tensão até a fazenda.

Hoje, existem máquina de pilar café moderna e lavador de café, elétricos. Um espaçoso terreiro em frente à tulha, facilitou o trabalho de secagem dos grãos. O lavador lava o café, separando os grãos verdes, os maduros e os secos.

Desde 1979, a Fazenda da Serra e toda a região da Boa Vista foi beneficiada com energia elétrica da Cia Escelsa. Até aquela data, o serviço de luz da fazenda era com roda *pelton*, instalada em 1940 pelo proprietário Pedro Ramos.

Cada colono cuida de uma parte do cafezal e, quando secos, os grãos são recolhidos à tulha para serem beneficiados e repartido o café.

Em 1980, foi inaugurada a sede própria da Escola Singular na Fazenda da Serra – um ótimo prédio, construído por iniciativa de Pedro Paulo com o apoio de toda a comunidade, que trabalhou na construção.

A casa da sede da fazenda continuara sendo reformada e 14 casas de colonos foram construídas – residências confortáveis com água encanada, banheiro e luz elétrica.

Atualmente, Pedro Paulo experimenta outros tipos de cultura, visando melhoria de lucros na fazenda, inclusive de noz–macadame, considerada por técnicos como própria para o clima. Também foi iniciada a criação de gado, apicultura e criação de peixes em tanques adequados.

Hoje, a Fazenda da Serra pertence a Pedro Paulo por doação de seus pais – Pedro Juvenal Machado Ramos e Maria da Penha Lino Ramos.

Ele, sua esposa Juse e os filhos, aprenderam a amar aquele cantinho de terra, que foi sempre querido por todos quantos ali residiram. Tiveram três filhos – Leonardo, Leandro e Carolina.

Desde o início, tem procurado aplicar novas técnicas na lavoura, bem como a reconstrução com conforto da sede da fazenda.

A despeito de todos os problemas e de inúmeras dificuldades que sempre surgem, a Fazenda da Serra continua firme.

Daqui para frente, esta história, que eu comecei a escrever com muito amor, será continuada por Pedro Paulo, Juse e pelos seus descendentes que a vivem agora. Espero que Deus os ajude a continuá-la, sempre com muito amor.

## **4.5 – A Casa da Fazenda da Serra**

Em um caderno de apontamentos que José e Ana iniciaram depois de casados, encontra-se na primeira página, de próprio punho de José da Rosa Machado Junior, o seguinte trecho:

“Prinsipiei a fazer esta Casa no dia 1 de maio de 1877. Acabei no dia 16 de agosto do mesmo anno. Mudei-me para ella no dia 14 de Novembro do mesmo anno. Dinheiro que gastei na casa: 1:000\$000” (um conto de réis).

Principi a fazer esta Casa no dia 1 de  
Maio de 1877 Acabei no dia 16 de Agosto  
do mesmo anno. Mudei para ella no dia 14  
de Novembro do mesmo anno  
Dinheiro que gastei com a casa 1000000

ILUSTRAÇÃO Nº 01 - Apontamentos de José Machado - Construção da Primeira Casa - 1877.

(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

Esta casa, construída em 1877, ainda existe, embora no início fosse menor. Constava de três quartos com janelas para o lado das montanhas; as portas de dois quartos davam para o maior, o quarto do meio, e somente esse abria para o corredor. Havia uma espaçosa cozinha e uma sala de refeições, onde existia uma divisão para a despensa e um janelão envidraçado, deixando ver a porteira que dava acesso à parte dos fundos da casa. Um corredor iniciava-se na sala de refeições, indo até uma sala que abrangia toda a largura da casa. No corredor, havia duas janelas e uma porta de entrada para a residência. Cresceu a casa à proporção que a família aumentava.

Em 1882, foi construída uma sala de visitas e, em seguida, três quartos com portas para a sala e uma varanda em frente, tornando-se ali a nova entrada para a residência. No final da escada que dá acesso à varanda, foi construído um pequeno paredão com dois degraus de um dos lados, destinados a ajudar as senhoras a montarem a cavalo.

Em 1888, quando a mãe de José, Dona Maria Florinda, mudou-se para a Fazenda Vista Alegre, foi construído um bom quarto para ela, sendo, então, derrubada a parede que dava para o corredor – local onde hoje funciona a sala de jantar.

Em 1899, quando se casou uma das filhas do casal, foi construído um quarto junto ao da Vovó Maria Florinda. Foi o quarto de noiva de Celsa, em 1899, e de Agripina, em 1906. Nesta ocasião, construíram uma varanda e o jardim, elevado por um muro de sustentação. Esta é a casa que ainda existe.

José da Rosa planejou a casa com muito cuidado e o maior carinho. As madeiras para construção foram escolhidas nas matas da fazenda. Árvore por árvore foram derrubadas à machado e conduzidas à sede da fazenda por sarras<sup>8</sup>, puxadas por juntas de bois.

<sup>8</sup>SARRA. Carro baixo com quatro rodas para transporte de objetos pesados e ainda aparelho sem rodas geralmente feito de um tronco bifurcado, para transporte de grandes pedras ou outros objetos muito pesados.

Foram preparadas com uso de machados e de serras manuais, bem como determinados os tipos de madeira para cada parte da construção da casa.

Para os esteios: brauna e gurubu-amarelo; os barrotes de ipês, peroba, sapucaia e mirindiba. Os baldrames<sup>9</sup>, todos lavrados em duas faces, de gurubu-amarelo, sapucaia e arapoca. Os engradamentos, e também as traves, limas e laterais, de pirutinga-amarela.

As paredes de estuque com engradamento de pau roliço e ripas lascadas de angirona, cedro e pirutinga-branca, por serem madeiras macias. Os portais, as portas e as janelas, noventa por cento de cedro-cheiroso e pirutinga, pintados com tinta azul colonial. Em todas as janelas havia vidraça de guilhotina.

A madeira do assoalho de cobí-cacunda e peroba-amarela; as tábuas serradas a braço e medindo 25 ou 30 centímetros de largura. Era bonito o assoalho e foi sempre muito bem tratado. Lembro-me de ouvir pessoas antigas comentarem que o assoalho da Fazenda Vista Alegre chamava atenção, pela cor clara da madeira e pelo tratamento que lhe era dispensado. Recordo-me também de ver a italiana Bia esfregando tábua por tábua com pita e areia, para conservar a cor da madeira.

Também o telhado da casa foi projetado com antecedência, como o foram as madeiras. Foram trazidas para a cobertura da casa, telhas francesas legítimas, importadas de *Marseille*, como se pode observar no carimbo que trazem:

GUICHARD ET  
PIERRE FRERES  
SEON ST HENRY  
MARSEILLE

As telhas vieram num navio, da França ao Rio de Janeiro; em outro navio menor, do Rio à Barra de Itapemirim; em um rebocador, da Barra para Cachoeiro de Itapemirim; e, finalmente, conduzidas pela tropa à Fazenda, com o máximo cuidado, em três dias de viagem.

Nos acréscimos feitos à casa, foram usadas telhas coloniais fabricadas na própria fazenda.

Quando já na década de 1960, Pedro Juvenal reformou o telhado, mudando todo o madeiramento que se encontrava deteriorado, mandou tirar as telhas coloniais e colocou as legítimas francesas, na parte da frente da casa, e telhas francesas nacionais na parte dos fundos.

Na frente da casa e na parte de cima, entre o terreiro e a casa, foi feito um calçamento de pedra que ainda existe.

A casa é provida de água encanada, como explicarei no capítulo sobre a água na fazenda.

O banheiro foi construído do lado de fora da casa.

Naquela época, havia casas de fazenda construídas com requinte e ostentação. Dispondo de fartos recursos, seus proprietários compravam escravos especializados

---

<sup>9</sup>BALDRAME: 1. Alicerce de alvenaria, 2. fundamentos de parede ou muralha.

para executarem finos serviços em suas luxuosas residências. Havia até escravos especializados, só para fabricarem pregos de madeira.

Porém, José da Rosa era simples, não dispunha de grandes recursos financeiros e, assim, executava as obras de sua propriedade contando apenas com o trabalho dos poucos escravos de que dispunha e com seu próprio suor.

A casa da Fazenda Vista Alegre ficou pronta para receber o primeiro filho do casal, Agostinho, em 16 de setembro de 1878.

Foi o berço de 12 filhos e muitos netos.

Todos os cômodos da casa tinham denominações próprias, que eram usadas pela família: sala de visitas, quartos de hóspedes, corredor, quarto da Vovó, quarto do meio, quarto da tia Anita, quarto da Dindinha, quarto da Celsa, varanda da sala, varanda do jardim, copa e cozinha.

Hoje, a casa ainda esta de pé, apenas com algumas modificações internas, para melhor conforto, inclusive com os banheiros instalados dentro da casa.

Em 1977, houve uma festa na Fazenda, comemorando o centenário da casa construída por meu avô, José da Rosa Machado Junior.

Se as casas pudessem falar, o velho solar da, hoje, Fazenda da Serra, teria muito para contar dos seus cento e tantos anos de existência.

Suas paredes estão impregnadas de uma longa história, repleta de lances comuns, de alegrias e de tristezas, como o são as histórias das vidas de todas as famílias – romances que a vida de cada dia escreve.



FOTO Nº 09 - Casa da Fazenda da Serra - Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

#### **4.6 – Mobiliário da Casa da Fazenda**

A casa da fazenda ficou pronta em 16 de agosto de 1877, e a mudança para ela efetuou-se a 14 de novembro do mesmo ano – assim escreveu meu avô. Compreende-se, portanto, que o intervalo entre as duas datas foi o tempo destinado à confecção dos móveis necessários à nova residência. Os trabalhadores, que construíram a casa,

também executaram os móveis.

Quando construíam as casas de fazenda naquela época, eram incluídos também cabides fixos nas paredes de cada quarto e em outras dependências que julgassem necessário. Estes cabides constavam de uma prateleira fixada na parede, por uma tábua onde eram colocados os cabides. A prateleira servia para colocar objetos e os cabides para pendurar roupas, ou outros objetos como: bengalas, chapéus, talas, etc. Eram muito úteis.

Verifiquei que esses tipos de cabides eram outrora usados em todas as casas da fazenda. Eu os vi em outros estados, inclusive no Museu do Emigrante, em São Paulo. Na casa da Serra havia-os em todos os quartos, e até no corredor. Estes cabides substituíam o guarda-vestidos, pois não havia um só destes móveis na fazenda da Serra.

Com os acréscimos da casa e a chegada dos filhos, outros móveis iam sendo confeccionados.

Naturalmente, aconteceu com o mobiliário o mesmo que ocorreu com a construção da casa. Foi sendo feito na proporção que a família crescia. Faziam-se novos móveis quando iam crescendo os filhos.

Assim, em 1877, quando a casa de residência foi inaugurada, além da mobília de quarto do casal – uma cama, duas mesinhas de cabeceira, uma arca e um pequeno toucador – devem ter sido construídos: mesa para refeições, bancos, tamboretas, cômoda e armário para guardar a louça.

Quando a “Dindinha” mudou-se para a Serra, trouxe os seus próprios móveis, assim enriquecendo o mobiliário da casa.

Posso agora descrever como eram os móveis que eu mesma conheci e apreciei, desde que despertaram em mim a sensibilidade.

Eu achava linda a nossa sala de visitas. Havia uma mobília austríaca, de madeira clara e assento de palhinha. Um conjunto com 12 cadeiras, 2 poltronas, 1 sofá, 1 cadeira de balanço, 2 consoles e 1 mesa de centro com tampo de mármore branco.

Uma mesa de jacarandá escura, envernizada, feita pelo meu avô, suportava e oferecia alguns objetos, inclusive um álbum de fotografias. A parede principal exibia dois quadros com largas molduras douradas – retratos dos pais de José, obras do pintor Pedro Américo. Em baixo dos quadros, encontrava-se um piano coberto por uma capa de fazenda estampada. Na parede de frente aos quadros, refletia um belo espelho de cristal, com moldura dourada. O sofá e as duas poltronas ficavam embaixo do espelho. Numa das paredes, havia a porta de um quarto, no centro, e de cada lado um mapa antigo de Portugal – mapas de navegação feitos em lindas telas.

Na parede onde se encontrava a mesa de jacarandá, havia uma coleção de quadrinhos desenhados por tia Anita, quando estudava no Colégio do Matoso, no Rio. Havia uma parede cheia de quadros com fotografias de amigos e de parentes e, também, um quadro com um belo *gobelin*, representando uma arara colorida – trabalho de Celsa, minha mãe. Todas as molduras eram douradas e feitas pelo meu avô.

Encantavam-me uns pingentes de papéis de seda, coloridos, parecendo correntes

trançadas, colocados no centro de 4 sancas<sup>10</sup> redondas, nos 4 cantos do teto de estuque. Do centro do teto pendia um lampião belga, que projetava boa iluminação ao aposento. Esta sala era mantida fechada durante o dia e aberta à tardinha, hora em que a família reunia-se na sala e na varanda, enquanto tia Anita tocava piano. Era também o momento em que se conversava sobre as decorrências do dia; às 6 horas, impreterivelmente, a cozinheira trazia uma bandeja com aquele cafezinho fresco, do entardecer na Serra... A sala dos banquetes, que ocupava toda a largura da casa, com duas largas janelas de cada lado, tinha uma grande mesa, dois bancos, o relógio de pêndulo, uma rede num canto e algumas cadeiras. Na parede principal, havia várias gravuras emolduradas, sendo que uma delas representava três lindas moças – Fé, Esperança e Caridade. Na parede em frente à porta do corredor, constava um grande espelho com moldura de madeira.

No corredor, havia um armário dividido em duas partes. Na de cima, guardava-se um aparelho de louça portuguesa – pratos, travessas, xícaras de chá e de café, e os talheres de prata *Christoffe*. Eu gostava de ver as xícaras, listadas de azul e dourado, penduradas nos ganchos metálicos. Havia gravuras coloridas, coladas no interior das portas do armário.

Na parte de baixo do armário, guardavam-se latas grandes contendo biscoitos caseiros e roscas, que eram preparados todos os sábados. Junto ao armário, havia, de um lado da mesa de jacarandá, e sobre ela, uma moringa com água, coberta com um crochê e acompanhada de um pratinho de vidro com um copo. Na outra parede, existia uma pia e torneira com água corrente.

No final do corredor, em um armarinho rústico, eram guardados talheres e louças de uso diário. A louça era branca, da célebre marca inglesa IRONSTONE, hoje uma relíquia. Havia também uma arca. Na saleta de refeições diárias, havia também uma comprida mesa, dois bancos, tamboretas e um sofá de madeira, com dois lugares, na cabeceira da mesa – o lugar dos donos da casa.

Nos quartos, cabides, camas, arcas e pequenos toucadores. Somente vovó possuía mobília de estilo, envernizada e um relógio de parede.

No “quarto do meio”, entre o da vovó e o das moças, havia uma bonita cômoda com gavetas internas, fechadas por duas portas, para guardar roupa de cama. Em cima era o oratório, diante de cujas imagens ali rezava-se o terço, todas as noites. Havia também o grande cabide e várias arcas pequenas, para as crianças guardarem suas roupas.

Na Serra, além de vários banquinhos, havia dois tipos de móveis muito característicos – os tamboretas e as bancas. Os tamboretas eram bancos individuais com pernas compridas e acento de couro ou de madeira. As bancas eram baixinhas e tinham uma depressão no centro, que oferecia um conforto muito especial – eram feitas para as crianças.

Nas varandas, existiam bancos compridos – uns mais altos, outros mais baixos.

Assim era o mobiliário e a decoração da nossa fazenda: tudo singelo, muito simples e

---

<sup>10</sup>SANCA, s.f. (arquit.) cimalha convexa que liga uma parede a um teto; parte do telhado, assente sobre a espessura da parede.

rústico, harmonizando-se com a rusticidade da casa, construída de esteios e de barrotes lavrados com machado, portas e janelas toscas, chão e forro feitos com tábuas largas – tudo simples, assim como também eram os seus moradores.

Os móveis da casa desapareceram, pouco a pouco.

Quando vovó mudou-se para Cachoeiro, levou seus móveis de quarto, o espelho de moldura de madeira envernizada, algumas camas e cadeiras. Estes móveis não voltaram. Como não voltaram outros, levados por membros da família, e os muitos que se deterioraram com o tempo.

Permaneceram: uma das mesas grandes, alguns bancos, a cômoda já sem uma porta, o armário e a arca do corredor – aquela que nós chamávamos de “arca do tesouro” porque, durante vários anos, José da Rosa Machado, da Boa Vista, guardou embaixo de um fundo falso. Libras esterlinas que só foram retiradas depois do falecimento da Dindinha Maria Rosa Florinda. Ela, em vida, revelara o segredo só à nora Ana.

Na Serra, aquela arca sempre foi usada para guardar cobertores e travesseiros para hóspedes.

Foram-se móveis e objetos, porém, o que é maravilhoso, é que a velha casa ainda está de pé, plantada naquele solo abençoado, sempre com o mesmo cenário inconfundível: as montanhas ao fundo, como guardas fiéis, e, à frente, a mesma paisagem, que outrora inspirou o fundador a dar-lhe o sugestivo nome de Fazenda Vista Alegre.

## **a) O Armário**

Quem vê aquele armário, um guarda-roupa comum, igual a tantos outros, nada descobre de novo ou de diferente nele, apenas vê um armário.

Para mim, entretanto, ele possui algo muito importante, tem uma estória e evoca lembranças inesquecíveis. Foi o que restou do primeiro móvel que minha mãe recebeu de seu pai ao casar-se lá na Fazenda da Serra, em 1899.

Hoje, aquele guarda-roupa fala uma linguagem especial para mim, porque possui um toque familiar, e passou a residir entre os objetos que compõem o meu lar. Embora sua primitiva forma tenha se modificado, ele continua sendo o armário de minha mãe.

Quando nasci, ele já estava no quarto de mamãe, e suas portas abriram-se para receber meu enxoval de bebê, como já recebera o de uma jovem casada aos 17 anos e de meu irmão Bernardo, o primeiro a nascer.

Quando eu ouvia minha mãe referir-se ao seu armário, ficava logo atenta para escutar sua estória, como se fosse um conto de fadas a ser narrado.

Era um velho hábito de meu avô, José da Rosa, envolver a família em quase todos os lances da vida da fazenda.

Assim, numa tarde de verão, convidou a todos de casa, adultos e crianças, para assistirem à derrubada de uma árvore nas matas do Monte Real.

A família já assistira à queda de outras árvores, usadas em construções na fazenda, porém aquela era especial, porque era destinada à fabricação do armário de Celsa, a primeira filha que se casaria em breve.

Meu avô caprichara na escolha de um tronco de cabiúna, uma linda árvore centenária. A árvore tombara logo que a família chegou ao local, provocando aquele ruído característico, seguido dos gritos prolongados dos trabalhadores; o som ecoava pela floresta do Monte Real.

Puxado por juntas de bois de carro, amarrado à zarra<sup>8</sup>, o tronco foi conduzido à fazenda e lavrado a machado.

Genaro Sellitti, o marceneiro escolhido, caprichou na confecção do móvel. Genaro era italiano e casara-se com Galdine, uma das filhas de tio Matheus, prima e amiga de minha mãe.

Quando o armário ficou pronto, foi logo instalado na Fazenda da Independência.

No interior de uma das portas, meu avô escreveu a data em que o móvel foi terminado: 16 de maio de 1899.

Quando Celsa chegou à sua nova residência, após o casamento, lá estava o guarda-roupas ocupando uma das paredes de seu quarto, até o teto.

Em 1902, meu avô Bernardo vendeu a fazenda, sendo o móvel desmontado e novamente instalado numa pequena casa na Fazenda do Macuco.

Em 1906, meu pai foi convidado a trabalhar na construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas, e tio Acácio, seu irmão, ocupou a casa que deixamos. O móvel ficou para trás, e quando meu tio mudou-se do Macuco, durante muitos anos seu paradeiro foi ignorado.

De quando em vez, mamãe lembrava-se do móvel, da derrubada da árvore, do grito prolongando dos trabalhadores e, sobretudo, da data escrita pelo meu avô numa das portas do armário e de uma certa mancha escura que a própria natureza gravara numa das portas.

Em 1934, morávamos no Rio de Janeiro, à Rua Paula Ramos, numa casa pequena, toda envidraçada na parte da frente, meio escondida num bosque pitoresco. E, um dia, indo à casa de uma tia, em Botafogo, ela convidou-me para ver um armário rústico que o tio Braz trouxera de Castelo.

Ele comprara terras de um italiano, lá pelos lados da Fazenda do Centro, e na casa havia aquele móvel; e achando-o de madeira ótima, tio Braz resolvera trazê-lo.

Quando eu o vi, no porão da residência, meio à penumbra, deparei-me logo com a mancha na porta direita. Abri as portas do móvel e numa delas estava escrito 16 de maio de 1899. Assustei-me, e fiquei emocionada e surpresa. Ali mesmo, no porão e meio à penumbra, narrei a estória daquele armário aos meus tios.

Tio Braz mostrou-se emocionado e apoiando um braço em meu ombro disse-me: "Este armário agora é seu, minha sobrinha. Anota seu endereço e eu o mandarei à sua casa."

Pouco me recordo da chegada do armário à nossa casa no Rio Comprido. Só me lembro de ver minha mãe beijando a data escrita pelo seu pai, com os olhos cheios de lágrimas.

Em 1937, mudamo-nos para um apartamento em Laranjeiras e o móvel não coube em nenhum dos aposentos. Então, resolvemos transformá-lo num móvel mais prático e que pudesse acompanhar-nos sempre, como um pedaço do passado em nossas vidas.

Não foi fácil a decisão. O trabalho foi executado pela firma Lamas, da rua do Catete. O armário voltou para o quarto de minha mãe, com a mancha escura semelhante à ponta da pedra Itabira. Porém, a firma construtora não cumpriu a promessa de conservar a data escrita pelo meu avô. No meu diário escrevi, então, duas datas: 16 de maio de 1899 e 30 de maio de 1937.

O móvel de minha mãe ainda hoje integra o conjunto de objetos que moram comigo e são o meu lar. Está impregnado de lembranças, desde quando era árvore colossal, com os galhos balançando ao vento, servindo de abrigo aos pássaros e integrando a floresta do Monte Real.

## **b) O Piano da Serra**

O piano da Serra foi adquirido no Rio de Janeiro, em 1899, quando do casamento de minha mãe. Era um “Aucher Frere” – Paris. Quando meu avô Juca o escolheu e efetuou a compra, traçou discretamente um sinal no seu interior, para verificar se não seria trocado por outro. Este sinal perdurou sempre gravado no piano.

Quando ele chegou à fazenda, transportado com as maiores dificuldades, foi uma festa – houve até fogos. Porém, ninguém sabia tocar piano.

Quem o inaugurou foi uma tia de meu pai, Josephina Vieira da Cunha, casada com Maurício Vieira da Cunha, mais tarde proprietário da Fazenda da Prata.

Em seguida, tocou a prima Lindolfa Vieira. As duas eram bastante comunicativas e transmitiram muita alegria, animando os convidados que já se encontravam na fazenda, para o casamento de meus pais.

Para os festejos do casamento, realizado no dia 27 de maio de 1899, foi contratado um dos melhores pianistas do Espírito Santo na época – Colombo Guardia.

Em 1915, conheci Colombo Guardia, quando eu estudava no Colégio do Carmo, onde ele era professor de música.

Depois do casamento, meu avô contratou Lima Neto para ensinar música na Fazenda da Serra. Somente a tia Anita chegou a tocar bem.

Quando Lima Neto vinha à fazenda, permanecia durante alguns dias e dava verdadeiros concertos diariamente, para alegria da família e até de vizinhos e amigos que vinham à Serra para ouvi-lo tocar, e às vezes, até para dançar.

Lembro-me do piano, coberto por uma capa feita de um pano com ramagens vermelhas, colocado junto à parede central da sala de visitas, embaixo dos dois quadros com os retratos dos nossos bisavós.

Tia Anita aprendeu depressa a tocar piano e, às tardes, tocava para a família. De todas as músicas do seu repertório, a de que eu mais gostava era “Lê lac de Come”.

Às vezes, eu até sonhava que a estava ouvindo.

Enquanto a família morou na fazenda, o piano era muito bem cuidado. Porém, sem a assistência e os cuidados dispensados por tia Anita, ficou abandonado.

De vez em quando, apareciam na fazenda alguns sobrinhos de tio Bráulio e tocavam músicas de ouvido. E havia os que batucavam, agredindo as teclas do piano.

Cada vez que eu voltava à fazenda, achava-o mais velho, mais desafinado. E eu sentia pena do piano, como se ele fosse uma criatura humana.

Numa de minhas visitas, encontrei-o quase sem som. Fiquei tão penalizada que escrevi um artigo sobre "o piano da minha infância".

Uma composição ingênua, cheia de adjetivos, de "frases feitas", coisas da juventude. Quando voltei ao colégio, apresentei a composição como exercício mensal, e fui premiada pelo excelente trabalho.

Passaram-se vários anos e certa vez, depois que eu já residia no Rio de Janeiro, voltei à fazenda e verifiquei que o nosso piano estava deteriorado, completamente em ruína – ia ser desmontado.

Desejando conservar uma lembrança do velho instrumento, retirei as plaquetas de marfim das teclas e os castiçais. Guardei tudo com muito carinho. Há tempos, dei os castiçais à Juse.

Tio Humberto também quis guardar uma lembrança e fez uma banca, aproveitando parte da madeira que não fora atingida pela broca. A banca é um móvel típico daquela época e, creio, só usada nas fazendas.

Assim terminou o piano da Serra, construído na França, adquirido no Rio de Janeiro, recebido na fazenda com fogos e muita alegria.

Durante 23 anos, José e Ana haviam preparado sua fazenda, construindo prédios, instalando engenhos e máquinas, acrescentando móveis e objetos necessários ao dia a dia da família. Jamais faltou música naquele lar: melodias trazidas pelos sons das cantigas de roda que as meninas entoavam, brincando no terreiro; e melodias de quando a família entoava hinos religiosos, nas ladainhas do mês de maio. Junto aos berços das crianças que iam chegando, jamais faltaram as cantigas de ninar. Muitas sanfonas também sempre alegraram os bailes promovidos pela juventude da Fazenda.

Porém, ao ensejo do casamento da primeira filha, chegou à vez do piano. Era preciso imprimir à cerimônia a solenidade exigida.

E assim, como tudo na Fazenda da Serra, o piano também chegara na hora certa, e foi devidamente acolhido pela família de José e Ana.

### **c) O Sino e os Relógios da Fazenda da Serra**

O badalar dos sinos e as pancadas sonoras de um relógio sempre causaram-me certa emoção.

Não sei explicar os motivos mas, na verdade, despertam-me a sensibilidade.

Quando estive na Europa, procurei oportunidades para apreciar de perto o som dos carrilhões. São célebres os concertos públicos dos carrilhões do velho mundo.

Porém, os sinos que mais atingem a minha sensibilidade são aqueles instalados nas torres de igrejinhas do interior, e que outrora compartilhavam da história e da vida dos habitantes locais.

Uma velha amiga, natural da cidade de Olinda, contava-me muitas histórias daquela cidade, hoje monumento da humanidade.

Entre outras, uma eu gravei: “Por volta de 1880, em Olinda/Recife e outras cidades brasileiras, havia uma tradição que, no decorrer dos tempos, desapareceu. Naqueles dias, se um sacerdote saía de alguma igreja para levar o Santo Viático a um doente, o sino tocava avisando o que ocorria, e o número de badaladas indicava de qual templo partia o sinal. Logo após soarem as pancadas do bronze, pequeninas luzes coloridas



FOTO Nº 10 - Relógio da Fazenda da Serra - Sem Data.  
Por Ocasião do Casamento da Lúcia e Marcos.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

começavam a surgir nos peitoris das janelas e nos corrimões das varandas, saudando a passagem do Santíssimo.

Naquele tempo, em quase todas as residências, havia um desses aparelhos iluminativos em frente ao oratório da família. E eram lindos. Os sinos eram assim em outras épocas, marcavam os lances da vida do povo nos lugares simples e, ainda hoje, transmitem sons maravilhosos quando tocados por músicos, nos carrilhões das grandes catedrais.

Na Fazenda da Serra havia um sino, desde os tempos do meu avô. Um sino que desempenhava uma tarefa pelo número de badaladas que emitia. Era instalado num poste de madeira de lei, trabalhado a machado. Ficava junto ao portão da cozinha.

Todas as boas fazendas de outrora possuíam um sino, e as badaladas eram compreendidas por todos como uma linguagem sonora.

Contou-me tia Amanda que o sino da Serra foi cedido por tio Bráulio a uma igreja, lá pelos lados da Fazenda da Prosperidade.

Gosto dos relógios públicos, que, para mim, são elementos de ligação, onde quer que cheguem suas pancadas sonoras. Quem não se recorda do relógio da Praça Oito, de Vitória?

Quando ele emudeceu, tive impressão de que algo muito importante faltava em nossa outrora cidade presépio. Aquelas poucas notas do hino espírito-santense tocavam fundo na alma de quem sempre amou com ternura aquela cidade.

Na Fazenda da Serra, havia três relógios de tipos diferentes: um era o relógio de bolso de meu avô, que às vezes colocava junto ao meu ouvido para eu escutar seu 'tic-tac'; outro era o de parede, com pêndulo e 'bate as horas', que ficava no quarto de meus avós, sendo muito útil porque ambos levantavam-se bem cedo. Não tem marca e ainda funciona bem. Era nele que aprendíamos a ler as horas. Hoje, pertence a Luiz Gonzaga, filho de tio Humberto, e todos em casa dão-lhe muito valor. O terceiro é o relógio de pêndulo, com mostrador dourado.

Nos primeiros anos após o casamento, meu avô desenvolvia muita atividade na fazenda, construindo, plantando lavouras e dando assistência à família, que aumentava sempre. Porém, quando as coisas começaram a melhorar, de quando em vez ele adquiria pertences de maior requinte, para dar mais alegria e conforto à família. Comprou uma boa mobília austríaca para a sala de visitas, lampiões artísticos, um bom realejo e outros pertences.

Em 1899, adquiriu um piano no Rio de Janeiro, e então chegou a vez do relógio de pêndulo. Adquiriu no Rio de Janeiro o maquinismo com um belo mostrador dourado e mandou fazer a caixa de madeira na oficina da Fazenda de Morro Grande, que pertencia a um amigo seu. Dentro da caixa do relógio, escreveu a data em que ele começou a funcionar – 10 de dezembro de 1885.

Ele próprio colocou-o na sala de jantar, usada em épocas de festas e comemorações, no canto à direita da janela que dá para o terreiro de cal.

Esta sala não existe mais; ficava onde hoje é o quarto dos meninos de Pedro Paulo.

O som das batidas era escutado de qualquer aposento da casa, e este relógio continua na fazenda.

#### **d) Retratos dos Fundadores da Fazenda Boa Vista**



FOTO Nº 11 - José da Rosa Machado -  
1886.



FOTO Nº 12 - Maria Rosa Florinda -  
1886.

(Acervo: Familiares de Pedro J. M. Ramos) (Acervo: Familiares de Pedro J. M. Ramos)

Quem chega à Fazenda da Serra e penetra na atual sala de jantar, depara-se logo com dois quadros de molduras douradas, pintados a óleo. Pintura clássica, antiga, que retrata os fundadores da Fazenda Boa Vista, meus bisavós maternos: José da Rosa Machado e Maria Rosa Florinda.

Se tudo na Fazenda da Serra tem estória e é relíquia para nós, de maneira especial, aqueles quadros constituem tesouros inestimáveis.

Qualquer um de nós, que passamos a infância na Serra, convivíamos com os personagens daqueles quadros como se realmente ainda existissem, envoltos em certo mistério.

Havia muitos quadros distribuídos pelas paredes da casa da Fazenda da Serra, porém aqueles ocupavam lugar de destaque, colocados na parede principal da sala de visitas, logo acima do piano.

As pessoas neles retratadas só faltavam falar, porque seus olhos acompanhavam insistentes quem os olhasse, sob qualquer ângulo do aposento onde se colocasse.

Maria Florinda, em seu traje de gala, de seda pura, que era a moda na época, trazia ao pescoço um cordão de ouro sustentando um pequeno relógio também de ouro e, no centro do jabô de cambraia branca, um broche tipo relicário com o retrato do marido. Não faltaram os brincos de ouro pendentes das orelhas.

Era tradição das portuguesas possuírem ouro, desde os tempos de solteiras.

“Nas aldeias alentejanas de Portugal, por exemplo, existem tradições muito interessantes, e entre elas, na freguesia de Borba, todos os anos realiza-se uma festa na qual se faz exposição, em uma parede da igreja, de todos os ouros da região, prendendo-se com alfinetes os cordões, as arrecadas<sup>11</sup>, os colares e as pulseiras, improvisando-se, assim, um verdadeiro museu de ourivesaria regional do qual fazem guarda todos os rapazes da aldeia.” (Da Revista Povos e Países).

A fisionomia de Maria Florinda é séria, expressando uma certa tristeza, talvez causada pela saudade acumulada durante longos anos longe da pátria e dos parentes que jamais conseguira rever.

José da Rosa apresenta expressão curiosa, um tanto irônica, e talvez seja este o motivo da reação, de certo medo que provocava nas crianças quando sentiam que os olhos do velho as acompanhavam, mesmo quando procuravam esconder-se em vários ângulos da sala, meio à penumbra e silenciosas.

Relembremos aqui a estória daqueles dois quadros: numa das viagens à Corte, os fazendeiros da Boa Vista, já abastados, tiraram uma fotografia juntos, no estilo da época – o marido sentado, um braço apoiado a uma mesinha e o paletó desabotoado, deixando ver a corrente de ouro do relógio de bolso; a esposa, de pé, com a mão direita sobre o ombro do esposo.

Quando José da Rosa faleceu, em 1886, sua esposa enviou à Corte, por seu filho José, uma daquelas fotografias, para serem pintados os retratos. Foi escolhido o pintor Pedro Américo.

Anotando minuciosamente todas as características de cada um, cor dos olhos, da pele, das roupas e até um pouco da psicologia de ambos, e de posse da fotografia, o pintor preparou as obras primas que são os dois quadros. Estes, porém, não tiveram a assinatura do pintor, por não terem sido pintados com a presença dos retratados.

---

<sup>11</sup>ARRECADA, s.f. Ornato, geralmente em forma de argola, para as orelhas; brinco.

Quando Maria Florinda passou a residir na Fazenda Vista Alegre com seu filho José, os retratos foram colocados na sala de visitas em lugar de honra.

Ao falecer a vovó Maria Florinda, os quadros ficaram para a família do filho, que a recebeu nos últimos anos de sua vida.

Quando minha avó Ana mudou-se da Fazenda, tia Anita, que era afilhada da Avó Maria, herdou os retratos, porém, os quadros ainda permaneceram na Serra por alguns anos. Somente foram retirados quando as molduras, atingidas pela broca, ameaçavam prejudicar as telas. Só então foram retiradas das molduras e tia Anita colocou-as em seu quarto, na cidade de Itapemirim, onde residia em casa de seu irmão Humberto. Mantinha-os suspensos a uma das paredes do seu quarto, a portas fechadas, continuando assim o mesmo clima de medo, agora entre os filhos de tio Humberto.

Certa vez, quando Pedro já era dono da Fazenda da Serra, tia Anita entregou-lhe as telas para que as colocasse em moldura e as trouxesse depois, a fim de permanecerem com ela durante mais algum tempo.

Quando os quadros ficaram prontos, foram colocados na sala de visitas da casa de tio Humberto, em Cachoeiro de Itapemirim. Alguns anos depois, as telas apresentaram pequenas avarias e Pedro levou-as ao Rio de Janeiro, onde foram minuciosamente restauradas pelo pintor russo Emanuel Colona.

Foram colocadas em duas belíssimas molduras, e os quadros colocados na nova casa, recém construída em Guarapari.

Pedro e Maria escolheram as molduras na Casa Matos, do Rio de Janeiro, uma das melhores na época.

Em 1977, quando houve a comemoração do centenário da casa da Fazenda da Serra, voltaram os quadros, que agora estão numa das paredes da velha casa.

Todos nós, da velha geração da Serra, olhamos com o maior carinho e emoção aqueles venerados retratos, lembrando os tempos em que, ao entramos na sala de visitas, os olhávamos um tanto apreensivos, mas com respeito.

Observei agora que as crianças de hoje não exibem nenhuma reação diante dos mesmos retratos. Elas vivem numa época bem diferente da nossa. E os quadros não mais estão confinados numa sala, meio à penumbra, ambiente um tanto quanto misterioso.

Hoje, estão suspensos numa das paredes da sala de jantar, onde não existem trancas nem barreiras. E os avós da Boa Vista tornaram-se íntimos, convivendo com adultos e crianças, integrando passado e presente... a sexta geração, com a de José da Rosa Machado e Maria Rosa Florinda.

## **4.7 - Água na Fazenda da Serra**

No mapa da Fazenda da Serra, constam os nomes dos córregos que nascem e correm nas terras da região da Boa Vista. São eles : São Lourenço, Boa Vista, Santa Luzia e Monte Real.

Trata-se de uma zona privilegiada, porque dispõe de uma distribuição de água que abastece a todas as propriedades da região.

A Fazenda da Serra recebe as águas dos quatro córregos citados acima. E, quando há necessidade de conduzir uma parte das águas de um córrego para determinado lugar, a tarefa é facilitada pelo declive que as terras oferecem.

Além dos córregos, existem pequenas fontes que brotam em vários lugares. Daí as terras serem tão férteis.

José da Rosa Machado Junior deve ter observado bastante, antes de escolher o local para construir a casa de moradia e as dependências de sua propriedade. Tudo foi executado de maneira muito especial, aproveitando-se as águas dos córregos já existentes, e conduzindo-as habilmente, para usá-las no local planejado, quer para movimentar o maquinário da sede, ou para abastecer as casas dos colonos, distribuídas pela propriedade.

Observe-se por exemplo, o serviço de abastecimento de água na sede da fazenda. Numa época tão distante no tempo, quando não se dispunha de grandes recursos, a residência da família mereceu cuidados especiais do fazendeiro - o encanamento da água feito diretamente de uma mina de água, para dentro de casa.

Foram colocadas três torneiras – uma na cozinha, uma no quarto do meio, que ficava entre o quarto dos donos da casa e o das meninas. A terceira foi instalada no corredor, num vão entre duas janelas.

Na cozinha havia uma grande pia feita de pedra, e uma torneira de cobre despejava um bom jato de água. No quarto do meio foi colocada uma pia de madeira, bem feita e delicada e uma torneira de cobre em forma de bico de pato. Foi instalada mais baixa para ser utilizada pelas crianças. A torneira do corredor era colocada em cima de uma armação de madeira com local para encaixar uma bacia. O encanamento neste local facilitou a colocação de outra torneira, do lado de fora, no jardim. Era bastante conforto para a época!

O córrego que abastece de água a sede da fazenda, desce da Boa Vista por uma cachoeirinha e segue em direção a sede, descendo a encosta por um leito pedregoso, margeados de tufo de pés de inhame e de outros vegetais. Era assim no meu tempo. Mais em baixo o córrego bifurcava-se. Uma porção de água, encaminha-se na direção da residência e a outra segue em frente, passando no local onde meu avô planejava construir um “engenho de serra”, e que chegou a ser iniciado. Depois desce diretamente da fazenda da Independência.

Tenho impressão de que as águas que vieram em direção a sede da fazenda foram conduzidas propositadamente. E é interessante como foram encaminhadas. Uma parte segue em direção a horta, construída numa pequena ilha formada por dois desvios das águas, que contornam a ilhazinha. No encontro das águas, depois da horta, formava-se um pequeno córrego que ia abastecer o açude, construído logo abaixo.

As águas acumuladas no açude iam movimentar o lavador de café, o monjolo e o moinho.

A outra parte do córrego desviado, seguia em direção a uma bica que despejava água

num grande tanque de madeira, destinado à lavagem de roupa e outras serventias domésticas. E seguia depois, em direção ao banheiro e a ceva dos porcos, descendo em direção seguida pelo declive natural das terras.

Outros córregos fornecem águas às casas dos colonos, construídas em vários pontos da fazenda, junto às lavouras. E era pitoresco verem-se junto a cada residência, biquinhas de madeira despejando água límpida, sem necessitar de torneiras para controlar. Todos os colonos tinham sua horta junto à água, suas flores ao redor da casa, um chiqueiro para engordar os porcos, água fresca e límpida para beber.

O São Lourenço corre do outro lado da fazenda, à esquerda de quem chega, nas terras que durante uma temporada pertenceram aos “Marcelinos”.

Desce da Boa Vista e corre em declive, num leito pedregoso, entre grandes e pequenas pedras roladas, meio encachoeirado, principalmente após as chuvas.

E, em alguns pontos do seu percurso, formam-se como que grandes bacias, que convidam a um bom e delicioso banho, nos dias de sol e calor. Não duvido que ali funcionassem as banheiras dos moradores da região.

Depois de ultrapassar as terras da Fazenda da Serra, o São Lourenço desce e vai servindo a outras propriedades. Corre em declive sempre útil, pitoresco, levando vida e conforto por onde passa.

Quando a gente percorre as acidentadas terras da fazenda, sente a presença dos córregos, que emprestam à paisagem muita graça e muita beleza.

E é delicioso a gente escutar o som emitido pelo fluir das águas de um riachinho correndo pelas terras que amamos desde crianças.

## **4.8 - Iluminação na Fazenda da Serra**

De início a iluminação na Serra era a querosene, como em todas as fazendas da região.

Havia um lampião dependurado no centro do teto da sala de visitas. Este lampião, além de ser uma bonita peça, produzia luz forte e iluminava todo o ambiente.

Havia outros lampiões, pequenos, que eram adaptados a uma espécie de cantoneiras de metal, em qualquer portal de madeira nas salas e no corredor.

Possuíam uma placa de metal prateado, que fazia aumentar a projeção da luz no ambiente. Esse tipo de lampião ainda é encontrado em lojas, no interior.

Outros lampiões, geralmente de vidro branco ou verde, peças bonitas, e que hoje são bastante apreciadas como antiguidade eram portáteis e levados para locais onde as pessoas da família se reuniam. Por exemplo: na sala comum de refeições, à hora da ceia ou a qualquer aposento, durante algum serão.

Lembro-me da tia Anita colocar um lampião de vidro branco na extremidade da comprida mesa da sala de jantar, sempre que costurava até mais tarde. Às vezes eu pedia para

acompanhá-la naqueles serões, e ficava a seu lado, costurando roupinhas de bonecas. Com isso, sentia-me gente grande, - nós duas trabalhando à noite, enquanto todos dormiam.

As lamparinas eram usadas para trânsito pela casa e na cozinha. Havia umas de vidro e outras de metal.

Uma pessoa era designada para preparar as lamparinas todos os dias, - completar o combustível, no caso o querosene, aparar os moirões carbonizados da extremidade dos pavios, enfim prepará-las para entrarem em uso à noite. Este trabalho era executado pela manhã e, em seguida, as lamparinas eram colocadas numa prateleira, fixada na parede do corredor, junto à porta do quarto do meio.

Velas também eram usadas e para sustentá-las, havia castiçais de cobre, de vários feitios, alguns esmaltados e até de louça, muito lindos. Eram peças bonitas e usadas nos quartos destinados aos hóspedes, e no oratório, à hora de se rezar o terço.

Os castiçais do oratório eram de metal dourado, mais altos e possuíam molas para controlar as velas.

Quando visitas eram esperadas, as meninas da família, encarregavam-se de polir os castiçais de cobre, usando uma mistura de caldo de limão galego e cinza. E nós caprichávamos no brilho.

Para cuidar da limpeza dos lampiões, eram designadas pessoas de maior responsabilidade. Assim, funcionou o serviço de fornecimento de luz à Fazenda da Serra, durante muitos anos.

Na década de 1940, o Pedro (Pedro Ramos) assentou um serviço de luz, com roda "Pelton", tubulação de 6", 145 metros, e 42 metros de altura, 9KVA de força. Para essa instalação, construiu um barracão com vigas de cimento e com cobertura de telhas. Foi construído perto dos terrenos da horta.

Na época foi um grande melhoramento, apesar dos problemas que às vezes apresentava. Este serviço durou muitos anos, até que em 1979, a Fazenda da Serra, recebeu energia elétrica da Cia. Escelsa. Foi uma grande etapa no progresso, para toda aquela região da Boa Vista.

Atualmente, na casa da fazenda existe um conforto de cidade - chuveiro elétrico, geladeira, etc. Enfim, qualquer tipo de aparelho doméstico pode funcionar.

Fiquei emocionada ao ver, da varanda, um garoto cortando a grama, utilizando máquina elétrica de podar o gramado.

Pensei no meu avô Juca, vendo tais melhoramentos, ele que era admirador entusiasmado do progresso.

Ele que adquiriu realejo<sup>12</sup> e gramofone, para escutar música e, um dia foi à Corte, comprar um piano para a fazenda. O que faria diante de uma televisão colorida, transmitindo

---

<sup>12</sup>REALEJO (ê) s.m. Instrumento musical, espécie de órgão portátil, tocado por manivela; (bras. do nordeste) gaita; gaita de boca; [...].

música e notícias do Brasil e do mundo?

Com a chegada da energia à fazenda, foi instalada máquina descascadora de café, na tulha, junto às lavouras. Também foi montada uma serraria, e a luz elétrica chegou às casas dos colonos.

Mais uma vez lembrei-me de meu avô – ele que iniciou com enorme sacrifício, as muralhas para construir um engenho de serra, para ser movido à roda d'água. Como reagiria diante dos maquinismos de uma serraria, tocada a eletricidade? Verifiquei maravilhada, os melhoramentos trazidos à fazenda com a instalação da energia elétrica.

Porém, senti uma certa emoção, lembrando-me de alguns pitorescos aspectos da Serra, do tempo dos lampiões e das lamparinas.

Lembrei-me das incomparáveis noites enluaradas, quando tudo ao lado de fora adquiria relevo e encanto, a luz suave da lua. Lembrei-me das noites sem luar, suavemente iluminadas por um céu estrelado. Dizem os astrônomos que existiam mais estrelas no Kosmo, do que grãos de areia na terra. Era assim o nosso céu na Serra.

Lembrei-me também dos serões de outrora, na cozinha antiga e rústica, onde as vezes conversávamos, tomando canequinhas de café e degustando biscoitinhos caseiros, tendo como iluminação, as labaredas do fogo aceso do fogão de lenha, instalado no centro da cozinha.

Saudosista, emotiva incorrigível, também vou despedindo-me, como os lampiões e lamparinas, que outrora iluminavam, à Fazenda da Serra.

## **4.9 – Conjunto de Construções que Formaram a Fazenda da Serra**

Às vezes fico imaginando como o meu avô – José da Rosa Machado Júnior - pensava no conforto de sua fazenda. Ele idealizava tudo quanto era necessário para proporcionar a família boas condições para o trabalho e o conforto, numa época em que eram bastante precários os recursos. Planejava e ia realizando pouco a pouco, dentro de suas possibilidades. Era metódico, trabalhador e muito habilidoso. Amava o progresso e era inteligente.

Oustrora havia luxo em muitas casas de fazenda, porém os fazendeiros desconheciam o verdadeiro conceito de conforto. Por exemplo: os banheiros eram construídos geralmente, do lado de fora da casa. E numa casa imensa, havia um só banheiro, as vezes, bastante precário. Na Serra também, o banheiro era uma construção bem feita, espaçoso, porém fora da residência. Havia uma calçada de pedra ligando-o a casa. Faltava-lhe conforto. Naturalmente a primeira construção feita na fazenda foi a pequena casa provisória, quando José e Ana casaram-se em 1876. Em 1877 construíram a moradia definitiva, como já descrevi.

Em seguida foram sendo construídas as outras dependências, de acordo com as necessidades mais urgentes. Naturalmente, as primeiras além da casa de moradia foram: o galinheiro, a ceva, o moinho – todas relacionadas com o setor alimentação. Alternavam-

se construções e plantio de lavouras, enquanto os cafezais cresciam. O local para cada construção teria sido escolhido de acordo com a distribuição da água na fazenda.

Numa de minhas visitas a Serra, quando ainda cursava o internato em Vitória, chamou-me a atenção uma placa em zinco que existe no moinho, com a data em que ele começou a moer. Resolvi, então verificar nos outros departamentos, se haveria alguma referência, indicando a mesma coisa. E encontrei-as numa das paredes da tulha<sup>13</sup>, na porta do monjolo<sup>14</sup> e no interior da caixa do relógio de pêndulo. Era uma peculiaridade de meu avô e que achei muito bom. Hoje, aqueles edifícios não existem mais e estou utilizando das minhas anotações antigas para formar uma idéia da época em que foram construídos.

Vou tentar lembrar-me de algo sobre as construções que constituíram o conjunto da Fazenda da Serra.

Quando eu chegava à fazenda, depois que me afastei de lá, eu percorria a casa toda, aposento por aposento, depois visitava cada uma das construções, como a velhos amigos. Faça de conta que vou agir da mesma maneira, agora, pela imaginação.

## **a) A Tulha**

A tulha era um edifício de dois andares, de paredes brancas e com uma escada externa, dando acesso ao andar superior.

De início, foi construído o andar térreo, que funcionou como a primeira moradia do casal, logo após o casamento. Foi construída perto do córrego da horta iniciada naquela época, pela jovem fazendeira que sempre cuidou dela com carinho. Perto havia um pequeno galinheiro, mais tarde desmanchado.

Na parede do último aposento superior da tulha, meu avô escreveu, com tinta verde - 26 de Maio de 1887 - data em que foi terminada. A esta altura, o café estava produzindo bem e começou a ser guardado na tulha.

Certamente, na mesma época foram construídos o lavador de café e o grande terreiro para secagem do café. Este terreiro foi muito bem construído e ainda existe. No topo da escada da tulha, havia um fenômeno curioso – quando alguém desse um grito ou falasse alto, o eco respondia várias vezes. Imagina só a gritaria que as crianças faziam ali, pelo prazer de ouvirem suas vozes ecoando ao longe!

Este fenômeno desapareceu depois que foi demolido o prédio do monjolo. A primeira vez que estive na fazenda depois que demoliram a tulha, tive a impressão de que faltava algo na paisagem. Ficou diferente, porém, belo ainda o panorama, devido a grande quantidade de mangueiras frondosas e pés de jabuticabas, distribuídos em toda aquela região.

---

<sup>13</sup>TULHA, s.f. Casa ou compartimento onde se depositam ou guardam cereais em grão; [...] grande arca para guardar cereais; celeiro [...].

<sup>14</sup>MONJOLO (ô) s.m. (bras) Aparelho primitivo, movido a água, destinado a pilar o milho.



FOTO Nº 13 - Tulha da Fazenda da Serra - Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

## **b) O Paiol**

Certa vez, tio Humberto contou-me que, o primeiro degrau do paiol fora construído de cabiúna, aproveitando-se a sobra do armário feito para minha mãe, quando de seu casamento em 1899. Assim, presume-se que o paiol foi construído por esta época.

O paiol e o moinho são as únicas construções que existem ainda, daquela primeira fase da fazenda, sem falar na casa de moradia. Toda a sua construção foi de madeira. E que madeira! – Possuía uma divisão no meio – uma parte onde era guardado o milho em espigas e outra onde instalou-se uma máquina para debulhar o milho.

A frente do paiol havia um alpendre onde era guardado o carro de bois, utilizado no descarregamento dos produtos da lavoura. Do lado direito havia um grande alpendre, de muita serventia para as lides da família. Neste alpendre foram instalados três trempes – duas maiores, onde em dois grandes tachos de cobre preparava-se a comida para os porcos da ceva, quase sempre inhame. A trempe menor, nas dimensões de outro tacho, era instalada no centro do alpendre. Era neste tacho que se preparavam goiabadas, pessegadas, bananadas e compotas. Também era usado para refinar o açúcar mascavo preparado na fazenda e a carne de porco frita e conservada na gordura. Também, rapadura e até sabão eram feitos neste tacho. Havia também uma espécie de tabuleiro raso, onde se torrava a farinha feita na fazenda e os célebres bijus.

Ali, naquele alpendre, em ocasião de festa, quando vinham parentes e vizinhas ajudarem na confecção de doces cristalizados, era o ponto de reunião.

Havia uma comprida mesa rústica, utilizada para vários serviços, inclusive trabalhar com carne dos animais abatidos na fazenda - cortar toucinho para torresmos, picar carne para

lingüiça, preparar salames e chouriços. Na parte de traz do paiol, ainda hoje existe um alpendre onde foi montado o lavador de roupa. Neste alpendre estava instalado o tipiti<sup>15</sup> onde se espremia a mandioca para preparar a farinha, o polvilho e os bijus. Também ali, havia um pilão para socar canjica e um pequeno torno. Secava-se o polvilho num girau, por causa dos animais.

Perto deste último alpendre, subindo por uma escadinha de pedra, havia outro alpendre onde foram instaladas duas grandes tachas de cobre, montadas sobre uma fornalha controlada por uma chaminé. Naquelas tachas era preparado o açúcar mascavo. Um fio de água corrente, que descia para a bica do lavadouro de roupa, separava este alpendre do engenho de cana, movido a bois. A garapa era conduzida do engenho para as tachas por meio de uma bica de madeira, adaptada na hora que era preciso.

### **c) O Monjolo**

Na porta de entrada do monjolo, na parte que fica para dentro, meu avô escreveu a data em que ele começou a funcionar – 5 de janeiro de 1905.

Era um edifício espaçoso, alto, sem divisão alguma. No centro colocaram o pilão, enorme. Do lado de fora, por uma bica larga, de madeira, com vários metros de comprimento, penetrava a água que, era despejada numa caçamba de madeira, um pouco mais em baixo.

Com o peso da água, a caçamba abaixava-se e fazia acionar a mão do pilão que, levantando-se, batia com força no café, ali depositado.

Assim era beneficiado o café, depois de passar por peneiras movidas por correias. Processo muito primitivo, mas, na época dava resultado. Hoje as peças do monjolo seriam peças folclóricas muito raras.

O nosso monjolo teria muito que contar. Dos bailes de 13 de maio, da tia Rita, e de vários outros fatos curiosos da época.

Havia uma construção que começava na esquina do quarto de Celsa, onde havia a porteira de entrada para os fundos da casa. Constava de uma série de aposentos, todos com entrada independente. Dizem que ali moravam os escravos de confiança. No meu tempo eles funcionavam assim: - No primeiro, uma ferraria, no segundo a carpintaria com todos os instrumentos, o terceiro era quarto de empregadas, o seguinte um armazém e queijeira, no último, já em frente à janela da cozinha, era destinado a guardar as selas e acessórios de montaria.

O galinheiro ficava perto da casa e junto, havia outro alpendre onde instalaram um grande forno de barro, em cima de estacas de madeira.

Todas as construções eram executadas de madeira de boa qualidade e cobertas de

---

<sup>15</sup>TIPITI, s.m. (bras) Cesto cilíndrico, feito de talas de palmeira, em que se põe a mandioca que se quer espremer; (fig) aperto; situação difícil.

telhas.

Conheci a Fazenda da Serra, como a descrevi.

A fazenda era movimentada durante o dia. E ouviam-se vários ruídos característicos. Ora de um carro de bois que chegava chiando, conduzindo produtos da lavoura. O linguajar do carreiro controlando os bois que conduziam uma tora de madeira, na zarra<sup>8</sup>. O som do ranger do moinho, ou as pancadas do pilão, e quando a mão enorme batia no café em grão. O ruído das águas dos regatos, a conversa dos empregados que iam e vinham, cada qual cuidando de suas tarefas. E não faltavam os ruídos provocados pelos animais. O mugido de uma vaca com bezerro novo, os galos cantando perto e longe. Um cão ladrando quando alguém chegava, ou acuando um animal qualquer. Sem falar no canto dos passarinhos, no cacarejar das galinhas poedeiras, e na escandalosa algazarra das galinhas d'angola.

Todos estes sons mantinham uma certa harmonia que fazia bem a gente, e nunca mais se consegue esquecer. Sons que se misturavam a vozes de criança cantando cantiga de roda no grande terreiro da fazenda.

Havia uns sons diurnos e os sons noturnos – grilos e outros insetos, formando duetos, sapos que pareciam banda de música dirigida por maestro.

As construções estendiam-se, acompanhando o sinuoso curso das águas dos regatos, que serpeavam pela fazenda.

#### **d) O Moinho**

Antes de ser instalado o atual moinho da Serra, havia outro mais em cima, perto da parreira. Deve ter sido construído por volta de 1878, ou talvez antes, quando meu avô preparava a primeira residência, uma pequena casa provisória para receber a esposa logo após o casamento, realizado em 1876. Esse primeiro moinho foi desativado uns 20 anos depois. Porém, a sua casa durou vários anos e, por volta de 1906, as meninas da família a transformaram em “casa de bonecas”.

Construíram o atual, mais em baixo e também uma bica de madeira para conduzir a água até o moinho. Mais tarde a bica de madeira foi substituída por um cano grosso, de uns 10 metros de comprimento que, instalado numa pequena caixa d'água, conduzia o jato de água diretamente ao jogo de pás do eixo do moinho.

Filho de portugueses, lavrador, meu avô construiu o moinho nos moldes dos antigos moinhos das zonas rurais de Portugal, aproveitando uma parte da água desviada de um dos córregos da Fazenda. O sistema de funcionamento do moinho até agora, é o seguinte: - um eixo vertical de metal, instalado na parte de baixo do moinho, passando pelos orifícios centrais de duas mós<sup>16</sup> no interior da casa. A mó que fica na parte de cima, gira quando o eixo se movimenta e a debaixo é fixa. O eixo é movimentado quando um

<sup>16</sup>MÓ. s.f. Pedra redonda e chata, para moinho ou lazer; pedra de amolar instrumento cortante.

forte jato d'água atinge o jogo de pás, que fica na extremidade do eixo.

O milho é colocado na tremonha, (ou canoura) que é aquela peça de madeira, em forma de pirâmide quadrada, invertida, por cuja extremidade inferior passam os grãos que vão ser moídos. – Uma peça de madeira chamada taramela<sup>17</sup>, bate na mó do moinho e com atrito, faz cair os grãos da tremonha, num pequeno espaço entre as duas mós e são espremidos pela mó em movimento. – É um processo muito lento e bastante primitivo e, por isso, poucos moinhos deste tipo ainda funcionam.

Na Fazenda da Serra, o velho moinho é conservado, creio que por tradição ou pelo encanto peculiar que empresta à paisagem. – Quem entra na casinhola do moinho da Serra, avista logo uma placa de zinco, onde se lê:- “Este moinho principiou a moer no dia 23 de novembro de 1899”.

Foi escrito pela minha avó Donana e, talvez, a presença desta placa seja o principal motivo de permitirem que o velho moinho continue trabalhando.

A casa do moinho foi construída em cima de duas vigas de madeira de lei, cujas extremidades apóiam-se sobre dois paredões de pedra, construídos às margens do córrego.

Suas paredes são caiadas, a porta e a janela pintadas de azul colonial, como a casa da fazenda.

Os moinhos de Portugal e de outros países, eram construídos dentro das casas de moradia dos moleiros<sup>18</sup>. No Brasil são afastados das moradias e têm um só aposento. Geralmente pertencem aos fazendeiros.

No tempo de meu avô, um de seus filhos era designado para tomar conta do moinho – trocar o milho pelo fubá com os colonos, cuidar da sua conservação, debulhar o milho para manter sempre uma reserva no depósito do moinho. – Antes esse era o trabalho de um escravo.

O sistema de fornecimento do fubá era o mesmo usado em Portugal – o da troca do milho pelo fubá, tendo como lucro a máquina.

As vasilhas usadas no moinho - quarta e litro - são as mesmas, feitas pelo meu avô.

Havia um caminho para se chegar ao moinho, usado pela família, passando dentro do pomar. Era um trilho estreito e pedregoso. Havia um portão perto da residência e outro no final do pomar. Era o predileto das crianças, porque oferecia oportunidade de apanhar e de comer uma fruta – um biribá, uma pinha, uma mexerica...

A paisagem dos arredores do moinho mudam de aspecto de vez em quando. Às vezes nascem goiabeiras e formam pequeno bosque, outras vezes cresce uma mangueira e seus galhos dão relevo às brancas paredes do moinho.

---

<sup>17</sup>TARAMELA. s.f. Peça de madeira, que gira em volta de um prego e serve para fechar portas, cancelas, etc.; peça de madeira, que bate na mó do moinho para fazer cair o grão; (náut) espécie de cunha para segurar a retranca dos navios; (fig) língua; pessoa tagarela.

<sup>18</sup>MOLEIRO sm 1. Dono de moinho. 2. Profissional em moer cereais.

A frente, porém, apresenta quase sempre o mesmo aspecto - a pitangueira, cada vez mais copada, uma área de capim verde, às vezes pontilhada de florzinhas cor de rosa, das dormideiras em flor.

Em Portugal havia esse tipo de moinho, nas zonas rurais. Contou-me o Sr. Augusto Rodrigues, português, nascido em Baião, Distrito de Porto, que em sua terra, havia moinhos movidos pela mesma água retirada de um ribeirão do lugar. Chamavam a este conjunto de carreira de moinhos. Às vezes chegavam a uns 15 ou mais, na mesma carreira, e funcionavam da seguinte maneira: O dono do primeiro moinho captava parte da água de um ribeirão e a conduzia ao seu moinho por meio de um sulco na terra. Depois que a água movimentava o primeiro moinho, descia e o dono do seguinte a captava, servindo-se de um tronco de pinheiro bravo, de uns 10 metros de comprimento, do qual era retirado o centro, para substituir o cano.

O Sr. Augusto não sabe o processo usado para tirar o miolo do tronco do pinheiro, porém sabe que o pinheiro não se deteriora ao contato com a água. Os seguintes funcionavam da mesma maneira. Naturalmente o terreno tinha que ser em declive.

Sua avó, diz ele, possuía um dos moinhos de carreira daquela região e criou seus filhos na casa do seu próprio moinho. – Contava seu pai que jamais houve qualquer problema com eles em conviver com o ruído e as atividades do moinho, mesmo durante o rigoroso inverno. Os moradores da região utilizavam-se dos moinhos trazendo milho branco ou cevada para moer, e era usada a forma de máquina como pagamento aos moleiros. – Muitas pessoas viajavam longos percursos e, quando coincidia chegarem várias ao mesmo tempo e havia espera demorada, promoviam um joguinho para passar o tempo. E havia alguns jogos bastante divertidos.

Com a instalação de moinhos mecânicos, os antigos foram fechando as portas, com prejuízo e muita mágoa dos moleiros.

Sempre amei o moinho da Serra. – Ele não possui a beleza dos moinhos de vento que ainda hoje, encantam os turistas quando visitam a Holanda, ou viajam pelas estradas que levam do norte de Portugal, estradas em cujas margens ainda se encontram moinhos de vento, principalmente na região do Alentejo.

Aqui mesmo no Brasil, quem passa pelas salinas nas regiões dos lagos, desfruta o prazer de contemplar os moinhos de vento que parecem exibir-se orgulhosos, na paisagem marítima de nossas terras.

O que me enternece no nosso humilde e solitário moinho da Serra é a sua simplicidade. – É a paisagem que se descortina de sua janela, é o feitiço pitoresco de sua construção rústica, encarapitado<sup>19</sup> em cima de duas vigas de madeira, sobre as águas límpidas do riacho. – E o seu ruído meio abafado, quando tritura os dourados grãos de milho, é o cheiro gostoso que desprende do fubá fresco, depositado no quadrado de madeira, que há um século recolhe o fubá que a mó<sup>16</sup> tritura cada dia. E aquele conjunto de

<sup>19</sup>ENCARAPITADO 1. Trepado. 2. Instalado comodamente.

árvores e de plantas agrestes que o cercam, e se renovam. – É a velha pitangueira, em frente, cada vez mais frondosa, mais acolhedora. – Encanta-me a tranquilidade bucólica daquele recanto da fazenda.

Em um dos momentos de saudade que experimento quando me recordo de coisas de minha infância, escrevi um artigo sobre o “Moinho da Serra”, artigo que foi publicado na primeira página da revista “O Cruzeiro”, em 25 de julho de 1953. Foi a minha homenagem ao velho moinho da Serra.



FOTO Nº 14 - Moinho da Fazenda da Serra - 1953.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

## e) O Pomar

O antigo pomar da fazenda era cercado de arame. Havia um portão em frente à varanda do jardim e um no final, na direção do moinho.

Nele havia as seguintes frutas: - abiu, ameixa amarela e roxa, biribá, coco da baía, fruta pão, figo, lima, laranja de várias espécies, manga, mexerica, tangerina, pêssigo e marmelo.

Na frente da casa, fora do pomar, haviam várias laranjeiras, inclusive um pé de laranja lima, que era da vovó. As goiabeiras nasciam em toda parte. As pinhas e os araçás, a minha avó preferia plantar dentro da horta. Junto dela havia um pé de cidras, cujas frutas eram usadas para preparar doces; e que cocadinhas!

Em outro pomar, sem cerca, existiam alguns pés de caju, de manga e muitas laranjeiras. Era o pomar de cima e pouco a pouco, as árvores morreram devido ao ataque das formigas saúvas.

E quem não se recorda da célere parreira de uvas roxas, muito saborosas.

Junto aos córregos, no meio das pedras, nasciam pés de ingá de dois tipos: umas de vagens pequenas e outras do tipo grande, muito saborosas, principalmente para as crianças. As pitangueiras também nasciam fora do pomar, inclusive o pé de pitanga do moinho, que ainda existe.

Os mamoeiros eram plantados na lavoura, e nasciam à-toa, principalmente, nos terrenos de derribada recente. E como eram doces!

As bananeiras eram cultivadas fora do pomar e havia as de várias espécies: banana da terra, nanica ou d'água, prata, ouro, maçã, pacova, figo e santomé.

O pomar da fazenda era muito bem tratado. De quando em vez minha avó requisitava alguns trabalhadores e davam um bom tratamento as fruteiras. Cada criança das várias gerações, tinha a “sua árvore” no pomar. Assim aprendia a respeitar as que não lhe pertencia. Porém, a maioria pertencia a todos. As crianças tinham liberdade de colher frutas, contando que não as colhessem verdes, o que nem sempre acontecia, pois cada uma tinha seu esconderijo para esconder suas frutas colhidas, para acabarem de amadurecer, quando colhidas verdes.

Porém, às vezes, alguns gaiatos descobriam algum esconderijo e trocavam os frutos verdes por maduros...

## **f) A Horta**

Meu avô escolheu um local especial para instalar a horta da fazenda. Ficava perto da primeira residência e junto da água.

Desviou um fio de água do córrego e transformou o terreno escolhido, numa ilha. Com isso, a horta ficou preservada das investidas das formigas saúvas.

Além das verduras – couve, alface, almeirão, serralha, repolho, serralhinha e taioba – minha avó plantava outros tipos de temperos – salsa, cebolinha, hortelã, alho, cebola de cabeça e até gengibre.

As réstias<sup>20</sup> de alho e de cebola eram guardadas em local apropriado, e se destinavam para o uso durante o ano todo. O agrião era colhido nas valas por onde corria água límpida. O alho era plantado sempre no dia 19 de março, dia de São José.

Havia na horta um canteiro destinado ao plantio de ervas medicinais e, lembro-me das seguintes: erva doce, camomila, pimenta do reino e outros tipos de pimenteiras, macelinha e arruda. Também havia canteiros especiais para o plantio de jiló, vagem e quiabo.

Transpondo o terreno da ilha, morro acima, cercaram uma boa área para outros tipos de plantações – carás, batatas, quando<sup>21</sup>, aipim, chuchu, pepino, abóbora, maxixe. O tomate plantado era do tipo cabacinha, muito gostoso. Havia um tomate miudinho, redondo que nascia por toda parte. Também a pimenta malagueta nascia à toa, pela fazenda. Os pés de ervilha espalhavam-se pelas cercas, bem como os de bertalha. Não conhecíamos o espinafre, a beterraba, a berinjela e nem a cenoura. Os pés de abóbora plantados na

---

<sup>20</sup>RÉSTIA s.f. 1. Feixe de luz que passa por uma abertura estreita. 2. Conjunto de bulbos entrançados pelos caules (cebolos, alhos).

<sup>21</sup>GUANDO s.m. Espécie de feijão.

horta eram para ser colhidos verdes. - a célebre “abobrinha verde”.

Minha avó sempre cuidou pessoalmente da horta. Levantava-se muito cedo e ia direto à horta, depois de tomar “um cafezinho” fresco, na cozinha, com meu avô, que seguia para a lavoura. Suas auxiliares eram as meninas. Cada uma delas tinha seu canteiro, e dele cuidava o melhor possível. Havia até, uma certa competição, para ver quem possuía o mais bem tratado. E a gente levava a sério!

Quando regressavam dos trabalhos na horta, as meninas traziam cestinhas com as verduras e os temperos para o dia.

Às sete horas já estávamos estudando, ao redor da grande mesa da sala do relógio.

## **g) O Açude**

Aproveitando as águas que desciam do contorno da horta, meu avô construiu um açude. Para tal, fez um paredão de pedra e um sistema de prender e soltar a água, quando era necessário. Não sei explicar como funcionava. Apenas, lembro-me de que, a poucos metros do paredão de pedra, haviam dois paus fixos dentro da água e, no intervalo, uma tábua, onde eu as vezes sentava-me e ficava apreciando os bichinhos nadando na superfície das suas águas.

Para se chegar ao lugar onde sentávamos, atravessava-se por uma espécie de pinguela.

Quando o açude estava cheio, os pés tocavam na água. E era gostoso ficar ali sozinha, pensando, pensando... às vezes eu atirava pedrinhas na água para ver formarem círculos sobre a sua superfície.

A finalidade do açude era de represar a água para que soltando-a descesse com mais força e movimentasse, logo abaixo o lavador de café, o monjolo e o moinho.

Qualquer criança da fazenda, tomou banho ali. E que banhos gostosos! Foi onde todos (as) nós aprendemos a nadar. Não só as crianças, mas a rapaziada da fazenda também. Era pitoresco aquele recanto, com as árvores refletindo nas águas, onde os patos e marrecos, nadavam tranqüilamente. Quantas vezes à tardinha, fui aquele lugar com a minha mãe, para assistirmos os banhos dos beija - flores. Era um lindo e curioso cerimonial!

Meu Deus, a gente não sabia qual dos recantos da Fazenda da Serra era o mais belo, o mais pitoresco, o mais acolhedor. Sabíamos apenas que, nós amávamos todos eles e hoje sentimos saudades! “Árvores, relíquias” da Fazenda da Serra.

Assim como houve tantas pessoas que deixaram lembranças marcantes na vida cotidiana da fazenda, também houve árvores, animais e inúmeras coisas que tiveram uma participação acentuada e ficaram-me na lembrança e na saudade. Vejamos por exemplo algumas árvores – umas que ainda existem e outras que já desapareceram com o tempo e por outro qualquer motivo.

## h) Árvores da Fazenda

### 1) A Pitangueira do Moinho

Certa vez, numa visita que fiz ao moinho, disse-me o tio Humberto que desejava tirar uma fotografia de todos os seus netos, nos galhos daquela pitangueira, situada em frente ao moinho. Perguntei-lhe o motivo daquele seu desejo e ele respondeu-me que gostava daquela árvore porque ali, embaixo de seus galhos, fora enterrado o seu umbigo. Ora, se em 1888 ela já existia, fora plantada antes do moinho ser construído e, já devia ser centenária como a casa de residência.

Juse contou-me também, que logo após o seu casamento, sua sogra lhe dera a “primeira camisolinha e o umbigo” de Pedro Paulo, que ela guardara até aquela época. Juse então, colocou o umbigo de Paulinho em baixo da velha pitangueira e, mais tarde também os de seus filhos – Leonardo, Leandro e Carolina.

Era um velho hábito das antigas fazendeiras, enterrarem os umbigos dos filhos em algum lugar de suas terras, para que eles, segundo a crença, amassem sempre aqueles lugares.

Contou-me o Leonardo, filho mais velho de Pedro Paulo, que sua mãe mandara derrubar a mangueira que crescera junto ao moinho, porque seus galhos estavam projetando sombra na pitangueira e a estava prejudicando. Logo depois de ser abatida a mangueira, a velha pitangueira começou a soltar novos brotos e a desenvolver-se. Comoveu-me esse delicado gesto de proteção a pitangueira, numa época tão perturbada como essa em que vivemos.

Aquela pitangueira, não é apenas um belo exemplar da flora local – uma planta da família das “mirtáceas”, mas uma relíquia, porque à sua sombra foram depositadas pequenas parcelas da velha e da nova geração da família de José da Rosa Machado Júnior, fundador da Fazenda da Serra.

E agente ficava imaginando que ali mesmo, sabe Deus em que outros recantos daquela fazenda, foram também depositados muitos outros umbigos de criaturas ali mesmo nascidas, como que adubando pouco a pouco, o solo, de geração em geração, até chegar a atual, representada por aqueles dois garotos – o Leonardo e o Leandro, que acodem<sup>22</sup> pelos apelidos de Léo e Tiquinho. E mais tarde também Carolina.

Ela esta integrando o cenário do velho moinho da Serra, a pitangueira, ora cheia de flores, ora toda colorida de frutinhas vermelhas, cada vez mais frondosa e mais bela. Lá esta de pé, estendendo seus galhos, oferecendo sombra e frutos às crianças da família, que as saboreiam com aquela mesma gulodice das de outras e outras gerações.

---

<sup>22</sup>ACODEM: (AÇODAR), v.1. Tr. dir. e pron. Acelerar, apressar, precipitar. 2. Tr. dir. Investigar (p. ex. cães) 3. Tr. dir. Ir ao encalço de, perseguir (p.ex.caça). 4. Pron. Afrontar-se, oprimir-se; açodavam-se na disputa.

## 2 - O Pé de Araçá da Horta

Araçá - Nome comum de diversas árvores da família das Mirtáceas.

O pé de araçá da horta da Serra, tem também uma história para contar a essa quinta geração, que ainda agora sobe em seus galhos para colher e degustar os saborosos frutos.

Quando se realizou a festa do centenário da casa da fazenda, várias pessoas da família foram à horta, levadas pela saudade, rever o velho pé de araçá. Ele foi plantado pela minha avó Donana.

Tia Julinda, que já completou 91 anos de idade, lembra-se de saborear os frutos daquela árvore, quando ainda era uma criança.

No álbum de recordações da festa do centenário, há uma fotografia do pé de araçá, hoje com suas raízes contorcidas, e que faz parte das coisas especiais da Serra.

## 3 - O Coqueiro do Marechal

Durante muitos anos só havia um coqueiro na Serra – o do pomar. Mais tarde plantaram o “de cima” no terreno situado atrás da horta; e não sei por que razão, eles não davam coco. – Até que um dia ambos começaram a dar frutos, motivo de alegria para nós. Os cocos eram comidos com satisfação pela criançada e até pelos adultos. E nós os achávamos saborosos, os melhores.

O coqueiro de cima, tornou-se célebre quando certa vez, foi abatido junto dele, um boi de nome “Marechal”; animal de carro e muito estimado pelas crianças da família. Era manso e muito bonito. Porém, um dia, o “Marechal” sofreu um acidente e teve que ser abatido. Apesar de terem proibido as crianças de assistirem ao abate do animal, nós comparecemos ao local, de longe e as escondidas. E quando o boi deu um mugido forte, fugimos apavoradas.

Desse dia em diante, qualquer criança da fazenda passou a sentir medo da “Alma do Marechal” tal como a geração anterior, com relação a “Alma do Frederico”. Lembro-me de ir ver o coqueiro, mas a princípio, de longe e sempre de mãos dadas com alguém. Pouco a pouco fomos perdendo o medo, mas o coqueiro de cima passou a ser chamado de “Coqueiro do Marechal”.

Quando o Pedro construiu o curral, teve de abater o coqueiro do “Marechal”. Guardo no álbum uma fotografia que eu tirei dele, em 1926.



FOTO Nº 15 - O Coqueiro de Marechal - 1926.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

#### 4 - As Paineiras

Paineira – Árvore da família das Bombacáceas.

Na direção da casa dos “Marcelinos” havia uma renque<sup>23</sup> de paineiras. Na época de floração, era um lindo espetáculo.

Quando passava a época das flores, as árvores cobriam-se de frutos. Um dia, creio que no mês de agosto, íamos todos até as paineiras, e minha avó examinava os frutos. Começava então a colheita da paina, antes que as cabacinhas começassem a romper-se. Depois de colhidas, eram colocadas em sacos e expostas ao sol.

Ao romperem as cabacinhas, surgia uma paina branquinha, linda, e que bem justificava o nome de “Paina de Seda”.

Depois de bem seca a paina, uma nova atividade doméstica, principiava na fazenda – o preparo dos travesseiros que constituíam uma tradição na fazenda. – Para nós, os travesseiros da Serra eram os melhores do mundo!

A paina era colocada primeiramente numa sacola de fazenda mais espessa e, depois de passar mais alguns dias expostas ao sol, eram colocadas em outro, de fazenda colorida e delicada. Os travesseiros destinados aos hóspedes eram de cor diferente daqueles usados pela família.

Não raro, hóspedes mais íntimos, pediam um travesseiro depois de usá-lo. E minha avó quase sempre possuía algum de reserva, para presentear pessoas amigas.

O hábito de usar travesseiros de “Paina de Seda” perdurou sempre em nossa família.

---

<sup>23</sup>RENQUE s.m. Fileira; colocação de coisas ou de pessoas na mesma linha.

Até hoje não me habituo com outro tipo de travesseiro, embora seja difícil encontrar paima de seda.

## 5 - O Jequitibá

Jequitibá – Árvore frondosa da família das Lecitidáceas.

O dicionário não me esclareceu a sua classificação científica. O que eu sei sobre o pé de jequitibá é que ele se constituiu peça importante no conjunto que compõe o cenário da nossa fazenda. Lá estava ele, bem no alto, incorporando à paisagem da montanha que caracterizava e justificava o nome – Fazenda da Serra. Sempre que alguém fotografava a montanha, aparecia também aquela árvore, bem destacada, sozinha, completando a paisagem como figura obrigatória.

O que eu sentia vontade mesmo de fazer com aquele pé de jequitibá, era de tocar com as mãos o seu tronco secular, ver de perto suas folhas e verificar como são as suas flores e os seus frutos. Sempre o vi de longe, como se fosse algo intangível.

Em 1926, pedi a um amigo para fotografá-lo de perto, e guardei o seu retrato como se fosse o de uma pessoa muito querida.

Foi preciso que eu chegasse aos 82 anos de idade, e tentasse escrever as memórias da fazenda, para sentir vontade de desvendar a vida daquela velha árvore, que nasceu e viveu ali, naquele mesmo local, há mais de um século.

Quantos anos terá aquele jequitibá, aquela árvore imponente que decorava a fazenda tal como um quadro compõe e enfeita uma das paredes do velho solar?

Sei apenas, que ele continuava de pé, firme, e indiferente ao passar dos tempos, enquanto tantas e tantas pessoas da família, vão partindo para outras regiões, e novas gerações, e, novas gerações dos Rosa Machado vão habitando aquelas paragens serranas.



FOTO Nº 16 - O Jequitibá - 1926.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

## 6 - A Parreira

A parreira estendia-se sobre uma latada<sup>24</sup> que acompanhava o declive de uma leve encosta, ao lado do terreiro de cal, à esquerda de quem chegava à fazenda. Na parte baixa da latada, era nossa e na alta, de meu avô.

Na estação das uvas, nós as crianças, começávamos a degustá-las desde que os primeiros cachos iniciavam a maturação. Mas, na parte da parreira destinada ao nosso avô, ninguém tocava.

E quando os cachos estivessem doces, negros e reluzentes, meu avô mandava convite aos amigos das fazendas vizinhas, para virem provar as uvas de sua parreira. Era uma festa na fazenda!

Todos os anos em agosto, a parreira era podada e sempre merecia cuidados especiais dos fazendeiros.

Muitos anos depois que a parreira havia desaparecido, eu não me habituava a não vê-la na fazenda.

Em nossa casa de bonecas instalada no moinho velho, durante a estação das uvas, colocávamos uma corda no meio do aposento e dependurávamos cachos de uvas maduras, para oferecermos as nossas visitas. Talvez fosse a imitação do gesto do vovô, quando as oferecia aos amigos.

## 7 - O Pé de Flamboyant

Quando alguém diz que existiu um pé de flamboyant na Fazenda da Serra, há uns oitenta anos, é difícil de acreditar. Entretanto, eu era criança e recordo-me de um exemplar que existia em frente da varanda de chegada da fazenda.

Junto de seu tronco construíram um pequeno muro de pedras, certamente para protegê-lo da erosão provocada pelas águas das chuvas que escorriam pelo declive do terreno. Aquela árvore era uma das paixões de minha infância, como mais tarde, o pé de angico da palhada<sup>25</sup>, a velha mangueira do açude e muitas outras árvores que enfeitavam a paisagem na fazenda.

Numa noite de tempestade, daqueles célebres vendavais que ocorrem às vezes ali na Serra, um forte estampido ecoou altas horas da noite, acordando os moradores da fazenda. Todas as pessoas da casa levantaram-se e tentaram descobrir, ao clarão dos relâmpagos, o que acontecera. Fora o pé de flamboyant que tombara com força do vendaval.

---

<sup>24</sup>LATADA, sf 1 Golpe de lata. 2 Grade de varas, ripas, canos etc. para apoiar plantas trepadeiras ou para dar abrigo.

<sup>25</sup>PALHADA s.f. [...] Capoeira fina, mato ralo [...]. Mistura de palha e farelo, para alimento dos animais; (fig) palavreado vão; maçada; estopada. (bras.) o mesmo que tiqüera, trecho de mato ralo; milharal; (pop.) comida ordinária.

Pela manhã a bela árvore jazia ao chão, as raízes fora da terra, os galhos balançando-se agitados pelo vento e toda salpicada de águas da chuva que ainda caía branda, mas constante.

Todas as pessoas estavam penalizadas. Era tão linda aquela árvore. Mas ninguém conteve as crianças que enfrentando a chuva, foram ver de perto a árvore do vovô. A **ÁRVORE DO VOVÔ!**

Ocorreu-me agora saber os motivos porque assim denominávamos o pé de Flamboyant. Certa vez, tio Humberto e eu conversávamos na varanda, na Serra, e ele perguntou-me se eu ainda me recordava de uma bonita árvore que havia ali em frente à casa . E acrescentou, “meu pai, no ano de 1900, trouxe do Rio de Janeiro uma pequena muda e ali plantou-a. Meu pai orgulhava-se daquela árvore que dali fora arrancada numa noite de temporal”.

De fato meu avô ao assistir a inauguração da estátua de Pedro Álvares Cabral, na Glória, em 1900, viu a árvore florida e encantou-se por ela. Ao término da cerimônia procurou o jardineiro e juntos descobriram aquele pequeno pé e trouxe-o cheio de cuidados para plantá-lo na fazenda. Assim era o vovô Juca.

Passei o natal de 1986 na Fazenda da Serra e à noite, tive a sensação de estar vivendo um sonho, quando avistei um pé de flamboyant, profuso<sup>26</sup>, florido e iluminado por lâmpadas coloridas, piscando durante toda a noite.

Veio-me a lembrança a outra árvore que há tantos anos, um vendaval arrancara do solo, ali mesmo na fazenda da Serra.

A noite estava linda, silenciosa, cheia de estrelas. Toda a casa fora decorada com motivos natalinos. A trepadeira da varanda do jardim também recebera lâmpadas coloridas e piscantes.

Pensei logo em meu avô, pois um dia trouxe de longe um pequeno pé de Flamboyant e o plantou ali em sua fazenda. Porém, jamais o vira transformado numa imensa árvore de Natal, toda iluminada de lâmpadas coloridas. E senti um imenso carinho pelo meu avô Juca.

## 8 - A Velha Mangueira do Açude

Haviam várias mangueiras no pomar da fazenda. Porém uma cresceu junto do açude ou, quem sabe, o açude foi construído junto dela.

Certamente era igual às outras mangueiras. Cresceu, o tronco tornou-se mais espesso, os galhos alongaram-se. Deu muitos frutos saborosos. Com o passar dos tempos, a mangueira do açude tornou-se uma árvore diferente. Seus galhos cresceram lateralmente, tornando-se longos e baixos. Pareciam imensos bancos. Uma pessoa sentada num de seus galhos, tocava o chão com os pés. E era gostoso agente sentar-se em um deles

<sup>26</sup>PROFUSO adj. Que se produz em grande quantidade; abundante, copioso, exuberante. 2. Que espalhe em abundância.[...].

e bater um papo, apreciando as belezas daquele recanto pitoresco – o açude, a goiabeira do lado do terreiro, a tulha, as mexeriqueiras, e todo um conjunto de vegetações agrestes. E a presença dos pássaros.

Cada vez que eu voltava à fazenda, os seus galhos pareciam mais longos e ela, a velha mangueira, ainda mais pitoresca, mais acolhedora. Certa vez tirei uma fotografia sentada num de seus galhos.

Uma feliz idéia, porque foi a única lembrança que ficou da mangueira do açude.

Ela desapareceu naturalmente, como todas as outras suas irmãs, as mangueiras, do tempo antigo da fazenda.



FOTO Nº 17 - A Velha Mangueira do Açude da Fazenda Boa Vista - Tia Bebé (Isabel Serrano) Sentada no Tronco - Sem Data.

(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

#### **4.10 – As Pedras da Serra**

Quando contemplo aquelas montanhas de granito, formando o conjunto de serrarias que, no alto da Boa Vista dominam toda aquela região, fico imaginando no cataclisma<sup>27</sup>, talvez ocorrido há milhares de anos, e que ali as deixou plantadas.

Aquelas montanhas parecem serrar fileiras para protegerem e guardar o pedacinho do mundo que forma a região da Boa Vista.

E, como para enfeitar todas aquelas terras, milhares de pedras, maiores e menores, espalham-se por toda a parte, decorando a paisagem – pontos negros, realçando no meio do verde da vegetação.

---

<sup>27</sup>CATACLISMA s.m. 1. Transformação geológica brusca e de grande amplitude. 2. Desastre de grandes proporções; revolução geológica que modifica a superfície da terra; dilúvio; inundação; (fig) grande revolução social; derrocada.

E, algumas pedras que se fixaram nas terras da Fazenda da Serra, aos poucos foram sendo batizadas, recebendo apelidos de acordo com a fantasia e a imaginação dos moradores locais. E, cada uma servia de ponto de referência, localizado por qualquer morador da região. Toda aquela região é pedregosa. Os leitos dos riachos são calçados de pedras roladas, como que servindo para filtrar as águas que descem, encachoeiradas, pela encosta. Descem e vão formando pequenas cachoeiras, poços semelhantes e grandes bacias, que servem de banheiras aos moradores vizinhos.

Descem e vão servindo a todos os moradores da periferia, chegando junto as residências por biquinhas de bambu, por onde correm água límpida, pura e gostosa. Por ali ninguém usava filtro, porque as pedras são o filtro natural.

Pulando de pedra em pedra, qualquer ponto dos córregos pode ser atravessado, em época normal, sem precisar de ponte ou pinguela.

E existem pedras em toda a parte da fazenda, pedras que a erosão provocada pelas chuvas, vão descobrindo, pedras que se intercalam entre as árvores do pomar e nos estreitos trilhos que servem de caminho.

Meu avô serviu-se delas para calçamentos ao redor da casa, para construir os muros do terreiro, para formar cerca, e como base de construções.

Para construir a estrada de acesso à fazenda, foi necessário o uso de muita carga de dinamite, a fim de afastar as pedras, que obstruíam o traçado da estrada.

O local onde foi plantado o primitivo pomar da Serra é muito pedregoso. Porém as árvores cresceram viçosas, junto as pedras. Muitas foram plantadas junto de pedras maiores e, às vezes, os frutos dos galhos mais altos, eram colhidos facilmente, subindo-se na pedra próxima.

Muitas mexericas e ameixas nós colhíamos de cima das pedras.

Geralmente os moradores de uma região costumam apelidar as montanhas, por não conhecerem os nomes oficiais.

As montanhas da Serra não fugiram à regra. Assim eram chamadas, no meu tempo – a Serra que fica na extremidade, do lado de São Vicente é a Serra da Serra. É realmente, o símbolo da fazenda da Serra.

A montanha que fica à esquerda na outra extremidade é a Pedra dos Marcelinos, porque fica próxima do antigo Sítio de Marcelino Luiz, sítio que voltou a pertencer ao patrimônio da Serra.

Junto da Pedra dos Marcelinos, fica a Pedra do Quadro, porque nela existe uma mancha branca semelhante a um quadro.

A montanha que fica na Fazenda da Independência, chamam-na de Pedra da Onça. Existe sempre um motivo para justificar os apelidos.

Espalhadas pelas terras da fazenda, em vários pontos existem outras pedras bem menores, mas que mereceram algum apelido.

A Pedra dos Morcegos por exemplo, faz parte da paisagem da fazenda. Em cima dela

cresceu uma vegetação que até hoje é a mesma – uma espécie de cactus bravo – palma de judeu. É uma planta cheia de espinhos e dá umas frutas que nós comíamos. Desta pedra descortina-se uma belíssima paisagem.

A Pedra dos Macacos fica localizada perto do Monte Real. Lá existem uns macaquinhos muito engraçados. Quando os meninos passavam perto da pedra, atiravam pedras nos bichinhos e eles faziam o mesmo, provocando grande alegria a criançada.

A Pedra da Velha é talvez a mais curiosa de todas. Trata-se de uma pedra de formato significativo e que foi outrora, no tempo dos meus avós a “Cegonha da Serra”. Quando nascia uma criança, as parteiras diziam as outras crianças que a havia encontrado na Pedra Velha.

A fotografia que eu possuo daquela pedra, foi-me enviada pelo tio Alberto, que foi fotografá-la de perto, numa de suas visitas à Serra.

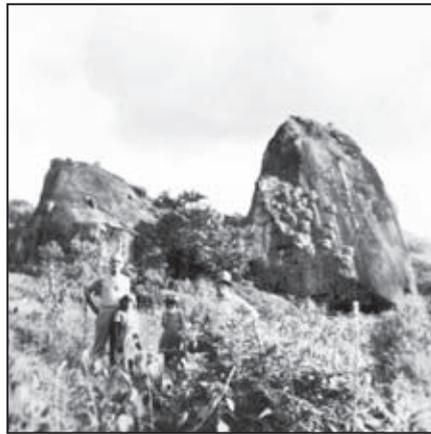


FOTO Nº 18 - Pedras da Serra da Fazenda Boa Vista - Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

A Pedra do Frederico fica na Santa Luzia e nela foi pintada uma cruz para assinalar o local, onde foi morto o português Frederico.

Existem pedras espalhadas por toda a fazenda, na Sede e na colônia, no leito dos córregos e na terra firme. E muitas delas evocam uma lembrança ou uma saudade. Outras possuem características que deixaram marcas.

Muitas pedras apresentam aberturas e fendas naturais onde as crianças guardavam frutas para amadurecerem.

Em cima de algumas cresciam plantas agrestes e lindas begônias, primaveras coloridas.

Nos cantinhos prediletos onde eu colocava meus trens de brincar, quase sempre havia uma pedra grande. É que a pedra dava-me uma certa sensação de segurança, assim como o barulhinho de um córrego fazia-me sonhar.

## 4.11 – A Serra da Serra

Desde criança habituei-me a ver todos os dias aquela montanha. E, quase sempre era a primeira visão que eu tinha da fazenda logo ao abrir a janela do quarto.

Parecia-me que ele vinha visitar-me todas as manhãs, aparecendo no recorte da janela. Às vezes, surgia iluminada pelo sol nascente, outras vezes molhada pelas águas da chuva caindo e escorrendo pela pedra lisa. Também apresentava - se envolta em névoa, numa serração que cobria bem devagar, lentamente, mostrando por vezes, pontas de sua superfície. Parecia brincar de esconder comigo.

Outras vezes desaparecia toda, coberta pela serração espessa, como se tivesse penetrado nas nuvens, desaparecendo da terra, e eu por instantes, até me assustava.

Existem outras montanhas serrando fileira com ela, como para proteger a região da Boa Vista, porém, somente ela vinha visitar-me todas as manhãs, como para um bom dia.

Hoje, ao olhar aquela montanha que eu amo, fico pensando que todas as pessoas deveriam ser um pouco ao menos como aquela serra. Jamais ela se aborrece quando agredida por fortes vendavais, nem maltratada durante longos períodos de seca.

Se caçadores matam bichinhos que nascem e crescem em suas matas, ela não reclama.

Jamais cobra alguma coisa e, entretanto está sempre dando. Oferecendo gratuitamente as mais puras águas que brotam de suas nascentes e vão formando riachos que servem às populações ribeirinhas e as baixadas distantes.

Nela, na montanha azulada, nascem árvores que enfeitam a paisagem e abrigam pássaros em seus galhos. Animaizinhos agasalham-se nas tocas de seus troncos.

Ela contenta-se em oferecer o encanto de seu perfil compondo a paisagem, perto e longe, mas sempre sem nada pedir em troca.

Ao escrever sobre as comemorações de centenário da casa da Fazenda da Serra, fiz a seguinte observação: - Durante todo aquele dia 13 de novembro de 1977, o dia estava sem sol, mas as serras, as montanhas da fazenda, tão características no lugar, não se descobriram em momento algum. Parece que o fizeram de propósito, para que a casa de moradia da fazenda, a homenageada naquele dia, fosse alvo de todas as atenções na data de seu centenário.

Aquela montanha foi ali colocada provavelmente em conseqüência de algum cataclisma. Seu nome talvez nem conste de nenhuma carta geográfica, mas quem sabe, quantos apelidos já recebeu e continuará recebendo onde quer que a avistem por aí a fora.

Aqui mesmo é conhecida como a Serra da Boa Vista, Serra de São Vicente, Serra da Serra, e quem sabe, por muitos outros nomes.

Foi ela que pouco a pouco, foi substituindo o nome de Fazenda Vista Alegre pela Fazenda da Serra.

Seu perfil foi estampado nas blusas das crianças da escola local. Ela carimba os papéis de carta da Fazenda da Serra com o seu contorno elegante.

Ela só ostenta beleza, só oferece amor e protege aos que nela se abrigam.  
Há quem descubra a letra M em seu contorno, visto de longe. M é a letra de Maria.  
Agora a nossa Serra assumiu a maior honraria, agora ela é um altar, um altar de Nossa Senhora da Penha, a padroeira do Estado do Espírito Santo, um altar a 1050 metros de altitude, denominando toda a região da Boa Vista, de São Vicente e mais longe.  
Assim continua servindo, servindo sempre e com amor, aquela nossa querida Serra da Serra.



FOTO Nº 19 - A Serra da Fazenda da Serra - Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)



FOTO Nº 20 - A Serra da Fazenda da Serra - Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

## 5 – A FAMÍLIA

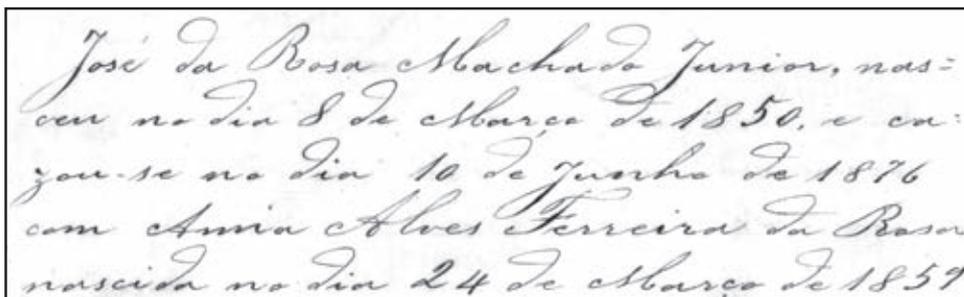
### 5.1 - A Vida na Família da Serra

Até aqui escrevi sobre o que foi realizado na fazenda da Serra, em termos de construções, para torná-la confortável e facilitar as tarefas no dia a dia.

Assim o ambiente estaria sendo preparado para a formação e o desenvolvimento da nova família que se iniciava com o casamento de José e Ana (10/06/1876). A família cresceu pouco a pouco, tal como acontecia com as construções e a organização da lavoura.

Como já registrado à p. 31, ficou registrada a data da mudança do casal para a casa nova, um ano após o casamento. Ana anotou também o nascimento e batizado de cada filho que ia nascendo. Foram 12 filhos – cinco homens e sete mulheres. Todos nasceram na mesma casa da fazenda, a velha casa que ainda existe. Foram partos normais, jamais havendo necessidade da presença de médico, mas apenas de parteiras locais e de alguém da família. Filhos:

- ✓ Agostinho Ferreira Machado – “Machadinho” (16/09/1878 a 23/10/1936)
- ✓ Ana Rosa Ferreira Machado – “Anita” (28/08/1880 a 18/08/1973)
- ✓ Celsa Machado Ramos (30/04/1882 a 15/01/1947)
- ✓ Agripina Machado Ramos (17/02/1884 a 03/12/1971)
- ✓ Bráulio Ferreira Machado (12/01/1886 a 16/04/1971)
- ✓ Humberto Ferreira Machado (15/11/1889 a 25/01/1982)
- ✓ Alda Ferreira Machado (06/10/1891 a 23/05/1973)
- ✓ Julinda Ferreira Machado (14/08/1893 a 18/10/1984)
- ✓ Alberto Ferreira Machado (13/12/1895 a 13/10/1983)
- ✓ Amanda Ferreira Machado (14/05/1898 a 17/01/1990)
- ✓ Maria José Machado do Vale (30/09/1900 a 14/10/1968)
- ✓ Augusto Ferreira Machado (10/04/1905 a 07/09/1969)



*José da Rosa Machado Júnior, nasceu no dia 8 de março de 1850, e casou-se no dia 10 de junho de 1876 com Anna Alves Ferreira da Rosa nascida no dia 24 de março de 1859*

ILUSTRAÇÃO Nº 02 - Página 10 do Caderno de Anotações do Casal José da Rosa Machado Júnior e Anna Alves Ferreira da Rosa – Início do Nascimento dos Filhos, Batizados e Casamentos – 1878.

(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

O ritmo de vida ali na fazenda se desenvolvia sem choques nem grandes surpresas, acompanhando a sucessão das estações do ano. Tudo era calmo, normal e tranqüilo, naquela paz bucólica, entre campos, florestas e montanhas. Apenas, de quando em vez, fortes trovoadas, seguidas por saraivadas de chuva, alteravam um pouco o ritmo tranqüilo. Mas tudo prosseguia serenamente.

Assim como Eclesiastes nos diz que “todas as coisas tem o seu tempo, e todas elas passam debaixo do céu, segundo o termo que a cada uma foi prescrito, havendo tempo para nascer, tempo para morrer, tempo para plantar e tempo para colher”... – assim também na fazenda havia tempo para trabalhar e tempo para lazer, tempo para plantio e tempo de colheita. Tudo tinha a sua época própria, a sua hora adequada.

José da Rosa era uma pessoa saudável e alegre, porém enérgico e, as vezes de rompantes. Amava a ordem e administrava bem sua propriedade.

Mantinha bom relacionamento com os vizinhos e dava toda assistência aos velhos pais e a sua família.

Gostava de acompanhar o progresso do país e do mundo, falando, entretanto com entusiasmo dos assuntos nacionais.

De vez em quando ia à Corte (Rio de Janeiro) e regressava trazendo muitas novidades que narra com satisfação. Durante a semana José levantava-se muito cedo, ia para a lavoura a cavalo, e regressava somente a tardinha.

Quando era necessário, trabalhava nas construções da fazenda. Ana também iniciava bem cedo suas tarefas, começando pela horta que sempre foi cuidada por ela e suas crianças.

Os escravos, que não eram muitos, trabalhavam na lavoura, nas construções, nos transportes, com o carro de bois, as tropas e os animais em geral.

Na proporção que os filhos iam crescendo eram-lhes distribuídas tarefas proporcionais as suas idades, tanto os meninos como as meninas. Assim tornavam-se menos árduas as tarefas na fazenda.

Os filhos ajudavam no tratamento dos animais, tomavam conta do moinho e iam à lavoura. As meninas cooperavam na arrumação da casa, no jardim e na cozinha, preparando as sobremesas de cada dia, biscoitos, roscas e pães para o uso durante a semana. Sempre, a mais velha orientava as menores.

Desde cedo, antes mesmo dos sete anos, as crianças iniciavam os estudos. E a própria Anna era a professora, ensinando-lhes a ler, escrever, as quatro operações, tabuada inclusive, catecismo e História Sagrada.

Também os preparava para o trabalho e para a vida, dando-lhes uma boa formação moral.

## **a) Aspectos da Vida no Dia a Dia da Família**

Para melhor mostrar como era a vida da família, outrora, na Fazenda da Serra, escreve-

rei separadamente sobre cada um dos aspectos mais importantes do convívio diário – a prática da religião, os remédios usados, a alimentação, as brincadeiras das crianças, os meios de transporte usados, o convívio social, enfim de tudo quanto eu me recordar, porque também tomei parte, embora um pouco mais tarde, daquela vida.

## ✓ A Religião

Minha avó Anna era profundamente religiosa e conseguia transmitir uma fé bastante firme a família e até aos servidores da fazenda.

As crianças iniciavam cedo o estudo do catecismo e da História Sagrada. As lições eram decoradas e até hoje ainda me recordou e posso repetir trechos de cor.

Começava-se a rezar quando se aprendia a falar as primeiras palavras. Todas as noites a família rezava o terço e a ladainha de Nossa Senhora. E os hóspedes, si os houvessem, também acompanhavam. Durante o mês de maio, além do terço, cantava-se a ladainha e hinos religiosos.

Era muito concorrido o “mês de Maria”, na Fazenda. Para as crianças era uma festa, porque antes da ladainha, havia brincadeiras de roda, no terreiro. E assim, ficava ligada à religião, uma impressão agradável e que perdurava. Tendo dois irmãos padres – Monsenhor Antônio Alves e Monsenhor Augusto – de quando em vez, um deles vinha à Fazenda da irmã, geralmente acompanhado de outros padres amigos. E havia batizados casamentos e missas todos os dias.

Os filhos eram preparados para a primeira comunhão naturalmente, aprendendo o catecismo. E, um dia recebiam a comunhão, sem aparato, quando um irmão padre vinha à fazenda. A minha primeira comunhão ocorreu assim, espontânea durante umas das missões.

Na semana Santa, todas as mulheres adultas da família jejuavam. E havia o maior respeito de todos, na fazenda.

Devido a uma promessa de minha avó Anna, o dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, era considerado dia Santo. Além das orações em comum, das orações da noite e da manhã, nós crianças tínhamos outras, especiais, aprendidas nem sei com quem. Por exemplo; - quando trovejava, nós nos benzíamos e rezávamos com fé: - “ Santa Bárbara e São Jerônimo, trovoada que vá para longe!”

Porém se a trovoada continuasse forte, procurávamos minha avó que, nestas ocasiões acendia uma vela benta e rezava a “Magnífica”. Terminada a oração, ninguém mais tinha medo porque – a vovó já havia rezado.

Minha mãe Celsa era muito devota de São José e ela ensinava-nos uma oração que nos tranqüilizava em qualquer circunstância, e que era a seguinte:- “Valei-me São José, socorrei-me São José”.

E nós usávamos e abusávamos desta oração - quando subíamos numa árvore perigosa, quando montávamos a cavalo em pelo e, às vezes, até quando fazíamos uma travessura! – E rezávamos com fé, mesmo. Aquelas pequenas manifestações de fé fortaleciam a nossa religiosidade e tínhamos confiança em Deus e nos Santos. Jamais meus avós Anna e José consentiram que praticassem feitiçarias, benzeções e outras práticas do gênero, dentro das terras da fazenda.

A vovó assistia a todos os moradores da colônia, dando remédios e, se preciso também roupas e alimentos. Ali na Serra geralmente ninguém passava privações e era uma gente alegre, saudável e feliz.

A religião de minha avó era sentida, transmitida e praticada com fé e amor. E, graças a Deus, conseguiu-se que todos os filhos tivessem fé. Minha mãe seguiu as pegadas da vovó. Teve sempre uma religião sincera e firme. A religião em nossa fazenda fazia parte do nosso dia a dia, misturando-se as coisas simples e boas da vida.

No oratório da fazenda havia uma imagem de Nossa Senhora da Penha de França, vinda de Portugal, uma de Santa Luzia e uma de São Braz.

Em outro oratório, mais rústico, ficava a imagem de Santo Antonio, também vinda de Portugal. E era junto a estas imagens que a família ajoelhava todas as noites para rezar o terço.

Havia uma biblioteca na fazenda, com os livros didáticos, romances e livros religiosos. Meu avô assinava um jornal do Rio de Janeiro e um de Portugal. E ele era a primeira pessoa que lia e comentava em casa e com os vizinhos.

Dos filhos mais velhos somente Agostinho, Anita e Celsa tiveram oportunidade de estudar um pouco mais do que aprenderam em casa. Os três passaram algum tempo no Rio de Janeiro, nos Colégios dos Salesianos e do Matoso.

Muito mais tarde Alberto, Augusto e Maria José também estudaram em bons Colégios.

Anna como em geral o faziam todas as fazendeira da época, deu as filhas além de uma boa formação moral, religiosa e doméstica, a pratica de trabalhos manuais. Todas aprenderam a fazer renda de bilro, crivo, crochê, bordados e costura. E exigia perfeição nos trabalhos. Cada menina recebia uma tarefa para executar e não lhe era permitido brincar antes de terminá-la. Também eu, sua neta, com ela aprendi todos aqueles trabalhos.

Era uma criatura admirável e de grandes habilidades. Possuía um equilíbrio impressionante, jamais se alterando com quer que fosse.

Era a verdadeira rainha daquele lar, rainha a quem, com alegria, todos nós ofereceríamos uma coroa das mais finas pedrarias.

## ✓ Filhos de José e Anna

Agostinho (Machadinho); Ana Rosa (Anita); Celsa; Agripina; Bráulio; Humberto; Alda; Ju-

linda; Alberto; Amanda; Maria José; Augusto. Além dos 12 filhos, Ana criou uma menina Emelina – filha de um colono italiano, João Zanúncio.

## **b) Oratório do Pico da Serra**

Ao escrever as memórias da Fazenda da Serra, veio-me a idéia de referir-me ao oratório do Pico da Serra.

Procurei, então, os vigários de Castelo e de Cachoeiro de Itapemirim, entrevistei várias pessoas e ninguém tinha conhecimento do assunto. Afinal falaram-me da família Pansini, da Boa Vista.

Organizei um questionário e enviei-o a Pedro Paulo (filho de Pedro Machado Ramos), pedindo-lhe que procurasse um dos Pansini. Por coincidência apareceu em casa de Pedro Paulo, justo quando Pedro estava em casa do filho, Camilo Pansini, que transmitiu as informações de que eu precisava.

O oratório do pico da Serra foi instalado por Camilo Pansini e seus irmãos Hermínio e Rafael. São Filhos de Ernesto Pansini e Angela Guiseppina Dezan Pansini.

Foi inaugurado em 1940, com missa celebrada pelo Padre Ciliato, de Cachoeiro de Itapemirim.

Compareceram à inauguração os seguintes moradores da região: - Famílias Pansini, Angelin Patussi, Pedro Patussi, Miranda, Monteiro – “Os Marcelinos”.

O carpinteiro que constituiu o oratório foi João Dezan, tio dos Pansini (Camilo e Rafael). Escolheram para padroeira Nossa Senhora da Penha de Vitória, e no dia da inauguração colocaram no oratório uma pequena imagem de gesso.

A subida para o alto da montanha era pelo lado de São Vicente, no local Alto Destino. Hoje o mesmo lugar chama-se Alto São Vicente.

O Primeiro morador do Alto Destino foi Henrique Risse, e atualmente pertence a Camilo Pansini.

Em 1923, Ernesto Pansini construiu a primeira Capela em Alto Destino, que ainda existe. Em 1948, Luiz Pansini construiu a primeira capela na Boa Vista, dedicada a São Luiz. Era muito pequena e sofreu ampliações em 1978 e 1980.

Antes de ser colocado no oratório, em 1935, Ernesto Pansini e João Barbatí colocaram um cruzeiro no lugar onde depois instalaram o oratório.

Um cruzeiro menor do que o primeiro foi colocado perto do oratório, por Antonino Vinco. De início, a subida para a montanha era bastante difícil. Ia-se a cavalo até o local de escalar e a subida era bastante penosa, quando atravessava a pedra. Porém, havia um caminho pela floresta bastante pitoresco, cheio de curvas no meio da mata, descortinando-se por entre os galhos das árvores, bonitas paisagens. Existiam plantas raras em baixo das árvores e ouviam-se pássaros cantando e ruídos de água rolando nas grotas espessas. Em alguns lugares do caminho colocaram biquinhas de taquara, por onde corre água

pura e cristalina – pontos obrigatórios de parar para matar a sede dos viajantes. Contam que outrora aquelas matas eram espessas, somente freqüentadas, as vezes, por caçadores ousados. Meu avô Juca da Rosa e seu amigo Peregrino Gomes nela caçavam muitas vezes e sempre traziam boas caças.

Não há notícias de que muitas pessoas de nossa família tenham visitado o oratório.

Tia Amanda contou-me que lá estive com tio Bráulio e Olympia e na época era realmente muito difícil a subida da pedra.

Tio Alberto, José, meu irmão e sua filha Jocélia lá estiveram em 1965 e mandaram-me uma fotografia deles junto ao oratório.

Numa carta Tio Alberto fala da alegria que sentiram lá em cima, festejando com tiros de revólver, gritos e vivas.

Francisco José, filho de tio Humberto também subiu até o oratório. Mas não tenho notícias de que outras pessoas da família tivessem ido. Porém, os moradores da região, principalmente os Pansini, continuam subindo frequentemente e dando toda assistência ao oratório.

No dia 27 de dezembro de 1986 estivemos em casa de Hermínio, na Boa Vista, e ele confirmou tudo quanto seu irmão Camilo havia dito, acrescentando alguns pormenores curiosos. Disse também que depois da instalação do oratório, em 1940, houve outras missas lá no alto da montanha, celebradas inclusive por Frei Zeferino Garcia, de Cachoeiro de Itapemirim.

Pedro e Juse foram comigo naquele dia 27 e descobriram muitos paredões de pedra e outros indícios de que seria ali o local da casa da residência dos nossos bisavós José e Maria Florinda.

Assim surgiu o oratório do Pico da Serra. Tudo ocorreu tranquilamente. Primeiro a construção da capelinha de Nossa Senhora Auxiliadora, na base da montanha, depois a colocação do cruzeiro no alto e finalmente o oratório lá no alto a 1250 metros de altitude, dominado a paisagem.

Uma história singela, vivida e idealizada por um grupo de homens simples, habituados aos trabalhos rurais, descendentes de italianos que naturalmente conservam as tradições de fé de seus antepassados e de sua pátria.

Em 1882, Maria Rosa Florinda, esposa do fundador da Boa Vista, mandou buscar em Portugal uma imagem de Nossa Senhora da Penha, na época a Padroeira de Lisboa. Esta imagem ainda existe, esculpida em madeira, a pintura original ainda perfeita. Traz nos braços o Menino Jesus, e sempre esteve com a família de Maria Florinda, que a escolheu para protetora da fazenda.

Foi a primeira imagem de Nossa Senhora que chegou a Boa Vista, há 105 anos (estamos em 1987).

Quando os Pansini escolheram Nossa Senhora da Penha para entronizá-la naquela montanha, não tinham conhecimento da existência de outra imagem ali chegada em

1882. Foi uma coincidência feliz e expressiva. Nossa Senhora da Penha tem um altar numa rocha ali na Boa Vista, um oratório singelo que, quem sabe amanhã será uma capelinha e, um dia um santuário.

### c) Imagem de Nossa Senhora da Penha da Fazenda da Serra



FOTO Nº 21 - Imagem de Nossa Senhora da Penha da Serra e Outras - Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

Esta imagem de Nossa Senhora, hoje centenária, tão venerada em nossa família, tem uma história muito emocionante para todos nós.

É uma Nossa Senhora da Penha, porém não é igual à imagem da Nossa Senhora da Penha de Vitória, padroeira do Estado do Espírito Santo e que aí na Serra, é venerada num oratório, no pico da Serra.

Todas as Nossas Senhoras são uma só – a Virgem Maria Mãe de Deus. Receberam vários títulos, conforme a origem da devoção. Por exemplo:

- Nossa Senhora de Lourdes, porque apareceu na cidade de Lourdes;
- Nossa Senhora de Fátima, porque apareceu em Fátima.

Existem várias imagens que receberam o título de N.S. da Penha, inclusive a de N.S. da Penha de França, imagem que foi encontrada por um monge no alto de uma montanha na Espanha – a Penha de França.

O monge foi a sua procura porque a vira em sonho, exatamente naquele local. Depois de escalar a montanha numa penosa peregrinação, encontrou-a e construiu ali mesmo, uma pequena igreja. E hoje, no lugar daquela primeira ermida. Existe um grande Santuário dedicado à N.S. da Penha de França.

No tempo das invasões dos bárbaros à Península Ibérica, os devotos escondiam imagens para escaparem à fúria dos invasores. Aquela que o monge descobriu, provavel-

mente seria das que foram escondidas e, só Deus sabe há quantos anos.

A nossa imagem foi encomendada de Lisboa, onde existe um Santuário dedicado à Nossa Senhora da Penha de França, que é muito venerada pelos portugueses.

A nossa imagem chegou à fazenda Boa Vista em 1882. Quando a nossa bisavó Maria Rosa Florinda mudou-se para a Serra em 1888, levou a Santa com ela. E daquela data em diante a imagem permaneceu sempre conosco. Minha avó Donana, colocou-a num oratório, em cima de uma cômoda, no quarto do meio e, era ali que a família rezava o terço todos as noites.

Quando vovó mudou-se da fazenda, levou a imagem. Alda era afilhada de Nossa Senhora da Penha e por isso, minha avó deu-lhe a imagem. Mais tarde, por volta de 1930, eu a recebi da Tia Alda, que era minha madrinha. Nesta época não existia mais a coroinha de ouro da imagem e, ao Menino Jesus faltavam as duas perninhas.

É uma imagem de madeira, de estilo barroco, como eram também as de Santa Luzia e a de São Braz, que estavam no mesmo oratório.

Em 1972 estive em Portugal e levei comigo a imagem do Menino Jesus. Em Lisboa procurei uma casa de artigos religiosos, na rua do Ouro e pedi ao dono do estabelecimento para mandar restaurar o santinho. Porém o Sr. Antônio declarou-me ser muito difícil, por tratar-se de um trabalho delicado e por falta de bons operários.

Porém ao saber que aquela pequenina imagem fora levada de Portugal para o Brasil, há exatamente 90 anos e que voltava para ser restaurada, o Sr. Antônio muito emocionado chamou os funcionários da casa e pediu-me para narrar o que eu acabara de dizer-lhe. A pequenina imagem passou de mão em mão, e ficou na loja o tempo que durou minha excursão pela Europa. No dia 27 de outubro de 1972, fui buscar a imagem que já estava restaurada e o Sr. Antônio não me cobrou a restauração. O menino Jesus voltou para o Brasil.

Ao deixar a casa da rua do Ouro, o proprietário e as funcionárias, despediram-se do “Menino” que fora visitar Portugal 90 anos depois que partira para o Brasil.

A coroa que esta na cabeça da imagem foi-me oferecida por um pernambucano chamado José. – Disse-me ele que a trouxe de uma estância perto de Recife.

Quando eu partir para outras paragens, a Nossa Senhora da Penha voltará para a Fazenda da Serra e, espero que seja acolhida com o mesmo carinho e a mesma devoção, como durante as ladainhas de maio, no meu tempo de criança na Fazenda da Serra.

## **d) Alimentação**

Guardamos dos tempos da infância, misturado as recordações agradáveis, o sabor de certos alimentos que se nos afiguram, hoje pela saudade, incomparáveis com quaisquer outros provados depois que deixamos para traz aquela quadra da nossa existência.

E - ai de nós! Nunca mais encontramos neles, quando os provamos o mesmo gosto

de outrora, ainda que perfeitamente iguais em qualidade e preparo, porque lhes faltam os condimentos das circunstâncias ambientais<sup>28</sup> e da idade, despreocupada e feliz de quando os degustamos.

Creio mesmo que, a semelhança do que ocorre comigo, qualquer menina daquelas fazendas de outrora, teve ao atingir a maturidade, recordações impregnadas de saudade. É porque considero aquela etapa da minha uma página encerrada para a época, desejo fixá-la aqui, tal como se fora uma narração folclórica, ou um conto de fadas.

- “Tudo tem sua época, a sua hora adequada”- E é na fazenda principalmente, que se pode constatar a verdade deste texto que se encontra no Eclesiastes.

Porque ali na fazenda de fato, havia tempo para plantio e tempo para a colheita; tempo de moagem da cana para o preparo do açúcar; tempo de colher a mandioca para o preparo da farinha e do polvilho; tempo de colher os frutos para o preparo dos doces.

E era principalmente no setor da alimentação que as meninas tomavam parte ativa, ajudando nas tarefas e, mais ainda na prova dos doces e dos alimentos.

O tempo da moagem era repleto de atrativos. E o primeiro sinal de alerta era o carro de bois surgindo na curva do caminho da lavoura, rangendo e cantando ao peso das canas sumarentas. Pensávamos logo no sabor dos gomos doces e macios, cortados dos pés que iríamos escolher nas pilhas das hastes despejadas no chão. Durante a moagem era delicioso encher as nossas canequinhas louçadas com líquido esverdeado e espumante que a biquinha despejava no depósito de madeira. E ficávamos imóveis, contemplando os bois girarem em círculo, atrelados no braço da moenda, e os empregados colocarem as canas entre os cilindros de madeira da prensa, e o caldo escorrer, perfumado e apetitoso.

Porém a hora culminante do dia, na época da moagem, era a do ponto do açúcar. Onde quer que se encontrasse uma criança da fazenda, percebia o olor<sup>29</sup> do melado grosso e borbulhante.

E não faltava uma só criança para receber a sua porção de puxa-puxa, pescada com a enorme espumadeira, na grande tacha donde se retirava o melado quente. – Oh! o gosto daquele puxa-puxa, meio queimado, ainda morno, gotejando água e escorrendo entre os nossos dedos! Para nós, não havia no mundo outro puxa-puxa igual.

A temporada da moagem terminava sempre, com uma taxada de rapadura e outra de melado. De pés descalço, patinando no fundo claro e arenoso do córrego, lá estávamos nós formiguinhas trabalhadeiras, areando as canas para que o melado e as rapaduras saíssem claras e limpas. – Já se vê que a prova da rapadura era feita ao pé do tacho, na hora em que despejavam o melado grosso nas formas de madeira; - as rapaduras e as balas feitas com mel de tanque eram preparadas mais tarde, depois que o melado se desprendia das formas do açúcar.

---

<sup>28</sup>AMBIENCIAIS (Ambiência) s.f. Ambiente; meio em que vive um animal ou vegetal.

<sup>29</sup>OLOR (ô) s.m. Odor, perfume. (poét.) cheiro agradável; aroma.

Ralar a mandioca no torno, assistir imprensar a massa no tipiti<sup>17</sup>, torrar a farinha, era tudo para nós o prenúncio da confecção dos bijus. E comíamos uma parte deles, ainda quentes, logo após serem retirados da grande frigideira adaptada ao fogão de barro, no alpendre a direita do paiol.

E agora na cidade grande, quando presencio a luta das mães para que os filhos se alimentem, recordo-me daquelas crianças lá da fazenda, fortes, saudáveis, dispostas ao trabalho e ao estudo, de apetite sempre voraz, e que a noite tomavam pratos fundos de leite com angú de fubá de milho, assado no forno do fogão de lenha e, iniciavam o dia seguinte com canecas de café com leite engrossado com farinha de fubá torrado.

Hoje eu bendigo, e do fundo do meu coração, a minha infância passada na fazenda da Serra.

E também bendigo a figura respeitável e tranqüila de minha avó, que tudo providenciava para que o abastecimento fosse farto e completo, jamais faltando legumes e temperos colhidos na sua horta, a hora de serem usados.

## **e) Refeições da Família**

As refeições eram servidas numa comprida mesa, na saleta junto à cozinha. Era um aposento simpático, tendo um envidraçado a direita, por onde se podia observar quem chegasse ou saísse, transpondo a porteira junto da casa. Havia uma porta e uma janela do lado das montanhas, mais uma porta comunicando com o corredor e outra com a cozinha.

Além das pessoas adultas, tomavam parte à mesa, as crianças, exceto as pequeninas. Meus avós presidiam a cabeceira. As crianças, não falavam alto a mesa. Tudo era muito natural, sem constrangimento. Quando alguém precisava chegar após o horário das refeições, seu prato era guardado na estufa do fogão.

O horário das refeições era o seguinte:

O café da manhã era servido na cozinha, em horário que ia de 5 horas da manhã até as 7 horas. – Constava de café, leite, pão e roscas de fabricação caseira. Havia sempre um café com leite engrossado com fubá torrado. Era preparado em uma caçarola preta, louçada na parte de dentro, e conservado quentinho na chapa do fogão.

O almoço às 10: 30.

A merenda ao meio dia.

O jantar às 4 horas.

A ceia às 8 horas da noite.

Todas as refeições eram fartas, variadas e gostosas. Muito leite fresco tirado ali mesmo, bem junto de casa. O café, torrado e moído na hora de ser coado. Queijo fresco, de fabricação caseira. Verduras, legumes e temperos verdes cultivados na horta e colhidos na hora de usar.

Frutas colhidas nas árvores e com fartura. Carnes variadas - galinha, pato, peru, porcos, lingüiça, carne de sol e de vez em quando carne de gado e de caça. Somente o sal era comprado e usava-se o sal marca "Touro", em grãos, e muito puro.

Eram bem alternados os gêneros. Porém jamais faltava à mesa – arroz, angú de fubá de milho, feijão e canjiquinha. As massas eram preparadas em casa, usando bastante ovos.

As sobremesas eram bem variadas, sempre apresentando três a quatro qualidades diferentes. O queijo mais corado era servido com os doces.

Parece que não se fazia outra coisa a não ser preparar comida e comê-la.

Porém, para contrabalançar, faziam-se muitos exercícios, principalmente as crianças que, a não ser durante o tempo do estudo, viviam correndo, subindo em árvores e fazendo estripulias.

Havia capricho na arrumação da mesa para as refeições. Toalhas de mesa brancas e limpíssimas. A louça de uso diário era branca, daquela célebre louça inglesa Iranstone, muito generalizada nas fazendas do Brasil e dos Estados Unidos, naquela época. Havia terrinas<sup>11</sup> e sopeiras lindas.

Ainda existe uma do aparelho usado na Serra. Hoje é peça de colecionadores.

Os talheres eram muito peculiares - de cabos pretos e decorados de metal dourado. Eram areados todos os dias com cinza.

Nos dias de festas ou de visitas raras, usava-se uma bonita louça azul, trazida de Portugal pelos velhos Machados. E usavam-se os talheres de Christofle. Havia peças de talheres de prata P Corôa vindas de Portugal.

Relendo uma carta de minha mãe, datada de 22-3-1946, escrita de Belo Horizonte (MG), onde fora visitar o irmão Alberto, chamou-me atenção o seguinte trecho: - "Dois dias antes da sua carta, estávamos (ela e o irmão) a noite na varanda e só falávamos da Serra - daquele cafezinho das horas, servido pela Narciza (a cozinheira) na varanda, já quase as escuras. Aqui também estava escuro, pois faltou luz".

Este trecho da carta de mamãe relembra uma daquelas pequenas e inesquecíveis "coisas da Serra", que não se esquece mesmo.

Quando leio, um trecho de romance, a cena de uma família reunida em torno da lareira, curtindo um calor gostoso, enquanto cai a neve do lado de fora, vejo logo o nosso fogão de lenha da Serra, no lugar da lareira – Grande, escuro, decorado de cobre e lustroso, sempre aceso, o dia inteiro. Também ele, o nosso fogão de ferro, transmitia um calor gostoso, hoje evocando saudade.

## **f) Medicina e Remédios**

Clima excelente, água pura e alimentação farta e saudável, certamente contribuíam para que a saúde na Serra, fosse a melhor possível. Mas em caso de alguém adoecer, era minha avó que medicava, consultando o seu "Chernoviz", um livro usado naquela época,

pelos boticários e indispensável aos fazendeiros. Era minucioso na descrição das doenças e indicava os remédios.

A prática e a vontade de ajudar a todos, tornou minha avó Donana a doutora de toda a redondeza. Sua farmácia, além da natureza, usando chás de ervas, folhas, cascas de árvores e raízes, era uma “Botica” – uma caixa de madeira com vidros contendo “bolinhas gostosas” e que a vovó guardava bem escondida, em seu próprio quarto, para que as crianças não devorassem os grãosinhos.

Diziam que aquelas bolinhas homeopáticas tão cobiçadas pelas crianças “se não curavam, também não matavam”. Havia outros medicamentos. Eram vidros maiores, contendo um líquido - tintura de camomila, de beladona, etc..

Na horta da fazenda havia um canteiro de ervas medicinais – erva-doce, erva cidreira, hortelã, macela, macelinha, guaco, salva, mastruço, camomila, poejo, etc. Eram usadas para chá, de acordo com o caso. Também eram usados outros tipos de chás - de canela, de cabelo de milho, macaé, quebra-pedra, romã, sabugueiro, alho, folha de goiabeira, de manga e de abacate, etc..

Também usavam-se xaropes – de casca de tronco de angico, de agrião e muitos outros. O sal (água com sal) era usado para machucados e para dor de garganta. Sal e vinagre para contusões. Meu Deus, como era imensa a farmácia de minha avó Donana!

Não conhecíamos o chá preto nem o mate, porém as crianças gostavam de tomar os chás de ervas e de folhas, desde que não fossem amargos e levassem açúcar. Aliás, gostávamos até de água com açúcar, a que chamávamos de “água doce”.

Quando alguém era picado por alguma serpente, chamava-se logo o “tio Vitor da Rose-na”. Ninguém, jamais soube quais eram as ervas usadas por ele, para ferver e banhar o local atingido. Além de banhar, ele extraía o suco da erva e dava ao doente para beber. E a cura era infalível, quando chamavam em tempo. Ele usava também chupar o local picado, para, dizia, retirar o veneno. Muitos anos após o falecimento do tio Vitor, e das serpentes terem ocasionado muitas mortes pela região, o meu irmão José trouxe uma plantinha que era considerada infalível para picadura de cobras. No local de onde trouxe, em Rio Pardo, hoje Lúna, davam-lhe o nome de “Segredo da China”, porque fora uma mulher chinesa quem revelou o segredo ao farmacêutico local - Ademar Vieira da Cunha.

Verificou-se então que na fazenda, aquela planta era nativa, e crescia em profusão à beira dos córregos. Estava descoberto o grande segredo do velho Vitor, segredo que ele preferiu levar com ele para o túmulo.

Nós crianças, tínhamos muito medo de cobras, porém para nos livrarmos delas, sabíamos uma reza que julgávamos infalível. Era a seguinte:

“São Bento, água benta.

Abaixa a cabeça, bicho mau,

E deixa o filho de Deus passar.”

Quando atravessávamos um lugar com muito mato, repetíamos a reza e corríamos até

sair do local perigoso. E como tínhamos fé! Todas nós trazíamos ao pescoço uma medalhinha de São Bento, junto a outras. E para retirar cisco dos olhos, rezávamos a Santa Luzia.

“Santa Luzia, passou, por aqui,  
Com seu cavalinho comendo capim  
Dei-lhe água, disse que não,  
Dei-lhe vinho, disse que sim.”

Enquanto se rezava, várias vezes, esfregava-se um dedo sobre a pálpebra. Havia também outras rezas das quais não me recordo bem. E quem nos ensinava todas estas rezas? Não sei. – Parece que a gente já sabia ao nascer...

Para dor de olhos usava-se uma erva que geralmente, se encontrava nos brejos. O seu nome era “olho de cobra”. Cozinhava-se um punhado da erva e banhavam-se os olhos. E havia outras para a mesma finalidade.

Para tosse usava-se xarope de agrião feito assim: - Colhe-se o agrião, lavam-se as folhas muito bem. Coloca-se numa vasilha que vai ao forno, uma camada de açúcar, outra de agrião e leva-se ao forno brando até formar um caldo que é o xarope. O nosso era feito com açúcar batido. Era gostoso. Muitas espécies de plantas eram usadas na Serra e muitas outras fazendas como remédios.

Hoje, quando vejo tantas pessoas as vezes de baixa renda, comprando medicamentos caros nas farmácias, fico me lembrando do nosso tempo, quando tomávamos os nossos chás, com folhas colhidas na horta ou em qualquer parte daquele magnífico ambiente, onde talvez o próprio ar que se respirava servia para curar as doenças.

## **g) Brinquedos e Divertimentos**

Comoveu-me a leitura do capítulo “brinquedos”, do livro de Axel Munthe- “O que o livro de San Michele não contou”. – Diz ele: “O mundo de brinquedos é uma miniatura fiel do nosso”.

Fui menina apaixonada pelas bonecas e confesso que ainda as aprecio. Primeiro era trapo, ou até uma abóbora-menina enrolada num pano que eu acalentava, cantando uma canção de ninar, tal como via minha mãe fazer. Depois minha mãe preta, a Mãe-Iná, fez-me as primeiras bonecas, umas bruxas de pano, vestidas de chita colorida e pelas quais eu tinha um encanto especial. E todas tinham nomes – Leonor, Joaninha, Luci, Celinha, nem sei mais quantas!

Em qualquer cantinho da casa, até em baixo da mesa do corredor, eu colocava meus trenzinhos e brincava feliz. Chamávamos de trens ao conjunto de coisas que agente juntava, e com as quais brincava-se.

Às vezes íamos eu, Amanda e Maria José, “brincar de mãe” no pomar. Junto de uma pedra, instalávamo-nos com as bonecas e os nossos trens – caquinhos de louças, ser-

vindo de aparelho de jantar, aparos de madeira colhidos na carpintaria do vovô, eram os móveis; e mais caixinhas, retalhos de fazendas, cabacinhas, botões e mil pequeninos, nada preciosos para nós. Outras vezes resolvíamos viajar e então, amarrávamos as bruxinhas num galho de árvore, cada uma de nós montava num galho flexível e balançávamos fingindo cavalos em galopes.

Um dia recebemos de presente a casa onde fora o velho moinho desativado. Era casa mesmo, com porta e janela, perto do pomar de cima, e da parreira. Começávamos então a preparar nossos cozinhados de verdade, preparando quitutes numa trempe de pedra no terreiro em frente a nossa casinha, onde cada uma de nós recebeu um lado da parede e instalava as bonecas e os seus trens.

O cozinhado era feito aos domingos e convidávamos sempre uma pessoa adulta para provar. E, como sempre acontecia, vovó fornecia-nos todo o material necessário. Só os temperos verdes colhíamos da nossa horta particular. Era uma festa só, e as bruxinhas tomavam parte. Um dia meu pai apareceu em nosso cozinhado. Foi uma honra! Eu trouxe todas as minhas bruxinhas para tomarem benção ao avô. Meu pai achou as netas tão feias que, na primeira oportunidade trouxe-me uma bonequinha alemã, com cabeça, pés e mãos de louça num corpo de pano. Achei-a linda e dei-lhe o nome de Joaninha.

Bonecas de porcelana eu só vi depois dos 13 anos em Vitória, no Palácio do Governo, com uma prima de 7 anos.

Outra brincadeira teve muita importância para mim – as de roda, no terreiro de café da fazenda, com meninas da colônia que vinham aos domingos, nas noites de luar e durante o mês de maio para a ladainha. Nestas noites, cantava-se, dançava-se e brincávamos de muitas maneiras, até que a certa hora, uma luz surgia numa das janelas da casa e alguém chamava para rezar o terço. Ninguém se aborrecia porque, depois do terço, também havia cânticos. Lembro-me das seguintes cantigas de roda:

“Pobre viúva  
Penedo vai... Penedo vem  
Barca Nova  
Carneirinho, Carneirão...  
Tenho uma Linda Laranja  
Terezinha de Jesus  
Ciranda, Cirandinha  
Gata Espichada  
Ó Bela Lília  
A Canoa Virou  
Eu sou Pobre, Pobre  
Meu Amor é Marinheiro”.

Além das cantigas de roda, haviam outras brincadeiras:- de pique, de passar anel, de

chicotinho queimado, de fita, de compadre José do Carmo, de boca de forno, de pular corda, de angolinha. Também às vezes brincávamos ao redor da fogueira, muito interessante passar sobre brasas, fazer comadres e compadres, assar batatas, aipins e canas na fogueira.

Os passeios à colônia era um bom divertimento para as crianças.

Quando havia derrubadas de árvores, toda a família assistia ao tombamento das maiores. Dar uma voltinha no carro de bois, ou a cavalo, era sempre um bom divertimento.

De quando em vez tomávamos parte em uma visita a outras fazendas – Independência, Sossego, Santo Antonio, Prata e às vezes até o Macuco e os Alpes.

Quando alguém ia à Castelo, as crianças a tardinha, ficavam espreitando, da varanda, porque quase sempre aguardavam alguma encomenda - umas balas, pão ou um modesto brinquedo. A chegada da Folia de Reis ou da tropa da fazenda e até do carro de bois, a tardinha eram esperadas com alegria pelas crianças.

Engana-se quem supõe ser monótona a vida nas fazendas de outrora. Pelo contrário, era repleta de distrações e muito encantamento.

Os meninos brincavam bem diferente. Lembro-me de vê-los jogando pião de madeira, feitos por meus tios. Os menores gostavam muito de brincar de carrear, imitando a linguagem usada pelos carreiros e boiadeiros. Costumavam prender dois sabugos de milho, com uma canga feita por eles, e a exemplo do que viam os empregados fazerem, reuniam várias juntas e puxavam produtos agrícolas. É bem o que diz Axel Munthe – “o mundo dos brinquedos é uma miniatura fiel ao nosso mundo” - tanto as meninas como os meninos, imitavam o trabalho dos adultos sob a forma de brincadeira. Não havia menina que não montasse no “seu cavalinho de pau”, nem puxasse seu carrinho de madeira. Nem menina que não brincasse de cozinhado.

Também os adultos tinham suas horas de lazer. De quando em vez, em noites de luar, vinham os músicos da colônia trazendo seus instrumentos musicais – harmônicas, flautas de bambu, etc. e havia música, dança e cantoria, no terreiro da fazenda. A família vinha para fora e animava os folguedos. E as crianças tomavam parte ativa em tudo.

Quando fazia muito frio os serões eram animados por uma grande fogueira. Não faltavam bailes nas fazendas vizinhas e na colônia e, já se sabe, a rapaziada comparecia. As caçadas eram muito apreciadas. Contavam-se casos das caçadas de espera, quando levavam as vezes a noite inteira tocando pacas e, esporadicamente, alguma onça que atacava os animais domésticos.

Também gostavam de escalar montanhas e, certa vez subiram os Forno – Grande. Meu avô gostava de caçadas e tinha sempre seus cães de caça. Eram agradáveis os domingos na fazenda. Havia iguarias especiais à mesa do almoço – uma leitoa assada inteira; frangos e patos assados, uma boa macarronada e sempre sobremesas especiais.

Pela manhã vinham pessoas da colônia, os homens somente, para um jogo de malha no terreiro, ou para simples bate – papos em grupos.

Lembro-me de ver os pretos principalmente os “Marcelinos”, vestidos de roupas dominigueiras, chapéus coloridos e de pés descalços. Chapéu colorido era um luxo!

À tarde vinham as famílias - as meninas para as brincadeiras de roda, os meninos jogavam pião e bodoque.

As mães vinham carregando as crianças pequenas, as italianas envolvendo os bebezinhos em toalhas bordadas, trazidas da Itália.

As moças tinham amigas nas fazendas vizinhas e encontravam-se sempre.

Freqüentavam bailes e festas, acompanhadas dos pais ou dos irmãos. As vezes vinham à fazenda, primas ou amigas e passavam dias na Serra. Em casa mesmo dançavam ao som do piano, principalmente nos dias em que o professor de música permanecia na fazenda. Gostavam de recitar poesias e de cantar modinhas não raro ensinadas pelo professor de música.

Naquele tempo, não existiam rádio nem televisão; mas havia sempre um jeito qualquer de comunicação e lá naquele cantinho distante, chegavam as novidades e reinava alegria, aquela própria mocidade.

## **h) A Vida Social da Família**

Nenhuma família pode viver completamente isolada, sem o convívio com as pessoas de seu nível social e de outras, mais humildes, que contribuíam com o seu trabalho para o bem estar e o conforto de seus familiares. Principalmente outrora quando as famílias, em geral eram numerosas e o ambiente um tanto agreste e desconfortável.

Quando meus avós organizaram sua propriedade na Fazenda Vista Alegre construíram sua família, além do ambiente ser desconfortável, os meios de transporte eram muito precários.

Entretanto com referência a vida social, as coisas foram mais fáceis. Porque meu avô havia morado sempre ali mesmo, desde menino, e seus pais e irmãos estavam por perto. Custódio, um deles, casara-se no mesmo dia que ele e com uma irmã de sua esposa. Sua irmã Maria e outros parentes moravam por perto, com suas respectivas famílias. Era um bom começo. Além disso, eram fortes os laços de amizade com a família de sua esposa – pais, irmãos e outros parentes. Havia muita solidariedade entre todos os fazendeiros do Vale do Castelo, que estava povoado de ricos fazendeiros, vindos de Valença (RJ), terra de meu avô José da Rosa. Além de amigos, estes fazendeiros eram aparentados e o relacionamento com eles era muito bom.

Além de amigos e considerados como parentes, no futuro os laços de amizade entre muitas famílias vieram a consolidar-se através dos casamentos ocorridos entre elas.

Agostinho (Machacinho) o filho mais velho de José e Ana, casou-se com Guiomar, neta dos proprietários da Fazenda da Prata e filha dos donos da Fazenda São Cristóvão.

Celsa, a terceira, casou-se com Pedro de Almeida Ramos, filho de Bernardo de Almeida

Ramos e Isabel Vieira de Almeida, da Fazenda Povoação.

Bernardo aproximou-se da Fazenda do Macuco e mais tarde, da Independência.

Agripina, a quarta filha, casou-se com Acácio, irmão do esposo de Celsa. Mais tarde Bráulio o quinto filho, casou-se com Olympia Vieira, da Fazenda do Fim do Mundo.

Assim, se as famílias já eram amigas, com os casamentos, os laços de amizade mais se acentuaram e melhor ainda, tornou-se o relacionamento mais forte entre elas.

Cada fazendeiro tinha suas datas especiais para comemorar. E para estas festas, todos os fazendeiros amigos eram convidados e não deixavam de comparecer. Então deslocavam-se famílias inteiras, a cavalo, e durante vários dias cumpriam programas divertidos. Encontravam-se parentes e amigos, trocavam-se sugestões, reavivavam-se velhas amizades.

Quando algum fazendeiro recebia hóspedes ilustres em sua residência, oferecia recepções para que pudesse apresentá-los aos amigos e vizinhos.

A celebração dos casamentos era sempre pretexto para grandes festas e para aproximar os amigos. Porém quando surgia uma desavença entre famílias, o fato era profundamente desagradável e trazia constrangimento a todos.

Mamãe falava-me de amigas que ela teve em fazendas bem distantes da Serra, com o Bananal onde as festas eram memoráveis.

A distância um tanto longe da fazenda dos Alpes, jamais perturbou o convívio com os nossos bisavós, e foi lá que aos 5 anos e pouco, eu compareci a uma festa de verdade, nas bodas de ouro dos velhos fazendeiros.



FOTO Nº 22 - Bodas de Ouro do Casal Agostinho e Violante - Fazenda dos Alpes - 1907.

(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

Muita coisa poderia ser dita sobre a vida social daquelas famílias que outrora existiam por todo o Sul do nosso Estado. Famílias que ainda continuam nos seus descendentes, usando nomes diferentes pelos casamentos, mas que outrora faziam parte das que conviviam com os nossos antepassados.

## i) Polca de Versos

Gosto de trovas, sempre gostei. Pesquisei-as desde quando comecei a escrever. Aprendi a conviver com elas e a apreciá-las com os trovadores caipiras da nossa fazenda. E também com as meninas pretinhas que me seguravam as mãos durante as brincadeiras de roda.

Meu primeiro caderninho de trovas era entremeado de cromos colorido. Aqueles inesquecíveis cromos de flores, de cabecinhas de anjos, de mãos entrelaçadas, de corações e inúmeros outros feitios. Apareciam nem sei como, mas eram encantadores.

Na introdução do livro número um, da coleção “Trovadores Brasileiros”, escrito por Belmiro Braga, Luiz Otávio denomina de trova uma composição poética de quatro versos com seis sílabas, rimando pelo menos o 2º com o 4º, tendo um sentido completo.

Embora a trova tivesse boa aceitação nas classes altas, o gênero literário é amado especialmente pelo povo, que não só compõe como as aplica em folguedos de crianças e de adultos. Aparecem nas brincadeiras de roda e em outras ocasiões entre as crianças.

Nos bailes da Colônia da Fazenda da Serra havia brincadeiras curiosas, inclusive a “polca de versos”. Constava o seguinte:

O sanfoneiro do baile tocava uma animada polca e de quando em vez parava repentinamente de tocar. Naturalmente as danças também cessavam. E no silêncio da sala o par que estivesse junto ao músico era obrigado a dizer uma trova sob pena de pagar multa. Havia muita alegria e animação durante este folguedo.

Geralmente as moças e rapazes preparavam-se decorando e até compondo trovas para entrarem na brincadeira. Nesta oportunidade havia até discretas declarações de amor.

Quando mais tarde eu voltava à fazenda, organizavam-se bailes e eu aproveitava para colher trovas. Cheguei a possuir uma grande coleção delas.

Seguem algumas trovas de nossa coleção:

A FOLHA DA BANANEIRA  
DE COMPRIDA FOI AO CHÃO  
A BOCA DO MEU AMOR  
DE TÃO DOCE AÇUCAROU

A AÇUCENA QUANDO NASCE  
TOMA CONTA DO JARDIM  
EU PROCURO MAIS NÃO ACHO  
QUEM TOME CONTA DE MIM

A FOLHA DA BANANEIRA  
DE COMPRIDA FOI AO CHÃO  
MAIS COMPRIDA FOI A VIDA  
QUE AMARROU MEU CORAÇÃO

A AÇUCENA QUANDO NASCE  
PÕE A RAMA PELO CHÃO  
A MOÇA QUANDO NAMORA  
PÕE A MÃO NO CORAÇÃO

LÁ DO CÉU CAIU UM CRAVO  
DE TÃO ALTO DESFOLHOU  
FUI COLAR FOLHA POR FOLHA  
PRA JOGAR NO MEU AMOR

ALECRIM DA BEIRA D'AGUA  
NÃO SE CORTA COM MACHADO  
SE CORTA COM CANIVETE  
DO BOLSO DO MEU NAMORADO

ALECRIM VERDE È FIRMEZA  
ALECRIM SECO É SAUDADE  
DESFOLHADO É CIÚME  
COM FOLHAS MUITA AMIZADE

A FOLHA DO ALECRIM  
SÓ BALANÇA COM O VENTO  
A QUEM DEI MEU CORAÇÃO  
NÃO TENHO ARREPENDIMENTO

ALECRIM A BEIRA D'AGUA  
NÃO DA FLOR NEM SEMENTE  
O RISO DESTA MORENA  
DÁ INVEJA A MUITA GENTE

MEU AMOR MORA NO MORRO  
CERCADINHO DE ALECRIM  
O AMOR QUE EU MAIS ADORO  
MORA DISTANTE DE MIM

MENINA, MINHA MENINA  
CINTURINHA DE RETRÓS  
DÁ UM PULO NA COZINHA  
VÁ BUSCAR CAFÉ PRA NÓS

MENINA CASA COMIGO  
QUE EU SOU BOM TRABALHADOR  
JÁ TENHO MILHO PENDOANDO  
E FEIJÃO BOTANDO FLOR

MENINA QUANDO TU FORES  
ME ESCREVAS LÁ DO CAMINHO  
SE NÃO TIVERES PAPEL  
NAS ASAS DE UM PASSARINHO

MENINA SE VOCÊ SOUBESSE  
QUANTO LHE TENHO AMOR  
TU CAÍA NOS MEUS BRAÇOS  
COMO O SERENO NA FLOR

MENINA DE OLHOS PRETOS  
ME DA ÁGUA PARA BEBER  
NÃO É SEDE NÃO É NADA  
É VONTADE DE TE VER

ME PUS A CONTAR ESTRELAS  
CONTEI NOVE CONTEI DEZ  
QUANDO FUI CONTAR ONZE  
CAÍ MORTA A TEUS PÉS

MEU AMOR É PEQUENINO  
DO TAMANHO DUM BOTÃO  
ASSIM MESMO É QUE EU QUERO  
PRA CABER NO MEU CORAÇÃO

MEU AMOR NÃO DIGA ADEUS  
QUEM DIZ ADEUS VAI MORRER  
DIGA SEMPRE ATÉ LOGO  
QUE EU ESPERO POR VOCÊ

MENINA QUEM FOI QUE DISSE  
QUE EU DORMINDO SUSPIRAVA  
QUEM TE DISSE NÃO MENTIU  
QUE POR TI SUSPIROS DAVA

MENINA DIGA A SEU PAI  
QUE ELE DIGA A QUEM QUISER  
QUE ELE HÁ DE SER MEU SOGRO  
E VOCÊ MINHA MULHER

LA VAI A GARÇA VOANDO  
COM PENAS QUE DEUS LHE DEU  
CONTANDO PENA POR PENA  
MAIS PENAS PADEÇO EU

AQUI MANDO QUATRO RODAS  
NA PONTA DE UIM ALFINETE  
MEU CORAÇÃO VAI NO MEIO  
ENFEITANDO O RAMALHETE

LÁ VAI A GARÇA VOANDO  
POUSA AQUI, POUSA ACOLÁ  
A PROCURA DE AMOR FIRME  
QUE EM NOSSA TERRA NÃO HÁ

MEU CORAÇÃO COITADINHO  
NÃO FALA E NEM APARECE  
SE MEU CORAÇÃO FALASSSE  
CONTARIA O QUE PADECE

ALECRIM DA BEIRA D'ÁGUA  
MANJERIÇÃO DA OUTRA BANDA  
QUERO TE AMAR, MENINA  
NEM QUE CORRA UMA DEMANADA

MINHA MÃE BRIGOU COMIGO  
POR CAUSA DE UM TOSTÃO  
QUANTO MAIS SE ELA SAUBESSE  
QUE EU NAMORO UM CAPITÃO

ALECRIM DA BEIRA D'ÁGUA  
NÃO SE CORTA COM MACHADO  
SE CORTA COM CANIVETE  
DO CABO DE MARFIM DOURADO

LÁ NO ALTO DAQUELE MORRO  
PASSA BOI, PASSA BOIADA  
TABÉM PASSA A MULATINHA  
DE CABELO CACHEADO

LÁ SE VAI MEU CORAÇÃO  
PARTINDO EM QUATRO PEDAÇOS  
ELE VAI MEIO VIVINHO  
VAI MORRER EM TEUS BRAÇOS

## **j) Cartas Antigas**

Quando das comemorações do centenário da casa da Fazenda da Serra, apresentamos um pequeno museu contendo objetos que pertenceram a fazenda.

Entre outros, havia uma coleção de cartas antigas, de pessoas da família. Na caixa de madeira onde estavam as cartas, colocamos uma etiqueta - "CARTAS ANTIGAS".

Minha impressão era que ninguém se interessaria pelas cartas. Mas enganei-me, pois ao entrar na sala onde havíamos instalado o museu, logo depois de chegarem os convidados, deparei com a caixa vazia e vários primos lendo as cartas. À minha chegada iniciaram uma série de perguntas, comentando trechos curiosos das missivas, principalmente das de nosso bisavô Agostinho Ferreira dos Santos.

Havia certas escritas desde 1880 e alguns tecendo comentários sobre os tempos difíceis e pessoas importantes da época.

E, como tudo tem suas histórias, descrevi como consegui a maioria daquelas velhas missivas.

Em uma de minhas visitas à Fazenda da Serra, há muitos anos, passando pelo corredor da casa deparei com uma escada apoiada à parede do lado do forro dos quartos.

O corredor não possui forro, deixando a vista o reverso das telhas francesas legítimas, com o carimbo da firma de Mardeille que forneceu as telhas para cobertura da casa de residência da fazenda.

Vendo a escada senti vontade de subir e dar uma olhada pelo forro dos quartos, tal como fazíamos nos tempos de criança. Na penumbra pude perceber algo espalhado, coisas sem importância, porém, para minha surpresa, bem perto, ao alcance das mãos havia um pacote feito de jornal e amarrado com uma tira de pano. Desci a escada com o embrulho, naturalmente.

Sentei-me no banquinho da varanda do jardim e curiosa abri o misterioso embrulho, e assustei-me quando vi aquela coleção de cartas antigas, bem dobradas e apresentando belas caligrafias.

Comecei a ler as assinaturas das cartas – Agostinho F. dos Santos, Ana Alves F. da Rosa, Violante F. dos Santos, Emília... E foi por aí.

O tempo parou pra mim e mergulhei nos assuntos da época das cartas.

Tão absorta estava na leitura que me assustei quando alguém falou perto de mim. Era meu tio Bráulio.

Conclusão, ninguém sabia a quem pertencia aquele tesouro, nem como fora parar lá no forro da casa.

Naquela noite o serão foi na sala de jantar ao redor da grande mesa dos banquetes de outros tempos, junto de um lampião.

Apreciamos as caligrafias, a maneira de redigir, e, principalmente os assuntos.

Tudo parecia tão real, como se escritos na época e aquelas cartas antigas eram todas de entes queridos que há muito haviam partido para outras regiões bem distantes.

- ✓ do Jonathas ao Mário Serrano, Nova Friburgo (RJ), 10 de Dezembro de 1917;
- ✓ da Viscondessa de Duprat ao Mário, Rio de Janeiro (RJ), 09 de Abril de 1918;
- ✓ da Isabel para o Mário, Teresópolis (RJ), 27 de Março de 1931 e
- ✓ do Mário Serrano ao Governador Jones dos Santos Neves, Vitória (ES), 31 de Março de 1944.

Novo Friburgo, 20. Dezembro. 1917.

Carissimo Mario

Escrevo-te a uma hora, após ter  
feito descanso do almoço. O dia está  
bellissimo, todo azul, azul e verde,  
uma temperatura deliciosa, bem di-  
versa, imagino, dessa dahi, que hoje  
deve estar insupportavel, si a pre-  
visão do Observatorio ainda uma vez  
por acaso não falhar.

As filhas do Senador Aldem Baptista  
improvisaram um pic-nic no Bonéz,  
ponto arborizado e não muito distante,  
e viram honteras á noite convidar-nos  
especialmente para este passeio campestre.  
Sr. Carlos foi. Prefiro ficar, com Celeste,  
Nereu e os pequerruchos. Depois da  
Janta das 8/12, não muito, andámos  
uma hora de bicycleta, gozamos da

funciona do jardim e deixamos para a gente mais desmontada os encontros do pic-nic. A noite hábito há no Hotel Internacional, por-me Elaburstein nos convidaram, mas também só Carlos irá.

Ontem à noite assisti ao nick e a uma serenata no Supino. O lugar estava de veras poético, e a perspectiva da Avenida Tribuna, ao longo do rio Burgata, vista da ponte da rua Riachuelo, com as luzes distantes, as sombras da água do anvedo marginal, e um céu de nuvens prateadas, tudo certo seria um belo quadro a um pintor inglês. Simista.

A vida do Rio a princípio foi pensosa, com muito fô. A gente do meu vagão foi um tanto caporosa: um pequeno deixou cair na janela o gato kati e um rapaz perdeu

a primeira vez no leito da estrada. Veio  
fiquei depois, ao commentarmos o caso,  
que era um ex-alumno meu do  
Paulista Freitas, hoje muito amador de  
medicina: como a gente envelhece!...

Manda-me noticias de Mamãe, dos  
teus negocios, das despedidas na M. V.  
Seu cartão se houver ja chegou  
hoje, ao meio hozas, pelo trem da  
manha.

Esta vai expressa, para chegar  
amida hoje, com estas boas noticias  
tranquillizadoras.

Espero descer no dia 2 de  
Janeiro, Deo volente.

Beleste manda tambem a Mamãe e  
a te tambem. Os pequenos dizem ter saudades  
de N. S. Ignaz. Os grandes tambem...  
Um abraço saudoso de  
Jonathas.

ILLUSTRAÇÃO N° 03 - Carta do Jonathas (Irmão do Mário, Casado com Isabel) ao  
Mário - Nova Friburgo (RJ) - 10 de Dezembro de 1917.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

94

Amigo querido Mario.

Não tive vagar para escrever-te  
uma cartinha em agradecimento  
às felicitações pelo dia 15; guardei  
entre tantos o teu estimado cartão,  
para o fazer em primeiras occasiões.

Esperava com prazer a  
tua vinda aqui n'esse dia, ale-  
gra me vendo-te brincar animado  
com meus filhinhos, pois que  
vão considerar-te como um irmão  
quinho seu, pela innocencia e  
virtudes que possues. Sempre  
consagrei-te especial carinho, e

estimando a teu bom Mano,  
como um verdadeiro filho,  
quero ao meu Mario como  
um outro filhinho.

Agora espero a sua visita  
em paga do dia 15.

Muito obrigado foi o bonito  
dado que me offerceastes, e que  
mais nunca me agradeço.

Abraça a tia querida,  
Mamãe em meu lugar,  
e aceita m<sup>as</sup> lembranças de todo  
da amiga m<sup>a</sup> sincera.

Visc  
- de Duprat

17-10-912.

Ao bom e pezado Mario mil  
felicitações pela  sua festa. —  
amiga sincera e dedicada  
Viscondessa de Duprat.

Rio, 9-4-918 —

Quintas-feiras

Rua Bom Pastor, 110

ILLUSTRAÇÃO Nº 04 - Carta da Viscondessa de Duprat (Esposa do Jonathas) ao  
Mário - Rio de Janeiro (RJ), 09 de Abril de 1918.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

Therzopolis, 27/3/31

Meu querido Mario,

"Não te deves abater nem desesperar ...  
as inverno succede o verão, depois da noite volta o  
dia, e depois da tempestade a bonança."

Ontem, após o jantar, ouvi um pouco de piano e comecei a ficar triste. Fui então para o quarto e abri a "Imitação de Christo" onde li este trecho acima e fiquei confortada. Não tinha recebido cartas pois quem as recebeu havia esquecido de m'as entregar - eram duas. Imagina a minha patética facead recebendo dois thesouros depois de ler tão bello capitulo - foi a bonança depois da tempestade...

Passei uma noite calma e sorri muito contigo - ponto místico e bom. Hop levantei-me as 7 horas e vim para o caramanchão para te escrever respirando o furo ar da manhã, sentindo cheiro de matto.

As ultimas cartas que te mandei foram

muito ruins, não? Não sei porque, nesta última eu me sentia nervosa que nem sei o que ocorreu. Estava talvez aborrecida por causa do "fogo" (o que graças a Deus souzou) da algararia que vinha da sala.

Meu caro Mario, a casa de Fabiola tem me lembrando muito a nossa. É pequena e muito engraadinha mas mobilhada com muita simplicidade. Imagina que a sala de jantar, isto é, os móveis, custaram 400k000 e são engraadinhos! A nossa será assim, se Deus quiser. Mais uma vez eu me convenceo de que não são a riqueza e o luxo que tomam um lar agradável. Depois te explicarei como faremos... Este cartão que envio a D. Iquez, vê-se a Villa Irome, de lado.

Conforme disse na última carta, tenho feito ótimos passeios. Theresopolis é um lugar privilegiado. A sua natureza é o que se foca a fazer de mais lúido. Não te posso escrever contos devido a dificuldade de escrever pojinha. Já muito cedo ou tarde da noite posso escrever sem

barulho meu testemunhas. Também estou muito "ferrá". Veja como são as minhas cartas horríveis. Mas eu não me tenho preocupado com isto. Só quero é pôr-te a par de tudo que me vai acontecendo - escrevo-te ao pover da pena, abrido a pluma e o coração como quem fala consigo mesmo. Não é assim que queres?

De saude vou melhorando. Só engordei 25kg mas sinto-me mais forte e acredito que me libere depois. Até ontem não tinha feito coisa alguma. Bom, porém, passei o dia todo em casa resolvi tomar a primeira aula de pintura. Gostei muito do genero de distração e a professora fez-me tantos elogios que quasi acreditei que ainda "pintarei", embora já tão velha!

Meu filho não tenha feia de sua noivinha. Gostei bastante della e é o suficiente para formala a mais feliz das noivas. Si nos encontramos no caminho da vida foram os desígnios de Deus - porque merecemos um ao outro - Estou sem chuis de esperanças e quero lucrar essa estadia em Therzopolis. Si não melhordi muito nos primeiros dias, com alguns mais recuperarei vinte outros mais acostumada. Os medicamentos estão terminando porém acho conveniente não

renova. lol - o clima e o repouso completarão  
a obra, não acha?

Fala-me sempre de ti, aqui? Se também  
estás bem e se estás cumprindo os artigos promet-  
tidos. Basta-me a ideia de estares melhorando para  
eu passar bem. Não vens até aqui Domingo? Era  
um ótimo passeio e eu ficarei tão contente!...

Vou passar o dia muito alegre, ahim? Agora  
vou dar um passeio e passar no correio pois  
sou eu quem leva as cartas que ~~te~~ escrevo.

Mamãe não me escreve ainda.

Recomenda-me a todos. Um abraço carinhoso  
para D. Iquez.

Abraços de Isabel

ILLUSTRAÇÃO N° 05 - Carta da Isabel Para o Noivo Mário - Teresópolis (RJ) -  
27/03/31.

(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

Vitória, 31 de março de 1944.

Prezado Jones.

Após meditar sobre o assunto da conversa que tivemos hoje, resolvi escrever-lhe esta carta afim de apresentar o meu pedido de demissão do cargo de Secretário do Chefe do Poder Executivo, para o qual fui nomeado pelo decreto N.º 15094, de 28 de outubro de 1943.

Em o fazendo, quero valer-me da oportunidade para exprimir os meus melhores agradecimentos pela prova de minha confiança com que me honrou, convidando-me para colaborar na administração como Secretário do Governador deste Estado.

Atendendo às nossas boas relações de amizade, aguardarei, à sua disposição, haja sido feita a sua escolha quanto ao meu substituto.

Confirmando-lhe os sentimentos de minha mais alta consideração e particular estima.

Mário Serrano

ILLUSTRAÇÃO N.º 06 - Carta do Mário Serrano Para o Ex-Governador Jones dos Santos Neves - Vitória (ES) - 31/03/44.

(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

## k) A Roupa na Fazenda

Toda a roupa de uso na fazenda era confeccionada em casa. De início eram costuradas à mão. Depois apareceram máquinas de costura, pequenas, tocadas à manivela. As vezes as meninas tocavam a manivela enquanto a costureira dirigia a peça de roupa.

Para as donas de casa, na época, aquelas máquinas representavam grande ajuda, principalmente para costurar calças para os homens, confeccionadas de tecidos espessos. Contam que minha bisavó, Violante, da Fazenda dos Alpes, todas as vezes que iniciava uma costura na sua pequena máquina “Família” rezava pela criatura que inventara tão preciosa e útil máquina. Hoje elas constituem peças de museu ou antiguidades conservadas em residências particulares.

Em grandes fazendas de outrora, como a da Prata, por exemplo, plantava-se algodão para tecer as fazendas usadas nas roupas dos escravos. Também criavam carneiros para usarem a lã na confecção de cobertores. Utilizavam-se ervas locais para colorirem as fazendas tecidas em casa. Havia escravos especializados nesses tipos de atividades.

Na Serra, compravam-se os tecidos necessários, porém toda a roupa era confeccionada por escravos, por minha avó e mais tarde por minhas tias.

Não pretendo descrever como eram as roupas de cama e mesa na Serra. Sei apenas que eram simples, de tecidos de boa qualidade e sempre claras e perfumadas com ervas aromáticas.

Minha avó dispensava cuidados especiais a toda roupa e haviam ótimas lavadeiras e excelentes engomadeiras. O lavadouro era um grande cocho de madeira, com duas tábuas, meio inclinadas para ensaboar a roupa e entre as duas corria um jato de água límpida, trazida por um cano grosso instalado no pequeno córrego puxado pelo meu avó quando fez a distribuição da água pela fazenda. Junto ao lavadouro havia uma pedra escura, meio inclinada e as lavadeiras iam jogando cada peça ensaboada sob a pedra onde o sol batia em cheio. Era o coradouro natural. Os varais distribuídos por perto, em meio a outras pedras, sob um chão verde de capim. A roupa secava ao sol, balançando-se ao vento. Era gostoso de se ver.

As meninas da família eram designadas a dobrar as peças depois de secas. Cada menina segurava na ponta dos lençóis e das toalhas de mesa e iam dobrando, pelo direito da peça, esticando bem até atingirem o tamanho desejado. Toda roupa era depositada numa cesta de taquara feita pelo balaieiro da fazenda. Tínhamos que executar bem a tarefa, para receber a inspeção rigorosa da vovó.

Depois de passadas a ferro, com um grande e pesado ferro à brasa que as pretas chamavam de maxambomba<sup>30</sup>, eram arrumadas em pilhas homogêneas num tabuleiro de

---

<sup>30</sup>MAXAMBOMBA, s.f. (bras. do sul) Pesados carros movidos a vapor, que se usou em Porto Alegre durante pouco tempo; trole que se usa nos portos do rio Taquari, para o serviço de carga e descarga dos vapores; carro de estrada de ferro. (pop.) Ferro de passar roupas.

madeira. Somente minha avó ou uma das tias as colocava no armário de roupa. O armário de guardar roupa da casa merece referência especial. Foi feito na oficina da fazenda, com mais ou menos 1,60 de altura, e 1,25 de largura. Possuía 5 gavetões de apenas 15 centímetros de altura.

Cada gavetão era forrado por uma toalha com um crochê largo numa das pontas. Depois de arrumado cada tipo de roupa num dos gavetões, cobria-se com as pontas das toalhas, deixando o crochê para cima. Nas portas do armário pelo lado de dentro, havia gravuras coloridas coladas. Ao abrir o armário vinha um perfume gostoso de ervas aromáticas colhidas na horta. Nunca me esqueci daquele armário.

Do enxoval de minha avó conheci poucas peças – 1 lençol com barra de crochê, fronhas com as partes superiores trabalhadas em finíssimo crochê ou crivo.

Parece que o maior capricho naquela época, era dispensado às fronhas e às toalhas para mãos e rosto. Elas eram de linho e nas duas extremidades exibiam entremeios e pontas de crochês ou de crivo. Eram lindas e traziam marca da família. Tenho ainda seu lenço de casamento com uma barrinha feita de crivo finíssimo. Aproveitei o modelo do crivo para repetir em peças de meu enxoval e feitos por vovó.

Aliás, tive oportunidade de observar que entre colonos italianos, as noivas davam a maior importância as toalhas da polenta – Eram confeccionadas de tecidos de sacos de farinha de trigo muito bem alvejadas. As extremidades das toalhas eram arrematadas com um macramê<sup>31</sup> singelo feito do próprio tecido, desfiado: E toda a toalha era bordada em linhas coloridas e motivos populares da Itália - Corações, pássaros, flores agrestes. Com aquelas toalhas cobriam a polenta depois de jogada na tábua de cortar, usando um fio. Foram as únicas peças de roupa que minhas amigas italianas da colônia exibiam do seu enxoval. Os travesseiros também mereciam atenção especial na Serra.

No corredor da casa havia uma arca de jacarandá onde eram guardados os travesseiros para hóspedes. Naquela época além dos comuns usavam-se um pequenino, para cada pessoa.

Colher a paina na época certa e prepará-la era um cerimonial que se repetia quase todos os anos. A paina seca e fofa era colocada primeiro numa capa de tecido espesso, e depois em outra de fazenda acetinada, azul ou cor de rosa. Os mesmos enfeites usados nas fronhas maiores eram repetidos nas menores. Usavam-se finos crochês ou crivos nas fronhas, e cores iguais nos grandes ou nos pequenos travesseiros. Eram macios, um verdadeiro convite para o sono tranqüilo e lindos sonhos.

As roupas do neném. Todas as vezes que a vovó abria um certo baú, onde, entre outras coisas, eram guardadas as primeiras camisolinhas, célebres “camisolinhas de pagão”, usadas pelos seus 12 filhos, lá estávamos nós, as meninas. Em cada uma havia diferente modelo de rendinha de bilro<sup>32</sup> feita pela vovó. Os modelos também eram diferentes,

---

<sup>31</sup>MACRAMÊ, s.m. espécie de passamanaria feita de cordão trançado e enodado; tipo de linha ou fio próprio para bordados e crochês.

<sup>32</sup>BILRO, s.m., Peça de Madeira, em forma de fuso, com que se fazem as rendas numa almofada. (fig) homem pequeno; abonecado; manequim.

todas costuradas à mão.

De vez em quando aquele baú era aberto e as roupinhas colocadas ao sol. Vovó deixava-nos segurar em cada uma e procurar descobrir a quem pertencera, pelas letras bordadas no canto da camisolinha, ao lado direito. Naquele tempo os bebês usavam outras peças de roupa, touquinhas, coeiros, cinteiros e outras. Para nós eram apenas misteriosas roupinhas de boneca.

E até hoje o perfume de alfazema lembra-me roupas de neném e o perfume dos armários da Serra.

Havia outro aspecto interessante no que se refere ao uso de roupas na fazenda da Serra. Aos domingos, desde pela manhã, as meninas usavam um dos vestidos de passeio. E assim permaneciam o dia todo. E tínhamos cuidado com o vestido domingueiro, porque aos sábados nossa mãe-preta caprichava em engomá-los e também as combinações rodadas, com fitas nos bordados e nas rendas. E havia motivo para estes cuidados porque a sede da fazenda era o centro social do lugar. Na parte da tarde começavam a chegar os colonos com suas famílias. Parecia dia de festa - Os homens não dispensavam seus chapéus coloridos e camisas brancas, embora descalços. As colonas italianas traziam seus chales coloridos e as meninas laços de fita nas tranças e vestidos compridos - umas gracinhas.

As bonecas também trocavam de vestidos. Alguns homens traziam seus instrumentos - sanfonas e flauta de bambu. A tarde havia a recitação do terço e cantava-se a ladainha. Eram gostosos os domingos lá em nossa fazenda.

## **I) Pessoas que Trabalhavam e Conviviam com a Família**

Quando meus avós casaram-se em 1876, ainda existia escravidão no Brasil. E o casal trouxe alguns escravos, com os quais José construiu sua propriedade e suas lavouras. Com as mulheres, Ana organizou a vida doméstica da fazenda.

Não possuo elementos para determinar de quantas pessoas dispunha minha avó para executar as tarefas caseiras.

Ouvi falar de uma escrava Silvana que foi a mãe-preta dos filhos mais velhos de vovó e a quem as crianças apelidaram de Maivana. E havia as meninas Rita, Cantídia e Angela. Também a Rosana, casada com o Vitor.

O ambiente entre os escravos era muito bom. Jamais ouvi falar que houvesse qualquer instrumento de suplício na fazenda, e nem mesmo em senzala.

Relembrando agora as pessoas da família, e mergulhando no passado da fazenda da Serra, é natural que surgisse também a lembrança de pessoas que ajudaram a fundar e a desenvolver a fazenda que foi Vista Alegre e hoje é a fazenda da Serra.

Após a abolição da escravatura, meu avô ofereceu uma colônia para cada família de ex-escravos que quisessem permanecer na fazenda. Quase todos ficaram; entre eles o

Canuto, Marcelino, Conrado Rufino, Antônio Alves, Teodoro Baiano, e outros.

Se paramos para pensar naquelas pessoas que viveram outrora na fazenda, verificamos como foram importantes em nossas vidas, embora não se tratasse de pessoas da família. Eram criaturas simples, ignorantes mesmo, porém fiéis e dedicadas. E como éramos dependentes de todas elas!

Quando vem-nos a lembrança daqueles quitutes inesquecíveis que eram servidos à mesa da fazenda, surge-nos a figura típica de uma criatura de lenço branco amarrado a cabeça e um largo avental amarrado em volta da cintura. E parece-nos vê-la destampar uma caçarola preta, deixando escapar o cheiro gostoso da comida bem temperada.

E quando a insônia perturba-me o sono, eu gostaria de ter junto do meu leito, uma figura muito terna que cantava baixinho, no escuro para que eu tivesse sono tranqüilo e sonhos bonitos.

Porém, a mãe – preta hoje é uma figura de folclore!

Para melhor fazer compreender como foi o ambiente na fazenda, depois da abolição, vou tentar escrever um pouco sobre a vida de algumas pessoas daquela época, que chegaram até a minha geração. Destacarei algumas peculiaridades que me pareciam mais marcantes, como a mãe-preta, o contador de histórias, o rezador.

Não me esquecerei das meninas que seguravam em nossas mãos nas cantigas de roda. Antigos escravos, colonos e emigrantes italianos fizeram parte do dia a dia da fazenda. E eu passo aqui a relemburar nomes e fatos que permaneceram nos escaninhos de minha memória, apesar de já ter ultrapassado os oitenta anos de idade.



FOTO Nº 23 - Pessoas Que Trabalhavam e Conviviam Com a Família - Sem Data.  
José Machado (Irmão de Pedro Ramos) Está Abraçado a Mãe Ina.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

## I) “Mãevana”

Ouvi falar da “Mãevana” quando eu era bem pequenina. Quando nasci ela já havia falecido.

Mãevana, a Silvana, dormia num quarto ao lado de fora da casa perto da cozinha. Meu tio Alberto ainda pequenino era o seu encantamento, quando ela faleceu de repente. Dizem que foi encontrada morta no seu quarto. Dedicção, amor e tudo mais que as mães-pretas ofereciam generosamente aos seus sinhozinhos e sinhazinhas, ela deu em profusão as crianças da Fazenda Vista Alegre. Mãevana nasceu em Lagoa Santa perto de Belo Horizonte. Ela contava coisas fantásticas de sua terra natal.

Com certeza as lendas da Lagoa Santa transformaram-se em lindos contos de fada para os seus sinhozinhos, à hora de dormirem.

Visitei Lagoa Santa quando o seu aspecto era ainda quase primitivo, e de um encanto peculiar. De fato era um foco de lendas e de um folclore riquíssimo e maravilhoso. E eu, que não conheci a Mãevana, quando avistei aquela Lagoa, pareceu-me ver sobre as suas águas, o vulto de uma preta velha que tantos anos depois de deixar a sua terra natal, ainda acalentava crianças, lá numa fazenda distante, narrando maravilhas de sua “Lagoa Santa”.

- Quem eram seus pais? Ninguém sabe.

Quando os pais de vovó Donana vieram de Rio Pardo de Leopoldina para o Estado do Espírito Santo, trouxeram quatro escravos: Silvana, Estevão, Modesto e Florença.

Silvana veio para Vista Alegre com minha avó, quando do casamento de Ana e José. Veio e ficou. Da sua vida nada se sabe, a não ser que era a Mãevana, e que contava lindas histórias, estórias de príncipes e de princesas, estórias de fadas e também de sua terra a Lagoa Santa, que ficava lá muito longe nas Minas Gerais.

E não é linda a sua história?

## II) Tia Rita

Quem não há conheceu nas redondezas da Fazenda da Serra?

Pessoas assim como a tia Rita parece que não possuem uma história própria, tão envolvidas se encontram na vida das pessoas que elas serviram sempre. Primeiro foram escravas, depois agregadas e por fim membros da família.

Casam-se, tem seus próprios filhos e um lar, mas continuam sendo as mães – pretas, uma propriedade da família que as criaram.

Criaturas ignorantes, mas de grande caráter e capazes de todos os sacrifícios e de toda a dedicação de sua Sinhá e os seus descendentes. Assim foi a nossa boa tia Rita.

Eu sei pouco de sua vida. Apenas que nasceu em Paracatu no Estado de Goiás e que minha avó a recebeu no dote, quando se casou. Era uma mulatinha esperta de 8 anos

de idade.

Como veio de Paracatu? Quem eram seus pais? Jamais eu o soube e a esta altura, nem tenho a quem perguntar.

Rita foi ama das filhas de minha avó. Era requisitada o dia inteiro, ora para um serviço, ora para outro, quando não estivesse pageando as meninas.

Sua dedicação seu temperamento alegre e sua presteza em atender a todos quantos dela precisassem, faziam-na querida e indispensável na fazenda. Era uma espécie de ídolo das crianças. Fazia-lhes todas as vontades. Escondia aos pais as suas travessuras.

Conheci a tia Rita quando ela morava numa casa na colônia e criava várias sobrinhas, pois não tivera filhos e não sabia viver sem crianças ao redor de si. Lembro-me da Maria Coleta, uma pretinha espevitada e de quem muito gostávamos e da Dina também.

Rita vivia com um preto, alto e magro chamado Manoel José. Diziam que seu marido, Teodosio Baiano, certo dia desapareceu e jamais deu notícias.

E quem sabe como teria sofrido a Tia Rita, assim abandonada pelo marido!

Habituada a só servir, talvez ninguém tenha procurado servi-la, naquela ocasião, pelo menos tentando confortá-la em face ao drama de mulher abandonada. Sem esperança de que o marido retornasse, Rita reconstruiu sua vida ao lado de Manoel José, e com ele morou até que ele veio a falecer.

Lembro-me dela em várias circunstâncias e ocasiões. Por exemplo - Uma noite acordei-me espantada, ouvindo canto e música, do lado de fora. E minha mãe dizia-me – levante-se depressa que o reisado<sup>33</sup> está chegando. Debruçada no peitoral da janela, vi em baixo na meia luz das tochas, uma porção de pessoas cantando e a frente, um palhaço.

“O Senhor dono da casa,  
Mande entrar, faça favor,  
Que dos céus estão caindo  
Pinguinhos D’água de flor”.

Quando meu avô abriu a porta, o palhaço foi quem primeiro entrou fazendo cabriolas<sup>34</sup>, dando pulos e falando com voz de falsete:

- Vancê me conhece?

Amedrontada subi depressa ao colo de um dos meus tios. E só me tranqüilizei quando ouvi a gargalhada da tia Rita, e sua voz dizendo-me:

- Não se assuste Sinházinha, sou eu tia Rita.

Não havia reisado por ali sem que a tia Rita não tomasse parte, viajando dias e dias pelas estradas e parando em todas as fazendas da redondeza.

<sup>33</sup>REISADO s.m. Festa folclórica, com cantos e danças nas vésperas do Dia de Reis, 6 de janeiro.

<sup>34</sup>CABRIOLAS s.f. 1 Saltos de cabras. 2 Cambalhotas.

Ela era a mais animada. E quando já estava velha e não agüentava as longas caminhadas, transportavam-na de cadeirinha, para que não faltasse aos folguedos.

Tudo servia de pretexto para um “assustado” em casa da Tia Rita.

E ela recebia a todos com alegria. Num instante preparava broa de fubá e cafezinho para entreter os foliões durante a noite. E ninguém se embriagava.

Disseram-me que após a abolição da escravatura, todos os anos no dia 13 de maio, a tia Rita pedia permissão para organizar um grande baile no monjolo da fazenda. E meus avós eram convidados para abrir os festejos...

Jamais a vi chegar a fazenda sem trazer qualquer guloseima para as crianças.

Depois que nós mudamos da fazenda, quando qualquer membro da família vinha de visita aos tios que lá permaneceram, tia Rita aparecia logo com presentes e muita alegria. Era sempre igual, sempre a mesma criatura, leal e amiga de todos, sempre pronta a servir.

Numa de minhas visitas à fazenda, assisti a uma cena curiosa. Coisas da tia Rita! – Conversávamos no terreiro, em frente a cozinha e ouvimos o chiado do carro de bois, que surgira no caminho da lavoura. Todas as juntas de bois e o próprio carro estavam enfeitados com ramos de flores silvestres e galhos de árvores. Tia Rita vinha à frente dos bois, cantando e pulando, com um grupo de crianças. Tratava-se da chegada do último carro da colheita de milho daquele ano. Fomos todos esperar na varanda do paiol. Tia Rita, suada, mas feliz, envolveu a tia Olimpia num abraço e rodopiou-a enquanto batíamos palmas.

Certa vez, num mês de abril, cheguei à Serra e encontrei a boa velhinha em lamentável estado. Perdera a memória e vagava pelo terreiro e pela casa, resmungando e procurando serviço. Cometia as mais incríveis atrapalhadas, como se estivesse desempenhando tarefas domésticas – o que fizera em toda a sua existência. Estava muito velhinha e magra.

Meus tios Bráulio e Olimpia tinham paciência com ela.

Durante os dias que lá estive, consegui que ela ficasse tranqüila quando eu a chamava para “cantar a reza”. – Deitava-me na rede colocada no canto da sala do relógio, e ela sentava-se numa banca, junto à janela. Lenço branco a cabeça, pés descalços e vestindo uma roupa larga em demasia.

Quando eu parava de cantar, ela dizia:- Canta outra vez, Sinházinha!

Nem sei quantas vezes eu repetia o mesmo cântico – Com minha mãe estarei.

Emocionei-me e muito, olhando aquele vulto esmirrado, acompanhando o cântico religioso, numa voz rouca, frágil e desafinada. Era a única maneira de deter a sua atividade e fazê-la descansar um pouco.

Pouco tempo depois ela faleceu.

Porém jamais a tia Rita será esquecida por todas nós que vivemos na Fazenda da Serra, naqueles longínquos e saudosos tempos.

**Nota: - Vou transcrever aqui um artigo que escrevi na revista “Espírito Santo” publicada pelo Convento de Santo Antonio, no Rio de Janeiro em setembro de 1948.**

### **Confiança na oração**

**Quem não se recorda de ter visto na infância, uma preta velha, daquelas que usavam saia rodada e lenço branco amarrado na cabeça? Assim era a tia Rita, quando a conheci na Fazenda da Serra.**

**Era alegre, gostava muito de danças e sempre cantava uma reza, enquanto trabalhava. Jamais faltava aos exercícios religiosos durante o mês de maio, chovesse ou não. Sua inteligência, porém era tão limitada, que não conseguia aprender outras orações além da Ave Maria e do Pai Nosso. Rezava ainda a Salve Rainha, mas bastante alterada, já se vê. Tia Rita experimentava sempre verdadeiro pavor pelas trovoadas. Quando o tempo se mostrava ameaçador, chegava-se ela junto de minha avó, pedindo-lhe que rezasse o Magnífica, segundo o velho hábito de minha família.**

**Depois da oração, Tia Rita voltava tranquilamente para as suas lidas e afrontava qualquer tempestade sem nenhum temor.**

**Quando minha avó se retirou da fazenda, a preta velha ainda não havia aprendido de cor o Magnífica, e andava apavorada com a idéia de não ter mais quem rezasse com ela nas horas de temporal. Para tranquilizá-la uma das minhas tias deu-lhe uma imagem de Nossa Senhora e disse-lhe que, na hora da trovoadas, ajoelhasse diante da efígie, pois, mesmo de longe Sinhá estaria rezando também. E assim fez a tia Rita durante o resto de sua vida.**

**Quando a tempestade começava a se formar no horizonte, ela se ajoelhava diante da imagem de Nossa Senhora, fechava os olhos e de mão postas, dizia apenas estas palavras:**

**- “Minha Nossa Senhora, Sinhá tá rezando aquela reza!”**

**Levantava-se após alguns minutos de silêncio; e era tamanha a sua confiança naquela extraordinária oração – que jamais conseguira aprender de cor e cujo nome nem sequer sabia pronunciar – que o medo se dissipava totalmente, por mais violento que fosse o temporal.**

### III) Mãe - Ina



FOTO Nº 24 - Mãe Ina - 1ª Escrava da Fazenda - Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

Como agente seria feliz se merecesse de Deus o bem que nos deseja uma criatura assim como aquela inesquecível Mãe –Ina!

A última visita que eu lhe fiz foi a 16 de mais de 1926.

Quando entrei em casa de seu filho Florentino, disseram-me que ela havia passado mal a noite e estava de cama, desde alguns dias, possuía de grande desânimo e extrema fraqueza.

Num aposento escuro, abafado, sem janela, a um canto havia um leito e nele se achava a pobrezinha. Apenas ouviu-se a voz, sentou-se na cama e num longo comovido amplexo<sup>35</sup>, começou a chorar quase sufocada. Se fosse satisfazer ao impulso do coração, eu teria também me desfeito em lágrimas de emoção, mas beijando-lhe os cabelos brancos, a rir, perguntei-lhe se conhecia aquele rapaz – porque me achava de montaria.

Meu acolhimento aparentemente alegre e, sobretudo aquela interrogação humorística, reanimou-a um pouco e respondeu-me:

- Até vestida de frade eu te reconheceria. Esta carinha não me engana.

Com os afagos, pilhérias, algumas gulodices e presentes que eu lhe levava, consegui reanimá-la e, dentro de poucos minutos desejou levantar-se e vir até a porta da entrada, onde eu me sentei a seu lado e segurando-lhe as mãos, deixei que ela me interrogasse algum tempo, sobre cada um de meus irmãos, e teria continuado o interrogatório se eu não procurasse distraí-la, dando-lhe um lençinho que trouxera no bolso da montaria.

Depois pediu-me para colocar na parede junto de seu travesseiro os retratos de meu pai

<sup>35</sup>AMPLEXO s.m. Abraços.

e os nossos, que eu lhe havia trazido, o que lhe causou muita alegria.

Satisfiz-lhe todos os pedidos, informei-me do que ela precisava, sendo sua encomenda mais insistente uma saia preta para se enterrar e um par de chinelos.

Conversando eu lhe fitava o rosto emagrecido, os olhos amortecidos, olhinhos escuros que velaram noites e noites as nossas cabeceiras, os braços que nos embalaram, aconchegando-nos ao peito, e sentia um desejo imenso de levar comigo aquele ente frágil que iria em breve desaparecer. Eu estava diante da querida mãe-preta de meu pai, tão cedo arrancado dos carinhos maternos. Ela amou com ternura a meu pai e depois a nós, seus filhos. Quantas vezes diante de meu pai tentando castigar meus irmãos por alguma travessura, ela investia contra ele, dizendo-lhe enquanto escondia o acusado em seu avental: - "Deixa o menino! Ele é bem fio do pai! Vancê também era assim!". Meu pai acabava sorrindo e perdoando o culpado.

Durante o inverno, a hora do banho a tardinha, ela aquecia na estufa do fogão de lenha, as nossas camisolas de dormir para que não sentíssemos frio.

Preparava-nos os quitutes prediletos – o arroz doce, a broa de fubá, o doce de leite. Tinha sempre uma provisão de frutas que guardava para amadurecer.

Muitas lágrimas secou de seus pequeninos, com um pedaço de rapadura, biscoitos e bolinhos guardados nos seus esconderijos.

Mãe-Ina foi o nosso anjo protetor. Agora ela está com 88 anos, tem o coração fraquíssimo, porém está bem viva a centelha do seu amor. Apesar de idosa alimenta-se bem, não sente dor alguma e poderia viver ainda mais se não fora o desânimo, a angústia que se lhe nota crescer dia a dia. Tudo porque esta longe de seus entes queridos.

Seu filho Florentino disse-me:- Ela não tem doença, é só a falta de "vancês" que esta acabando com a pobrezinha. Ela vai morrer é de saudades. E acrescentou: - "vancê está vendo aquela cana que esta ali no canto de sua cama?". A gente tem que ter sempre uma cana fresca ali, porque o Zequinha pode chegar de noite e não ter uma coisa de que ele gosta.

Da saleta eu sentia o cheiro gostoso da galinha refogando. Pouco depois de minha chegada a Mãe-Iná dera ordem a nora:- "pega a melhor franga do terreiro e refoga muito bem. Não se esqueça do alho. Faça angú, abobrinha, couve bem fininha. Faz tudo muito bem, tá escutando nega? Não esqueça do feijão bem temperado, com alho daquele que você colheu. Aquele novo".

Ela não esquecera de nada, e juntas, almoçamos a melhor comidinha da roça, ali naquela saleta, numa mesinha rústica, sentadas num tamborete.

Ao que se sabe Marcolina de Jesus era filha de "um grande Senhor" e de uma escrava. Foi criada na casa grande, da fazenda Povoação.

Quando Isabel minha avó casou-se, Marcolina acompanhou-a como sua criada particular, missão que ela cumpriu com muito amor.

Quando minha avó faleceu em 20 de junho de 1890, ela tomou conta de seus filhos com a maior dedicação. Mas não aceitou o segundo casamento do meu avô Bernardo. Resol-

veu então, ir morar com sua filha em Minas Gerais. E disse ao meu pai, seu predileto: - “Quando você casar manda buscar “sua nega” para criar seus filhos”. E meu pai cumpriu a palavra. Mandou buscá-la e nunca mais ela nos deixou.

A história da Mãe-Ina, em nossas vidas, minha e de meus irmãos, daria um volume repleto de lances maravilhosos.

Quando nos mudamos para o Rio de Janeiro, em fins de 1924, ela estava muito fraquinha e teve de ficar morando com o filho Florentino que residia no local chamado Tapéra, de propriedade do Canuto, que foi escravo da Serra e da Boa Vista onde nasceu.

Mãe-Iná teve os seguintes filhos: Florentino, Braulio, Inácia e Andreilino. Durante a minha infância, eu dormi muitas vezes ouvindo Mãe-Iná contar histórias de príncipes e de princesas, histórias as vezes intercaladas de canções.

É pena que as Mães-Inás tenham desaparecido e com elas, tantas fantasias que povoaram nossos sonhos de crianças.

#### **IV) Zé da Cantidia – Contador de Histórias**

Muitos anos depois que eu deixei de residir na Fazenda da Serra, ao lembrar-me das histórias que quando menina, eu ouvira contar, eu me impressionava, pensando como era possível que pessoas ignorantes e analfabetas pudessem saber tantas histórias e com tal precisão. Só mais tarde consegui compreender.

Foi quando comecei a ler sobre a vida dos grandes escritores de contos de fadas, de lendas e de canções populares.

São manifestações folclóricas, e o folclore vem do povo, da gente simples. Os camponeses vivem mais em contato com a terra, vêem o céu mais estrelado, observam melhor os fenômenos da natureza e são sensíveis a eles. E assim conseguem facilmente desenvolver a criatividade, imaginando personagens maravilhosos e castelos encantados.

E constatei que os escritores desse gênero de literatura foram buscar suas inspirações no meio do povo.

Assim aconteceu com a sueca Selma Lagerlof, um dos maiores nomes da literatura universal, que sempre ou quase sempre inspirou-se em lendas e canções populares. Os irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, da Alemanha, que publicaram o célebre livro de contos de fadas que hoje ainda encantam e fascinam adultos e crianças no mundo inteiro, também buscaram a mesma fonte. Eles eram bibliotecários na cidade de Kassel quando conheceram a camponesa Dorothea Viebmann, numa feira onde ela ia levar uma cesta de verduras uma vez por semana. Descobrimo que ela sabia de muitas histórias populares que ouvira na cervejaria de seu pai, quando menina, convidaram-na para ir à casa deles uma vez por semana, quando vinha à feira contar histórias que sabia. E conseguiram recolher os 220 contos de fadas do livro que publicaram e que hoje já está escrito em 140 línguas.

Se o folclore vem do povo, é o próprio povo que o acolhe melhor, que se interessa pelas suas manifestações e o absorve plenamente. E as histórias vão passando de geração em geração, e nunca desaparecem.

Contadores de histórias sempre existiram e em qualquer país. Outrora eles viajavam de cidade em cidade, para contarem suas histórias.

Na fazenda da Serra com certeza, houve muitas em épocas diversas. No meu tempo de criança destacaram-se duas pessoas – a Mãe-Ina e o Zé da Cantidia. – Cada um tinha seu estilo, porém as histórias eram quase as mesmas.

Zé da Cantidia era o melhor contador de histórias daquelas redondezas. Seu repertório era grande e variado. Possuía um dom de ator. Imitava a voz de cada personagem, fazia reverências, cantava na hora das canções. Outras pessoas em casa também contavam histórias, mas jamais como o Zé da Cantidia.

Além dos contos de fadas, de príncipes e de princesas, o nosso artista transformava uma pequena viagem, um simples fato, num conto fantástico.

Lembro-me de uma viagem que ele fez a mando do meu avô, a um lugar chamado Guandu (hoje Afonso Cláudio), onde residiam uns parentes nossos. Era uma viagem longa, a cavalo e tinha que passar por uma floresta numa Serra que foi apelidada de “Pinga Fogo”, por causa das tocaias que ali preparavam. Quando o Zé voltou da viagem, contou as maiores façanhas e transformou a simples viagem num conto fantástico, e que teve de repetir muitas vezes para as crianças. Ele imitava o rugido das onças, o pio das aves noturnas e até o ruído das folhas secas, quando a onça se aproximava.

José Francisco de Souza era casado com a Cantidia que fora criada por minha avó. Tiveram 6 filhas e um filho. As filhas eram muito alegres e nossas companheiras de brincados na fazenda – Eugênia, Teotonila, Pedrolina, Albertina, Amélia, Oscarina e João. Um dia resolveram mudar-se para Cachoeiro e lá faleceram quatro filhas, o filho e José Francisco.

Cantidia viveu até 1981 e faleceu em Castelo com 100 anos.

Nos países nórdicos, com o frio intenso as histórias eram narradas junto às lareiras acesas; os pastores repetiam suas lendas ao redor das fogueiras, debaixo do céu estrelado.

Nos países quentes ouviam-se histórias nas praças e nos terreiros.

Nós as crianças da Serra, as escutávamos no terreiro, em noites de luar, sob o céu estrelado ou então na cozinha, num cantinho gostoso, atrás do fogão de lenha que irradiava luz e calor.

Não se podia entender a nossa fazenda sem o contador de histórias de fadas.

Às vezes quando era a Mãe-Iná que as contava, nós as escutávamos na cama, sob o cobertor a hora de dormir. E o sono vinha tranqüilo, trazendo sonhos lindos.

Jamais alguém da geração atual poderá compreender o que representava para as crianças que não conheciam rádio, nem televisão, ouvir uma história de fadas, contada a

noite junto de um fogão de lenha, aceso, projetando luz e um calorzinho gostoso, na cozinha de um casarão, antigo da fazenda.

E jamais eu creio, uma menina que ouviu aquelas histórias contadas naquele ambiente, deixará de emocionar-se por toda a vida, sempre que transmitir aos filhos e aos netos aquelas fantásticas mensagens de príncipes e de princesas de castelos encantados.

## **V) Antônio Alves, O Rezador.**

Tratando-se de pessoas que conhecemos quando éramos crianças, ou muito jovens, torna-se difícil escrever sobre elas. Ouvir comentários sobre esse ou aquele fato de suas vidas, ou mesmo tendo-as conhecido pessoalmente em épocas distantes, não fornece elementos capazes de permitir um trabalho que satisfaça aos nossos propósitos.

Refiro-me aqui ao casal Antônio Alves e Maria Cearense. Se eu os tivesse conhecido mais tarde, já adulta e mais curiosa, no bom sentido como só me tornei depois de mudar-me da fazenda e ser duramente atingida pelos revezes da vida, talvez fosse mais fácil conhecê-los melhor. Além disso, seria provável encontrar pessoas antigas, capazes de apresentar elementos que ajudassem a uma boa pesquisa.

Afastadas estas hipóteses, só me resta prescutar<sup>36</sup> os escaninhos da memória e narrar aquilo que dela eu conseguir obter.

Lembro-me dele como uma pessoa que rezava, por isso, chamavam-no de Antonio Alves rezador.

De Maria eu me recordo, e com muito carinho, pois era uma criatura sofredora, triste e magoada pela vida.

Foi assim que me ficaram na lembrança as imagens daquelas duas criaturas que agora tento descrever e analisar.

Encontrei numa lista de antigos escravos da Serra, que fiz com tio Humberto, os nomes dos que resolveram permanecer na fazenda, após a abolição da escravatura e receberam uma colônia e casa para moradia. E nesta lista constavam os nomes de Antonio Alves e sua mulher Maria. E comecei a pensar naquelas duas criaturas.

O rezador – O homem que rezava. Certamente deveria ter sido uma pessoa necessária naquela época. - “Nem só de pão vive o homem”. –

Aquela gente simples que trabalhava a terra, buscando o alimento para o corpo, também necessitava do alimento espiritual.

Naquela época havia poucos padres pelas redondezas, muitas dificuldades de transportes e distâncias imensas para se chegar até as fazendas. Sem o padre, era preciso haver alguém que o substituísse de alguma forma.

Assim, quando falecia alguém, chamava-se o rezador para orar pela pessoa que desa-

---

<sup>36</sup>PRESCUTAR v.f. perscrutar, v. tr. dir. Averiguar minunciosamente, indagar, investigar, sondar [...].

parecia.

Havia uma festa e vinha o rezador entoar uma ladainha festiva. No dia de finados o rezador estava no cemitério, orando junto as sepulturas e no Cruzeiro.

Minha tia Amanda contou-me que certa vez, encontrou Antônio Alves no cemitério da Independência num dia de finados. O rezador estava ajoelhado no chão, sob um sol causticante e depois de rezar durante muito tempo, enxugando com um lenço o suor do rosto, orou em voz alta a sua oração final. - “Senhor, perdoai as minhas poucas e breves orações. Para me livrar do satanás, 100 vezes me ajoelhei, 100 vezes persigui-me, 100 Ave-Marias rezei. Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amém.”

Diziam que Antônio Alves possuía um repertório muito variado de orações e de cânticos religiosos para todas as ocasiões. Não sei como nem porque Antônio Alves passou de colono a rezador.

Mas gostaria de conhecê-lo melhor, de sondar os motivos que o levaram a tornar-se um rezador. Também ignoro se ele era remunerado quando chamado para exercer o seu ministério. Sei, entretanto, que ele e a esposa passavam muitas privações.

Quando os conheci, moravam numa casinhola de taipa, na Fazenda da Independência. Casa velha, onde entrava chuva pelas goteiras do telhado, e vento e serração por todos os lados.

E contavam que pelas madrugadas de chuva ou de serração mais forte, sua coberta rala e velha, amanhecia umedecida, enquanto os dois tiritavam de frio.

De vez enquanto a velha Maria chegava a pé à Serra, cada vez mais magra e desnutrida. Minha Mãe a recebia com muito carinho. Dava-lhe roupas, alimentava-a e preparava-lhe uma cama quentinha e macia. E quando ela regressava, sempre levava algum alimento como provisão. Tinha um cachimbo inseparável e um porrete para apoiar-se na estrada. Disto eu me recordo. Contava sempre um caso, algo de sua vida de privações. Como já fazia muitos anos que deixara o seu Ceará, parou de receber notícias dos parentes. E preocupava-se por não saber se deveria rezar pelos pais vivos ou mortos.

Um dia ela fez um pedido as almas dos mortos do cemitério que ficava perto de sua residência. Rezou para elas durante muitos dias, pedindo-lhes que desse um sinal qualquer para indicar se os seus pais estavam mortos.

- “E uma noite, - contou ela- alta noite ouvi três pancadas na porta. Tan...tan...tan... – Esperei e falei assim: minhas almas, se meus pais estão mortos, por favor batam de novo! E logo ouvi mais três pancadas – tan...tan...tan...- Então eu acordei o “ seu Antônio” e nós dois ajoelhamos e rezamos a oração pelos mortos. Daí para diante fiquei tranqüila, sabendo que meus pais estavam na Santa paz de Deus”. –

Uma vez minha mãe deu-lhe um cobertor e ela chorou de alegria. E disse:- “Minha Santa quando eu me deitar enrolada neste cobertor, rezarei pedindo a Deus para guardar um lugar bem quentinho pra vancê, lá no céu”.

Maria Alves - a Maria Cearense - morreu já bastante idosa, depois de perder a única filha

e o marido, malgrado sua vida de privações.

Nos últimos tempos de sua vida solitária, era vista sentada na soleira de seu casebre, pintando seu cachimbo e com os olhos perdidos, ao longe. Certa vez ela dissera a minha mãe: - "Sabe, minha Santa, eu tenho dois companheiros inseparáveis – o meu cachimbo e a minha saudade. Sem falar no "Bom Deus" que nunca me desamparou...".

## **VI) Canuto Caetano**

Os escravos Luiz Caetano e Joana Maria, vieram de Valença (RJ) trazidos por meus bisavós José da Rosa Machado e Maria Florinda. Eram os pais de Canuto, que foi o primeiro moleque nascido na Fazenda Boa Vista.

Foi criado na Fazenda, brincando com os sinhozinhos. Cresceu fiel e amigo da família. Na época da abolição da escravatura, Canuto era escravo na Fazenda da Serra e aceitou uma colônia, ficando residindo na Serra, com a esposa Estrelina e os filhos.

Mais tarde adquiriu uma propriedade num local chamado Tapera, perto da Independência, e para lá mudou-se e organizou sua propriedade. Em sua casa, na parede da sala, havia um quadro com fotografia dos fundadores da Boa Vista, aos quais ele foi fiel até a morte. Esta fotografia ele determinou que dessem ao meu irmão Pedro, quando ele Canuto viesse a falecer. Hoje esta comigo. Um exemplar desta fotografia foi enviado à Corte, ao pintor Pedro Américo, para que ele pintasse os retratos dos fazendeiros, retratos que ainda se encontram na Fazenda da Serra.

Canuto construiu uma igrejinha na Tapera, dedicada a São Sebastião.

Certa vez teve um aborrecimento com um padre e desgostoso, entregou a administração do templo a "Igreja Brasileira", uma instituição novata que havia surgido.

Canuto visitando minha avó que passava alguns dias na Serra, conversaram sobre o assunto e pouco tempo depois a Igrejinha da Tapera voltava para a religião católica.

Foi na Tapera que a Mãe-Iná passou os últimos tempos de sua vida. Nesta ocasião eu a visitei, ao Canuto e a Igreja em questão.

Depois que minha avó mudou-se da Serra, quando chegava alguém da família à fazenda o Canuto aparecia logo para uma visita. Montava num animal bem tratado e arreado com todo o capricho. Ele próprio vestido sempre de terno branco, botas e chapéu colorido. Canuto manteve sempre uma boa aparência e foi uma pessoa correta, um tipo inconfundível.

## **VII) Os "Marcelinos"**

Em épocas diversas vovó Donana vendeu ao Marcelino Luiz, 13,5 alqueires de terra e a Pedro Luiz Marcelino 4,5 alqueires. Estas terras estão localizadas em um canto da fazenda, à esquerda de quem chega.

Marcelino organizou sua propriedade num recanto pitoresco, regado pelo córrego São Lourenço e terminando junto de uma montanha que passou a receber seu próprio nome – Pedra dos Marcelinos -. Ele era casado com Isabel, conhecida pelo nome de Isabel Monteiro. De escravos e colonos, passaram a proprietários.

Marcelino era pessoa de ótimo caráter, respeitado por todos, principalmente pelos próprios filhos.

Construíram uma boa casa de moradia e todas as dependências necessárias – chiqueiro, galinheiro, paiol, engenhoca e a indispensável biquinha d’água. As lavouras eram plantadas em todo o terreno disponível. Flores eram misturadas com as construções e as hortaliças também não tinham lugares definidos.

Terra excelente e água abundante, em pouco tempo havia fartura de alimentos para a família, para a criação de animais domésticos e inclusive algumas sobras para vender. Disciplina e boa disposição para o trabalho era o segredo da prosperidade rápida daquela família.

O caminho para a casa do Marcelino era um trilho no pasto, depois de um renque<sup>37</sup> de paineiras que ficavam lindas na época da floração, e ofereciam uma paina de seda que vovó aproveitava para preparar os travesseiros inesquecíveis.

Antes de chegar à propriedade, avistava-se o córrego, e as suas águas corriam límpidas e encachoeiradas, num leito de pedras. A casa ficava do outro lado do córrego, atravessando-se por uma pinguela. Fazendo fundo, via-se a grande pedra escura - a Pedra dos Marcelinos.

O casal tinha muitos filhos. De quando em vez íamos à casa deles e era uma alegria para as crianças. Havia o caldo de cana espremido na hora, na engenhoca, frutas e os infalíveis biscoitos fritos. E o cafezinho para os adultos.

Mas o verdadeiro encanto daquela propriedade eu só o descobri depois que lá voltei, após mudar-me da fazenda muitos anos mais tarde. Marcelino e Isabel já haviam falecido e também dois filhos que foram mordidos de cobra, dois rapazes fortes.

Marceonílio, um de seus filhos morava na casas dos pais. Pedro e Amadeu, os outros filhos, mudaram-se para Condurú e os restantes e as duas filhas, construíram casas nos próprios terrenos herdados dos pais.

E de longe avistavam-se várias casas, meio escondidas entre as árvores, pequenos bosques, lavouras e tufos de flores. Em todas elas havia uma chaminé soltando um fiozinho de fumaça, indicando as residências de cada morador.

E o Córrego São Lourenço, encachoeirado, produzia um som característico de água rolando nas pedras.

E o dia era pequeno para se visitar todos os moradores, tomar cafezinho e garapas e comer biscoitos e às vezes rapaduras. E desde que deixávamos a primeira casa os donos iam acompanhando-nos, às seguintes. Na última casa visitada, toda a família estava

<sup>37</sup>RENQUE sm, Fileira; colocação de coisas ou de pessoas na mesma linha.

reunida.

No tempo de meus avós quando meus tios eram rapazes, aos domingos os homens da família dos Marcelinos e outros da colônia apareciam na fazenda usando roupas dominigueiras, cada um ostentando um chapéu de feltro colorido – um luxo na época. Chapéus de luxo e pés descalços. Ficavam do lado de fora da casa e meus tios organizavam jogos de “malha”, e alguns grupos conversavam.

De vez em quando ouviam-se gargalhadas certamente quando alguém contava um “causo”, ou uma boa mentira de caçador. Eles eram companheiros de tocaias e de caçadas dos meus tios.

Certa vez fui a fazenda com meu marido e ele ficou impressionado com a delicadeza do Marceonilio e do Antenor, seu cunhado. Os dois vinham todos os dias à fazenda e punham-se a disposição do Mário para saírem com ele a pé ou a cavalo.

Era mesmo impressionante ver o respeito que os dois tinham por nós. Por exemplo: uma vez o Mário insistiu para que o Marceonilio tomasse um gole da cachaça. Quando ele me avistou, tomou posição, longe e cumprimentou-me colocando a mão em frente da boca - porque não podia falar com Sia Bebê, depois de tomar cachaça.

Quando um deles viajava a cavalo, em companhia do Mário, tinha que ir atrás dele e se por acaso precisasse tomar a frente para abrir uma porteira, apeava e puxava o animal – “porque era falta de respeito andar à frente do Seu Dotô”.

Num domingo Marceonilio convidou-nos para almoçar em sua casa. Prepararam um banquete farto e saboroso. Havia até carne de paca. Na mesa comprida só havia lugar para três pessoas – nós dois e o Pedro meu irmão. Somente depois de muita insistência conseguimos que ele e o cunhado Antenor sentassem à mesa, e mesmo assim, longe na outra ponta da mesa.

Quando os filhos do Marceonilio foram prestar serviço militar no Rio de Janeiro, convenceram a família a mudar-se para lá. Foi triste ver o preto já velho, morando numa casa péssima em Belford Roxo (RJ). Tudo tão diferente daquele cantinho pitoresco e gostoso onde a família vivia tranqüila.

Hoje naquele lugar não mora mais ninguém da família dos Marcelinos. Todos venderam suas terras e uma boa parte voltou a pertencer a Fazenda da Serra, adquirida pelo Pedro.

## **VIII) O Velho Bento e seu Urucungo**

Contou-me minha mãe que, quando ela era menina, havia na fazenda um preto escravo, já velhinho chamado Bento. Todos chamavam-no de Velho Bento. Tocava um instrumento – urucungo<sup>38</sup> – feito por ele mesmo, com uma cabaça e dele o preto velho tirava sons

---

<sup>38</sup>URUCUNGO. É um berimbau (brasileiro) ou berimbau de peito (português europeu). É um instrumento de corda usado tradicionalmente para fazer percussão na capoeira conhecido como urugongo, urucungo, etc.

tristes e dolentes<sup>39</sup>. Ele tocava e cantava umas canções na língua da sua terra, a África. Dizia que aquele instrumento era usado na África e o nome urucungo era Africano. Quando assisti ao filme “Raízes” eu me lembrei do “Velho Bento” do urucungo. Gostaria muito de saber se ele deixou algum filho. Mas como? Pesquisando, descobri a origem do instrumento, num trabalho da Comissão Nacional do Folclore. O urucungo é um instrumento musical folclórico. O trecho do artigo é o seguinte:

1) - Urucungo ou Berimbau

É um instrumento de origem Bantú. Consiste em um arco de madeira com corda de arame, aos quais se acha presa uma metade da cabaça. O som é obtido com golpes que se dá ao arame por meio de uma vareta de madeira. Muitas vezes o tocador leva na mão que segura o arco, o chocalho chamado caxixi<sup>40</sup> e também uma moeda que, colocada na corda, modifica o som. É também chamado de berimbau de barriga, e neste caso a abertura da cabaça volta-se para o ventre do tocador, funcionando este como uma caixa de ressonância. (Da Comissão Nacional do Folclore. Comissão Nacional da UNESCO. Instrumentos Musicais Folclóricos).

## **IX) Raimunda das Cabacinhas**

Era uma preta magra, que morava na casa da colônia mais distante da fazenda. De vez em quando ela aparecia, bem cedo na fazenda. Minha avó dava-lhe remédios, gêneros alimentícios e roupa. Era muito pobre e o marido doente. Chamavam-no de “Velho Pernambuco”.

Raimunda, apesar das dificuldades porque passava, apresentava-se sempre alegre e jamais deixava de trazer um presente para Sinhá Donana – uma penca de bananas, algumas raízes de aipim, ou batatas doces. - Um presentinho de pobre, Sinhá!

Gostava das crianças e trazia-lhes umas cabacinhas, bem miúdas e lindas. Ninguém mais possuía daquelas cabacinhas. Eram usadas pelos adultos para cerzir<sup>41</sup> meias e para as nossas brincadeiras. Parece incrível que, eu ainda possuia uma daquelas lindas cabacinhas. Foi guardada durante muitos anos pela tia Julinda e há algum tempo ela deu-me de presente.

Quando recebi a cabacinha, lembrei-me da Raimunda, aquela criatura magra, tão negra como jamais vi outra igual, e que tinha um bom sorriso para as crianças. E nós a chamávamos de Raimunda das cabacinhas.

---

<sup>39</sup>DOLENTES adj 2g 1 Que manifestam dor. 2 Lamentoso, lastimoso.

<sup>40</sup>CAXIXI, adj. e s.m. (fros. do norte) Diz-se da aguardente fraca, de qualidade, ...

<sup>41</sup>CERZIR v. tr. dir. Coser, remendar (em tecido) com pontos miúdos, de maneira que não se note o conserto [...].

## **X) Constantino e Frederico**

Constantino foi escravo e depois colono da Fazenda da Serra. Um dia teve uma desavença com um português chamado Frederico, desavença que já perdurava algum tempo.

Certa vez, encontraram-se por acaso, na estrada da mata de Santa Luzia. Constantino estava a pé, e sem qualquer arma. Frederico estava a cavalo e armado de uma faca. O português começou a insultar o preto, ameaçando-o de morte.

Constantino fez o possível para acalmar o agressor, mas em vão. No final o preto foi agredido e ferido a faca pelo provocador. E não teve outra alternativa senão matar o agressor com a mesma faca que o havia ferido.

Constantino, ferido, perdendo sangue, conseguiu chegar até a fazenda e narrou o que acontecera. Meu avô, depois dos curativos aplicados ao Constantino, levou-o a polícia de Castelo, e conseguiu provar que ele havia agido em própria defesa.

O fato passou-se junto de uma pedra escura, na estrada. E, como era costume na época, pintaram uma cruz branca na pedra, para indicar o lugar onde morreria Frederico. E, daquele dia em diante a alma do português passou a ser o terror das crianças na Fazenda da Serra.

Se alguém após o anoitecer gritasse – olha a alma do Frederico! – estabelecia-se a confusão. E havia correrias, empurrões e, não raro contusões e até cabeça quebrada. E tal situação durou muitos anos e chegou até o meu tempo.

Muitos anos depois, eu viajava a cavalo da fazenda para Castelo, num período de férias. Eu caminhava à frente e ao chegarmos numa clareira, na mata, onde havia uma casinhola, meu cavalo estacou de repente. E eu vi, deitado no mato rasteiro, com os pés atravessados no trilho por onde iríamos passar, um velho magro. Era o Constantino. Estava morto. Sua figura assim estendida no chão, impressionou-me durante muito tempo.

Se fosse naqueles tempos de outrora, seria mais uma alma para as crianças sentirem medo. Mas afinal, qual a fazenda, naquele tempo que não tinha seus motivos para medos e correrias infantis?

## **XI) Graciana**

Graciana era esposa de Conrado Rufino. Foram escravos, depois colonos da Serra, como Vitor e Rosena.

Graciana era uma pretinha alegre e expansiva e tão baixinha que quase parecia anã. Sempre que uma de nós - filhas ou netos de “Sá Donana” vinha à fazenda, depois que nos mudamos, Graciana aparecia logo, levando presentes e muita alegria.

Certa vez eu cheguei à fazenda e como sempre, levei medalhinhas, terços, lenços e

outras miudezas para distribuir. Ela estava morando na Independência, numa casinhola perto da estrada. Ao passar gritei por ela. Ao ver-me a criatura desmanchou-se em agradecimentos - chorou, beijou-me as pernas, porque eu estava a cavalo. Dois dias depois apareceu na Serra, levantou-me uma penca de bananas da terra e uma franguinha gorda. Eu sabia que ela se tornara crente, e então dei-lhe um lenço de cabeça e um pacote de balas. Ela deu pulos quando viu o lenço estampado e, depois perguntou-me: - "A Sinhazinha não trouxe um rosário e um veronca<sup>42</sup> (medalha) p'da sua nêga?" Então eu lhe disse que eu não lhe dera porque a nova religião dela não tinha devoção com Nossa Senhora. Graciana ficou séria, e disse: "Religião sem Nossa Senhora? Deus me livre! E na hora dos perigos, quem é que a gente vai chamar?" Ela, então ajoelhou-se, persignou-se e disse-me ainda ajoelhada: - Olha Dona Bebezinha, eu juro por esta luz que me alumia, que nunca mais vou pisar naquela igreja. Recebeu o terço e a medalha milagrosa. E cumpriu a palavra.

## **XII) Narcisa**

Narcisa também era muito baixinha e alegre. Gostava de danças, uma dança selvagem para nos divertir. Não sei de onde veio, nem nada de sua vida, a não ser que era casada com Estevão, filho da Rosena. Tinha quatro filhos e era cozinheira da fazenda.

Um dia quando entrei na cozinha para tomar a refeição da manhã, havia várias pessoas conversando com a vovó, e a Narcisa muito calada, de vez em quando enxugava as lágrimas na manga do vestido. De repente todas as pessoas que ali se encontravam pararam de falar. Abriu-se o portão da cozinha e entrou muito espantado o colono italiano chamado Zepim. O infeliz estava tão atordoado que nem cumprimentou a Narcisa, perguntou-lhe: - O Narcisa, cadê o Estevão? A resposta chegou rápida: Vá perguntar a Santinha.

O diálogo provocou risos entre as pessoas presentes, o que mereceu uma repreensão de minha avó.

Acontecera que o Estevão fugira com Santinha, esposa do Zepim. E a Narcisa disse ao Zepim que só queria que lhe devolvessem o filho mais velho de Narcisa – o Joaquim.

Eu era menina quando houve este fato.

Em 1912 eu estava residindo em Cachoeiro e apareceu-me em casa uma preta velha, um pouco perturbada. Era a Narcisa. Mesmo assim perturbada soube que eu estava ali e veio visitar-me, ainda era alegre, porém bem estranha.

Contaram-me que ela fora empregada durante muitos anos com a Dinorah esposa de Gilberto Machado. E agora morava num quarto de quintal da casa. Perambulava pelas ruas da cidade recolhendo papéis e latas vazias que acumulava no seu quarto no quintal. As crianças da cidade deram-lhe o apelido de "vovó Narcisa".

<sup>42</sup>VERONCA. medalha.

Foi amparada sempre, até falecer.

Quanta coisa não haveria para contar da vida de Narcisa!

### **XIII) Maria Coleta**

Foi criada pela tia Rita. Era sua sobrinha. Uma pretinha limpa e falante.

Quando faleceu o tio Vitor, estávamos na Serra e com visitas do Rio de Janeiro. Todos à mesa, umas 20 pessoas para o almoço, quando chegou a Maria Coleta e colocando as mãos na cintura, disse:

- “Minha gente, eu vim dá uma denuncia a Vencês: - o tio Vitor morreu, agorinha mesmo”.

A surpresa da notícia e a maneira de comunicá-la provocou risadas de todos, exceto da vovó, sempre equilibrada e que falou:

“- Creio que essa não é a maneira de se receber a notícia do falecimento de um servidor de tantos anos”. Antes deste fato, por volta de 1913, vovó estava em Cachoeiro e soube que a Maria Coleta havia ficado cega. Imediatamente vovó mandou buscá-la e pediu a tia Almerinda, sua irmã para hospedá-la por alguns dias, até levá-la ao médico. A casa da tia ficava no outro lado do rio e mandaram o José meu irmão, conduzi-la ao destino. Ele estava com 7 anos e era um menino ótimo. Quando os dois saíram do Hotel da Estação onde vovó residia, a cega pisou numa poça d’água, pois havia chovido e as ruas da cidade naquela época , não eram calçadas. Maria Coleta, sempre de bom humor, achou graça e riu bastante.

O condutor da cega então quando passava por uma poça de lama, conduzia-a direta, só para vê-la rir. Os dois acharam a coisa muito divertida. Quando chegaram ao destino, ambos estavam salpicados de lama e os sapatos enlameados.

Interrogado o José explicou:

- “Eu só queria distrair a Coleta, porque ela está cega!”

Assim era a Maria Coleta e assim, também o meu irmão José.

A cega recuperou a visão. Mais tarde casou-se, mudou-se da Serra, teve vários filhos e passou muitas privações. Longe da Serra e de Sinhá Donana, curtiu saudade e também muita fome.

### **XIV) Colonos Italianos**

Todos nós sabemos dos graves problemas criados para os fazendeiros, quando houve a abolição da escravatura no Brasil. E, naturalmente a fazenda da Serra foi atingida, apesar da maioria dos escravos terem permanecido na fazenda, como colonos. Porém, pouco a pouco eles foram afastando-se. Canuto adquiriu uma propriedade e mudou-se com a família.

O mesmo aconteceu com Marcelino. Não tardou que faltassem braços para os trabalhos na lavoura. Começaram então a chegar emigrantes italianos e foram bem recebidos. Não sei a data certa em que chegaram os primeiros colonos italianos para a fazenda da Serra.

Segundo estudos oficiais de 1875 até 1900, calcula-se que vieram para o Brasil cerca de 75.000 imigrantes. E continuaram chegando. De 1890 a 1896 o número de imigrantes que vieram só para o Espírito Santo, foi de 13.214.

Acontece que na maioria das vezes, o governo contratava um certo número de famílias e os encarregados de trazê-las aumentavam a remessa ao seu bel prazer. E assim, as famílias excedentes saíam a procura de trabalho.

Recordo-me de ouvir falar de famílias que chegavam a fazenda sem recursos nem para iniciarem os trabalhos e não raro, até para alimentarem a própria família. Meus avós as recebia e ajudava-as até se equilibrarem.

Era gente muito trabalhadora e rapidamente prosperava.

Minha mãe contava que era menina e brincava com as meninas Capovila e outras na Serra. Minha mãe nasceu em 1882. Muitas famílias de emigrantes continuaram amigas do pessoal da Serra. Eu tive umas colegas Capovila, no Carmo em Vitória.

Tio Humberto falou-me dos seguintes colonos italianos: (não sei se escrevo certo os nomes).

- 01) – André Barino e Justina;
- 02) – Maximiano e Maria;
- 03) – Santo Tassinotti;
- 04) – Ângelo Zaban;
- 05) – José Nalli;
- 06) – Batista Nalli;
- 07) – João Pretti;
- 08) – Pedro Pretti;
- 09) – João Menino;
- 10) – Angelo Espavieri;
- 11) – José Espavieri;
- 12) – José Ungaratto;
- 13) – José Flamarini;
- 14) – Probo Menino (filho de João Menino)
- 15) – José Pin;
- 16) – João Capovila e Emília;
- 17) – João Zanúncio e Angela;
- 18) – Francisco Marassatti e Bia;
- 19) – Cipriano Brugnari e Catarina;

## 20) – Paschoal e Ursulina.

Tio Humberto dizia-me que se lembrava até das casas onde residiam todos eles.

Conheci apenas os seguintes: Zanúncio, Cipriano, Espavieri, Zepin casado com Sантиnha, Marassatti, Pascoal.

João Zanúncio era casado com Ângela que faleceu deixando 8 filhos: Albina, José (Bepe), Arthur, Virgílio, Inda, Aurora, Humberto e Emelina. Essa última era pequenina e vovó tomou-a para criar e depois, ela veio a casar-se com Jairo, filho de tio Machadinho.

Inda e Aurora foram nossas companheiras de brinquedos. Inda foi babá dos filhos mais velhos de tia Agripina. Bepe era amigo particular de tio Alberto.

Zanúncio não se casou novamente. Era muito amigo de minha avó e de todos. Vinha diariamente à fazenda ver a filha. Chegava muito amável, fazia uma reverência e dizia: "Bom dia, Gambada!" – Queria dizer Cambada, supondo tratar-se de uma amabilidade. Cipriano era casado com Catharina. Tinham vários filhos. As meninas eram nossas companheiras e juntas cantávamos cantigas de roda no terreiro. Catharina era uma criatura boníssima.

Era parteira e foi quem serviu a minha mãe, quando nasceu o Pedro meu irmão.

Cipriano possuía uma égua chamada andorinha – um animal manso que o conduzia à casa, quando ele regressava de Castelo, completamente embriagado.

A bebida o enlouquecia a ponto de quebrar tudo quanto estivesse ao seu alcance e, muitas vezes a esposa e as filhas tinham que fugir de casa, para não serem atingidas pela fúria.

Do Espavieri só me lembro de uma linda vassourinha que ele fez para mim. A família cultivava uma planta própria e todos em casa faziam vassouras para vender. Até as crianças trabalhavam.

A Bia do Francisco Marassati era sempre chamada para lavar o chão da casa da fazenda. Lembro-me de vê-la ariando as tábuas do chão, com pita e areia para ficarem claras. O Pascoal (não sei o sobrenome) apareceu na Serra em sérias dificuldades, trazendo o velho pai "o Nono", vários filhos pequenos e a esposa Ursulina. Não possuía recursos nem para a alimentação.

Minha avó forneceu-lhe comida, casa, sementes e mudas para o plantio. Junto da casa onde foram morar há um córrego (onde morou o Carlos) e, em pouco tempo as suas margens havia uma bela horta e no terreiro uma ninhada de pintinhos. Todos em casa trabalhavam e Elvira uma linda menina de uns 7 anos, cozinhava e tomava conta dos irmãos menores para que a mãe fosse para a lavoura com os pais e os meninos.

Pascoal prosperou, pagou as dívidas e alguns anos mais tarde comprou umas terras lá pelos lados da Fazenda do Centro (Castelo) e mudou-se.

Não cansava de agradecer a minha avó e certa vez, muito emocionado segurou nas mãos um punhado de terra da fazenda e disse: "- Senhora Donana, esta terra daqui vale

ouro, é a melhor terra do mundo!”.

Recordo-me com imenso carinho, daquelas meninas que apelidávamos de “italianinhas”, com seus vestidos compridos, seu falar engraçado, que nos fazia rir, os cabelos louros em tranças compridas, e das músicas que cantavam a moda italiana. Gostávamos de colocá-las no centro da roda para vê-las dançar. Jamais me esqueci das fatias de polenta que comíamos em suas casas, fatias cortadas com fios, em vez de facas.

Gostávamos de ouvir as mulheres tagarelarem numa linguagem um tanto louca, que as vezes a gente não entendia. As vezes pedíamos para segurar ao colo seus bebês lourinhos, embrulhados numa toalha bordada – um luxo que eles traziam da sua Itália distante.

Tinham hábitos um tanto diferentes dos nossos. Usavam lenços coloridos a cabeça ou nos ombros, gesticulavam muito quando falavam, mas eram pessoas de grande dedicação, sempre dispostas ao trabalho e as manifestações religiosas.

Nas noites de luar, no terreiro da fazenda, dávamos as mãos para formar a roda, as “pre-tinhas” descendentes dos escravos e as “italianinhas” da colônia. Era assim que a gente brincava de roda naqueles longínquos tempos de outrora, na Fazenda da Serra.

## **5.2 - Vizinhos e Amigos mais Próximos**

Desde os tempos antigos houve bom relacionamento da família, inicialmente com os parentes.

Vou relembrar aqui somente as pessoas que cheguei a conhecer e que na minha infância, freqüentavam a fazenda com uma certa freqüência. Os amigos e parentes que moravam em fazendas distantes, vinham raramente porque os meios de transportes e as estradas eram precárias. Mas havia aquelas pessoas que tinham propriedades mais próximas e que vinham frequentemente, por qualquer pretexto. Na Independência o tio Matheus, no Sossego a prima Joaquina, e no Santo Antonio o amigo Peregrino Gomes e sua esposa Emília.

Falarei um pouco sobre cada um deles, porém desejo também referir-me a um amigo – o professor de música - Lima Neto – e um certo negociante, um libanês que vinha de quando em vez, trazendo mercadorias e muitas notícias e novidades que agradavam meu avô.

### **a) Joaquim Luiz de Lima Neto - Professor de Música**

Quando meu avô comprou o piano da Serra em 1899, tornou-se necessário que alguém aprendesse a tocar piano. Naquela época havia professores de música que passavam temporadas nas fazendas da região, ensinando música às filhas dos fazendeiros.

A esta altura, todas as boas fazendas nas redondezas, já possuíam piano.

Foi convidado o professor Joaquim Luiz de Lima Neto para lecionar na Serra e a tia Anita começou a estudar piano.

Lima Neto vinha periodicamente à fazenda, e ali permanecia em cada visita alguns dias, dando aulas intensivas a aluna que demonstrou aptidão para o estudo da música. O próprio professor providenciava músicas e livros de exercícios musicais.

Lima Neto tornou-se logo amigo da família. Era pessoa culta para a época, inteligente e muito observador. Durante as suas estadias na fazenda, ele alegrava a família, tocando piano, conversando, ensinando modinhas e poesias as moças e rapazes da casa, promovendo distrações.

Convidava os colonos que tocavam algum instrumento para virem à fazenda. Havia dois colonos italianos – José e Batista Nalli, que não só tocavam sanfona como as fabricava. Naqueles dias, ouviam-se músicas e canções na varanda ou no terreiro, quando era noite de luar.

Todos ficavam animados. – Lima Neto era amigo de meu pai que o convidou para padrinho de batismo do Edilson meu irmão.

Lembro-me dele lá pelo ano de 1906. Ele gostava de conversar com as crianças. Depois passamos muitos anos sem vê-lo e dele eu guardava apenas vagas recordações.

Em 1939 tia Anita encontrou-o por acaso no Rio de Janeiro. Logo ele apareceu em Laranjeiras no meu apartamento. Foi uma visita muito agradável. Ele contou a meu marido passagens curiosas da minha infância, que minha mãe se recordava.

Por exemplo: - de uma vez que eu cheguei a sala, onde a família conversava com um botão de rosa na mão. Minha mãe reclamou porque eu havia colhido dizendo:”- Minha filha é tão linda uma rosa na própria roseira!”

E eu que tinha apenas quatro anos respondi logo:

“- Mamãe na roseira tem outras rosas e eu só tirei um botão. Se a Senhora gosta mais de rosas no pé, lá ficaram muitas. Eu gosto muito de uma rosa na minha jarreira azul.”

Lima Neto acrescentou: ”- Percebi logo que aquela menina prometia ter personalidade.”

O professor falou com muito carinho e emoção de minha avó, e da vida na Fazenda da Serra – da ordem, da harmonia que ali reinavam. Lembrou-se do afilhado – O Edison que já falecera. E como falou no meu pai, seu grande amigo!

Lima Neto tinha esposa e filhos. Já passara dos sessenta anos de idade. Foi a última vez que o vimos e a sua visita trouxe-nos saudades.

## **b) Tio Matheus**

Conheci o tio Matheus quando ele já era bem velhinho e tinha longas barbas brancas. Seu robe era fazer palitos a canivete, usando pau de laranjeira. Juntava-os num fechinho, amarrava-os com uma tirinha de palha e levava-os nos bolsos. Quando ia à Serra oferecia-os de presente as sobrinhas.

Eu deveria ter uns cinco ou seis anos, mas lembro-me de sua figura imponente. Somente dele eu me recordo, e de ouvir falar na sua fazenda Canta – Galo – nome que eu achava sugestivo e sonhava conhecer um dia sua fazenda. Mais tarde conheci sua filha - a prima Galdina – que era casada com o italiano Genaro Sellitti e mãe da Rosa, uma bonita menina da minha idade, e afilhada de minha mãe.

A casa deles em Castelo, era o nosso primeiro ponto de parada, antes de entrarmos na cidade.

Genaro foi quem fez o armário, guarda roupa de minha mãe, quando se casou. E este armário tem uma história.

Matheus Vieira Machado era filho de Bernardo Vieira Machado e Escolástica Maria de Jesus. Eram seus irmãos: Mafalda Marcelina de Oliveira, Bernardo Vieira Machado, da Fazenda Trás os Montes, Gabriel Vieira Machado da Fazenda da Conquista, Francisco Vieira Machado, fundador da Fazenda da Independência e Maria Bernarda Ramos casada com João Luiz Almeida Ramos, meu bisavô.

Matheus Vieira Machado casou-se com Custódia Vieira Machado, filha de seu irmão Francisco Vieira Machado e de Ana Vieira. Sendo Custódia filha única, foi a herdeira da Fazenda Independência.

Tiveram vários filhos:- Jesuino, Galdina, Petronilha, Francisco, Flausina e mais cinco falecidos pequenos.

Conheci também Jesuino, casado com Maria Duarte Vieira. Muitos anos mais tarde em Cachoeiro, eu conheci uma neta de tio Matheus: - Aquilina Coelho, casada com Sabino Coelho. Aquilina tinha duas irmãs – Edelvina e Ermengarda e eram filhas de Flausina, filha de tio Matheus, e que era casada com Antonio da Rosa Machado.

Quando tio Matheus vendeu a Independência, mudou-se para o Canta – Galo (RJ), onde veio a falecer no dia 2 de julho de 1907, conforme esta escrito no caderno do vovô Agostinho- “1907 – 2 de julho. Faleceu na Fazenda de Canta - Galo o tio Matheus”.

Ele fazia parte daqueles amigos que conviviam assiduamente com os parentes da Fazenda da Serra e sempre dedicou especial amizade aos sobrinhos “lá da Serra”, como ele próprio o dizia.

### **c) Peregrino Gomes Vieira**

Peregrino era o vizinho da Serra que morava na fazenda Santo Antonio, que pertencera a Antonio Gonçalves Serpa, casado com a irmã de José da Rosa Machado, meu bisavô. – Ana – (a tia Aninha Serpa).

Era filho de Francisco Gomes Pereira de Moraes e Thereza de Freitas Gomes.

Peregrino casou-se em primeiras núpcias com Joaquina Dável, e tiveram os seguintes filhos: - Olívia Gomes Freitas, Alípio Gomes, João Gomes e Maria.

Morrendo Joaquina, Peregrino casou-se com Emília Vieira de Freitas, e não tiveram

filhos.

Emilia era filha de José Vieira Machado de Freitas e Emilia de Freitas. Eram seus irmãos: - Arnaldo, Ilídio, Lina, José e Maria Julia (mãe de Chiquinha), filha do 2º casamento de sua mãe Emilia com José Infante Vieira. Dizem que o sobrenome de Freitas foi adotado pela família, por opção, devido as muitas repetições de nomes da família Vieira Machado.

Eu ouvia contar que Emília era da Fazenda Monte Verde e que eram amigos do pessoal da Serra.

O casamento de Emília e Peregrino deve ter sido realizado no Monte Verde. E como sempre, houve grande festa a que compareceram todos os fazendeiros amigos.

Contam que no baile do casamento de Emília, meu pai e tio Machadinho seus antigos namorados, resolveram impedir que a noiva dançasse com o noivo durante toda a noite. Os dois e mais alguns amigos revezavam-se, tirando a noiva para dançar. Brincadeiras da época. Ambos eram amigos do noivo.

Nada sei sobre a vida do casal, a não ser que residiam na Fazenda de Santo Antonio, quando eu era menina. Como não tinham filhos, trouxe dois sobrinhos para com eles morarem: Francisca (a Chiquinha) filha da irmã de Emília, Maria Julia, já falecida. E também Ubaldo, filho de Lina e Pedro Alves Cunha.

Havia um bom relacionamento deles com o pessoal da Serra. Visitavam-se, trocavam gentilezas e favores.

Peregrino, como em geral eram os fazendeiros da época, gostava de caçar e tinha como companheiro o meu avô e meus tios.

Possuía muitos cães de caça treinados, dos quais tratava bem e tinha estima e, certa vez um deles caiu numa grotta na pedra chamada dos Marcelinos.

Meu avô providenciou a recuperação do animal o que muito emocionou ao Peregrino, pois foi uma operação difícil e perigosa. Disto eu me recordo, inclusive de ouvir o cão uivar tristemente durante toda a noite, quando estava na grotta, muito profunda. Foi preciso que um homem descesse numa corda para amarrar o cachorro. No final, queima de fogos e lágrimas de emoção.

Foi deste convívio que surgiu o namoro da Chiquinha com tio Humberto - embora o casamento só se realizasse muitos anos depois.

Peregrino vendeu a fazenda e só muito mais tarde adquiriu o Hotel da Estação. Foi aí que se realizou o casamento da Chiquinha e do tio Humberto. Mãe e Emília foram sempre muito amigas. Num caderno de apontamentos de mamãe, encontrei escrito o seguinte: "No dia 17 de julho de 1946 faleceu em Vitória, Emília de Freitas Gomes".

A Fazenda Santo Antonio, creio que foi construída por: Antonio Gonçalves Serpa, casado com Anna Maria do Coração de Jesus, que era irmã de José da Rosa Machado da Boa Vista.

Quando venderam a fazenda, mudaram-se para o Guandú, hoje Afonso Cláudio. Tive-

ram os seguintes filhos: Joaquim Serpa; - Manoel Gonçalves Serpa; - José Gonçalves Serpa; - Maria Serpa; - Custódia Serpa; - João Serpa – mais dois que morreram pequenos: - Olinda e Antonio.

#### **d) Prima Joaquina**

No lugar Bocaina, perto da Fazenda da Independência, estabeleceram-se Joaquim Francisco de Araújo e sua esposa Maria Rosa Araújo, primeira filha de José da Rosa Machado e Maria Rosa Florinda. Esta filha, nascera em Portugal.

O lugar logo passou a chamar-se “Sossego” nome que conserva. Foram filhos do casal:- José Araújo; Joaquina; Deolinda; Isabel ; Joaquim (primo Quincas) e Maria.

Conheci o primo Quincas porque ele ia à Serra muitas vezes e até cortava os cabelos das crianças de vez em quando, como aconteceu quando fomos à “festa dos Alpes” em 1907.

Joaquim Araújo (5º filho do casal) casou-se com Maria da Glória, filha do primo Jesuino. Filhos: Pedro, Laura, Atilio, João, Avide e Maria Julia.

Maria Araújo (última filha do casal) casou-se com Honório de Oliveira Paulista e tiveram os filhos: Luiza, José, Argentina, Celsa e Honório.

Celsa recebeu este nome em homenagem a minha mãe. Casou-se com José Zanúncio, “o Bepe” da Serra. Em Castelo existem muitos descendentes seus, no local Pouso Alto. A prima Joaquina fez parte do meu cenário infantil. Era casada com Ricardo Roberti. De quando em vez ela aparecia na Serra, a pé com os três filhos, que conheci – a Zuleima que brincava conosco, o Eustáquio já rapazinho e o Pilades um garotinho muito branco e que não se separava da mãe, nem para brincar com os primos.

As vezes aparecia bem cedo para o café da manhã, e a vovó dispensava-nos do estudo para brincarmos com ela lá em nossa “casa de bonecas”, no velho moinho.

Casou-se muito cedo com Edgard Louzada e faleceu antes de completar um ano de casada. Deixou uma filhinha Maria da Penha.

Eustáquio casou-se com Rosa e tiveram muitos filhos: Eliezer, Eliseu, Isaias, Isaac, Zaqueu, Ely, Gersey, Darca, Noemia e Leny.

Falecendo o Pilades, Ercília (sua esposa) casou-se pela segunda vez, com Pedro Machado, filho de Agostinho Ferreira Machado, o “Machadinho”. – Filhos - Prima Joaquina era pessoa muito falante e desembaraçada. Quando aparecia, tinha sempre novidades para contar e distraia a todos. Nós crianças adorávamos ir à sua casa, uma casa muito simples, porém ao seu redor havia pés de mexerica, de abiu e, principalmente havia uns coqueiros que davam cachos com uns coquinhos de que muito gostávamos. Nós chupávamos os coquinhos quando estavam maduros e os secos que eram encontrados no chão, nós os quebrávamos com pedra, e os comíamos como se fossem as melhores avelãs. Eram deliciosos.

Na Serra tudo era mais bonito e, no pomar as frutas bastante variadas e gostosas. No “Sossego” era diferente. Além do prazer da viagem pela mata da Santa Luzia, havia o “sabor da novidade” e o convívio com os primos. Atualmente a área da Fazenda Sossego está muito menor. Alguns herdeiros venderam sua parte. Uma área foi anexada a da Serra, por compra que o Pedro efetuou de terras que pertenciam a viúva de Joaquim Araujo – Maria da Glória.

A geração que nos precedeu ou seja, os primeiros filhos de minha avó, também sentiram satisfação em conviver com os parentes da Fazenda Sossego. O relacionamento deles era como a tia Maria (tia Nhanha) e seus filhos que regulavam na idade.

Hoje a descendência deles é bem grande e dispersa, Deus sabe para onde.

Receberam outros sobrenomes, mudaram-se para outras terras. Porém, fazem parte da descendência dos Rosa Machado que um dia deixaram o velho Portugal e vieram para o Brasil, para ficar.

### **5.3 – Apoios no Desenvolvimento da Fazenda**

#### **a) O Mascate**

Naquela manhã de verão, de sol ardente e céu lavado, deixei-me ficar durante muitas horas na varanda da velha casa. E enquanto executava um trabalho de agulha, acompanhava o movimento e a vida cotidiana da Fazenda da Serra: lavradores que passavam com os instrumentos de trabalho ao ombro, despreocupados de obterem condução, ali desnecessária, gado pastando, espalhado pelas colinas, pondo manchas claras no verde tapete do capim gordura.

Mais longe uma família limpava uma roça de milho, onde eu distinguia as raparigas, com lenços coloridos à cabeça, e lhes ouvia vozes argentinas entoando canções. De quando em vez passava um cavaleiro e logo depois percebia-se a pancada surda e distante da porteira de braúna batendo nos mourões<sup>43</sup>.

O murmúrio do regato impelindo a roda de água do moinho; o cantar dos galos, ora próximo, ora longínquo; o cacarejar das galinhas poedeiras; o ladrar dos cães; o mugido sonoro de um marruá<sup>44</sup> no pasto de cima; o relinchar dos cavalos; o chiado plangente<sup>45</sup> do carro de bois; o dueto dos João de Barro; o aviso frenético do bem-te-vi; o gorjeio das cambaxirras no beiral do telhado; o canto melodioso do sabiá e, ao longe no limiar da mata, o grito metálico da araponga – Tudo aquilo se combinava numa harmonia tão

---

<sup>43</sup>MOURÃO. s.m. 1. Vara mais grossa, a que nos estacados se prendem horizontalmente outras varas mais finas, formando uma espécie de grade que depois se cobre de mato para servir de cerca. 2. Estaca a que se arruma a cêpa.[...] CÊPA (fig.)[...] Tronco [...].

<sup>44</sup>MARRUÁ, a.m. 1. Touro. 2. Nanho por domesticar.[...]

<sup>45</sup>PLANGENTE adj 2g 1. Que chora, lastimoso. 2. Triste.

pitoresca que me fazia bem ao corpo e ao espírito.

Tão absorta me pusera que me assustei quando alguém bateu palmas junto ao portão de entrada da varanda. Era um homem ainda moço, trazendo uma pequena mala de viagem. Foi entrando desembaraçadamente e abrindo a maleta sobre um dos bancos da varanda: “- A dona não quer comprar alguma coisa?”

Compreendi logo tratar-se de um vendedor ambulante, um bufarinheiro<sup>46</sup>, rodando pelas fazendas próximas em sua lida de todos os dias.

Acudiram em chusma<sup>47</sup> os compradores, gente miúda e gente graúda. E o negociante começou a exhibir suas mercadorias – colchetes, botões, gaitinhas, espelhos, tesouras, linhas, - que ia vendendo de acordo com as preferências dos interessados, crianças e adultos.

Nada pretendendo comprar, conservei-me de lado, apoiada ao gradil da varanda, e pareceu-me de repente, ao ver aquela cena, que outra contemplava eu agora, outra passada havia muitos anos, nos primórdios da minha vida. (Está escrito dessa forma)

A varanda era a mesma. Porém o bufarinheiro era Nicolau, um mascate libanês, correfíssimo no seu traje de viajante, botas de cano alto, esporas reluzentes. Chapéu de feltro e grandes bigodes negros de pontas caídas. Usava uma grossa corrente de ouro que prendia numa das extremidades, um relógio também de ouro, tipo “cebola”, cujas diferentes capas abria para mostrar-nos o maquinismo, o que nos divertia imensamente. O relógio soava as horas, outro motivo de indescritível júbilo para nós.

Em vez de maleta de viagem, o Nicolau trazia duas grandes canastras<sup>48</sup>, tauxiadas<sup>49</sup> de pregos de cobre dourado, presas à cangalha da mula baia, a moeda, que ficava parada, a tira de couro do cabresto roçando o chão, com um ar melancólico e pensativo de quem calculasse o peso daquele museu ambulante.

O mascate vinha à fazenda duas vezes por ano. E o abrir daquelas malas constituía uma das maiores alegrias naquelas paragens.

Tornava a sala de visitas numa verdadeira explosão de quinquilharias de todos as matizes<sup>50</sup> – pentes, escovas, espelhos, rendas e fitas, sapatos, leques, chales, jóias e perfumes, - que se eu! Um mundo de coisas vistosas e coloridas que aos meus olhos infantis, pareciam provir de países encantados.

A convite de meu avô, o Nicolau pernoitava na fazenda e tomava parte nas refeições da família. Conversava sobre política e sobre finanças. Dava notícias do mundo todo. Ho-

---

<sup>46</sup>BUFARINHEIRO s.m. Vendedor ambulante de bugigangas.

<sup>47</sup>CHUSMA v1 Grande quantidade. 2 Aglomeração de pessoas.

<sup>48</sup>CANASTRAS, s.f. [...] Pequena caixa de madeira, revestida de couro cru, para condução de roupas e outros objetos, nas tropas.

<sup>49</sup>(TAUXIADAS) TAUXIA sf. Obra entalhada com aço e ferro, com embutidos de ouro, prata, etc.

<sup>50</sup>(MATIZES) MATIZ sm 1. União de diversas cores. 2 Gravação de uma cor. 3 Tom . 4 Grau. Matizar v combinar cores diversas.

nesto, trabalhador, dedicado a leituras, viajado, deleitava a todos nós, crianças e adultos, contando histórias de suas peregrinações no Brasil e em sua terra natal – o Líbano.

Mas ao despertar daquele ligeiro mergulho no passado, comecei a observar aqueles compradores, os meninos de agora e vi que também se sentiam felizes, não sei se tanto quanto eu fora outrora, diante da mala do Senhor Nicolau. Eles experimentavam os pentes, passando-os pelos cabelinhos curtos e queimados de sol. Miravam-se nos espelinhos redondos, com escudos de clube de futebol no reverso. Assopravam gaitinhas frágeis e brinquedos de matéria plástica. Como eram diferentes os brinquedos do tempo do Nicolau. Como eram lindas aquelas bonequinhas de cabeça, mãos e pés de louça e corpo de pano! A minha Rosinha, é assim.

Escrevi esta crônica em Janeiro de 1951, numa de minhas visitas à Serra.

Hoje, decorridos 32 anos, a minha saudade aumentou, mas as lembranças continuam bem vivas.

Como eram compridas as noites de expectativa, quando meu avô decidia que as malas do mascate só fossem abertas no dia seguinte da sua chegada. E saía com ele, a cavalo, para um passeio pelas terras da fazenda.

Aquelas visitas periódicas de um mascate, as fazendas outrora, eram muito importantes. Minha avó fazia uma boa provisão de miudezas para costuras e trabalhos de agulhas - botões de vários tipos, agulhas, alfinetes, colchetes etc.

Também comprava tecidos diversos. As moças descobriam novidades para a confecção de seus vestidos, as crianças ganhavam brinquedos e as meninas recebiam fitas e pregadores de cabelos.

As pessoas da colônia também vinham às compras.

Era no mascate que os rapazes, adquiriam os seus chapéus de feltro e tecidos para as roupas domingueiras.

O Senhor Nicolau pensava nas preferências de cada grupo de pessoas. Tinha tato para negociar e sabia com que agradar a todos.

Pensando bem, as malas do Senhor Nicolau eram uma espécie de vitrine ambulante, para as pessoas do interior. A maioria delas jamais estivera diante de uma.

Certamente eu me esqueci de falar aqui de outras pessoas que passaram pela Serra, no meu tempo. Mas estou certa de que, mencionei as que mais me impressionaram. Uma delas foi a daquele libanês que chegava sempre montado num belo animal, bem arriado, e que trazia um pouco do mundo para as tranqüilas paragens da nossa fazenda.

## **b) Meios de Transportes**

### **1) De Caráter Geral**

No diário de meu bisavô Agostinho Ferreira dos Santos, encontrei um trecho que vou

transcrever aqui:-

“Sahi de casa (Fazenda dos Alpes) em viagem para a Côrte no dia 20 de Agosto de 1890.

Agosto 20 - Fomos para a Estação do Castelo  
21 – Para o Cachoeiro  
22 – Para a D<sup>a</sup> Porcina  
23 – Para o Mimoso  
24 – Para Santo Eduardo  
25 – Para Campos  
26 – Chegamos à Corte (Rio de Janeiro)

Setembro 20 – Saímos da Côrte para Juiz de Fora  
21 – Congonhas do Campo  
22 – Falhamos  
23 – Juiz de Fora  
24 – Patrocínio  
25 – Santo Eduardo  
26 – D<sup>a</sup> Porcina  
27 – Cachoeiro  
28 – Monte Líbano  
29 – Estação do Castelo  
30 – Chegamos nos Alpes”.

Além de retratar a situação da época, quanto às dificuldades de transporte, este texto é um documento histórico e sentimental, para a nossa família.

Se as dificuldades de transportes eram assim no ano de 1890, pode-se imaginar, como teriam sido de 1845 a 1860, quando vieram para o vale do Castelo e outras regiões, os primeiros moradores, os pioneiros da formação do município.

Na história de cada fazendeiro ali instalado, há referências bem precisas sobre o tempo de duração das viagens e os meios de transportes usados. Diziam por exemplo assim:-  
“A viagem foi realizada da seguinte maneira:

- os homens da família vinham a cavalo, as senhoras e as crianças em liteiras<sup>51</sup>, e os escravos a pé.

Vieram crianças até em balaios, em animais de carga”.

Algumas famílias que vieram de Valença (RJ), tomaram um rebocador em São João da Barra, até Itapemirim, depois de uma longa viagem. De Itapemirim até o Vale do Castelo, continuaram a viagem nas mesmas condições – a cavalo, em liteira, etc. Houve famílias que levaram até seis meses viajando, naturalmente descansando de quando em vez.

<sup>51</sup>LITEIRA s.f. Veículo antigo, sem rodas, levados por homens ou cavagalduras.

É fácil calcular o que representou para aqueles bravos pioneiros a chegada de uma estrada de ferro, mesmo em etapas – Campos, Santo Eduardo, Cachoeiro e Castelo.

A inauguração da Estrada de Ferro Caravelas em Castelo, ocorreu no dia 16 de setembro de 1887, segundo Sylvio Rangel<sup>52</sup>. Foi uma grande festa e uma alegria.

No começo o trem funcionava em dias alternados. Na sede das fazendas, porém as condições continuaram sendo as mesmas – animais de cela, liteiras, carros de bois, e tropas, para transportes de mercadorias e de produtos de lavoura.

Os homens sentiam orgulho em ostentarem bons animais e belos conjuntos de arreios. As senhoras usavam cilhão<sup>53</sup> e trajes especiais de montaria. Às vezes uma saia de roupão comprida até os pés, chapéu e uma tala.

E nas fazendas havia na entrada das residências um apeadouro – pequeno muro em espécie de banco de pedras, com alguns degraus, onde os homens encostavam os animais, para as senhoras montarem e desmontarem. A saia comprida dificultava os movimentos.

As crianças muito pequenas, eram conduzidas num balainho oval, uma espécie de berço, acolchoado e coberto por um cortinado de tule<sup>54</sup>. Um escravo ou empregado, jovem e forte, carregava o berço com o bebê, andando a pé e sempre a frente.

As crianças de um a três anos eram carregadas, geralmente pelos homens na frente da cela. Normalmente dos quatro anos em diante, já viajavam sozinhas em celas menores. Ganhar uma cela era grande honra e alegria para um garoto.

As meninas viajavam num cilhão menor e até havia aqueles com uma espécie de cerquinha na parte de trás.

Uma viagem com a família toda, tinha que ser muito bem preparada. A escolha dos animais para as senhoras e para as crianças, arreios adequados e com as peças necessárias, horário, etc.

Um chefe de família escrupuloso inspecionava cada animal antes de ser montado pelas pessoas da família.

Nas pequenas viagens, quando as estradas permitiam, fazia-se o trajeto em carros de bois. E as crianças vibravam.

## II) O Carro de Bois

Tive oportunidade de assistir a um desfile de carros de bois em Raposo no Estado do Rio

---

<sup>52</sup>SYLVIO RANGEL, nascido em Castelo no dia 04 de julho de 1950 e falecido aos 48 anos de idade, também naquela cidade, em 27 de outubro de 1938. Era farmacêutico e poeta. É autor do documento: “Resumo Histórico do Município de Castelo.”

<sup>53</sup>(CILHÃO) CILHA s.f. Tira de couro com que se aperta a sela ou a cangalha por baixo da barriga da cavagaldura.

<sup>54</sup>TULE, s.m. Tecido leve e transparente, de seda ou algodão.

de Janeiro, há alguns anos. Foram apresentados muitos carros, todos decorados com produtos agrícolas da região, conduzindo pessoas e cada qual exibindo a sua cantoria. Foi um espetáculo inesquecível.

Ouvi contar de vários outros lugares onde é apresentado o mesmo tipo de desfile, em Minas, Bahia e outros Estados.

O carro de bois é hoje mais uma peça folclórica do que veículo destinado a transportes agrícolas, como outrora. Entretanto, era um dos mais comuns meios de transportes, indispensável em qualquer fazenda, quando ainda não existiam caminhões e as estradas eram demais agrestes.

Jamais alguém do tempo antigo compreenderia existir uma fazenda sem o carro de bois. E muito menos nós, os da Fazenda da Serra. Para mim ele fazia parte da própria paisagem da fazenda, quer quando surgia na curva do caminho da colônia, carregando produtos agrícolas, cantando desde longe, até atingir seu objetivo, quer imóvel, guardado na varanda do paiol.

O carro de bois transportava os cereais da lavoura até os paióis e a tropa de muares conduzia os produtos para os locais onde eram negociados.

E esses dois veículos de transportes, tinham um encanto todo especial. Numa época tão carente de transportes, o carro de bois também servia de condução para as famílias e, malgrado o desconforto, era uma festa para as crianças viajarem naquele veículo.

Lembro-me da alegria que sentíamos, eu e meus irmãos, quando na Fazenda da Prata, passeávamos numa miniatura de carro de bois, puxado por juntas de cabritos.

A cantoria do carro de bois fazia parte do conjunto de ritmos que constituía uma espécie de orquestra natural, composta de vozes de animais e de ruídos de instrumento de trabalho, uma orquestra que a gente não esquece jamais.

Quem se vê num carro de bois, julga tratar-se de um veículo muito simples com poucas peças. Porém ele é composto de muitas peças e só o carreiro, ou aquele que o constrói e dirige, as conhecem todas.

A construção de um carro de bois pode ser resumida no seguinte: um par de rodas; um eixo; o assoalho e o cabeçalho.

Também eram nossos conhecidos as cangas<sup>55</sup>, os ganzais<sup>56</sup>, os fueiros<sup>57</sup> e o ferrão, que são acessórios indispensáveis. Até aqui vão os meus conhecimentos quanto ao carro de bois. E creio que isso acontece a qualquer pessoa que morou na roça, mas não foi carreiro.

Porém existem muitas outras peças, tais como: madeiras, chapas de ferro e até tiras de

---

<sup>55</sup>CANGA s.f. 1 Jugo de madeira com que se prendem os bois, pelo cangote, aos carros. 2 Jugo, submissão.

<sup>56</sup>GANZÁ sm Espécie de chocalho de metal, um dos instrumentos da bateria das escolas de samba.

<sup>57</sup>FUEIRO sm Estaca que segura a carga, nos carros de bois.

couro crú.

Sem descrevê-las nem indicar as suas utilidades, vou transcrever o nome de algumas peças só por curiosidade: - meão<sup>58</sup>, chêdas<sup>59</sup>, cambotas<sup>60</sup>, chumaços<sup>61</sup>, cocões<sup>62</sup>, cavilhas<sup>63</sup>, chavetas<sup>64</sup>, etc.

É certo que, para manter o equilíbrio e o bom funcionamento do carro, cada peça é muito importante e exige uma perfeita escolha do material.

São necessárias peças para manter o carro quando os animais são soltos, peças para prender a primeira junta de bois de coice ao cabeçalho e para prenderem as juntas umas nas outras.

Tudo é muito bem estudado, bem certinho. A canga é um acessório de madeira, feita para adaptar as juntas de bois. Essa é uma peça que exige muita perícia para fazê-la, inclusive levando em conta até o peso da madeira. As cangas usadas no Brasil são muito simples, porém em certas regiões de Portugal são artísticas e lindas, como tive oportunidade de apreciar no Minho, onde estive na época da vindima<sup>65</sup>. Até saltei do automóvel para ver bem de perto.

O ferrão é uma vara de madeira, de mais ou menos três metros de comprimento. Tem na ponta um ponteiro de ferro e, junto dele é colocada uma argola de ferro que produz um som que estimula os animais ao trabalho.

Três pessoas geralmente conduzem o carro de bois – o carreiro, o carregador e o candeiro<sup>66</sup>.

O carreiro dirige o carro e usa de uma linguagem especial para fazer-se entender pelos bois. E esta linguagem é usada até para cangar os animais. E é uma cena muito interessante de se assistir.

O candeiro é um menino que vai a frente dos bois. Carrega o ferrão para estimulá-los ao trabalho. É uma figurinha simpática e que tem sido cantada pelos poetas. A propósito, vou transcrever aqui um soneto de Benjamin Silva<sup>67</sup>, o poeta de Cachoeiro, do seu rio

---

<sup>58</sup>MEÃO adj 1 De meia-idade. 2 Nem alto nem baixo de estatura [...]

<sup>59</sup>CHÊDA (ê) s.f., cada uma das pranchas laterais da mesa ou leito do carro em que se introduzem os fueiros. Chazeiros.

<sup>60</sup>CAMBOTAS adj 2 g e s 2 g. Diz-se de, ou pessoa que tem as pernas tortas, em arco.

<sup>61</sup>CHUMAÇOS sm Porção de algodão ou de outras matérias moles e flexíveis.

<sup>62</sup>(COÇÕES) COÇÃO, s.m. Cada um dos quatro paus verticais, fixos nas chedas do carro de boi, e entre os quais gira o eixo das rodas.

<sup>63</sup>CAVILHA s.f. Peça de madeira ou de metal, para tapar um orifício ou unir e fixar madeiras ou chapas.

<sup>64</sup>CHAVETAS (ê) sf Peça para ajudar a fixar a roda na ponta do eixo.

<sup>65</sup>VINDIMA s.f. Colheita de uvas; tempo de vindimar: uvas vindimadas. (fig) colheita;

<sup>66</sup>CANDEIRO sm Aparelho para dar iluminação pela queima de querosene, óleo ou gás.

<sup>67</sup>SILVA, Benjamim. Castelense de São Quirino, nascido em 20/07/1886 era possuidor de versos simples e claros. Foi o mais importante poeta de Castelo. Depois de alguns anos, transferiu residência para Cachoeiro de Itapemirim.

e de suas montanhas. Um poeta simples que soube descobrir a poesia nas coisas da vida.

## O Candeeiro

Não falo do candeeiro que alumia,  
Extinto pelos últimos inventos,  
Que bruxoleia<sup>68</sup> nas velhas fazendas mal ardia,  
Em bruxoleios, a feição dos ventos.

Falo desse que chama os bois de guia,  
Através dos caminhos lamacentos  
Desse garoto que ao romper do dia  
Conduz à roça os carros pachorrentos<sup>69</sup>.

Eu falo dessa figurinha ousada,  
De pés no chão e em mangas de camisa,  
De vara em punho à frente da boiada.

E que assim, no controle do comando,  
Toda a marcha dos bois regulariza,  
Pela toada em que o carro vem cantando.

Quando lembro do carro de bois da Serra, fico perguntando-me – onde estará ele agora? Em que cantinho do meu Estado estará aquele carro que era nosso, que cantou lá na nossa fazenda, enquanto trabalhava, e foi indispensável.

Passados tantos anos, eu ainda recordo de muitos bois que trabalhavam no carro da junta de coice, da junta de guia. Parece que ainda estou vendo o Marechal, o Ramalho, o Coração – belos animais nascidos ali mesmo na Serra. E quantas vezes, a tardinha, nós meninas da fazenda, os aguardávamos na extremidade da varanda do jardim, quando eram soltos do carro, depois de um dia árduo de trabalho.

Protegida pelos gradis da varanda, nós colocávamos na boca de cada um deles, uma espiga de milho e sentíamos enorme satisfação vendo-os mastigar e ouvindo o ruído dos grãos triturados pelos dentes daqueles nossos amigos, mansos e pachorrentos. E os acompanhávamos com os olhos quando eles se dirigiam ao pasto para uma noite de repouso, até o amanhecer, quando provavelmente voltariam ao trabalho.

<sup>68</sup>BRUXULEAR v1 Luzir de modo fraco e incerto. 2 Tremeluzir antes de apagar-se (a chama).

<sup>69</sup>PACHORRENTO adj. Que tem pachorra, lento; Indolente; feito com pachorra; (PACHORRA) ô.s.f. falta de pressa ou afobação; lentidão, paciência; vagaroso.

### III) Tropas e Tropeiros

As tropas de muares faziam parte do patrimônio de qualquer boa fazenda de outrora. Eram indispensáveis para transportar os produtos agrícolas aos centros, comercializantes e trazer mercadorias aos fazendeiros.

Mas não eram somente os fazendeiros que se utilizavam das tropas, mas também negociantes que mantinham comércio com lugares mais distantes, como acontecia entre os Estados do Espírito Santo, de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Havia tropas que faziam transportes para outras pessoas que contratavam seus serviços.

Organizar e manter uma tropa acarretava grandes despesas, de maneira que muitos donos começavam com um animal e, pouco a pouco, iam adquirindo outros, até formar um bom conjunto.

No livro de Maria Stella de Novaes<sup>70</sup> – Jerônimo Monteiro – há um trecho, à página 39 que ilustra o assunto e é bastante significativo porque refere-se a uma pessoa importante, que deu ao Espírito Santo, dois presidentes – Dr. Jerônimo Monteiro e Dr. Bernardino Monteiro. O texto é o seguinte: “Deste Minas, havia Bernardino Rios se relacionando com o jovem Francisco de Souza Monteiro, (português de Braga) a quem emprestava um burro e mercadorias, ‘para começar a vida’. Comprando e vendendo, Francisco no regresso da primeira viagem, pagou a dívida e comprou outro burro; assim continuando, formou uma tropa e contratou tropeiros, guias e piaus<sup>71</sup>”.

Dirigia os negócios da tropa (peões) e tão bem se houve, que Bernardino Rios os admitiu como empregado de sua casa comercial.

Para manter uma tropa em boas condições era necessário escolher animais adequados ao serviço e tratá-los de maneira que pudessem suportar a carga, por vezes pesada, viajando por caminhos penosos e difíceis.

Para isso tinham que contratar tropeiros e arrieiros, homens treinados no trato com os animais e imbuídos de muita coragem, para enfrentarem os perigos decorrentes da natureza, e do próprio trabalho.

E pode-se imaginar a luta constante daqueles homens rústicos e corajosos, enfrentando estradas péssimas, se é que se pode chamar de estradas, aquelas picadas abertas na mata virgem, aqueles trilhos sem balizamento, à beira de precipícios, com atoleiros que as vezes cobriam os animais até o peito, as barrancas escorregadias, os córregos e rios sem pontes e perigosos de serem atravessados durante os períodos de enchentes.

Uma tropa não podia viajar distâncias longas de uma vez. Precisava descansar, retirar a carga e alimentar-se, para continuar a viagem no dia seguinte. Para resolver este proble-

<sup>70</sup>NOVAES, Maria Stella de. “Jerônimo Monteiro - Sua vida e Sua Obra” - Vitória, Arquivo Público Estadual, 1979.

<sup>71</sup>PIAU, s.m. [...] pop. Logro; embuste. Bras. Nome dado os piabas maiores.

ma, alguns proprietários de tropas, construíram ranchos em locais adequados.

Foi o que fez meu bisavô José da Rosa Machado da Fazenda Boa Vista, mais ou menos nos anos de 1860 a 1886, quando faleceu.

E ainda Maria Stella de Novaes, no livro – Jerônimo Monteiro, quem diz na pagina 39: “No Arraial de Cachoeiro, Bernardino Rios abriu a Fazenda da Cachoeira Grande, estabeleceu uma casa comercial para entreposto de tropas que numerosas, desciam de Minas carregadas de toucinhos, carnes, fumo, etc. Voltaram com sal e fazendas”.

Houve mesmo pessoas que construíram ranchos para aluguel, o que foi uma boa iniciativa, facilitando a viagem das tropas, único meio de transporte de cargas, durante os primeiros tempos da colonização do país.

Tropeiros e arrieiros eram indispensáveis para conduzir uma tropa. O tropeiro além de conduzir a tropa, conhecia os hábitos dos animais e quando surgia um trecho de estrada mais perigoso, aquele condutor de muares aguardava com paciência, para que eles próprios escolhessem por instinto, o melhor lugar para passarem.

Ao chegar ao rancho de pouso o arrieiro retirava toda carga dos animais e as arrumava em ordem, e dava aos animais a ração adequada. E pela manhã tornava a arriar todos os animais. Era uma árdua tarefa.

Quando paravam num rancho, os homens que conduziam a tropa tinham também que preparar as próprias refeições, armando as trepes e usando panelas de ferro, que levavam na bagagem. Também cuidavam de suas roupas. Preparavam uma comida saborosa e existe até o célebre feijão de tropeiro, bastante conhecido.

Em Castelo, numa rua bem central, havia um rancho de tropas. Segundo MORAES<sup>72</sup>, ainda no início do século IX, o município de Castelo foi um dos centros tropeiros de maior movimentação, para a qual convergiam tropas de Muniz Freire, Piaçú, Conceição do Castelo, Venda Nova e Afonso Cláudio, além de várias fazendas do próprio município”.

Tropeiros e muladeiros, numa época em que as comunicações eram difíceis, eram uma espécie de elo de comunicação com os centros mais desenvolvidos. Muitas pessoas procuravam os ranchos, à noite, não só para ouvirem as melodias que os tropeiros cantavam acompanhados de suas violas, como para procurarem notícias de outros lugares e escutarem as histórias fantásticas que os tropeiros tinham para contar.

Recordo-me das tropas na Fazenda da Serra. Da varanda assistíamos os preparativos para a saída da tropa. E eu tinha uma admiração especial pela guia enfeitada com tiras de baeta<sup>73</sup> vermelha, com o peitoral cheio de cincerros tilintando, quando se movimentavam, andando sempre a frente da tropa.

Durante os anos que vivi na fazenda, jamais deixei de correr para a varanda a fim de ver, de longe, a passagem da tropa, descendo dos lados da Boa Vista.

---

<sup>72</sup>MORAES, Armando. “Por Serras e Vales do Espírito Santo. A Epopéia das Tropas e Tropeiros”. Vitória (ES). 1989. 123p.

<sup>73</sup>BAETA (ê), s.f. Tecido felpudo e grosseiro de lã [...]. Pano de lã felpudo não pisoado.

E quando a tropa da fazenda regressava de uma viagem, era uma festa para nós. Para mim, tal como acontecia com o carro de bois, as tropas faziam parte da paisagem da fazenda, e hoje constitui um elemento folclórico.

#### **IV) Muladeiros**

Outrora em toda região sul do Espírito Santo, que ainda se encontrava em período de formação e desenvolvimento, graças a chegada de abastados fazendeiros do vale do Paraíba (RJ), não havia criadores de animais destinados a montaria e a formação de tropas de muares.

E justamente era a época em que mais eram necessárias. Os produtos agrícolas começavam a produzir razoáveis safras e precisavam ser transportados. As construções dos casarões de moradia exigiam certos materiais, que muitas vezes precisavam ser trazidos de longe. Além disso, a maioria dos caminhos não ofereciam condições ao trânsito de carros de bois.

A notícia de tal situação chegou a lugares mais distantes e começaram a aparecer homens conduzindo lotes de muares para vender. Eram os muladeiros. Pessoas que criavam, ou compravam animais em Minas e em outros estados e vinham vender em nossa terra. Isto facilitou a formação de tropas que faziam o intercâmbio de mercadorias entre os Estados, e das fazendas para os lugares mais povoados.

Chegavam pequenas e grandes levadas de animais, viajando dias e dias, devagar, para poupar os muares que seriam vendidos ao chegarem.

Como acontece em outros tipos de negócios, começaram a surgir especuladores e até criminosos que as vezes matavam os muladeiros, quando eles regressavam a seus lares, depois da venda dos animais. Também houve especuladores que roubavam animais em outros estados e vinham negociá-los aqui.

Não tardou que a polícia começasse a agir, prendendo, e até matando os ladrões de animais. Tive ocasião de tomar conhecimento de dois fatos típicos sobre o assunto.

Certa vez, muitos anos depois da época áurea dos muladeiros, realizei uma viagem a Muniz-Freire, de automóvel. Em determinado ponto da estrada havia uma ponte em cima de um grotão e, ao longe avistava-se um lindo panorama. Encantada com a paisagem, saltei do carro para apreciá-la melhor.

Vi então, na curva da estrada, logo depois da ponte uma cruz de madeira enfeitada com colares de contas de lágrimas de Nossa Senhora e de flores artificiais. Havia até restos de velas apagadas.

O motorista, conhecedor da região, vendo meu interesse em saber os motivos daquele sinal na estrada, disse-me: - "Esta é a cruz do muladeiro. Aqui mataram há muitos anos um rapaz de Minas Gerais que voltava para a terra depois de vender os animais que trouxera de lá". Cansado da viagem o moço pediu pousada em casa de um sitiante lá de

baixo, naquele grotão. O ingênuo rapaz contou ao hospedeiro da felicidade que sentia de voltar à sua terra e rever os pais, depois de uma longa ausência. Contou também que pretendia comprar “uma Terrinha” para os pais já velhos e pobres. No dia seguinte, madrugou para seguir viagem. O sitiante já o aguardava, dizendo que precisava ir até Muniz - Freire e aproveitaria a sua companhia. Dois dias depois o corpo do muladeiro foi encontrado no grotão, no riacho.

O sitiante prosperou, porém tornou-se amargo e caladão. Criou-se então, a lenda de que o muladeiro ajuda a quem reza ali naquela cruz que ergueram por causa de sua morte. É a cruz do muladeiro.

Outro caso foi-me narrado por minha mãe. Eu tinha pouco mais de um mês de idade e meus pais residiam na Fazenda Independência. Numa tarde, quase ao anoitecer, um viajante pediu pousada. Nenhum fazendeiro negava um pedido desse.

Mas acontece que meu pai não estava em casa, e minha mãe era muito jovem ainda e bastante medrosa. Um tio de mamãe, tio Cesar, preveniu-a de que o tal viajante era fulano de tal, pessoa procurada pela polícia, um muladeiro acusado de roubo de animais. Tratava-se de um senhor de boa aparência, tranqüilo e educado.

Mamãe, bastante apavorada, mas protegida pelo tio e outros moradores da fazenda, mandou servir jantar ao viajante e a seu criado e preparar-lhes os quartos.

Terminada a refeição, o hóspede dirigiu-se à minha mãe para agradecer e preveni-la de que viajaria pela madrugada. Vendo-me ao colo de mamãe, o homem pediu delicadamente, que o deixasse ver o rostinho da criança.

E aquele homem perseguido, longe da família e do lar, teve os olhos cheios de lágrimas ao dizer que, lá na sua terra nascera-lhe uma filhinha, que ele ainda não conhecia e que tinha a mesma idade daquela menininha.

Mamãe sentiu muita pena daquele muladeiro e desejou boa sorte a criança que tinha a minha idade.

O viajante partiu de madrugada e dois dias depois, foi morto pela polícia.

E sempre que minha mãe me contava este episódio eu sentia pena do muladeiro e ficava pensando na menininha que não conhecera o próprio pai e que era da minha idade.

Quantos heróis anônimos não estariam escondidos na rusticidade daqueles humildes trabalhadores – boiadeiros, tropeiros e muladeiros que tanto cooperaram na construção da nossa terra, naquela época distante da nossa história.

## **5.4 - Outros Fatos Ocorridos na Fazenda da Serra.**

### **I) Os Animais na Fazenda da Serra**

Na fazenda, o nosso convívio com os animais era tão natural e tão espontâneo, que eles misturavam-se ao nosso dia a dia.

O leite que tomávamos era ordenhado todos os dias. E, às vezes tomado cru, perto da vaca e do bezerrinho.

A carne apresentada à mesma era dos animais criados ali mesmo.

Os meios de transportes dependiam de animais, para conduzir os carros de bois, carroças, zorras ou cangalhas.

Quem chegava, vinha montado em algum animal. E quem saía também.

Aos animais destinados a montaria da família, eram dispensados cuidados especiais e bastante critério na escolha.

Havia os destinados as crianças – os mais mansos. Para as senhoras, que usavam cilhão, os cavalos deveriam ser bem treinados e de excelente aparência.

Os homens preferiam animais mais fortes, mais resistentes, da família dos muares.

Alguns nomes de animais ficaram-me na lembrança. O Pensamento, um cavalo branco, talvez o mais querido e mais manso. O Aly, um cavalo preto, também manso. Ambos eram montados pelas crianças.

Meu pai montava sempre na Medalha e no Segredo – dois excelentes animais.

Entre as vacas – a Província - muito peculiar, de belo porte; a Americana, uma linda vaca preta, a minha vaca. Ambas muito mansas. Duas outras notabilizaram-se por serem terrivelmente bravias, quando dava cria - era a Sabiá e a Estrela.

Entre os bois do carro, formavam duas parselhas, ou juntas notáveis – o Marechal e o Coração, o Granito e o Ramalho – uma junta de coice e uma de guia.

Eram quatro animais lindos e fregueses de uma espiga de milho, a tarde, quando terminavam o serviço no carro. E como a gente tinha carinho por eles!

Até entre as tarefas distribuídas às pessoas da fazenda, havia aquelas destinadas a cuidar dos animais – dar canjiquinha aos pintinhos, fubá molhado, milho as galinhas, ração aos porcos da ceva, ou conduzir vacas e bezerros aos pastos alternados, sem mencionar os encargos que as crianças inventavam por conta própria, como: distribuir farelo de fubá aos canarinhos, assistir ao banho dos beija-flores no açude, e de outros, ocasionais.

Quando qualquer animal da fazenda aparecia de cria nova, era uma festa. Um bezerro ou um poldrinho recém nascidos, tinham que receber o carinho e as boas vindas das crianças que, também tinham de ajudar na escolha do nome.

Jamais deixávamos de presenciar a entrada do açude de uma ninhada de patinhos recém nascidos. Era como uma cerimônia de batismo.

Até durante a noite enquanto a família descansava, a presença dos animais era constante – um cão, ladrando perto, outros mais longe; o mugido de uma vaca e do bezerro; galos cantando em horas certas, perto e distante. Sem falar nos mil ruídos dos insetos, da orquestra dos sapos e do tristonho canto das aves noturnas.

E, pela madrugada ainda no escuro, a passurada iniciava uma linda e maravilhosa orquestra. Meu Deus! Como havia pássaros naquele tempo! Muitas vezes eu acordava de

madrugada e tentava distinguir o canto de cada um – dos sabiás, dos tico-ticos, canarinhos, coleiros, gaturamos... E dormia novamente sem conseguir, porque eram tantos... E havia também aqueles que cantavam ao entardecer, como as saracuras, pousadas sobre suas longas pernas nas águas de um córrego ou brejo. É um canto curioso! Havia também as piaçocas.

Era divertido assistir a passagem dos bandos de papagaios, periquitos e maitacas, a tardinha quando regressavam para dormirem nos seus pousos. Passavam, naquele habitual chalreado<sup>74</sup>, barulhento.

Nas matas de Santa Luzia, havia outrora o caminho por onde se saía e se entrava para a fazenda. Era um trilho estreito e pedregoso, por onde os animais subiam ou desciam pachorrentos<sup>69</sup>, sem pressa; poucas estradas seriam mais pitorescas do que a de Santa Luzia – no meio da mata, cheia de plantas, inclusive begônias, açucenas e muitos outros tipos de folhagens. Porém o que mais me encantava, era o canto das aves, inclusive das arapongas, geralmente embrenhadas na mata, nos píncaros das árvores. O seu grito estridente ecoava pela mataria, o seu trinado longo era um espetáculo!

As vezes aparecia uma araponga no pomar da fazenda. Vinha de passeio, pousava nos galhos mais altos das árvores, emitia sons agudos e desaparecia. Todos nós corríamos para a frente da casa ou saíamos em direção ao pomar para vermos a visitante.

Algumas vezes também chegava o bando de periquitos, de maracanãs, de araçari<sup>75</sup> e até de tucanos. Pousavam numa árvore, faziam uma garalhada<sup>76</sup> incrível e iam embora.

Havia naquele tempo um lindo pássaro vermelho – o tie – sangue. Não sei se ainda existem. Não me recordo de haver ali, outrora, o João de Barro.

Recordo-me dos esquilos, dos macaquinhos e até de algum arisco e raro gato-do-mato. Os homens da fazenda gostavam de caçar e, muitas vezes o assunto à mesa, era de caçadas. Os casos que eles contavam logo se transformavam em histórias para as crianças – as pacas, os veadinhos, as onças, as queixadas que apareciam em bandos. Havia também, os animais perigosos que assustavam. Porém nós sabíamos nos defender, inclusive até rezas, consideradas infalíveis para espantar os bichos maus.

As pessoas adultas dispensavam cuidados especiais de limpeza ao redor da casa, para conservarem de longe os animais perigosos. Convivendo com tantos animais, era natural que os observássemos. Quando eu li sobre a sensibilidade de certos animais à música, comecei a lembrar-me de fatos que ocorriam na fazenda da Serra.

No tempo em que as vacas leiteiras permaneciam soltas nos arredores da casa, para serem ordenhadas bem cedo, às noites de luar, nós costumávamos cantar no terreiro. Cantávamos modinhas, cantigas de roda e hinos religiosos. E as vacas vinham chegan-

---

<sup>74</sup>(CHALREADO) CHALREAR. VI Conversar à toa. 2 Emitir sons inarticulados. 3. Palrar. PALRAR v1 Articular sons desprovidos de sentido. 2 Tagarelar.

<sup>75</sup>ARAÇARI, s.m. (orbit.) (Pros.) Ave Trepadora da família dos Tucanos[...].

<sup>76</sup>GARALHADA sf Riso aberto, ruidoso, prolongado.

do, uma a uma, e paravam junto a muralha do terreiro, olhando, tranqüilas. No final do pomar havia uma mangueira antiga, e seus galhos ofereciam um conforto especial. Muitas vezes nas longas tardes de verão, quando o céu no poente tingia-se de vermelho, nós nos encarapitávamos<sup>77</sup> cada uma em um dos galhos da mangueira e cantávamos, cantávamos tudo quanto sabíamos, até começar a anoitecer. Quando descíamos da mangueira, as vacas estavam todas junto a cerca do pomar. Silenciosas, paradas, como se assistissem a um concerto. E nós nos sentíamos bastante lisonjeadas, diante de um público tão atento.

Era assim o nosso convívio com os animais lá na Fazenda da Serra.

Um relacionamento forte, tranqüilo e natural. Porém, os animais eram conservados no seu próprio ambiente, sem entrarem em casa.

As gaiolas dos pássaros eram as árvores, o espaço. A jaula das feras, as matas espessas. As tocas, nas rachaduras naturais das pedras.

Parece folclore ou conto de fadas, a vida que a gente vivia outrora na fazenda.

Porém, agora graças a Deus, ela parece que está retornando em parte, graças a mentalidade de Pedro Paulo, atual proprietário da Serra.

Experimentei uma grande alegria ao saber que ele, espontaneamente, segue o mesmo ritmo de outrora, não consentindo que em suas terras, prendam os animais, nem os maltratam. Pelo contrário, está criando centros especiais, reflorestando áreas, a fim de preservar e incentivar o aumento da flora e da fauna da região.

## **II) Nuvem de Gafanhotos**

A vida na fazenda não era monótona. Pelo contrário. De quando em vez, surgia inesperadamente um fato novo, não raro, até divertindo às crianças.

Um exemplo foi o que ocorreu por volta de 1907, quando surgiu a notícia de que iria passar pela fazenda, uma nuvem de gafanhotos. Uma nuvem de gafanhotos... coisa estranha. Até aquela data já conhecíamos aqueles bichinhos, encontrados ali mesmo na fazenda.

Porém, uma nuvem deles, dava o que pensar.

Durante alguns dias, crianças e adultos aguardavam, sondando o espaço.

Afinal, um dia veio a notícia de que a nuvem chegaria, provavelmente naquela tarde, porque já havia passado em outras fazendas, pela vizinhança. Começou então o alvoroço. As crianças montaram guarda em frente da casa. Eram mais ou menos quatro horas da tarde e, já estávamos todos reunidos na varanda, crianças e adultos, quando surgiu no espaço do lado da Fazenda Santo Antônio, uma escura mancha, movimentando-se em direção à nossa fazenda. Todos nos permanecemos em silêncio, meio angustiados, aguardando. E tal mancha ia crescendo a medida que se aproximava. Começamos a

<sup>77</sup>(ENCARAPITÁVAMOS) ENCARAPITAR (se) v1 Trepas. 2 Instalar-se comodamente.

escutar um ruído surdo, esquisito.

Instintivamente aproximei-me da minha mãe e, encostei-me nela, em silêncio.

Chegaram os gafanhotos, aos milhares e, pousaram no pasto, em frente à casa.

Quando levantaram vôo, quase toda à área verde, estava cor de terra.

Então os homens da fazenda, de vara em punho, começaram a matar os gafanhotos que ainda restavam, numa caçada rápida.

E nós também às crianças, cada uma com sua varinha nas mãos, misturamo-nos aos caçadores adultos, pulando para não pisarmos nos bichos. Tentávamos ajudar, mas atrapalhando.

Havia gafanhotos grandes, coloridos e dava nervoso pisar neles.

Sentíamos medo, pulávamos no mesmo lugar, porém queríamos cooperar com os adultos.

Passado o susto, a emoção e a surpresa, até que nos divertimos, inconscientes quanto aos prejuízos causados por aqueles indesejáveis visitantes.

## **Meus Tios da Serra**

Eram cinco. Com o mais velho, tio Machadinho, convivi pouco durante minha infância. Augusto, o mais moço, eu tinha quatro anos quando ele nasceu. Naquele tempo as meninas não brincavam com os garotos.

Alberto, o penúltimo, era enfezado e não dava confiança às meninas.

Tio Bráulio e tio Humberto eram os que na infância eu considerava tios de fato. Amigos, protetores em todas as ocasiões. Principalmente tio Humberto, porque conversava muito comigo, contava-me suas escaladas às montanhas, as caçadas que realizava com os amigos e respondia-me as intermináveis perguntas. Às vezes, eu o considerava um herói quando se referia a "espera da onça", ou subida as montanhas como, o Forno Grande, que avistávamos da varanda da Serra.

Era assim no começo, porém, quando os tios atingiam uma certa maturidade mudaram as atitudes, ficamos todos amigos de fato. E foi muito bom porque durou até o fim, sem constrangimentos. Creio mesmo que a amizade se consolidou ainda mais com a chegada dos primos e primas, quando a família ia crescendo. E como cresceu!

Tio Machadinho, por ser o mais velho, sempre exerceu uma certa liderança entre os irmãos. Seu nome era Agostinho, porém, havia mais dois Agostinho na família, um era seu avô materno e o outro era um tio. Para evitar confusões, quando juntos, surgiu o apelido.

Com tantos primos e primas a casa de tio Machadinho, na Fazenda Apeninos e, mais tarde na Fazenda das Flores, tornou-se um cantinho alegre e gostoso. Tia Guiomar era presença inesquecível.

Assim, desapareceu um certo constrangimento que eu sentia diante do tio mais velho.

Os outros quatro tios também nos deram tias queridas, Olympia, Chiquinha, Sintilla e Telinha. E, já se vê, deram-nos muitos primos e primas.

Eu, que jamais tive uma irmã, procurava nas primas aquela irmã que tanto desejava. Das tias nem preciso falar, eu era a única sobrinha que morava na Serra e perfeitamente integrada com meus avós e as tias. As mais velhas protegiam-me e preparavam meus vestidos bonitos. Com as mais moças brincávamos na maior harmonia.

Em 1936 faltou, inesperadamente, Machadinho. Um choque para a família. Habitados a sua presença em todos os fatos importantes que envolviam a família, sentimos sempre sua falta.

Sua ausência parece ter aproximado mais os irmãos, que passaram a reunir-se mais frequentemente na Serra. Vinham de Belo Horizonte, São Paulo, de Itapemirim e encontravam-se com Bráulio, então o mais velho dos quatro. E ali na Serra esqueciam a grande cidade, o escritório, o quartel, o barulho, as confusões. Eram apenas quatro garotos em férias e felizes.

Faziam questão de repetir o que fizeram outrora. Levantavam-se bem cedo e de toalha ao ombro iam lavar o rosto na água da bica do lado de fora. Tomavam leite cru em canecas, junto a vaca, leite tirado pelo tio Bráulio sempre na melhor vaca leiteira. Mais tarde, depois de um bom papo, saboreavam o célebre café com leite engrossado com farinha de fubá e conservado quentinho na panela preta, louçada, na chapa do fogão de ferro. Os acompanhamentos eram roscas e pão caseiro, fresquinhos acabados de sair do forno. Tia Olympia caprichava nos quitutes e o almoço era farto e gostoso.

Iam ao moinho, o velho moinho de fubá, ver as mós dos açores triturarem os grãos de milho e o fubá cair no caixote, perfumado e fresco.

Montavam a cavalo, andavam de carro de bois, tomavam banho no velho açude, subiam nas pedras e perambulavam pelos recantos da fazenda.

Pelas redondezas e na colônia jamais ficava alguém sem receber um presente – lenços de cabeça para as velhas, bijuterias para as moças, balas e brinquedos para as crianças, fumo, cigarro e canivetes para os homens. Suas fisionomias transpareciam felicidade quando distribuíam presentes.

Socavam amendoim no pilão, para o preparo de paçoca.

Era uma festa quando apareciam em casa dos colonos e tocavam a engenhoca para preparar a garapa para o cafezinho com biscoitos fritos na hora.

Os garotos se divertiam e seus estômagos parece que se dilatavam.

E os serões, no terreiro quando havia luar ou mesmo sob céu estrelado. Era o céu da Serra. Mas sempre terminavam na cozinha, junto ao fogão queimando lenha, de vez em quando uma explosão de gargalhada – uma anedota de tio Bráulio ou mentiras de caçador contando causos.

Eu era convidada, sempre, e muitas vezes compareciam também algumas de suas irmãs.

O segundo a desaparecer foi o tio Augusto, justo o mais moço. Porém os três continuaram se encontrando, porém um pouco mais alquebrados<sup>78</sup>.

Para finalizar vou transcrever aqui minha última conversa com tio Humberto, aos 92 anos, quando só existiam dois irmãos, ele e tio Alberto, de Belo Horizonte.

“Cachoeiro- 9-5-1980.

Há vários anos a memória de tio Humberto vem apagando-se lentamente. Idéias confusas, repetições das mesmas coisas, períodos melhores e piores, às vezes não conhecendo os próprios filhos, confundindo fatos recentes.

Perambula pela casa e pelo pomar, como procurando algo para fazer. Passa às vezes de fases de inconsciência, para momentos de lucidez. Mas quase sempre lembra-se das coisas do passado, principalmente quando relacionadas com a Fazenda da Serra.

Hoje após algumas cenas de grande agitação, chamei-o para conversarmos sobre à Serra. Ele aceitou imediatamente o convite e sentou-se no canto do sofá.

Estávamos em casa do Gilson Pin e Zélia Maria, em Cachoeiro. Notei que houve logo uma transformação em sua fisionomia. Tornou-se calmo, o olhar meio vago, como se sonhasse acordado. E começou a falar.

“-Se eu fosse um pintor ou desenhista, eu pintaria todos os cantinhos da Serra, sem precisar de ir até lá.

Sabe na Serra qualquer cantinho tem o seu nome próprio e todos nós sabíamos disso. E cada lugar de lá está bem gravado aqui... (apontou para a testa) tão gravado que eu sei até as minúcias de cada um. Meu pai... (fez uma pausa, e disse depois)”. Não sei se eu tenho retrato de meu pai...

E continuou “Meu pai, quando derrubava um pedaço de mata para plantar uma lavoura ou construir uma casa de colono, punha logo um apelido no local. Assim fez com o Monte Real e a Sapucaia. Quase sempre ele escolhia o nome por causa de alguma particularidade qualquer do local, ou por um fato acontecido durante os trabalhos. Na Sapucaia, por causa da grande quantidade de sapucaieiras que teve de derrubar. No Monte Real... não sei o motivo. O nome de Caieira foi porque nós trazíamos pedras da Independência, para queimar e fazer a cal no lugar que tem o nome de caieira. Morro dos Porcos porque ali matamos porcos invasores, do Hilário. Existe a Mata de Santa Luzia, a Pedra da Velha, a Cruz, o Pomar de Cima, a Palhada, a Pedra dos Morcegos, o Morro do Viradouro (que dá para o Sossego) o Morro do Espanhol, a Derrubada do Cearence, o Pasto Angola e o morro do Perutinhga...

Havia sempre um motivo para que o lugar recebesse o nome.

E nós sabíamos onde se localizavam todos eles. Era assim na Serra”.

Parou um pouco, depois continuou sem olhar para mim: “Sabe, eu era capaz de desenhar qualquer cantinho da Serra, se soubesse desenhar. Meu pai dava o nome a todos os lugares e, também escrevia a data nos prédios, nos móveis que fazia ou que

<sup>78</sup>(ALQUEBRADOS) ALQUEBRAR. V. Tornar (se) fraco, abatido por desânimo ou doença.

comprava. A data era do dia que terminava ou que começava a funcionar. No paiol, na tulha, no moinho, dentro da caixa do relógio de pêndulo, até no armário que ele mandou o Genaro fazer, quando a Celsa se casou. Ele próprio escrevia as datas. Esse era um velho costume do meu pai... E eu me lembro de muita coisa que meu pai fazia. Até das broncas que às vezes ele dava, quando agente não fazia as coisas direito...”

De vez em quando ele calava-se. Depois recomeçava, no mesmo tom de voz, o olhar fitando algo distante.

Eu não o interrompia, mas fiquei emocionada, ouvindo-o. Ele continuou: “A casa da Serra tem duas varandas – a menor, perto da sala de visitas, e a varanda do jardim, feita quando a Dindinha (avó Maria) veio morar na Serra e meu pai, construiu um quarto para ela; e mais tarde o quarto de noiva de Celsa.”

Depois de uma pausa, disse olhando para mim - Você acredita que um homem (Paulinho) que mora na Serra teve coragem de tirar terra do jardim e fazer um grande buraco? Até no muro do jardim ele mexeu.” Depois continuou divagando.

“O primeiro degrau da escada do paiol foi feito com um pedaço da tora de cabiúna retirada do Monte Real, para fazer o armário de roupa da Celsa, quando ela se casou.

No caminho da casa dos Marcelinos, havia uma pedra grande. Muitas vezes nós, os rapazes da fazenda, passávamos a noite junto dela, tocando uma onça que às vezes aparecia no chiqueiro do Marcelino. Um dia a tal pedra soltou-se do chão e caiu justamente no local onde nós costumávamos ficar de espera.

Uma vez caiu um cachorro de caça do Peregrino numa grota da pedra dos Marcelinos e nós conseguimos tirá-lo, descendo por uma corda... Não me lembro quem desceu pela corda.

Sabe, eu me lembro do nome de quase todos os animais da fazenda da Serra. O Pensamento, a Reserva, a Província, o Alí, o Marechal, o Ramalho. Sabe, eu me recordo de tudo, lá da Serra... foi lá que nós todos nascemos...”

Sentado no canto do sofá, na mesma posição do início, o dia terminando, já quase escuro, ele parou de falar. Sua fisionomia estava tranqüila e seu olhar meio perdido. Alguém chegou para chamá-lo para o jantar.

Eu estava profundamente emocionada, contemplando aquela figura tão alquebrada, mas que um dia eu conhecera jovem, forte, inteligente, conversador.

Lembrei-me dele na Serra, quando eu ainda era menina e de como eu o admirava.

E fiquei pensando que eu também seria capaz de pintar de memória, todos os recantos da Fazenda da Serra. E não só os recantos da fazenda, porém também as fisionomias dos entes queridos que lá residiram nos tempos de criança.

#### IV) A Fazenda dos Alpes

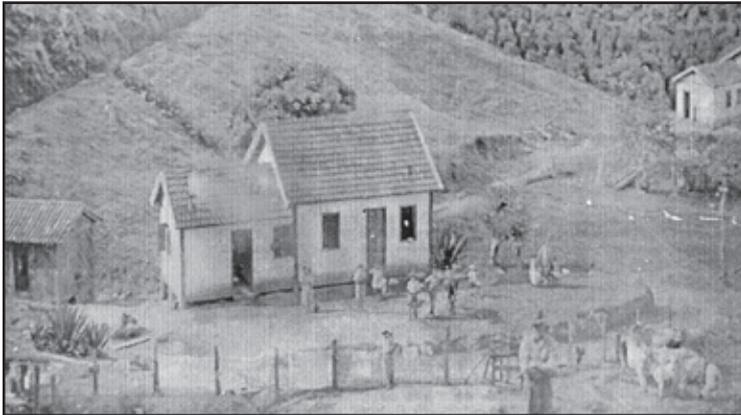


FOTO Nº 25 - Fazenda dos Alpes - Casa do Tio João - Década de 50.  
(Acervo: Familiares de Maria Celsa Zanúncio Gonçalves)

Agostinho Ferreira dos Santos nasceu na cidade do Porto, em Portugal, a 28 de maio de 1831. Era filho de Antônio Ferreira dos Santos e Ana Ferreira Moutinho.

Violante Alves Ferreira nasceu em Valença, Província do Rio de Janeiro, a 16 de dezembro de 1841. Era filha de Honório Alves Ferreira e Ana Maria de Jesus.

Em um livro de assentamentos da Fazenda dos Alpes, na última página, escrito de próprio punho por Agostinho, lê-se o seguinte:

“Sahi do Porto para o Rio de Janeiro, no navio Bergantin Tito no dia 1 de Junho de 1843, contando eu então de idade de 12 annos e 4 dias. Cheguei no Rio de Janeiro no dia 26 de Julho, gastando na viagem 56 dias. Fui para a Parahiba do Sul no dia 23 de Agosto de 1843”.

Juntamente com ele veio seu irmão Guilherme, que então contava 15 anos de idade. Vinham recomendados a um negociante do Rio de Janeiro, pois o pai de ambos desejava que abraçassem a carreira comercial. Entretanto, alguns anos antes, aqui aportara o irmão mais velho dos dois, João Ferreira dos Santos, o qual mais tarde adotou o nome de João Agostinho Ferreira dos Santos. Esse referido irmão residia em Paraíba do Sul, no Estado do Rio de Janeiro, para onde levou os dois irmãos recém chegados. Ali em Paraíba do Sul, Agostinho trabalhava como empregado de seu irmão, estabelecido como comerciante. Não gostando no entanto de ficar muito tempo, estacionado num só lugar, resolveu deixar a colocação e aprender o ofício de carpinteiro, indo depois exercer tal profissão em Mar de Espanha, também no Estado de Minas Gerais. Nesta cidade, travou relações e tornou-se amigo de um fazendeiro chamado Joaquim Cláudio, o qual, juntamente com a esposa, foram padrinhos da primogênita de Agostinho, a menina Ana, quando este contraiu matrimônio alguns anos depois.

Com efeito, Agostinho fora convidado por uma fazendeira de Rio Pardo de Leopoldina,

D<sup>a</sup> Ana Maria de Jesus, viúva de Honório Alves Ferreira, para construir os engenhos de sua fazenda. Ali, graças á sua habilidade, tornou-se amigo da fazendeira, a qual deu-lhe em casamento a sua filha Violante. O casamento realizou-se no dia 7 de outubro de 1857.

Violante era afilhada de José Vieira Machado, proprietário da Fazenda Povoação, em Castelo, no Estado do Espírito Santo.

Sabedor do casamento de sua afilhada, José Vieira Machado apressou-se em convidar o jovem casal para vir as suas terras, onde os serviços de Agostinho seriam aproveitados na sua especialidade, isto é, construção de engenhos para café e açúcar.

Por várias vezes, tal convite foi recusado, pois Agostinho já era possuidor de um sítio de regulares proporções. Sua propriedade porém, despertou a inveja e a cobiça de alguns parentes seus e, para evitar maiores males e aborrecimentos, resolveu aceitar o convite tantas vezes reiterado. Vendendo a propriedade, liquidou seus negócios e partiu para o Espírito Santo.

Chegou à Fazenda da Povoação após longa viagem a cavalo, com a esposa, a filhinha e quatro escravos, trazendo também vários cargueiros que conduziam a mudança e os instrumentos de seu ofício. Chegou sem aviso prévio, porém animado e disposto para o trabalho.

Durante a viagem entretanto, passaram pela Fazenda do Centro, de propriedade do Major Antônio Vieira Machado da Cunha, cunhado de José Vieira Machado. Soube ali que o padrinho de Violante, desenganado de sua vinda, contratara um carapina<sup>79</sup> para executar os serviços. Assim sendo, o major Vieira o convidou para desde logo ficar a seu serviço. Não quis Agostinho aceitar a proposta, pois desejava consultar ao padrinho de sua esposa. Aconselhou-o este a ir trabalhar na Fazenda de São Manoel, com Manoel Vieira Machado da Cunha, cunhado de José Vieira. Agostinho assim o fez, seguindo para São Manoel com a esposa, a filhinha, a escrava Silvana e o escravo Estevão, ficando os outros escravos, Modesto e Florença na Povoação.

Na fazenda São Manoel trabalhou durante três anos, construindo os engenhos. Nesta época José Vieira e sua esposa Lina, deram de presente a sua afilhada Violante, umas terras situadas na zona mais elevada da fazenda.

Deixando a esposa e a filhinha na Fazenda da Povoação, e acompanhado de seus escravos e de alguns cedidos por José Vieira, partiu Agostinho para sua nova propriedade.

Contratou especialistas em derrubadas e começou a preparação de sua fazenda, que mais tarde tomaria o nome de Fazenda dos Alpes.

Logo que terminou a construção de uma pequena casa, a primeira, para lá mudou-se Agostinho com a esposa e duas filhinhas – Ana e Cecília, e também seus quatro escravos – Silvana, Estevão, Modesto e Florença.

<sup>79</sup>CARAPINA, s.m. Carpinteiro.

Começou então a cultura das terras, comprando pouco a pouco novos escravos e preparando, ele próprio, o mobiliário de sua residência.

Na pequena casa, nasceram seus filhos – Antônio, Violante (a primeira), Almerinda, Eugênia, Agostinho (o primeiro), César, Violante (a segunda), Agostinho (o segundo), e Honório (estes dois gêmeos), Julião e Augusto. Na casa grande, construída posteriormente, nasceram Esther e Delfina, essa última falecendo pequenina.

Agostinho ia cultivando a terra e, ao mesmo tempo, trabalhando no seu ofício. Trabalhava aqui e ali, construindo engenhos, dentre os quais se destacam os da Criméia, do Fim do Mundo e do Centro, todos no município de Castelo. Trabalhou até que foi atacado de uma pneumonia, ficando sua saúde bastante abalada, pelo que não mais aceitou serviços, a não ser como superintendente de construções.

Em 1885, construiu uma boa casa de moradia. E para esta casa também, fabricou ele próprio, todo o mobiliário. No dia da inauguração a 30 de maio de 1885, realizou-se grande festa, para a qual foram convidados todos os fazendeiros amigos, inclusive compareceu a velha madrinha Lina, da Povoação.

A vida na Fazenda dos Alpes decorria calma e tranqüila. Muitos filhos e muito trabalho. Quando os primeiros filhos chegaram a idade de estudos, Agostinho mandou buscar seu irmão Guilherme, que veio ser professor dos sobrinhos, nos Alpes.

Era ele uma pessoa jovial e inteligente, gostando de ler e possuía uma regular cultura. Depois que sua filha Almerinda cresceu, assumiu o lugar de professora dos irmãos. Por ser moça inteligente e ativa, também ajudava seu pai na contabilidade da fazenda. No célebre caderno de apontamentos da fazenda dos Alpes, está escrito de própria letra de Agostinho: “21 de Novembro de 1891. Institui a minha filha Almerinda o salário de 400,000 reis anual para recompensa dos variados serviços que me presta”.

A 10 de julho de 1876 casaram-se as duas filhas, Ana e Cecília, com José e Custódio, ambos filhos de José da Rosa Machado e Maria Florinda, proprietário da Fazenda Boa Vista. Agostinho ia à Cachoeiro comprar o enxoval para o casamento de sua primogênita Ana, quando recebeu o pedido de casamento para sua filha Cecília, formulado por Custódio. Quando regressou a casa, trazia dois enxovais; foi só então que Cecília soube do noivado – e, note-se que foi muito feliz neste primeiro casamento.

Em 1886, Padre Antônio Alves Ferreira dos Santos<sup>80</sup>, veio ao Espírito Santo como secretário do Bispo Dom Pedro Maria de Lacerda, encarregado esse de pregar missões em todo o Estado. Sobre este assunto escreveu Agostinho o seguinte:

- “Fui a Barra do Itapemirim no dia 22 de fevereiro de 1886. Saí da Villa de Itapemirim no dia 27 de Fevereiro de 1886, em companhia de meu filho Padre Alves; domingo 28,

---

<sup>80</sup>MONSENHOR ALVES: Antônio Alves Ferreira Santos era filho do casal Agostinho Ferreira dos Santos e D. Violante Alves Ferreira, fazendeiros em Castelo, e casados em 07 de outubro de 1857. Quando Padre, foi Secretário Particular do Bispo D. Pedro Ferreira Maria de Lacerda, do Rio de Janeiro (RJ). Nasceu na Fazenda dos Alpes no dia 27/07/1862 e faleceu no Rio de Janeiro, em 25/01/1928, aos 66 (sessenta e seis) anos.

ouvi a primeira missa dita. Primeira missa dita pelo mesmo meu filho. No dia 4 de Março Chegamos aos Alpes. Domingo, 7 de Março, meu filho disse missa em casa para a família; no dia 14 disse missa no Aldeamento; e saiu daqui a encontrar-se com o senhor Bispo, no Cachoeiro, do dia 22 de Março de 1886. Desci com a condução para o Senhor Bispo no dia 8 de Agosto, cheguei no Monte Líbano no dia 9, saímos com S. Excia. no dia 10, chegamos aos Alpes no dia 11. Fui na Gruta com S. Excia. no dia 17, e no dia 23 saímos daqui para Affonsinhos. Fomos e voltamos aos Alpes no dia 27 de Setembro e saímos no dia 1º de Outubro.

Saiu daqui meu filho Padre Alves para se ajuntar com o Senhor Bispo na Barra do Itapemirim no dia 7 de Março de 1887, e saiu da Barra para a Côrte no dia 27 de Março de 1887.”

O bispo foi recebido na fazenda com festejos extraordinários. Em vários pontos da estrada, foram dispostas atalaias<sup>81</sup> encarregadas de avisar quando surgisse a comitiva. Houve então, um fato deplorável – um dos vigias enganou-se ao avistar um grupo de cavaleiros e deu o alarme. Toda a carga de foguetes foi disparada antes da chegada do bispo, com grande aborrecimento do proprietário da fazenda.



FOTO Nº 26 - Monsenhor Alves (Antonio Alves Ferreira dos Santos) e Cônego Augusto - 1907.

(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

Todos os fazendeiros circunvizinhos contribuíram para o brilho dos festejos, concorrendo com os donativos em espécie e em materiais. Muitos cederam escravos especializados em arte culinária.

---

<sup>81</sup>ATALAIAS, s.f. (ar. attalia). 1. Sentinela, vigia. 2. Ponto elevado, donde se vigia. 3. Observação, precaução [...].

O bispo permaneceu vinte dias na Fazenda dos Alpes. A casa transbordava de convidados, não poucos dormindo nos paíóis, no engenho e na tulha, por falta de acomodação na residência.

Houve uma infinidade de batizados, casamentos, crismas e primeira comunhão. Para aquela gente tão desprovida de recursos religiosos, a permanência do bispo constituiu um acontecimento extraordinário. No dito caderno de assentamentos Agostinho escreveu: - “Ordenou-se Meu Filho Pe. Alves no dia 21 de Março de 1885. Ordens estas dadas pelo Senhor Bispo D. Lacerda”.

Em outro ponto do caderno também escreveu Agostinho: - “Ordenou-se em Roma a 20 de agosto de 1907 o Padre Augusto. Chegou nos Alpes a 5 de Outubro de 1907”. No dia 7 de outubro os pais do Padre Augusto completariam 50 anos de casados.

Agostinho escrevera no mesmo caderno, o seguinte trecho: “Shaio d’aqui o meu filho Augusto, com destino de hir para Roma em Cpa. Do Snr Bispo D. Fernando”. – Agostinho registrou naquele caderno muitas notícias relativas aos filhos, aos amigos e até do mundo. Muitas coisas curiosas, notícias de valor histórico.

Em 1888 verificou-se a abolição da escravatura no Brasil, e o fato teve enorme repercussão na vida da família e da fazenda. A lavoura do café, que se encontrava na época da colheita, perdeu-se quase completamente. Nesta época possuía Agostinho os seguintes escravos: - Modesto, Moisés, Marcelino, Norberto, José, Rumão, Paulo, Marçal e Cornélio. O escravo Lucindo se enforcara pouco antes. As escravas eram as seguintes: Antônia, Juliana, Maria José, Natividade, Francisca e Florença. O escravo Paulo, que exercia grande influência sobre os companheiros, prometeu que não abandonaria a fazenda; porém em julho, Agostinho teve de viajar e, no mesmo dia de sua partida, Paulo deixou os Alpes, levando a maioria de seus companheiros.

O escravo Samuel era pajem dos meninos e copeiro na residência. Pouco antes do dia 13 de maio havia ele fugido. Escreveu depois, uma carta ao patrão, explicando os motivos de sua fuga e dizendo da saudade que sentia dos sinhozinhos; mas não teve coragem de voltar.

Sem escravos, as filhas solteiras de Agostinho foram obrigadas a trabalhar no serviço doméstico, e os filhos a se entregarem as lides do campo. Mas a vida continuou, sempre para a frente.

Relendo a páginas do livro de assentamentos a que tenho referindo-me, neste trabalho, achei curioso o fato de não encontrar qualquer referência a abolição da escravatura, nem da Proclamação da República.

Trata-se de um livro muito peculiar, que se inicia a p. 3 (faltam as duas primeiras); com a colheita do café em 1882, seguindo-se as outras colheitas de 1883 até 1889, entremeadas de anotações de contabilidade. De quando em vez, há páginas inteiras de listas de cartas expedidas, com o nome de cada destinatário e o assunto da missiva. Outras páginas relatam falecimentos, assinalando dia, ano e hora, falecimentos de parentes, amigos, de pessoas da política nacional e estrangeira – A Rainha Vitória, o Papa Leão

XIII, do Marechal Deodoro, de D. Pedro II, etc. – Narra episódios, desastres e os fatos mais comecinhos da vida na fazenda. Um documentário valioso. E no entanto, não há a menor referência aos dois fatos da vida nacional que tão profundamente atingiram a vida do Brasil e a da fazenda.

Percebe-se pelos assentamentos, ter havido modificações no sistema de trabalho porque, depois de 1888, começaram a aparecer títulos diferentes na escrita, como nomes de colonos e assentamentos de despesas, com camaradas e com indivíduos pagos a Jornal.

Que se passaria no íntimo do velho fazendeiro Agostinho que o fez guardar sistematicamente, silêncio sobre estes assuntos tão importantes?

Com referência ao casamento de Almerinda, escreveu ele:

- “Chegou aqui, no dia 28 de Dezembro de 1889, o meu filho Padre Alves, para fazer o casamento de sua irmã Almerinda, cujo casamento se realizou no dia 12 de Fevereiro. E partiu daqui para o Rio de Janeiro no dia seguinte, 13 de Fevereiro”.

Almerinda casara-se com Graciano Sodré, o qual faleceu no dia 20 de Novembro de 1891.

A 1  de Março de 1891 casou-se Eugenia, com João Serpa.

Cesar casou-se com a neta de Agostinho, Violante, (Sinhazinha) filha de Cecília, no dia 14 de agosto de 1897.

Em 12 de Agosto de 1905, casou-se Esther, com Bráz Vivacqua, negociante em Castelo.

A 8 de Outubro de 1907, Agostinho e Violante comemoraram as bodas de ouro. E, como nos contos de Carochinha, a festa durou muitos dias. O Padre Antônio Alves veio do Rio de Janeiro, em companhia de seu irmão mais moço, Augusto, que acabara de ordenar-se em Roma. Veio também o Padre Júlio Viminey, amigo da família. Durante os festejos casou-se seu filho João, ele assim refere-se ao fato.

- “Casou-se o meu filho João com Maria Bernarda, sendo celebrante canônico Monse-nhor Alves, e civil Pedro Vieira da Cunha, escrivão Francisco Maia”.

Maria Bernarda   filha de Bernardo de Almeida Ramos.

No final do livro de assentamentos, saltando algumas páginas, há referências especiais aos filhos e que valeu a pena serem transcritas aqui, pelo menos algumas.

Por exemplo:

-“1894 Janeiro. Julgando o meu filho Julião, maior, nesta data, institui-lhe o salário de Rs 400\$000 anuais pelos serviços que presta”.

-“1895 Abril, 22. Nesta data institui a meu filho César o honorário de Rs 600\$000 em compensao os serviços que me está prestando”.

-“1896. Saiu daqui meu filho César para se empregar na Independência. Fiz todas as nossas contas, isto é, aceitei a conta que ele me apresentou, restando-lhe eu Rs122\$000 de todas as nossas transaoes. Concordei por ser meu filho. Dinheiro que lhe dei para abater na conta acima Rs 104\$000. Saldada”.

Também a título de curiosidade, aqui transcrevo duas das várias receitas que se encon-

traram no referido livro de assentamentos:-

“Remédio para curar animal de mordedura de cobra. Um punhado de sal e 9 colheres de sopa de cinza numa garrafa de água. Dê de uma só vez ao animal”.

“-Para curar hidrofobia. Ponha alho socado em cima da mordedura e dê ao doente alho com pão, o quanto o doente possa comer; quanto maior porção de alho comer, melhor”.

Nos últimos tempos de vida o velho Agostinho desconfiado e ciumento, achando sempre que sua velha não mais lhe dispensava consideração.

Entretanto, em todos os assentamentos e cartas, sempre que se referia à esposa, fazia-o com palavras repassadas de carinho e de ternura. Mas, com a idade e a doença, veio-lhe a idéia fixa de que ela se modificara.

As vezes desaparecia de casa e, após algum tempo era encontrado escondido num canto qualquer da residência, em estado de grande abatimento.

Quando ainda gozava de grande saúde, gostava de escrever, redigindo longas e minuciosas cartas, às vezes bastantes humorísticas. Assinava jornais, os quais lia e comentava com entusiasmo. Possuía uma biblioteca com ótimos volumes. No dia 9 de Dezembro de 1907, pouco depois das comemorações de suas bodas de ouro, faleceu Agostinho Ferreira dos Santos, na Fazenda dos Alpes e foi sepultado no cemitério da Fazenda Monte Alverne. Violante foi esposa exemplar.

Teve 16 filhos, dos quais sobreviveram treze. Após o falecimento do esposo mudou-se para Cachoeiro de Itapemirim, onde morou em companhia de suas filhas Almerinda e Violantina, e várias netas. Em 1916 foi vítima de um acidente de bonde no Rio de Janeiro, e fraturou uma perna. Nunca mais pode locomover-se.

Os últimos tempos de sua vida passou-os em uma cadeira de rodas, porém bastante conformada. Faleceu no dia 15 de Janeiro de 1920, no Rio de Janeiro. Foi sepultada no cemitério São Francisco Xavier.

Logo depois, a Fazenda dos Alpes foi vendida para um italiano chamado Angelin Perim. Alguns anos mais tarde, numa noite, a casa foi inteiramente destruída por um incêndio. Em seu lugar ergueram outra casa bem menor.

Tudo quanto, escrevi sobre a Fazenda dos Alpes, eu colhi em conversas com minha avó Donana, com Tia Violantina que possuía uma fantástica memória e com minha mãe. E no tal livro do vovô Agostinho.

Agora vou contar o que eu me recorde:

-Lembro-me bem da Fazenda dos Alpes. Embora a distância entre Serra e Alpes fosse grande – um dia inteiro de viagem a cavalo, havia comunicações periódicas entre as duas fazendas. De vez em quando, uma visita e, às vezes era enviado um portador por uma das famílias, para levar e trazer notícias.

Recordo-me de ver minha avó arrumando num picuá<sup>82</sup>, pacotes de doces e outras coisas

---

<sup>82</sup>PICUÁ, (Fras) Mala de tecido grosso, no qual se conduz roupa ou comida em viagem; Saco para conduzir roupas, comida, etc..

para serem levados por um portador à Fazenda dos Alpes. E havia sempre uma parada pelo Macuco.

No dia 4 de Outubro de 1907, fui pela primeira vez à Fazenda dos Alpes, realizando um dos meus sonhos de menina. Eu ainda não completara seis anos de idade e foi aquela a minha primeira grande viagem. Vivi dias de sonhos durante os preparativos para a viagem. Saímos da Serra alta madrugada e só chegamos aos Alpes às 8 horas da noite, sob uma chuva miudinha e muito frio. Éramos muitos cavalheiros – meus avós, tio Bráulio, as Tias Anita, Alda, Julinda, Amanda, Maria José e eu. E mais Augusto, com três anos e Bernardo, meu irmão com oito anos.

Minha mãe com dois filhos menores ficou na Serra, juntamente com tio Humberto. Viajei à cavalo, no Ali, um belo cavalo preto, num silhãozinho novo que meu pai comprara para mim e que tinha na parte das costas uma grade para proteger quem montava. Foi uma penosa viagem para uma criança. Mas valeu a pena.

Estivemos lá durante uma semana e aquela festa foi um verdadeiro conto de fadas na minha vida infantil.

Hoje eu leio e releio emocionada, aquele caderno de assentamentos da Fazenda dos Alpes, caderno grande já bastante deteriorado, com anotações preciosas, intercalando notícias da família, coisas pessoais, fatos nacionais e internacionais, lançamentos de contabilidade, transações com comerciantes, de perto e de longe.

Notícias relacionadas com vizinhos, com amigos e com escravos, numa certa confusão e mistura que eu chamaria de gostosa.

E fico pensando - como seria bom se todas as famílias escrevessem um caderno assim como do meu bisavô Agostinho, mesmo meio bagunçado, mas que permitisse a uma bisneta reconstruir um pouco a vida de seus antepassados no seu dia a dia.

Lendo o seu conteúdo escrito em letra firme, a gente descobre nas entrelinhas, até o que ele deixou de registrar.

Obrigada vovô Agostinho, vovô que eu conheci e admirei, suas longas barbas brancas que inspiravam respeito e muita veneração.



FOTO Nº 27 - Familiares de Agostinho Ferreira dos Santos e Violante Alves Ferreira. Da Esquerda Para Direira (Sentados): Eugênia, Almerinda, Monsenhor Alves, Violante, Agostinho, Ana e Cecília. Em Pé: Onório, Cônego Augusto, Ester, Agostinho, João, Violantina, César e Julião - Sem Data.

(Acervo: João Gilberto Machado Moura)



FOTO Nº 28 - Familiares de Agostinho Ferreira dos Santos e Violante Alves Ferreira. Da Esquerda Para Direira (Sentados): Aurora, Cecília, Violante, Milena, Agostinho, Almerinda e Sinhazinha Violante. Em pé: Antonio, Dionorah, Gilberto, Hilário, Almerindinha, Marcondes Alves de Souza, Maria Cecília, Bertolino, César e Abelardo - Sem Data.  
(Acervo: João Gilberto Machado Moura)

## V) Escalada ao Forno Grande

**Entre muitas recordações da infância que se gravaram fundo na minha memória, destaca-se a escalada ao Forno Grande, certamente a primeira ali realizada. Naturalmente a impressão foi assim marcante porque os escaladores eram nossos conhecidos, entre eles tio Humberto e tio Machadinho. Ouvimos emocionadas Tio Humberto narrar a fantástica viagem. E quando olhávamos ao longe a imensa montanha, parecia-nos que nossos tios eram grandes heróis.**

**E, tal como acontecia quando ouvia “contar uma história de fadas”, eu pedia muitas vezes a tio Humberto para contar outra vez a história do Forno Grande.**

**Em 1960, recordando-me do fato que tanto me impressionara na infância, pedi a tio Humberto para narrar-me com exatidão como acontecera aquela escalada.**

**E eis o que contou:**

-“ Em 28 de Agosto de 1908, foi realizada a primeira viagem de que se tem notícia, a pedra Forno Grande.

Os pioneiros foram: Agostinho Ferreira Machado (Machadinho), Humberto Ferreira Machado, Bráulio Vieira, Arnaldo Vieira de Freitas e dois camaradas.

Viajaram a cavalo e um animal conduziu a bagagem – ferramentas para abrir picadas na mata, cobertores, gêneros alimentícios e trastes de comida. Gastaram 5 dias na viagem

de ida e de volta.

No primeiro dia, saíram da Fazenda Apeninos de Machadinho e chegaram a Pedra do Balanço. Neste local dormiram.

No dia seguinte bem cedo, começaram a escalada a pé. Um camarada ficou na Pedra do Balanço tomando conta dos animais e o outro seguiu com eles. Foi uma viagem difícil, porque tiveram que abrir picadas na mata virgem, usando foices e facões. Comeram um almoço improvisado pelo camarada, no meio da mata espessa. Andaram depois até um local que eles apelidaram de pedra do vento, devido a forte rajada de vento que subia de uma abertura na pedra. Impressionados com tal fenda na montanha, um deles jogou uma pedra e por algum tempo ouviram-na rolar, porém não escutaram o barulho quando ela chegou ao fundo, o que provou tratar-se de uma grande profundidade.

Neste local dormiram a segunda noite e fazia muito frio. Foi interessante a experiência de escutarem na escuridão de floresta, os ruídos característicos da mata virgem, naquela altitude que eles desconheciam.

No terceiro dia, chegaram ao pico da montanha, após uma viagem bastante penosa e difícil.

Mas a emoção que todos sentiam foi imensa, embora não tivessem conseguido uma visão panorâmica perfeita. Havia uma forte neblina e tiveram a sensação de se encontrarem dentro de uma nuvem. Lá em cima os excursionistas assinaram uma ata que foi colocada dentro de uma grande garrafa, documentando a visita. Também fixaram no chão uma haste de ferro, onde prenderam uma bandeira de zinco, assinalando assim a primeira visita feita ao Pico do Forno Grande. Ali naquelas alturas, foi preparado um café e degustado no pico da montanha mais alta daquela região.

Tio Humberto comentou que o café fora levado da Fazenda da Serra, ali plantado, colhido e torrado. Também da Serra foram levados todos os gêneros, no farnel preparado pela vovó Donana. Não faltou uma salva de fogos de artifício.

Entre vários fatos curiosos observados durante a viagem, um deles todos lembraram. Foi o seguinte: - Depois da pedra do Balanço, quando penetraram na mata espessa, surgiu um pássaro preto que os acompanhou durante todo o percurso, até o pico da montanha, voltando com eles até a entrada da mata. Uma ave mansa, como qualquer animal doméstico.

Ao regressarem, dormiram nos mesmos lugares da subida.

Ao 5º dia estavam em Apeninos. Trouxeram pedrinhas e musgos colhidos na pedra, como lembranças da viagem.

O Forno Grande está situado no Município de Castelo. Nele nascem vários ribeirões – o Caxixe, Ribeirão do Meio, o Jucu.

Num trabalho escrito pelo General Araripe<sup>83</sup> – A Colonização do Município de Castelo –

---

<sup>83</sup>ARARIPE, Tristão de Alencar. “A colonização do município de Castelo em ligeiras notas” - 1963. Nasceu em Areias, Castelo.

lê-se o seguinte: - “O ouro dos aluviões do Espírito Santo é o resultado da concentração daquele que se encontra disseminado no granito que constitui os maciços da Pedra Azul e Forno Grande”.

Animados com o escrito da primeira expedição ao Forno Grande, resolveram os mesmos excursionistas, voltarem algum tempo depois.

E desta vez gastaram apenas três dias, porque o caminho estava aberto. Lá encontraram a bandeira de zinco e a garrafa, sinal de que ainda não haviam subido outras pessoas ao pico daquela montanha. O dia estava lindo e, puderam descortinar um panorama belíssimo.

Um ano depois, Machadinho e Humberto voltaram ao Forno Grande, acompanhando dois engenheiros franceses que estavam no Brasil a convite do Governo, para os estudos sobre minérios, Dr. Justin Norbert e Charles Spitz.

A excursão partiu da pedra do Balanço, onde os engenheiros estavam acampados. A excursão teve início às 7 horas da manhã e chegaram ao ponto de partida, no outro dia a uma hora da manhã. Obstinados, os engenheiros resolveram fazer a viagem em um dia apenas, e não levaram comida nem cobertores. O resultado foi terem passado fome e frio. Aconteceu que escureceu quando ainda se encontravam em plena mata. Tiveram que preparar tochas de taquara para iluminar o caminho. Desta vez não encontraram a garrafa, porém a bandeira de zinco ainda estava no mesmo lugar”.

## **6 – OS FILHOS DE JOSÉ DA ROSA MACHADO JUNIOR E ANA ALVES FERREIRA DA ROSA.**

Nesta terceira parte, apresento o rumo da vida de cada um dos doze filhos de meus avós, José da Rosa Machado Junior e Ana Alves Ferreira da Rosa.

- São eles, por ordem de idade:

- 1 - Agostinho Ferreira Machado
- 2 - Ana Rosa Ferreira Machado
- 3 - Celsa Machado Ramos
- 4 - Agripina Machado Ramos
- 5 - Bráulio Ferreira Machado
- 6 - Humberto Ferreira Machado
- 7 - Alda Ferreira Machado
- 8 - Julinda Ferreira Machado
- 9 - Alberto Ferreira Machado
- 10 - Amanda Ferreira Machado
- 11 - Maria José Machado do Vale
- 12 - Augusto Ferreira Machado

Também apresento um resumo histórico das fazendas que tiveram relacionamento com qualquer um dos doze, através dos casamentos, ou que tenham sido organizadas por algum deles. São os seguintes:

- Fazenda Boa Vista (José da Rosa ) - Castelo
- Fazenda Apeninos (Agostinho) - Castelo
- Fazenda das Flores (Agostinho) - Castelo
- Fazenda São Cristóvão (Agostinho) - Castelo
- Fazenda da Prata (Agostinho) - Castelo
- Fazenda da Independência (Celsa) - Castelo
- Fazenda do Macuco (Celsa e Agripina) - Castelo
- Fazenda Povoação (Bráulio) – Castelo
- Fazenda dos Alpes (Agostinho Ferreira) - Castelo

### **6.1 - Agostinho Ferreira Machado - (Machadinho)**

Abrindo a primeira página do diário de José da Rosa Machado Junior e Ana Alves Ferreira da Rosa, Ana escreveu:

**“Segunda- feira – Nasceu meu filho Agostinho no dia 26 de Setembro de 1878 e baptizou-se no dia 3 de Dezembro do mesmo anno. E cazou-se no dia 11 de Fevereiro de 1899”.**



FOTO 29 - Agostinho Ferreira Machado - “Machadinho” e Guiomar Vieira - Sem Data.  
(Acervo: Agostinho Machado - “Machadinho”)

Nesses pequenos trechos está praticamente resumida a primeira etapa da vida de Agostinho.

Sua infância desenrolou-se tranqüila, como a de seus onze irmãos no ambiente gostoso e saudável da Fazenda Vista Alegre, hoje Fazenda da Serra.

Estudou em casa, com sua mãe, até ir para a Fazenda dos Alpes, de seus avós maternos – Agostinho e Violante.

Seu avô havia convidado o irmão, Guilherme Pereira dos Santos para ser professor dos filhos quando chegassem a idade escolar. Dizem que foi durante a estadia nos Alpes que Agostinho recebeu o apelido de Machadinho, para diferenciar do nome de seu avô e do tio.

Isso foi-me dito pelas filhas de Machadinho. Porém seu filho Luiz, afirmou-me que o apelido foi adquirido quando ele, Machadinho, estudava no Colégio dos Salesianos em Niterói, juntamente com o tio Agostinho. No mesmo diário da Vista Alegre, o pai de Agostinho escreveu:

“Vista Alegre 10 de Junho de 1892. Seguiu para a Corte o meu filho Agostinho Ferr<sup>a</sup>. Machado. Em uma sexta feira às 9 horas da manhã, e fás neste dia 16 annos que estou casado”.

Os estudos de Machadinho, no Colégio dos Salesianos foram muito proveitosos para ele. Redigia bem e possuía uma boa caligrafia.

Retornado ao lar, muito trabalhou, ajudando ao pai nos serviços da fazenda, como filho mais velho que era.

Em 1899, a 11 de fevereiro, casou-se com Guiomar Vieira da Cunha filha de Pedro Vieira da Cunha e Joaquina Vieira da Cunha, da Fazenda São Cristóvão. Pedro era filho de Honório Vieira Machado da Cunha e Clara Ramos do Prado Vieira. Ele, da Fazenda Fim

do Mundo, ela da Fazenda Duas Barras.

Guiomar nasceu no dia 21 de Janeiro de 1877, na Fazenda São Cristóvão, onde se realizou o casamento.

De início residiram na fazenda Vista Alegre, dos pais de Agostinho, e lá permaneceram até 1906, quando já tinham seis filhos: José; Pedro; Jairo; Jarbas; Dagmar e Luiz.

Mudaram-se para Apeninos em 1906. Apesar de morarem na Fazenda da Vista Alegre, seus seis filhos nasceram na Fazenda São Cristóvão.

Machadinho e Guiomar lutaram bastante. Primeiro residindo na Vista Alegre onde a família era numerosa e os filhos nascendo todos os anos. Porém Guiomar era boa e compreensiva e combinava muito bem com todos.

Em Apeninos a luta foi maior ainda. Iniciando uma vida nova, com seis crianças e tudo ainda para desbravar no sítio que se iniciava.

Porém não faltaram coragem nem disposição para a luta. Nasceram mais oito filhos em Apeninos: Ana, Diná, Inês, Elsa, Maria Dulce, João e mais duas meninas gêmeas que só viveram alguns dias.

Transcrevo aqui um trecho que me comoveu, trecho escrito por uma das filhas de Guiomar, Elsa, quando do falecimento de sua mãe: “As primeiras lembranças que tenho da figura da mamãe, são de quando morávamos ainda em Apeninos. Ela, com seu avental preso à cintura, uma touca na cabeça, (não sei se por causa do sol ou para prender os cabelos), à beira do girau, ajeitando o polvilho para secar, ou na varanda do forno de barro, picando toucinho, fazendo broas de fubá, enrolando-as na xícara com uma pá de cabo comprido, tirando biscoitos do forno de barro... ou segurando, às costas, uma “ vara de marmelo,” andando ligeirinha e silenciosa atrás de alguém.

Mais tarde, na Fazenda das Flores, na grande sala de jantar, ela estava sempre em sua máquina, costurando ou cortando costuras na mesa grande”.

Nada mais eloqüente para mostrar a dedicação e a luta daquela admirável criatura que foi a tia Guiomar, do que o testemunho simples e despretensioso de uma de suas filhas.

Não foi fácil criar e educar doze filhos. Ela própria ministrou-lhes as primeiras letras e, periodicamente, os enviava à casa de sua mãe em Cachoeiro de Itapemirim, para frequentarem a Escola Pública.

Os dois filhos mais velhos – José e Pedro – estudaram durante algum tempo no Colégio do Caraça, em Minas Gerais.

Dagmar, Inês e Maria Dulce receberam diploma de normalista.

Elsa que permaneceu mais tempo com a vovó.

Joquininha, estudou mais tempo, aprendeu a tocar piano e a costurar com as tias.

João formou-se em Odontologia, em Juiz de Fora. Todos estudaram de acordo com as possibilidades que iam surgindo.

Em 1921 venderam Apeninos e em 1922 mudaram-se para a Fazenda das Flores, depois de uma temporada na Fazenda da Serra.

Foi nas Flores que começaram a celebrar os primeiros casamentos dos filhos. Pedro, José, Jairo, Luiz e Inês.

No caderno diário da Fazenda Vista Alegre, Augusto irmão de Machadinho, registrou a seguinte notícia.

“Falleceu o meu irmão Agostinho Ferreira Machado ( Machadinho), às 7 e meia horas, do dia 23 de Outubro de 1936, quando de viagem do Rio de Janeiro para o Espírito Santo, chegava próximo à Estação de Magé, da Fazenda de Ferro Leopoldina Railway. Foi sepultado no cemitério São Francisco Xavier às 15 horas do dia 24 do mesmo mez e anno”.

Algum tempo após o falecimento do esposo, Guiomar mudou-se para o Rio de Janeiro e foi residir com as filhas já casadas. Ela faleceu no dia 27 de maio de 1954, no Rio.

Hoje os descendentes de Machadinho e Guiomar já estão na 4ª geração e dispersos pelo Brasil e até por vários países estrangeiros.

Muitos volumes teriam que ser escritos se narrados todos os lances de tantas pessoas que vieram daquele casal, que um dia se uniram pelo matrimônio, lá naquela distante Fazenda São Cristóvão, de tão gratas recordações.

Machadinho, o Agostinho da Fazenda Vista Alegre, foi honesto nos negócios e gozou do privilégio de homem sério nas transações comerciais. Como filho mais velho de José e Ana, exerceu uma certa liderança entre os irmãos.

Para se sentir melhor como viveram Machadinho e sua esposa Guiomar, vou escrever no capítulo próprio, algo sobre as duas fazendas que eles construíram e onde criaram a sua família de doze filhos: Fazenda Apeninos e Fazenda das Flores.

## **6.2 - Ana Rosa Ferreira Machado – (A Tia Anita)**

**“Sábado. Nasceu a minha filha Anna Rosa no dia 28 de Agosto de 1880, e baptizou-se no dia 20 de Abril de 1881.”**



FOTO 30 - Ana Rosa Ferreira Machado - “Tia Anita” - Sem Data.  
(Acervo: Silvia Machado Rezende)

Ana Rosa recebeu logo o apelido de Anita nome que conservou sempre. Mais tarde, as irmãs começaram a chamá-la de Manaita. Ninguém se lembrava que ela se chamava Ana Rosa.

Nada de especial sei sobre a sua infância. Apenas que bem cedo começou a ajudar sua mãe cuidar das crianças que iam chegando periodicamente, de dois em dois anos.

A tia Anita para mim, jamais fora uma criança. Era uma tia que eu gostava muito, uma pessoa que eu estimava e, quase a dona da casa. Vovó para mim, reunia todas as características de verdadeira dona de casa e trazia consigo, uma penca de chaves e usava óculos. Mas a tia Anita era quem dirigia a arrumação da casa e dispunha de tudo como se fosse a própria dona. Na sala de visitas por exemplo, as crianças não entravam durante o dia, sem o seu consentimento. Somente a tardinha, eram abertas as portas daquele aposento que nós achávamos lindo e, então a tia Anita sentava-se ao piano e tocava todas as músicas do seu repertório. E nós cantávamos e brincávamos ao som da música, na presença dos adultos.

Eu sentia por ela admiração, respeito e muita amizade. Muitas vezes eu a via zangando-se com pessoas que não executavam com capricho as suas tarefas, porém, comigo jamais ela aborrecia-se. Pelo contrário, eu gozava de privilégios com ela, tais como: - ver seus santinhos guardados num bauzinho cor de rosa; arrumar muitas vezes sua caixinha de retoses coloridos, linhas francesas que ela me encomendara do Rio de Janeiro, do Parc-Royal. Eu montava sempre no seu cavalo de estimação, o Pensamento. Todos os seus vestidos bonitos eram feitos por ela. Fui a primeira sobrinha. Ela e a tia Pina papericavam-me muito.

Por ser a irmã mais velha e possuir um temperamento um tanto autoritário, era respeitada por todos. Liderou as irmãs, como Machadinho liderava os irmãos.

Anita costurava para todos na fazenda, até para os homens. Estudou com a própria mãe, quando menina, e depois no Colégio do Matoso, no Rio de Janeiro, quando mocinha. Foi a única dos 12 filhos de minha avó que estudou música e tocava piano.

Aprendeu música com o professor Lima Neto, e nunca esqueceu até o fim da vida, as que aprendeu a tocar.

Quando mudou-se da Serra, a máquina de costura foi também e Anita continuou costurando. Ela não se casou, porém gostou profundamente de alguém que se casou com outra pessoa e foi infeliz. Ela sofreu com isso.

Em 1923 nasceu o primeiro filho de seu irmão Humberto – o Francisco José. Chiquinha, esposa de Humberto, teve um parto complicado e quase não resistiu. Anita morava no Rio e veio para Paineiras dar assistência à cunhada. Tomou conta do menino e afeiçoou-se logo a ele, de tal maneira que não o deixou mais.

No ano seguinte nasceu Maria Julia, que foi sua afilhada. Porém, Anita embora ajudasse a tomar conta de todos os sobrinhos, seu predileto era o Francisco José. Levava-o para qualquer lugar onde fosse, dedicava-se ao menino como se fosse seu próprio filho.

Ficou morando com o irmão. Costurava para todos, ajudava no serviço da casa, interessava-se pelas plantas, enfim pouco a pouco foi assumindo tudo, como se a casa fosse sua. Chiquinha cuidava especialmente da cozinha, da alimentação e fazia o trivial, uma comida saborosa e nutritiva.

Muito boa e compreensiva, Chiquinha deixava que a cunhada manobrasse, e ela passou também a envolver-se na educação dos sobrinhos, criando as vezes atritos com eles a proporção que iam crescendo.

Talvez sem ela mesmo percebendo, Anita começou a agir com a autoridade do seu tempo de irmã mais velha, na Fazenda dos pais.

Mas as crianças cresceram, começaram a realizar-se os casamentos e a situação modificou-se com relação a Anita.

Em 1963 faleceu Chiquinha e Anita passou a residir temporadas com outros parentes.

Em 1970, Agripina e Amanda adquiriram um apartamento no Rio de Janeiro e Anita foi morar com elas. Teve então, seu próprio quarto, pequenino, mas agradável e ela sentiu-se feliz. A todos que a visitavam, ela sentia prazer em mostrar seu quarto, abrindo até o armário de roupa e as gavetas, sempre muito arrumadas. Dava gosto ver como a velha tia sentia-se realizada no seu pequenino quarto do apartamento. Ali recebiam muitas visitas e parentes também, presentes que ela fazia questão de mostrar tudo. Parecia que se mudara para um palácio. Porém Agripina já estava doente e faleceu em 1971.

Amanda desfez a residência e Anita voltou para residir no Espírito Santo. Não se queixava, e onde estivesse, estava sempre fazendo crochê ou frivolidê. Já muito idosa, tornou-se difícil permanecer muito tempo em uma só casa. Tudo foi ficando complicado.

Em 1973 levaram-na para o Rio, na esperança de convencê-la a internar-se numa pensão de pessoas idosas.

Na véspera de sua partida, ela dormiu no mesmo quarto que eu em casa de Maria Júlia, em Cachoeiro. Pela manhã, ela arrumou a cama onde dormira e enquanto fui ao tolete, arrumou também a minha cama.

Perguntei-lhe se estava bem de saúde e ela afirmou que estava ótima. Só sentia dor nas cadeiras. E acrescentou: "Também a gente precisava sofrer um pouco, para ganhar o céu, não é?"

Em seguida ela ofereceu-me um crochê que terminara na véspera, dizendo-me: "Quero que você fique com esse pano. Foi o último que eu fiz e faço questão de que seja seu". Disse-me também que iria morar comigo, em Petrópolis, quando eu me mudasse. Em

seguida viajou para o Rio, de automóvel, creio que com seu sobrinho Luiz Gonzaga. Foi para a casa de Elsa, sua sobrinha. Poucos dias depois adoeceu, foi internada numa clínica de geriatria e faleceu alguns meses depois, já completamente paraplégica, no dia 18 de agosto de 1973. Poucos dias depois, em 28 do mesmo mês, ela completaria 93 anos de idade.

Anita era profundamente religiosa e devota do terço. Contou-me que jamais se lembrava de haver deixado de rezar o terço um só dia em toda sua vida, às vezes até rezava o rosário.

A vida de tia Anita constitui para mim uma espécie de mistério, quando paro para analisá-la. Foi uma criatura que jamais ocupou qualquer emprego e nunca recebeu herança. Sempre costurou para pessoas da família e, raramente para obter lucro. Até mesmo os frevolitês<sup>84</sup> e crochês<sup>85</sup> que passou a dedicar-se no final da vida, raramente lhe rendia algum dinheiro, porque dava-os de presente, mesmo tratando-se de encomendas. Como aconteceu com o seu último trabalho, que era uma encomenda, mas ela fez questão de me oferecer de lembrança.

Outro fato curioso é que ela possuiu documentos pessoais, e eles não lhe fizeram falta. Parece-me que viveu sempre como os passarinhos e os lírios do campo... Trabalhou para todos sem pensar em si própria.

Certa vez, numa de suas viagens ao Rio, eu ajudei-a a arrumar a mala e observei que havia vários embrulhos de fazendas - uma para camisa do Humberto, - para vestidos das meninas... para um pijama de fulano... para uma calça de beltrano...e eu perguntei-lhe: “ e para a Senhora, o que comprou? Eu, não preciso, eles é que estão necessitando.

Era assim a tia Anita, a Ana Rosa da Serra. Um tanto geniosa e às vezes até prepotente, mas generosa e de uma fé profunda em Deus.

Trabalhou para todos, mas nada lhe faltou também.

E fico pensando - quantas Ave-Marias não rezou nos terços que passaram pelos seus dedos, durante os 93 anos que viveu nesse nosso planeta!

E, se Nossa Senhora, em muitas de suas aparições aqui na terra, recomendou com insistência a recitação do rosário, é porque a oração muito lhe deve agradar.

E a tia Anita passou muito tempo de sua longa existência, desfiando as contas de seus terços. Rendo aqui a minha homenagem carinhosa a tia Anita, que eu comecei a amar, quando bem pequena na fazenda, e dela só recebeu amor durante a vida.

---

<sup>84</sup>FRIVOLITÉ s.f. (fr. FRILOTÊ). Espécie de renda de crochê.

<sup>85</sup>CROCHÊ (CROCHÉ) s.m. Espécie de renda tecida com uma agulha especial provida de farpa na ponta; crivo.

### 6.3 - Celsa Machado Ramos

**“Domingo. Nasceu minha filha Celsa, no dia 30 de Abril de 1882 e baptizou-se no dia 26 de Setembro do mesmo ano. E casou-se no dia 27 de Maio de 1899”.**



FOTO 31 - Celsa Machado Ramos e Pedro de Almeida Ramos - Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

Não me é fácil resumir a vida de Celsa, porque ela é minha mãe e eu a conheci profundamente. E, por conhecê-la tão bem, tenho tanto para falar sobre sua vida, que se torna difícil resumi-la neste trabalho a que me propus.

Aparentemente foi uma vida simples, igual a inúmeras outras. Celsa teve uma infância feliz e tranqüila, no aconchego de um lar, entre pais, irmãos e pessoas que a amavam. Como todas as meninas, na Fazenda Vista Alegre, além do aprendizado das primeiras letras, recebeu uma formação moral e religiosa que a preparou para a vida, dando-lhe coragem e forças para enfrentar os problemas que surgiram, no decorrer de sua existência.

Na fazenda, aprendeu as tarefas do dia a dia, ajudando nos trabalhos da casa e, assim obtendo os conhecimentos indispensáveis para mais tarde, formar sua própria família. Fazia parte da boa formação de uma jovem de outrora, mesmo as de famílias abastadas, aperfeiçoarem-se no manuseio de trabalhos de agulha. Celsa aprendeu a fazer crivo, crochê, frivolidé, macramê<sup>31</sup>, ponto de cruz, renda de bilro<sup>86</sup> e costura. E os executava com capricho e perfeição.

Eu sei pouco sobre a sua infância. Apenas um ou outro fato que ocasionalmente ela me contava. Que era medrosa e por isso sofreu com as travessuras que Agripina e Bráulio, preparavam para assustá-la. E contou-me várias delas, algumas muito engraçadas. Falou-me do carinho que a vovó Maria Florinda, que às vezes passava horas lendo

---

<sup>86</sup>RENDA DE BILRO: renda fina para fazer vestido. Muito usada no Nordeste do Brasil.

romances para ela, mesmo quando ainda lia mal, sem as vezes nem entender o que estava lendo.

Referiu-se várias vezes a um preto velho- “o velho Bento” – que tocava um instrumento Africano, feito por ele próprio. Tinha um som triste, e o escravo às vezes, cantava canções estranhas, na língua de sua pátria.

Depois que completou 13 anos e de haver estudado em casa, seus pais foram à Côrte e levaram Anita e ela para estudarem no Colégio do Matoso. Ambas aproveitaram bem a temporada que passaram no internato.

Porém, foram forçadas a voltar para a fazenda, porque Celsa adoeceu gravemente. A dedicação do Dr. Pinto Portela, genro do Barão de Almeida Ramos, amigo e correspondente no Rio, de meu avô, salvou-a da enfermidade. Retornou à fazenda ainda convalescente.

Com pouco mais de 16 anos, Celsa ficou noiva de Pedro de Almeida Ramos, filho de Isabel e Bernardo de Almeida Ramos, da Fazenda do Macuco.

Contou-me ela que meu pai morava na Fazenda Independência, era amigo de Machadinho e, de vez em quando ia à Vista Alegre.

Certa vez caiu-lhe um botão do paletó e Celsa ofereceu-se para pregá-lo, e o fez com naturalidade. Pedro reparou naquela jovem e começou a interessar-se por ela. Nasceu o romance e poucos meses depois, estavam noivos. Casaram-se em 27 de maio de 1899, ela com 17 anos e ele com 22.

Houve uma bela festa, ocasião em que foi inaugurado o piano que viera especialmente do Rio de Janeiro, para tal ocasião. O pianista Colombo Guardia tocou a noite toda no baile do casamento. Meu pai marcava quadrilha muito bem, em francês, era alegre animado. Foram residir na Fazenda Independência, de propriedade dos pais de Pedro, numa casa bastante grande, bem mobiliada. Jamais Celsa esqueceu-se do lindo jardim florido que possuía, onde no centro, havia um chafariz. Disse-me que nunca se esqueceu de um pé de “rosa Amélia”, de flores perfumadas e lindas. Também, lembrava-se dos cravos de várias cores, inclusive os amarelos.

Meu pai tinha como empregados de confiança o Raulino\*, filho da Mãe-Ina e sua mulher Deolinda. Mandou logo Raulino buscar Mãe-Ina, em Minas Gerais.

Haviam outras empregadas. Porém, nada fazia que Celsa deixasse de sentir medo, vendo-se numa casa tão grande. Minha avó mandava sempre uma das filhas para fazer companhia a irmã.

Meu pai era muito delicado e terno com a esposa e ria-se do seu medo exagerado.

Em 31 de março de 1900, nasceu-lhes o primogênito, Bernardo, na Fazenda da Vista Alegre. Em 20 de outubro de 1901, nasceu Isabel, na Fazenda Independência.

Meu avô Bernardo veio logo conhecer a primeira neta e foi o seu padrinho de batismo,

---

\*Acreditamos ter havido um equívoco de citação, pois que os filhos de Mãe-Ina chamavam-se Florentino, Bráulio, Inácio e Andrelino. (vide p. 111)

no dia 3 de janeiro, na fazenda do Macuco.

Nesta época começaram as complicações para o jovem casal. Meu avô Bernardo estava casado em segundas núpcias e seriamente enfermo.

Os negócios iam mal. Em 1 de dezembro de 1902, faleceu meu avô Bernardo, depois de haver vendido a Fazenda Independência. Pedro, Celsa e as duas crianças, foram residir numa casa modesta e desconfortável, no Macuquinho, nas redondezas do Macuco.

Em 30 de Julho de 1903, nasceu o terceiro filho de nome José, na Fazenda da Serra e batizou-se na Capela de S. Francisco, na Vargem Alegre, terras do Limoeiro, no dia 5 de outubro de 1904.

Em 22 de setembro de 1905, nasceu Edison, no Macuco e foi batizado na Fazenda da Serra, no dia 10 de Julho de 1906.

Terminado o inventário do meu avô Bernardo, após muitos aborrecimentos, devido a uma série de absurdos cometidos pelos advogados, a viúva herdou quase toda a fazenda e todos os bens da casa, que pertenceram a vovó Isabel.

Meu pai desgostoso e sem querer levantar questão com a viúva do próprio pai, por respeitar-lhe a memória, resolveu abandonar tudo e ir para o norte do Estado, tentar vida nova.

Deixou a esposa e os quatro filhos na Serra, com os pais dela, até que pudesse fixar-se em algum lugar e voltar para buscar a família. Edison tinha poucos meses quando papai viajou.

Assim, minha mãe voltava para a casa dos pais, com quatro filhos pequenos e o marido longe, enfrentando terras e gente desconhecidas, em busca de trabalho para os quais, talvez não fora preparado.

Toda aquela zona do norte do Espírito Santo naquela época, era duramente infestada de malária e não havia conforto algum. De início ele trabalhou na construção da Estrada de Ferro Vitória a Diamantina, que estava sendo construída pela firma Sá Carvalho e Cia. que instalara escritório em Porto Velho (Vitória).

Em 1908 meu pai organizou um álbum de fotografias com trechos das inaugurações da estrada e pontos curiosos dos locais por onde passava.

Em 23 de março de 1907, Lima Neto, amigo e compadre de papai, escreveu à mamãe, da Barra de Manhuassú-Minas e aqui transcrevo alguns trechos da carta:

**“Não lhe escrevi a mais tempo porque eu desejava fazê-lo depois que estivesse pessoalmente com o meu Comp<sup>o</sup>. Pedro d’Almeida. Pois bem, o nosso encontro deu-se hontem neste logar, isto é, elle aqui veio hontem especialmente para ver-me.**

**Achei-o gordo, robusto mesmo e, como sempre, affavel e delicado. Entretivemo-nos em demorada palestra que durou nada mais nada menos de 4 horas. Fallou-me do Castelo, dos seus habitantes, de**

tudo enfim, mas com especialidade seus filhinhos, da Senr<sup>a</sup>. e de todos de casa. Descrevi-lhe meu querido afilhado Edison, falei-lhe das suas travessuras, como me referi do Bernardo, o Zéquina e a Isabel.

Notei que minha conversa agradou muito ao meu Comp<sup>o</sup> e posso afirmar-lhe que o vi sinceramente saudoso de casa, dos filhos e da Senhora.

Afirmou ele que por todo mez de Abril p. futuro para ai seguirá, afim de trazê-la e os pequenos para cá, bem como Accacio e D. Agripina.

Essa notícia agradou-me tanto que achava-me resolvido a ir visitá-lo no Palmital, o que o farei depois que a Senhora e elle estivessem lá juntamente com Accacio e D. Agripina e as crianças”.

Transcrevi os trechos da carta de Lima Neto porque expressam bem a situação, na época.

Mamãe também sofria, e muito. Meu pai não conseguiu vir quando pretendia e mudou-se do Palmital para Manhuassú, de onde escreveu em 30 de julho de 1908. Trechos da carta:

**“Vou me estabelecer em Santo Antonio do Manhuassú com uma casa de negócio e compras de café para o Bittencourt e preciso que venhas o quando antes.”**

**“É preciso que venhas; si o Marcondes não puder vir comigo, peça ao Totonio Cunha ou Machadinho, ou mesmo o Accacio, que virão embarcar em Mathilde, trazendo com sigo algo só o mais necessário. Pelo Firmino me mandarás dizer se vens já ou não. Aqui ainda que temos que andar um pouco a cavalo, Porém estradas boas. Anime Mãe-Iná que a viagem é boa.”**

**“Vão duas procurações para o Peregrino me representar no inventário de seu Pae e a do Braulio também.”**

**“Recebi sua ultima carta de 9 de Março e do Cachoeiro; recebi em viagem à Caratinga, onde fui a serviço do Bittencourt; fiquei muito amolado com a molestia do Bernardo, enfim devemos nos consolar com a vontade de Deus.”**

Para Celsa a situação tornava-se mais difícil ainda. Seu pai, seu melhor amigo, falecera, e os negócios da vovó estavam péssimos. Bernardo aparecera com uma estranha mo-

léstia que a preocupava muito. Edson com quase três anos de idade, cada dia tornava-se mais levado, aprontando travessuras incríveis e que perturbavam a todos.

Além disso, a viagem era dificílima, tendo que tomar o trem para Vitória em Mathilde, com um imenso percurso a cavalo. Em Vitória havia a travessia do barco e hospedagem em casa de um amigo de papai – Juvenal Ramos – ela, 4 quatro crianças, Mãe-Iná e o acompanhante. Depois a longa viagem para Manhuassú – de trem e a cavalo. Sem falar no que teria de enfrentar em terras desconhecidas, de Minas Gerais, e com a malária fazendo vítimas na região.

Mamãe não teve condições de viajar e papai só voltou em 1911. Não encontrou mais o Bernardo que falecera a 26 de fevereiro de 1911, pouco antes de sua chegada. Também faltava o sogro, seu amigo.

Chegou doente, com a febre malária, e em péssimas condições financeiras. Teria de recomeçar a vida! Logo que melhorou de saúde, começou a trabalhar na construção de uma estrada de Castelo a Muniz Freire. Arranjou então, uma casa de taipa, numa clareira da mata, perto do rancho dos trabalhadores da estrada e fomos todos para lá. O nome do lugar é Feijão-Cru.

Foi bom ficarmos juntos com meu pai, pois ele vinha todas as noites dormir em casa. Lembro-me de escutar a cantoria dos sapos e dos grilos e a música sertaneja tocada pelos garimpeiros do rancho. Eles tocavam sanfona e cantavam.

Terminado o serviço da estrada voltamos para a Serra. Meu pai pretendia estabelecer-se em Castelo. Em 10 de abril de 1912, nasceu o Pedro. Foi uma alegria para todos nós.

Em 9 de novembro do mesmo ano, faleceu meu pai, justo quando ia realizar o negócio que esperava, em Castelo. Foi duro demais! Ele tinha apenas 35 anos.

Em fevereiro de 1913, eu fui para o internato do Colégio do Carmo em Vitória, onde fiquei durante 7 anos. Só vinha em casa nas férias de fim de ano. Foi um período terrível para mim e para minha mãe. Foi a primeira vez que me separei da família e logo depois da morte de papai.

Algum tempo depois meu irmão José foi para o Seminário de Pirapora em São Paulo. Naquela época eram 4 dias de viagem. Uma parte da viagem era em carro de bois. Lá o José permaneceu durante cinco anos, sem vir em casa e nem pelas férias.

Pode-se avaliar o sofrimento de minha mãe! Tempos difíceis para ela e para nós. Ela nem sabia que rumo tomar na vida. Permaneceu uma temporada na Serra com Pedro bem pequeno ainda. Edison ficou em Cachoeiro, estudando no Grupo Escolar. Tio Bráulio, que morava na Serra, ia aos sábados ver a noiva em Castelo. Mamãe e o menino ficavam sozinhos, quando afirmava: “Voltei a sentir medo, como nos tempos de menina, medo de tudo e, principalmente da vida, minha filha! Angústia, saudade e insegurança.” Assim me falou minha mãe, muitos anos depois. Que vida, meu Deus!

Quando Pedro completou três anos, ela resolveu mudar-se para Cachoeiro. Foi residir no Hotel da Estação que pertencia à minha avó Donana. Ajudava nos serviços do hotel e costurava para fora.

Em janeiro de 1919, foi convidada para lecionar na Fazenda Água Limpa (Castelo), de

um parente nosso de nome Cesário Vieira Machado. Eu estava no último ano da Escola Normal e Pedro contava 7 anos de idade. Era um ótimo menino. Foram muito bem tratados por todos, na fazenda do primo Cesário. Com a importância que recebeu como professora, minha mãe conseguiu preparar-me, e a ela também, para a cerimônia de minha formatura no dia 4 de dezembro de 1919. São suas estas palavras:

- Quando minha filha subiu ao palco do Colégio, bem vestida como as colegas e recebeu o diploma de normalista e o título de primeira aluna do Colégio, eu chorei, mas, daquela vez, de emoção, de alegria”.

Celsa não era expansiva. Só raramente deixava transparecer os seus sentimentos.

Em janeiro de 1920, fui nomeada professora pública do Estado. Tomei posse da cadeira do Chave do Satyro<sup>87</sup>, município de Muqui, em primeiro de fevereiro daquele mesmo ano.

Era um lugarejo atrasado, mas tinha a vantagem de oferecer condução fácil de trem, todos os dias para o Rio de Janeiro, Cachoeiro e Vitória.

Numa casa bem pequena e rústica, onde funcionava a escola, também nos instalamos – Mamãe, eu e Pedro.

Havia muito desconforto mas muito maior foi a nossa alegria, de estarmos reunidos, depois de tanto tempo.

O fazendeiro construiu uma casa melhor, bem localizada e em julho, mudamo-nos. No fim do ano vieram José e Edison e a nossa Mãe-Iná. Fazia cinco anos que não víamos o José. Ele e o Edison já eram capazes. Como foi gostosa aquela temporada, todos reunidos, finalmente. A conversa não tinha fim. Os três irmãos brincavam como três crianças. A alegria tomou conta de nós. Minha mãe aprendeu a sorrir de novo.

Três anos depois, eu fui transferida para Cachoeiro. Mas só lecionei durante três meses. Adoeci gravemente e tive de deixar o magistério.

Em agosto de 1924, mudamo-nos para o Rio de Janeiro.

José já estudava no Rio e depois voltou ao E. Santo por uma temporada. Pedro foi conosco e pouco depois entrou para o internato do Colégio Pedro II°.

De início moramos com a vovó, numa casa do Convento da Ajuda, na Praça 7, em Vila Isabel.

Comecei a trabalhar no comércio, depois numa firma Suíça e posteriormente, num escritório. Com a vovó moramos depois no Grajaú, na rua Ladislau Netto e na rua Nova. Depois separamo-nos e viemos morar na Barão de Mesquita, na rua da Carioca, em Botafogo. Em 1932 estávamos residindo na rua José Higino. José e Edison então vieram para o Rio.

Conseguimos novamente reunir os quatro irmãos e mamãe sentia-se feliz. Mas a 10 de agosto de 1932, faleceu o Edison. Foi um golpe para todos nós.

Nesta época eu já trabalhava na Fundação Osório, uma escola para filhas de militares. Ofereceram-me uma casa da escola, situada na rua Santa Alexandrina, num local pito-

---

<sup>87</sup>CHAVE DO SATYRO ficava na propriedade dos Srs. Satyro e Emydia França, em Muqui-ES.

resco e agradável. Morávamos lá quando faleceu minha avó Donana e tio Machadinho. Dois golpes para minha mãe.

Para a minha mãe a vida no Rio de Janeiro foi trabalhosa, mas tinha suas compensações. Entrou para a fraternidade da Ordem Terceira de São Francisco, no Largo da Carioca. O convívio com as companheiras do grupo dava-lhe muita satisfação. Com meu casamento, em 1937, o nosso grupinho se desfez definitivamente. Mamãe foi morar comigo em Laranjeiras. Pedro e José mudaram-se para o centro da cidade. Logo em seguida, casou-se também o José. Mamãe passou a residir ora com o filho, ora comigo. Pedro casou-se em 1942.

Em 1947, no dia 15 de janeiro, na cidade de Itapemirim, no Espírito Santo, em casa de tio Humberto, onde fora a passeio, minha mãe faleceu inesperadamente. Repousa em Cachoeiro, no túmulo onde fora sepultado meu pai, em 1912.

Nas entrelinhas do que aqui registrei, eu poderia escrever muito mais, uma história vivida por uma criatura que sofreu sem jamais vacilar, na sua grande fé em Deus.

Sofreu calada, para não transmitir sua angústia a outras pessoas. Sofreu sorrindo às vezes, para não perturbar a alegria espontânea de seus filhos pequeninos. Ocultou sempre os nomes dos que a injustiçaram e a feriram, para que os filhos não os odiassem. E, perdoou a todos de coração.

Eu poderia escrever muito mais sobre a minha mãe. Porém, sei que ela preferiria que eu me calasse, porque a humildade e o silêncio também eram qualidades que ela cultivou, além da renúncia, sempre a renúncia, durante toda a sua existência.

#### **6.4 - Agripina Machado Ramos**

**“Domingo. Nasceu a minha filha Agrippina no dia 17 de fevereiro de 1884 e batizou-se no dia 1º de Junho de 1884. E casou-se no dia 27 de janeiro de 1906.”**



FOTO 32 - Agripina Machado Ramos - Sem Data.  
(Acervo: Silvia Machado Rezende)

Sua infância foi alegre e despreocupada, na Fazenda Vista Alegre. Como acontece mesmo nas famílias numerosas, não há dois irmãos iguais. Cada um tem sua própria personalidade.

Assim acontecia com Agripina. Era diferente de todos os irmãos de Celsa. Enquanto Celsa era medrosa e muito sensível, Agripina não tinha medo de nada, e sentia prazer em assustar as pessoas.

Entre os primos e primas da Bela Vista, escolheu para companheiros de brincadeiras o Abelardo e Gilberto e, com eles partilhava as travessuras. Isto, ela própria comentava. De quando em vez, os avós materno dos Alpes (Agostinho Ferreira dos Santos e Violante Alves Ferreira) pediam que a enviassem para passar uma temporada em sua fazenda, para alegrá-los. E a tia Violantinha lembrava-se de muitas travessuras.

Estudou com a própria mãe e, com ela aprendeu também trabalhos manuais, como as outras irmãs. Foi sempre caprichosa e mostrou especial tendência para a costura, o que lhe foi bastante útil mais tarde. Porém, as travessuras e aquela sua natural alegria, não a impediu de adquirir uma fé muito firme em Deus, e coragem para enfrentar as dificuldades e os reveses que a vida lhe preparou.

Em 27 de janeiro de 1906, casou-se com “Accácio de Almeida Ramos”, irmão do esposo da Celsa. Ela com 21 anos e ele com 22.

Accácio era o irmão predileto de Pedro meu pai, e isso facilitou a aproximação de Agripina com ele.

Pedro preocupava-se com os dois. Nas cartas que escrevia a minha Mãe, quando morou no norte do Estado, referia-se muitas vezes ao irmão e a cunhada, desejando que fossem também tentar a vida onde ele estava. Que fossem juntamente com minha mãe e seus filhos.

O casamento dele foi realizado na Fazenda Vista Alegre. Lembro-me ainda de vê-los sentados no sofá, em baixo de um grande espelho de cristal.

O celebrante foi o Padre Júlio Viminey, amigo do Monsenhor Alves. Foi o primeiro casamento a que assisti e achei a noiva linda. Eu tinha quatro anos. O casal ficou morando na Vista Alegre, até o nascimento da primeira filha, Elazir, em dois de dezembro de 1906.

Em 1907 mudaram-se para o Macuquinho, para a mesma casa onde Pedro e Celsa haviam morado. E lá residiam quando da festa das bodas de ouro do vovô Agostinho em outubro de 1907.

Eu estava em casa deles, em 29 de novembro de 1907, quando um portador da Fazenda da Vista Alegre, veio chamá-la. Partimos no mesmo dia e a noitinha, pouco depois de chegarmos à fazenda, faleceu o pai de Agripina – José da Rosa Machado Junior (Meu avô).

Em 1908 voltaram para a Fazenda Vista Alegre e em 15 de outubro, nascia um filho do

casal – Rubem. Em 6 de novembro de 1910 nasceu o Carlos. Os dois nasceram na Vista Alegre.

Em 1911 mudaram-se para a Fazenda do Sabiá, nas proximidades de Muqui, fazenda de propriedade do Marcondes Alves de Souza<sup>3</sup>, casado com Almerinda, filha de tio Custódio<sup>88</sup>, da Bela Vista. “Accácio” trabalhava em Muqui como fiscal e administrava esta fazenda que era de criação de gado.

No Sabiá nasceram Maria Isabel, em 29 de novembro de 1912 e Abel, em 8 de dezembro de 1914.

Em 9 de novembro de 1912 faleceu Pedro, irmão de “Accácio” e seu grande amigo.

Em 1915 mudaram-se para o Rio de Janeiro. Agripina tomou a iniciativa e partiram, contando apenas com a coragem. Iam enfrentar uma cidade grande, desconhecida. Tinham cinco filhos numa faixa etária de 8 anos e alguns meses apenas. Alugaram uma pequena casa no bairro de São Cristovão e começaram a luta. Ai nasceu Jorge, a 14 de setembro de 1916.

Depois mudaram-se para uma vila, à rua Barão de Mesquita, numero 127, onde nasceram a Maria de Lourdes, em 2 de fevereiro de 1918 e Margarida Maria, em 17 de outubro de 1920. Ambas morreram pequenas.

“Accácio” começou a trabalhar no Moinho Inglês, mas ganhava pouco e a família era já numerosa. Agripina costurava para fora e para toda a família, cuidava da casa e chegou a fornecer marmitas, para aumentar os rendimentos.

Porém, jamais alguém a ouviu reclamar da vida. Foram tempos difíceis.

Por intermédio de Monsenhor Alves, Agripina conheceu as freiras do Convento da Ajuda. Estas freiras tornaram-se suas amigas e deram-lhe uma boa ajuda durante as difíceis fases de sua vida.

Em 25 de dezembro de 1925, nasceu Maria Celeste, quando residiam no bairro Lins de Vasconcelos, na rua Moju nº 86. Mas a luta continuou e Agripina costurava às vezes, até altas horas da noite.

Agora, quando residiam na rua dos Araujos, em 16 de fevereiro de 1937, falecia o Jorge. Ele era ótimo rapaz, já trabalhava e ajudava aos pais nas despesas da casa. Tinha 21 anos de idade. Elazir também trabalhava. Aos poucos a situação financeira da família foi tornando-se mais equilibrada. Abel também trabalhava, e Maria Isabel tinha um bom cargo.

Agripina resolveu receber alguns hóspedes, rapazes que estudavam no Rio e desejavam morar em casas de famílias.

Em 14 de maio de 1952, faleceu tio “Accácio”. Agripina e “Accácio” lutaram bastante mas

---

<sup>88</sup>CUSTÓDIO foi casado com Cecília Ferreira dos Santos e era o 3º filho do casal José Machado e Maria Rosa Florinda, portanto, irmão de José da Rosa Machado Júnior.

foram sempre amigos – um casal unido nas tristezas e nas alegrias.

Em 11 de maio de 1958, Rubem faleceu repentinamente. Era casado já a alguns anos, mas não tiveram filhos.

Afinal chegou uma alegria para Agripina – sua filha Maria Isabel, tendo recuperado a saúde, depois de um longa temporada em tratamento, resolveu voltar ao trabalho e adquiriu um apartamento na rua Senador Vergueiro. Decoraram a nova moradia com muito carinho e sentiam-se satisfeitas, mãe e filha.

Porém, durou pouco tanta felicidade. Maria Isabel adoeceu novamente e faleceu no dia 13 de novembro de 1960.

Aquela menina travessa e despreocupada da Fazenda Vista Alegre, hoje Fazenda da Serra, foi mais uma vez duramente atingida pelo sofrimento. Não suportou continuar morando no apartamento, sem a presença da filha que partira.

Agripina foi uma pessoa prestativa e dedicada. Onde alguém da família estivesse sofrendo, ela estava junto. Eu mesma experimentei algumas vezes a sua dedicação, inclusive quando faleceu meu marido e quando perdi minha mãe.

Mas Agripina ainda alimentava um sonho. Desejava ter um cantinho seu para morar. Um lugar tranqüilo, onde pudesse curtir a sua saudade e reunir suas irmãs solteiras, que não tinham onde morar. Principalmente Anita já bastante idosa. Resolveu então, comprar um apartamento de sociedade com Amanda.

E conseguiu realizar o sonho que acalentara durante vários anos. Ficou pronta a sua nova moradia. Anita e Amanda instalam-se. A cama de Agripina foi colocada no seu quarto, junto a janela, bem defronte do Corcovado. Por essa ocasião, ela estava adentada e permaneceu em casa de sua filha Elazir, aguardando melhorar de saúde para mudar-se. Contou-me emocionada, o que sentira na única noite que dormira em seu apartamento;

“Quando deitada na minha cama, no nosso apartamento, avistei o Cristo iluminado, de braços abertos, e pareceu-me que ele abria os braços para mim. E chorei de emoção. Anita e Amanda tinham onde morar. E eu sentia-me muito feliz”.

Porém, ela já estava doente e voltou para a casa da filha, mas esperava voltar, quando ficasse boa, para ficar definitivamente.

Mas Deus lhe havia reservado “outro cantinho” ainda melhor e, realmente definitivo. Ela faleceu no dia de 3 de dezembro de 1971, às duas horas da manhã.

Deixou em nós uma profunda saudade e um grande exemplo de fé, de coragem e de tenacidade. Virtudes que a acompanharam durante toda a vida.

## **6.5 - Bráulio Ferreira Machado**

**“Terça-feira. Nasceu o meu filho Bráulio no dia 12 de Janeiro de**

**1886, e foi batizado no dia 30 do mesmo mez e anno.”**



FOTO 33 - Bráulio Ferreira Machado - Sem Data.  
(Acervo: Agostinho Machado - “Machadinho”)

Bráulio foi um menino alegre, brincalhão e muito espirituoso. Entendia-se muito bem com todos os irmãos. E tais características o acompanharam sempre, vida afora. Como os outros irmãos, começou cedo a trabalhar na fazenda dos pais.

Com a abolição da escravatura e conseqüente falta de braços para o trabalho nas lavouras, acrescido do número de filhos que iam nascendo periodicamente, os pais de Bráulio não tiveram condições de mandar todos os filhos estudarem fora de casa, como acontecera com o Machadinho, Anita e Celsa.

Assim, Bráulio só recebeu os ensinamentos ministrados em casa, pela própria mãe.

Quando seu pai faleceu em 1907, ele contava 21 anos e a situação da fazenda já era bastante difícil. Bráulio então, procurou trabalho fora de casa.

No caderno de minha avó, ela escreveu – “Bráulio foi para Manhuassú no dia 04 de Março de 1908”.

Foi encontrar-se com o cunhado Pedro de Almeida, que estava trabalhando naquela cidade. Foi disposto a empregar-se, ou quem sabe, a convencer o cunhado a voltar e juntos, tentarem trabalho no próprio Estado do Espírito Santo.

Em 30 de julho de 1908, meu pai escreveu a minha mãe e enviou duas procurações, dele e do Bráulio, para que o Pelegrino Gomes os representasse no inventário do vovô Juca (José da Rosa Machado Júnior). Isto veio provar que os dois estavam juntos e não pretendiam voltar logo.

Eu teria tido ocasião de conhecer melhor ao tio e a meu pai, se mais tarde tivesse lembrado-me de conversar com tio Bráulio sobre o que teriam feito durante a temporada que os dois estiveram por aquelas regiões. De vez em quando, entretanto, ele ocasionalmente narrava alguns fatos que demonstravam como meu pai enfrentava situações perigosas e difíceis. Tratava-se de uma zona onde alguns fazendeiros eram prepotentes e inescrupulosos, sempre cercados de capangas perigosos. Por qualquer pretexto, até

mesmo para não pagarem uma dívida, mandavam matar uma pessoa.

Recordo-me de ouvir dizer que tio Bráulio, lá naqueles lugares exerceu várias profissões: de caixeiro em botecos e até de professor.

Contou-me tio Humberto, que certa vez devido as preocupações de vovó, porque o filho não voltava e nem mandava notícias, resolvera enviar-lhe a procura do irmão. Depois de viajar por vários lugares sem encontrá-lo, Humberto voltava de trem, aborrecido por não ter conseguido nem notícia do irmão, já quando o trem saía da estação de Cariacica, avistou o Bráulio de pé, olhando para o interior de cada vagão. Chamou por ele e fez-lhe sinal de que voltaria no dia seguinte. Ao chegar de volta de Vitória, Bráulio esperava-o na Estação. Mas Humberto voltou sozinho, trazendo notícias e muitas novidades, depois dos dois dias em que estiveram juntos.

Em 1912, Bráulio voltou e foi residir na Fazenda da Serra, pois a vovó mudara-se para Cachoeiro de Itapemirim.

Quando meu pai faleceu em novembro de 1912, minha mãe e os filhos estavam na Serra, e foi tio Bráulio quem acompanhou-a até Cachoeiro, numa viagem dolorosa e cansativa, a cavalo, levando o Pedro com 7 meses de idade.

Uma semana depois voltou para levar-nos (eu e meus irmãos) para Cachoeiro.

Em 9 de setembro de 1916, Bráulio casou-se com Olympia Vieira, filha de Conrado Vieira, a "Voninha". Tio Conrado era irmão de minha avó Izabel. Foram residir na Fazenda da Serra, onde nasceram seus filhos – Lauro em 23 de março de 1919, Luzia em 28 de maio de 1921, Ilda que faleceu pequena, e Evandro em 29 de novembro de 1927.

Foi um casamento feliz que durou 55 anos. Olympia adaptou-se muito bem a família do marido. Fora preparada à moda antiga, com as aptidões necessárias a uma boa fazendeira.

A Fazenda do Fim do Mundo (Castelo) foi a escola onde ela aprimorou-se e, assim adaptou-se a vida árdua e, difícil de seu novo lar. Naquela época não havia facilidades de se obter empregadas e nem pessoal para as tarefas agrícolas. Olympia nasceu na Fazenda da Povoação, aos 13 de junho de 1889.

Sempre senti o maior carinho por aqueles tios. Para mim era uma alegria passar com eles na Serra, alguns dias de minhas férias.

Olympia tratava-me com a maior atenção. Preparava ótimas refeições e saborosos doces. Certa vez preparou um pato assado, sem ossos – uma delícia. E quando eu regressava, à despedida ela chorava. Ninguém saía sem levar presentes – goiabada, rapadura, cocadinhas de leite, etc.

Pouco a pouco os filhos foram casando, e a casa foi ficando grande demais para os dois.

Mudaram-se então para umas terras, creio que Martins, num lugar chamado de "Fura Boca", e mais tarde, para a Fazenda das Flores. Depois, foram para o Rio de Janeiro, pois o Abel, filho de "Accácio" e Agripina, convidou-os para tomar conta de um sítio em

Campo Grande. Depois passaram a morar, ora com um, ora com outro, dos seus filhos. Finalmente, foram residir em Belo Horizonte com Lauro, o filho primogênito deles. Eram tratados ali com muita consideração.

Foi ai que ambos faleceram, Bráulio no dia 16 de abril de 1971 e Olympia no dia 2 de fevereiro de 1979. Em 1966, comemoraram as bodas de ouro e suas sobrinhas, filhas de tio Humberto, prepararam-lhes uma festa. Eles eram muito alegres e estimados por toda a família.

De todos os irmãos, Bráulio foi o que possuía maior fé. Era profundamente religioso. Olympia foi uma esposa exemplar e dedicada.

Eram muito queridos pelos sobrinhos e até hoje, todos têm um caso do tio Bráulio para contar.

## 6.6 - Humberto Ferreira Machado

**“Quinta-feira. Nasceu o meu filho Humberto no dia 15 de novembro de 1888 e baptizou-se no dia de 19 de março de 1890.”**



FOTO 34 - Humberto e Francisca de Freitas - “Chiquinha” - Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Ramos)

Humberto também foi um menino feliz porque ali naquele ambiente da Fazenda da Vista Alegre, nenhuma criança poderia ser infeliz. Seu temperamento era diferente do irmão Bráulio, porém davam-se muito bem.

Dizem que ficava um tanto zangado quando o chamavam por um certo apelido de que não gostava. Os apelidos, alguns bem pitorescos, emprestavam sabor especial no convívio entre pessoas de famílias numerosas. E na Serra todos tinham apelidos.

Como os irmãos mais velhos, também começou cedo a trabalhar e a estudar com a própria mãe. E não teve oportunidade de freqüentar escola alguma.

Recordo-me do tio Humberto já rapaz. Ele foi para mim, uma espécie de protetor.

Certa vez, lembro-me bem, tomei água e ao jogar fora o restante do líquido pela janela, deixei escapar o copo que se quebrou. Tio Humberto vinha chegando e disse-me: - Nin-

guém viu! Vá brincar! Fatos semelhantes aconteciam muitas vezes.

Quando à tardinha na hora do cafezinho, a família reunia-se na varanda da frente da casa, tio Humberto tinha sempre um caso para contar e, às vezes cantava uma canção muito conhecida na época, uma canção dedicada a Santos Dumont. Havia um trecho que dizia:

“- Brilhou lá no céu mais uma estrela. E apareceu, apareceu Santos Dumont!”

Em 1908 ele foi com outros companheiros ao Forno Grande e, nós as crianças, passamos a considerá-lo um herói, quando contemplávamos ao longe, a montanha mais alta. Durante uma temporada ele esteve no Rio de Janeiro, a convite do tio Monsenhor Alves. Lá trabalhou, fez boas amizades e estudou um pouco mais. Entre os amigos que conquistou falava no Tolosa, de quem se lembrou durante toda a vida, e ele guardava uma fotografia e uma carta.

Observador e inteligente, a permanência numa grande cidade como o Rio de Janeiro, deu-lhe muita experiência de vida.

Quando eu lecionava na Chave Satyro – de 1920 a 1923 (Muqui-ES), ele trabalhava na firma Vivaqua Vieira e, muitas vezes vinha visitar-nos.

Chegava domingo bem cedo e regressava à noite. Nesta época pediu-me para que eu lhe transmitisse aulas de português, pois sentia dificuldade de redigir cartas e gostaria muito de melhorar. Combinamos então, que ele escreveria uma carta por semana e eu a corrigiria, explicando os erros.

Assim aconteceu durante algum tempo. Recomendiei-lhe que procurasse ler bastante, o que ele fez sempre que podia e com prazer. Gostava de ler a revista Seleções.

Em 8 de junho de 1922, casou-se com Francisca de Freitas- “Chiquinha”. Foi um amor antigo, desde quando morávamos na Serra e ela na Fazenda de Santo Antônio, com os tios - Emília e Peregrino Gomes.

Certa vez Chiquinha passou o dia na Serra, quando ela estava ainda com 15 anos. À noite, comentava-se que tio Humberto estava namorando a “Chiquinha”. Augusto e Edison, bem pequenos ainda, ouviram a conversa e Augusto perguntou: - O que é namorar? E o Edison respondeu prontamente:

- Seu bobo, namorar é sentar perto e falar baixinho.

Chiquinha era filha de Francisco Vieira de Freitas e Maria Julia Infante Vieira. Nasceu no dia 10 de setembro de 1894 e faleceu no dia 10 de maio de 1963.

Nasceu na fazenda de São Pedro e quando tinha três anos, sua mãe faleceu, deixando vários filhos, inclusive a Luiza com apenas um ano. Seus irmãos – Aguilar, José João, Emília, Maria (Mariquinhas), Tereza, Julia e Luiza.

Aos 9 anos ela perdeu o pai e, assim sem os pais, foram criados pelas tias e pela irmã mais velha.

Foi um casamento feliz. Chiquinha possuía um gênio ótimo e todos os parentes de tio Humberto, tinham-lhe muita amizade. Vivia sempre satisfeita, sem reclamar, apesar das dificuldades que tiveram que enfrentar durante a vida.

Casaram-se e foram residir em Paineiras (Itapemirim), onde Humberto trabalhava na Usina de Açúcar. Lá nasceu-lhes o primeiro filho – Francisco José, em 25 de abril de 1923. Nesta época veio morar com eles Anita, irmã de Humberto. Chiquinha conviveu

com a cunhada com a maior compreensão, suportando-lhe o gênio difícil, sem atritos. Muito hábil, Humberto em pouco tempo adquiriu experiência e na Usina, passou a lidar com todas as máquinas, como se fora engenheiro nato.

Depois passou a dirigir uma Serraria na União, de propriedade de Agliberto Rodrigues.

Na União nasceram Maria Julia, Pedro Américo, Antonio Augusto e Zélia Maria.

Meu irmão Edison trabalhou com ele na Serraria e sempre foi tratado como um filho pelo casal.

Em julho de 1934, mudaram-se para a Vila do Itapemirim, onde nasceu Luiz Gonzaga em 20 de Julho daquele mesmo ano.

Fez uma casa, plantou uma chácara e aí residiram durante muitos anos. Adquiriu terras nas seguintes fazendas antigas – Areia, Vermelho e Pinto. Porém, não conseguiu obter lucros – uma vez porque havia sol demais, e outras vezes por causa das chuvas e enchentes. E perdia todo o trabalho. Humberto comprara as terras de sociedade com o irmão Machadinho. Quando José, filho de Machadinho casou-se, Humberto entregou-lhe a Fazenda Areia, como pagamento da dívida. Mais tarde trocou a Fazenda Vermelha com Abelardo Machado, por um terreno no Aquidaban, em Cachoeiro de Itapemirim. Neste terreno havia algumas casas modestas. Alugou a dita propriedade a Jarbas, filho de Machadinho, por alguns anos.

A fazenda do Pinto ele vendeu a Antônio Penedo, casado com Iva, filha de Abelardo Machado. Na Vila do Itapemirim ocupou vários cargos: foi delegado mais de uma vez, foi Prefeito e Chiquinha presidente da Legião Brasileira de Assistência.

Os filhos freqüentaram a escola pública. Maria Julia foi professora e trabalhou na Coletoria Estadual.

Humberto fez muitas amizades na Vila, era pessoa estimada e fazia bem a muita gente, mesmo sem ter conseguido grandes bens.

Além dos filhos, criou três meninos: Otacílio, Raymundo e Ademar. E quando dividiu as terras em Cachoeiro, deu a cada um deles uma área para construírem suas residências.

A chácara da Vila era muito pitoresca e agradável. Todos nós da família nos sentíamos bem no convívio com a família de tio Humberto.

Em 1947, minha mãe Celsa, faleceu na casa dele, casa onde dizia sentir-se muito bem e fora passar alguns dias.

Além dos empregados e dos cargos que ocupou, também construiu a estrada de rodagem que liga a Barra com Piúma; uma estrada difícil, por tratar-se de terreno arenoso de praia.

Também construiu muitas escolas na Vila e no interior do Município.

Em 1948, no dia 8 de maio, mudaram-se para Cachoeiro de Itapemirim e foram residir numa casa modesta que ele próprio melhorou, nas terras que trocara com Abelardo. A ida para Cachoeiro, facilitou o estudo dos filhos e quase todos conseguiram diplomas. Começou novamente a trabalhar na construção de escolas do Governo, trabalho que teve a cooperação do filho Francisco José. Construíram 48 escolas em muitos municípios do estado.

Passou depois a dar assistência à Fazenda da Serra, ajudando o sobrinho Pedro Juve-

nal, proprietário da fazenda. Com seu trabalho e sua dedicação, com a assistência do sobrinho, mantiveram de pé a casa da Fazenda da Serra.

Humberto sempre amou profundamente a Serra e nos últimos anos de sua vida, animava-se relembando os tempos que residiu naquela velha fazenda, onde nascera. Até a memória lhe voltava, quando ouvia falar da Serra.

A propósito, vou transcrever mais adiante, a última conversa lúcida que ele manteve comigo e que me emocionou profundamente.

Tio Humberto era pessoa de uma honestidade a toda prova. Não teve oportunidade de estudar muito, mas ocupou cargos importantes e os desempenhou corretamente, graças a sua inteligência e a sua tenacidade. Depois do falecimento da esposa que o chocou profundamente, ficou residindo com Maria Julia e depois com Zélia Maria, em casa de quem veio a falecer, em 25 de janeiro de 1982.

## 6.7 - Alda Ferreira Machado

**“Nasceu minha filha no dia 6 de outubro de 1891, e batizou-se no dia 9 de Junho de 1891.”**



FOTO 35 - Alda Ferreira Machado - Sem Data.  
(Acervo: Silvia Machado Resende)

Ouvi dizer que Alda quando criança, teve sérios problemas de saúde, tendo inclusive que tomar leite de cabra em vez do de vaca como os outros irmãos. Também sofria de asma e passava muito mal durante as crises asmáticas.

Ela própria quando menina, escreveu ao Dr. Pinto Portela, genro do Barão de Almeida Ramos, que a curou com uma receita enviada por ele.

Esta mesma receita também curou outras pessoas na época. Muitos anos mais tarde talvez, uns quarenta e tantos, Alda foi assaltada no Rio de Janeiro e com o susto, sofreu uma terrível crise de asma. E nunca mais ficou completamente curada. Desde criança e por toda sua existência, foi uma pessoa nervosa, e não escondia suas preocupações, o que não raro, criava situações constrangedoras para ela própria. Porém era uma criatu-

ra boníssima, leal, sincera e muito liberal.

Raras pessoas eu conheci que gostasse tanto de presentear e de fazer justiça, como foi tia Alda.

Ela era minha madrinha e tinha-me grande afeição pois, além de sobrinha mais velha, fui sua primeira afilhada. Quando eu nasci ela passou uma temporada na Fazenda Independência, fazendo companhia à minha mãe.

Estudou com a própria mãe e não frequentou escolas. Como todas as irmãs, Alda recebeu uma boa formação moral e aprendeu vários trabalhos manuais. Porém não se dedicou a nenhum deles, nem mesmo depois de aposentada, como distração. Dizia-se que ela odiava agulhas.

Alda sempre acompanhou sua mãe, primeiramente para Cachoeiro de Itapemirim, depois para o Rio de Janeiro, onde ficou residindo até falecer, em 23 de maio de 1973, com 82 anos de idade. Teve alguns pretendentes, porém não se casou.

Mudando-se para o Rio de Janeiro em 1920, ela procurou logo trabalhar para seu próprio sustento, experimentou várias colocações e, finalmente conseguiu sua nomeação para o Departamento dos Correios, cargo que ocupou até aposentar-se.

Procurou ser independente, morando em pensões particulares, em pensionatos de freira e por fim, alugou um apartamento no centro da cidade e nele residiu até adoecer seriamente, vindo a falecer numa casa de saúde.

Alda foi sempre religiosa e entrou para a Ordem Terceira de São Francisco, na Fraternidade de Santo Antonio, em 1939. Escolheu o nome de Irmã Ana Maria de São José.

Antes dela já haviam entrado para a mesma Ordem, sua mãe e sua irmã Celsa.

Quando eu vinha de férias para Cachoeiro, ao tempo em que estudava em Vitória, Alda preparava seus melhores vestidos para que eu os usasse durante minha temporada de férias. E, se possuísse um par de sapatos ou um vestido novo, guardava-os para que eu estresse.

Ela era assim, um tanto geniosa, porém desprendida, dedicada e muito afetiva. Amava muito as pessoas de sua família, deu-se bem com todos e teve amigas sinceras, porque cultivava com carinho suas amizades. Era muito simples e franca. Guardo sua lembrança com imenso carinho e saudades.

Sua viagem mais longa foi para Belém do Pará, numa excursão para assistir ao Congresso Eucarístico. Foi de navio, parando em todas as Capitais dos Estados. Isto proporcionou-lhe uma grande alegria. Sempre conversamos sobre aquela sua viagem e ela dizia-me que foi o fato mais maravilhoso de toda sua vida.

Quando ela já estava no fim da vida, doente e preocupada porque havia sido obrigada a entregar o apartamento onde morava há vários anos, eu procurei tranquilizá-la prometendo levá-la para morar comigo em Petrópolis, logo que ela se restabelecesse. Eu sabia do seu estado de saúde, mas procurei tranquilizá-la.

Entre as muitas lembranças que eu carinhosamente guardo, presentes que ela me oferecia, está a imagem de Nossa Senhora da Penha, imagem que ela recebera de sua

mãe, uma relíquia vindo de Portugal em 1882. Um dia ela chegou ao meu apartamento, quando eu residia em Laranjeiras no Rio, e disse-me:

“- Esta imagem é a coisa mais preciosa que eu possuo. Ganhei-a porque sou a única de minhas irmãs que é afilhada de Nossa Senhora da Penha.”

Mas eu prefiro que ela fique com você. Aqui terá um cantinho mais bonito e eu sei que você a dará todo carinho. Fiquei emocionada, porém feliz.

Começamos a relembrar coisas da Serra. Mostrei-lhe então uma jarrinha azul, presente de meu pai e que minha mãe colocara junto ao oratório. Quando eu era menina, minha avó encarregou-me de colocar flores todos os dias, naquelas jarrinhas azuis – flores para Nossa Senhora. Agora, disse-lhe eu: a Nossa Senhora da Penha e uma das jarrinhas azuis, estão juntas novamente, em casa daquela menininha que todos os dias colocava flores do jardim da nossa Fazenda da Serra.

A imagem da Santa, relíquia preciosa, recorda-me a tia Alda, a Madre Alda, como eu a chamei, desde que eu era uma criança.

## 6.8 - Julinda Ferreira Machado

**“Segunda-feira. Nasceu minha filha Julinda, no dia 14 de Agosto de 1983 e baptizou-se no dia 23 de janeiro de 1895.”**



FOTO 36 - Julinda Ferreira Machado - Sem Data.  
(Acervo: Silvia Machado Resende)

No dicionário de nomes de pessoas não encontrei o de Julinda. Às vezes ponho-me a pensar onde minha avó teria descoberto um nome tão raro.

É curioso como agente, as vezes vive cercado de muitas pessoas, morando sob o mesmo teto e de umas lembramo-nos desde bem crianças, enquanto de outras só nos recordamos mais tarde.

Lembro-me de chamar a tia Julinda de Nininha, porém somente após a realização da festa dos Alpes, foi que comecei a conhecê-la realmente.

Julinda nasceu na Fazenda Vista Alegre e recebeu a mesma instrução ministrada às suas irmãs, que não tiveram oportunidade de frequentar escolas. Estudou com a própria mãe, porém era inteligente e gostava muito de ler. Lia jornais, revistas, romances. E comentava quase sempre o que lia. Assim foi sempre, até depois de bem idosa. Quando já morava em Belo Horizonte, ela costumava recortar bons artigos de jornais, quase sempre sobre história antiga de Minas Gerais e enviar-me pelo correio.

Como já dissemos antes, nenhum dos doze da Serra, tinha personalidade idêntica. Pelo contrário, havia diferenças marcantes em cada um deles, homens ou mulheres.

Julinda era na verdade, bem diferente de todos. Possuía um temperamento forte, zangando-se facilmente. Às vezes porém, dispensava muita ternura, principalmente às crianças, dedicando-se à algumas, até com certo exagero. Amava muito os parentes, principalmente os irmão e sobrinhos.

Recebeu o mesmo grau de religião que foi dispensando às irmãs, porém era a menos dada a manifestações de piedade.

Aprendeu trabalhos manuais, mas não se aplicava com o mesmo capricho e perfeição das irmãs mais velhas – Anita, Celsa e Agripina.

Porém, era bastante habilidosa. Foi sempre um tanto misteriosa e pouco se sabia de sua vida, mesmo quando se residia na mesma casa.

Também ela acompanhou sua mãe, primeiro mudando-se para Cachoeiro e depois para o Rio de Janeiro.

Enquanto minha avó vivia, ela morou em sua companhia. Tinha seu próprio quarto, fazia o que bem entendesse e não dava satisfações a pessoa alguma. E isso as vezes, preocupava sua mãe.

Após o falecimento de minha avó, passou a residir com as irmãs ou com alguma sobrinha. Só trabalhou fora de casa durante algum tempo, numa escola na rua General Canabarro (RJ) como inspetora de alunos. Não deu certo e então, passou a aceitar vestidos para costurar, mas não assumia muitos compromissos. Era econômica e não tinha obrigações e despesas em casa.

Morou alguns anos com tia Esther, irmã da vovó, onde se tornou muito útil e afeiçãoou-se extremamente às duas filhas menores da tia, sua tia e madrinha. Porém sofreu uma injustiça e ficou profundamente magoada.

Em 1945, faleceu a esposa de seu irmão Alberto, deixando três filhos pequenos, inclusive a menina Ana Inês, bem pequenina ainda. Alberto ficou em sérias dificuldades e convidou a irmã para passar uma temporada com ele e ajudá-lo a criar os filhos. Julinda aceitou o convite e mudou-se para Belo Horizonte. Assumiu a casa e os sobrinhos. Começou então, uma nova vida bastante útil, dedicando-se com amor e carinho aos sobrinhos. Criou-os como se seus filhos o fossem.

Gozava saúde e tinha sempre disposição para sair e para dirigir a casa. Tinha pelo irmão Alberto muita amizade e um certo respeito.

Julinda jamais perdeu o contato com a família, visitava os irmãos e demais parentes no

Rio, São Paulo e Espírito Santo. Não se casou, porém esteve noiva e chegou a preparar o enxoval. Porém, rompeu o noivado, tão misteriosamente como ficara noiva.

Assim era o seu jeito de ser. Não se casou, mas teve uma família e um lar para viver até o fim da vida. Morou sempre com a sobrinha Ana Inês que lhe foi bastante dedicada.

Era estimada pela família e principalmente pelos sobrinhos que ajudou a criar. Ficava feliz quando o irmão Alberto dizia-lhe:

“Ai de mim se não fosse você para ajudar-me a criar os meus filhos!”

Há alguns anos, depois de haver completado os oitenta anos, levou uma queda na cozinha da residência na Pampulha(MG), e fraturou uma perna. Foi uma fratura perigosa e teve de ser operada e permaneceu algum tempo no hospital. O fato a abalou profundamente, não só pelo sofrimento, mas pelo receio de não conseguir locomover-se.

Ficou nervosa e preocupada, começando então a apresentar fortes sintomas de esclerossada, sintomas que foram se agravando. Teve de permanecer engessada durante algum tempo mas, graças a Deus, voltou a andar com certo desembaraço. Porém, não lhe voltou a perfeita lucidez. Havia ocasiões que não reconhecia as pessoas e de nada se recordava. Em outras porém, tornava-se lúcida.

Em 13 de outubro de 1983, faleceu Alberto e Julinda sentiu profundamente, lastimando-se pela falta do irmão. Foi uma cena comovente, quando ela soube que o irmão havia falecido. Passou então, a falar nele constantemente. Sua maior distração era a filhinha de Ana Inês – o encanto da vovó Julinda. Em 14 de agosto ela havia completado 90 anos. Os sobrinhos festejaram a data e, poucos meses depois falecia o irmão (Alberto). Em 19 de agosto de 1984, aos 91 anos de idade, faleceu a tia Julinda, em Belo Horizonte. Sobre sua morte vou transcrever aqui, o trecho de uma carta que recebi de Ana Inês, escrita em 18 de outubro de 1984:

-“Sábado passado fez um ano que papai se foi. Um, parece que já faz tanto tempo, tão viva é a sua lembrança e tão próxima a sua presença!

Com a ausência da tia, ainda não me acostumei. Apesar da idade avançada, ela estava muito bem, com um vigor físico que impressionava.

Foi a morte mais serena que já vi contar. Ela passou do sono natural, para uma sonolência diferente (foi chamando os irmãos e sobrinhos já falecidos, um por um, como se tivesse vendo), entrou em coma e faleceu, sem um suspiro, sem nenhuma dificuldade respiratória, calma e tranqüila. Só tenho medo de que tenha passado do céu. Gerda e eu ficamos perto dela até o fim.”

Julinda teve sempre o melhor carinho dos sobrinhos que ajudou a criar, e de suas esposas. Nas palavras de Ana Inês, transpareceu todo o carinho que sentia pela tia.

Assim vão desaparecendo aos poucos os 12 filhos de meus avós - José e Ana da Fazenda da Serra.

Agora só temos ainda viva a Amanda, a última sobrevivente – a relíquia que ainda possuímos.

## 6.9 - Alberto Ferreira Machado

**“Segunda-feira. Nasceu meu filho Alberto no dia 14 de Outubro de 1895 e baptizou-se no dia 22 de Novembro do mesmo ano.”**



FOTO 37 - Alberto Ferreira Machado e Scintila Marchesotti - 15/12/1936.  
(Acervo: Maria Celsa Zanúncio Gonçalves)

Mais adiante, no mesmo caderno de minha avó:-

“Alberto foi para Cachoeiro no dia 14 de fevereiro de 1908.” No mesmo caderno, muitos anos depois, tio Alberto escreveu: “Alberto Ferreira Machado casou-se com Scintila Marchesotti no dia 15 de Dezembro de 1936, na Igreja de São José, em Belo Horizonte, Minas Gerais.” Tiveram os seguintes filhos: -Urbano Marcio - nasc. 31-3-38. - Alvilar - nasc. 26-5-39 -Ana Inês - nasc. 26-11-41.

Todos foram batizados na Igreja de Santa Ana, no bairro da Serra, Belo Horizonte.

A primeira lembrança que eu tenho do tio Alberto foi de quando estive de visita à fazenda da Serra, um primo nosso, o Marcondinho, filho da Almerinda de tio Custódio, casada com o Marcondes que, mais tarde foi presidente do Estado do Espírito Santo.

Os dois, Alberto e Marcondinho, eram rapazinhos, andavam sempre juntos e montavam a cavalo todos os dias. O primo brincava muito com as crianças, porém o tio estava sempre sério e meio caladão. Nós o chamávamos de Betinho, apelido que conservou sempre.

Outra lembrança era de vê-lo muito zangado com os colonos que vinham trocar fubá fora do horário estabelecido.

Em 1908 foi estudar em Cachoeiro, no Colégio dos padres. Estava com 13 anos e já havia estudado com a própria mãe, como os irmãos. Alberto também começou bem cedo a ajudar nos trabalhos da fazenda.

Ouvi comentários sobre ele, tais como, de que era queridinho da Mãivana e tinha cinco anos, quando ela faleceu, e sentiu muito a sua falta.

Também diziam que era um garotinho muito especial – que só comia no seu prato e tinha

travesseiro também só seu. Contavam que certa vez, foram passar um domingo numa fazenda próxima e não houve nada que o fizesse almoçar, porque esqueceram de levar o “seu” prato.

Quando Alberto foi estudar em Cachoeiro em 1908, deveria estar ainda bastante chocado com a morte do pai, ocorrida em 29 de novembro de 1907.

Não sei quanto tempo ele estudou em Cachoeiro, nem quando foi para o Seminário de Pirapora, em São Paulo.

Pirapora era um lugarejo afastado da Capital e naquela época, a viagem de São Paulo até o Seminário, muito difícil. Havia um trecho que a condução era em carro de bois. Assim da Fazenda da Serra até lá, era um longo percurso.

Alberto estudou em Pirapora durante vários anos, sem vir à fazenda, nem durante as férias, o que lhe foi bastante penoso. Alguns anos depois aconteceu o mesmo com José, meu irmão. Muitos anos mais tarde, os dois gostavam de ir à Pirapora rever o velho Colégio. Valeu a pena o sacrifício, porque ele obteve uma boa cultura, o que lhe facilitou boas colocações.

De passagem pelo Rio de Janeiro, Alberto tirou um retrato que ainda existe até hoje. Trabalhou na estrada de Ferro Leopoldina Railway, durante alguns anos. Também em Muniz Freire e, ultimamente, depois de residir há muitos anos em Minas, quando ia ao Espírito Santo, passava em Muniz Freire para rever os velhos amigos.

Por volta de 1921, quando eu lecionava na Chave Satyro, tio Alberto adoeceu gravemente em Cachoeiro, com paratifo. Ele morava no Hotel da Estação e mandou um recado a minha mãe. Ela foi imediatamente e permaneceu ao seu lado, até que recebeu alta e trouxe-o para restabelecer-se em nossa casa.

Foi uma temporada agradável aquela em nossa casa. José havia regressado de Pirapora e estava conosco. Edison e Pedro também. Pareciam quatro meninos travessos. Brincavam o dia todo, e cada um deles, recebeu um apelido: José - Juca da Jacinta; Edison - Nurim; Pedro - Corta Jaca; Alberto - Bernardo Junior, porque era o mais implicante.

A escolha dos apelidos tinha um significado que só eles entendiam e, divertiam-se bastante.

Mamãe estava feliz com a presença dos quatro. Foi nesta ocasião, que conheci realmente o tio Alberto e ficamos amigos.

À noite reunimo-nos na varanda da casa. O fazendeiro construía a casa no local mais elevado do lugarejo. Lembro-me de que era o mês de maio e o tempo estava ótimo. Tivemos lindas noites enluaradas. Às vezes, o céu estava tão estrelado que parecia um mapa celeste. Não havia luz elétrica e conversávamos à luz das estrelas. Falava-se dos tempos da Serra, do Colégio de Pirapora, de muitas coisas.

Contavam-se casos e no final, havia uma seção de cantoria e de versos. Às vezes ele me pedia para cantar o “Luar do Sertão” e, quando chegava aquela estrofe – Ó gente feia desta terra sem poesia... minha mãe ficava preocupada, com receio de magoar as

peças do lugar. Mas o tio Alberto achava graça e pedia-me para cantar de novo...E havia também uma seção de poesia e eu fiquei conhecendo a sua sensibilidade, pois verifiquei que ele sabia de cor, muitos sonetos e os dizia ali, naquela varanda no silêncio da noite. Às vezes permanecíamos calados durante alguns minutos para ouvir os sons emitidos pelos bichinhos noturnos.

Lembro-me de que ele apreciava muito a poesia de Hermes Fontes e possuía seus livros.

Bons tempos aqueles!

Tio Alberto voltou ao trabalho. Em 1934, mudou-se para Belo Horizonte onde, inicialmente trabalhou numa agência de automóveis Ford.

Depois foi trabalhar com o Brochado, representando a Internacional Harvester Machines. Mais tarde tornou-se sócio da firma e seu Diretor Financeiro.

Não saiu mais de Belo Horizonte. Sempre muito correto, fez boas amizades na Capital mineira.

Antes de mudar-se para Minas, Alberto foi noivo de uma jovem em Vitória, descendente da família de um dentista, amigo de minha avó. Mas não deu certo e romperam o compromisso.

Já morávamos no Rio de Janeiro e recebi carta de tio Alberto, convidando-me para ir conhecer a Capital de Minas. Fui com Adriel Serpa, nossa prima. Ele residia no Hotel da Estação, numa praça, e reservou-nos um quarto no mesmo Hotel. Ele aproveitava suas folgas para mostrar-nos a cidade e outros lugares.

Fomos a Ouro Preto de trem, uma linda viagem. Também visitamos Sabará e Lagoa Santa, onde ele me falou de sua velha ama, a Mãivana, porque lá era sua terra.

Sempre havia motivos para falarmos da Serra. Ele sentia saudades da fazenda do Espírito Santo e da família.

Voltei outra vez a Belo Horizonte e hospedei-me em casa dos pais de Scintila. Foi quando houve o Congresso Eucarístico. Casaram-se em 15 de dezembro de 1936.

Scintila Marchesotti, era filha de Ricardo Marchesotti e Inês Vanini Marchesotti.

Eram italianos de Laglio, Província de Como. Vieram da Itália para São Paulo e depois mudaram-se para Belo Horizonte.

Scintila e seus irmãos – Nereo, Angelina e Arnaldo, também nasceram na Itália.

Arnaldo que ficara cego com cinco anos, era um pianista que fez sucesso realizando concertos em várias capitais do Brasil. Sua mãe o acompanhava nas excursões.

Em 11 de janeiro de 1945, Scintila faleceu. Tinha apenas 34 anos, pois nascera em 27 de janeiro de 1911. Deixou 3 filhos pequenos. Alberto ficou em sérias dificuldades por causa das crianças.

Lembrou-se então de convidar sua irmã Julinda, solteira, para passar uma temporada em sua casa e ajudá-lo a criar os filhos. Julinda aceitou o convite e mudou-se para Belo Horizonte, dedicou-se aos sobrinhos e ao irmão, que não mais se casou.

Os três filhos estudaram e todos receberam diploma. Alvimar é hoje conceituado arquiteto e Ana Inês é professora estadual, muito culta, já tendo realizado várias viagens ao estrangeiro. Urbano dedicou-se ao comércio. Todos três casaram-se e cada um deu um neto ao vovô Alberto. São duas meninas e um menino do Alvimar.

Alberto visitou os Estados Unidos e muitas cidades brasileiras.

Foi à Brasília logo depois de sua inauguração. Gostava muito de ler e mantinha-se atualizado, assinando jornais nacionais. Jamais se esqueceu de sua terra natal, nem da velha Fazenda da Serra, onde ia quase todos os anos. Sempre visitou os parentes e os amigos. Aposentado, distraía-se viajando e trabalhando num sítio, em Lagoa Santa. Para acompanhá-lo nas freqüentes viagens, convidava seu sobrinho Jairo, e os dois entendiam-se muito bem.

Tio Alberto e eu mantínhamos correspondência. Em carta que me escreveu em 19 de janeiro de 1982, destaco o seguinte trecho: - "Recebi sua carta de dezembro último, dando muitas notícias do Espírito Santo. Oi! Espírito Santo que não sai do meu pensamento". E mais adiante, na mesma carta: - "Sexta feira vou para Lapinha-Lagoa Santa: vou com o Lauro e dormimos lá, voltando sábado. Trabalhamos até de enxada e foice; ele mais do que eu, naturalmente, mas dá para soar bastante."

Ele já estava com 86 anos! E ainda distraía-se trabalhando de enxada e de foice. Aliás ele gostou sempre de ter um sítio nos arredores de Belo Horizonte, um pouco de terra para brincar de fazendeiro, lembrando assim, as suas origens. O sobrinho Lauro era seu companheiro, seu auxiliar nas construções e nos trabalhos com a terra.

Tio Alberto jamais deixou de responder uma só carta que recebesse. De vez em quando eu mandava-lhe um trecho do que estou escrevendo sobre a Serra. Eu sabia do prazer que sentia ao lembrar coisas da fazenda onde ele nascera.

Em carta de 13 de outubro de 1982, ele escreveu-me, e aqui também eu destaco o trecho seguinte: -"Fiquei emocionado com o que você narrou sobre o Antônio e Maria Alves! Eu já conhecia esses fatos, narrados pelo falecido Bráulio, seu tio, pois foi talvez quem melhor conheceu esse abnegado casal, pois foi ele – o Bráulio – o último da velha geração, a deixar a Serra!. Isabel, Antônio e Maria Alves, pela miséria, pelo sofrimento, pela resignação e pela fé em Deus, não tenho dúvida em dizer que mereciam as honras dos Altares."

Era assim que ele reagia com tudo que se relacionava a fazenda onde nasceu.

Quando os irmãos eram vivos, encontravam-se na Serra todas as vezes que ele e o Augusto iam ao Espírito Santo. Algumas vezes tive oportunidade de ir também.

Em 1977, houve comemoração do centenário da casa da Serra. Alberto compareceu com seu filho Urbano Márcio, seu irmão Humberto, já bem alquebrado e duas de suas irmãs – Julinda e Amanda. Eram os quatro que estavam vivos. Agora em 1985, só existe a Amanda.

Depois do falecimento de tio Humberto em 1982, ele ainda voltou ao Espírito Santo,

porém não teve coragem de ir à Serra.

Quando comecei a escrever as memórias da Fazenda, ele animou-me com entusiasmo e vibrava cada vez que eu lhe enviava um trecho do trabalho. “Bravo Isabel! Continue escrevendo. Escreva tudo o que você se lembrar.” Eu esperava terminar o trabalho para ir a Belo Horizonte e, juntos lermos tudo lá na varanda de sua bela residência na Pampulha.

Porém ele viajou antes que eu terminasse a tarefa a que me propus. Alberto faleceu em Belo Horizonte, no dia 13 de outubro de 1983. Deixou-nos uma grande saudade e eu tive a impressão de ter perdido o leitor mais entusiasmado, e que maior estímulo me havia transmitido.

## **6.10 - Amanda Ferreira Machado**

**“Sábado. Nasceu minha filha Amanda, no dia 14 de maio de 1898 e baptizou-se no dia 28 de Julho do mesmo anno.”**



FOTO 38 - Amanda Ferreira Machado - Sem Data.  
(Acervo: Silvia Machado Resende)

Amanda é pouco mais velha do que eu e fomos companheiras de brinquedos e de estudos.

Ao contrário de Alda que era medrosa e indecisa, e de Maria José que foi tímida, Amanda é desembaraçada e brincalhona. Ela, Maria José e eu, dávamos-nos muito bem, desempenhando nossas tarefas domésticas, brincando de roda no terreiro de café, repartindo o uso da casa de bonecas, no moinho velho. Preparávamos nossos cozinhados, subíamos às árvores frutíferas e tomando parte nos passeios com a família; juntas assistimos a célebre festa dos Alpes, como se vê na fotografia que tiramos na ocasião.

Como todas nós, estudou com a vovó e mais tarde, depois da mudança para o Rio de Janeiro, Amanda resolveu estudar e prestar concurso para ser professora no Estado do Espírito Santo.

Aprovada no concurso, conseguiu sua nomeação para a Fazenda do Nogueira\*, de Bernardo Junior, onde lecionou durante vários anos.

Também exerceu o magistério na Fazenda da Serra, na Fazenda das Flores em Castelo e na Fazenda do Sapecado (Cachoeiro de Itapemirim), até aposentar-se em 1956.

No Ano Santo, 1950, Amanda realizou uma viagem a Europa, indo de navio até a Itália. Foi a primeira pessoa da família de José da Rosa Machado Junior, que visitou o estrangeiro. A bordo fez boas amizades e no convívio com italianos, aprendeu muitas palavras da língua italiana e saiu-se muito bem durante a estadia naquele país. Visitou várias cidades e mais dois países, França e Portugal.

Em 1981, aqui em meu apartamento de Petrópolis, ela narrou-me a viagem minuciosamente. Entre as companheiras de viagem, ela ainda mantém amizades muito sólidas.

Depois de aposentada, começou a viajar freqüentemente pelo Brasil, que visitou de norte a sul, conhecendo todos os Estados. Também visitou vários países sul-americanos. Viajava muitas vezes com uma sobrinha, Inês Machado Percissi.

Quando lecionou em Castelo, tornou-se muito popular, graças ao seu temperamento comunicativo.

Construiu uma casa muito pitoresca em Castelo, e morava sozinha. Depois que vendeu a casa, passou a residir em vários lugares, em casa de parentes.

Somente muito mais tarde, organizou nova moradia, num apartamento no Rio de Janeiro, para onde levou sua irmã Anita, a Manaita, já bem idosa. Alda também passava temporadas com elas. Comprara o apartamento em sociedade com sua irmã Agripina, ambas desejando dar a Anita uma moradia certa.

Agripina não chegou a morar com elas. Já estava doente e veio a falecer.

Amanda desmontou a moradia, e voltou a passar temporadas com pessoas da família. Ultimamente permanecia mais tempo em São Paulo, onde fazia boa companhia a sua cunhada Telinha, viúva do Augusto. Até 1981 mais ou menos, Amanda estava forte e alegre, viajando sozinha.

Não se casou. Não teve oportunidade de estudar muito, porém conseguiu com seu trabalho e sua capacidade de economizar e dirigir seus próprios negócios, viajar, conhecer o Brasil e vários países estrangeiros.

Amanda sofreu muito com freqüentes crises asmáticas. É alérgica a qualquer tipo de perfume. Melhorou da asma adotando o regime alimentar macrobiótico. Especializou-se nas confecções de roscas doces, do tipo que eram feitas na Fazenda da Serra, ao tempo da vovó. São saborosas e muito apreciadas.

Seu hobby agora é fazer lencinhos com “frivolité” ao redor. Atualmente mora com a sobri-

---

\*Esta Fazenda pertenceu inicialmente a Pedro Vieira Machado da Cunha, casado com Isabelina, filha de Honório, da Fazenda Fim do Mundo. Foi lhe doada por seu pai Manoel Vieira Machado da Cunha. Por lá morou Bernardo Junior (Vieira) e depois passou às mãos do médico Martins Vera (VIEIRA, José Eugênio).

nha Maria Júlia, em Vitória. Está muito enfraquecida e o seu médico proibiu-a de viajar. Escrevi a Amanda, enviando-lhe o que escrevi sobre a sua vida e ela respondeu-me no dia 24-10-1983. Destaco o seguinte de sua carta:

“Agora depois das excursões, e tendo conhecido todos os estados do Brasil, não tenho mais nada para ver. Então encerrei os passeios. Quando estive na Foz do Iguassu, achei uma coisa tão linda, que eu disse: Isso não é para se ver uma vez só! E fui lá mais duas vezes, e uma às 7 Quedas.

Você não falou no açude da Fazenda da Serra, açude onde eu tomei os melhores banhos da minha vida. Não falou também na horta e no jardim, onde cada uma de nós tinha o seu canteiro e, nós nos esmerávamos para que o seu fosse sempre o mais bonito, o melhor. Quando eu melhorar da tremedeira, escreverei mais.”

Em outro local deste trabalho, referi-me, especialmente ao jardim, a horta e aos banhos no açude, coisas que fizeram parte do encantamento da nossa infância na fazenda.

Amanda cumpriu os ensinamentos de sua mãe. Foi sempre correta e de uma religiosidade profunda. Devota do terço, como todas nós.

Em São Paulo, onde a Igreja de Santo Agostinho fica próxima a residência de sua cunhada Telinha, ela assistia a missa e comungava diariamente.

A notícia do falecimento de seu irmão Alberto e de sua irmã Julinda, abalou-a bastante. Disse-me: “Agora é a minha vez de partir também. Eu sou a última dos doze irmãos, da Fazenda da Serra.”

## **6.11 - Maria José Machado do Valle**

**“Domingo. Nasceu a minha filha Maria José no dia 30 de Setembro de 1900 e baptizou-se no dia 4 de Março de 1901.”**



FOTO 39 - Maria José Machado do Valle - Sem Data.  
(Acervo: Silvia Machado Resende)

No mesmo caderno: “Maria José e Sebastião casaram no dia 14 de Abril de 1928.”

“Filhos dos mesmos”: 1º) “Maria Julinda: nasceu no dia 26 de Abril de 1929, às 4 horas e 20 minutos da tarde. Sexta-feira, na Serraria União, Cachoeiro de Itapemirim. E foi batizada na Igreja do Snr. Dos Passos, em Cachoeiro, no dia 3 de Junho, por Frei Pelágio Dumas. Foram padrinhos seus tios Humberto Machado e Amanda. 2º) Carlos Alberto: nasceu no dia 4 de Setembro de 1930, às 10-1/2 horas da manhã, Quinta feira, na Serraria União, Cachoeiro de Itapemirim. E foi batizado na fazenda de Sta. Rosa, no dia 24 de Novembro do mesmo ano por...Foram seus padrinhos seus tios Sizenando e Irene. 3º) Maria Aparecida: nasceu no dia 16 de Julho de 1932, às 4 horas da manhã, Sabado, na Fazenda Sta. Rosa.”Minha avó não escreveu sobre a quarta filha de Maria José, Ana Maria. Ela é, minha afilhada. Nasceu no dia 20 de Junho de 1943.

De Maria José eu me recordo desde muito pequena, porque éramos quase da mesma idade. Crescemos juntas, fomos companheiras de estudos e de brincadeiras. Embora Amanda fosse um pouco mais velha do que nós, éramos amigas e nós três, brincávamos juntas na nossa velha Serra.

Maria José era uma menina ótima, incapaz de prejudicar a qualquer pessoa, muito humilde e delicada.

Quando meu avô deixou-nos ocupar o velho moinho para instalarmos nossa casa de bonecas, nós três dividimos o aposento, cada uma ocupando um dos lados da casa.

Fomos juntas à festa dos Alpes. Antes de viajarmos veio um primo nosso da Fazenda do Sossego – O Quincas Araújo – cortar os nossos cabelos. E nós duas fomos a festa com aparência de dois meninos tão curtos ficaram os nossos cabelos. Eu reclamei, zanguei-me, mesmo. Porém, Maria José permaneceu tranqüila. As vezes eu me revoltava com a sua docilidade e defendia-a quando era vítima de qualquer agressão. Parecia que eu era a tia, era a mais velha.

De todas as irmãs, ela era a que se parecia com a minha mãe, tanto física quanto moralmente. E ela se aproximava muito a minha mãe que, também a estimava particularmente.

Era o velho hábito de mamãe, deitar-se durante algum tempo à tardinha, quando começava a anoitecer e a luz artificial não iluminava bem. E nós, seus filhos, vínhamos também para o quarto. Nesta hora descia das montanhas uma brisa gostosa. Era hora da conversa, daquele papinho descontraído e, às vezes mamãe contava uma estória, a vida de um santo, ou mesmo um caso qualquer. No decorrer de minha vida, quantas vezes eu chorei, com saudades daqueles momentos de tanta calma, de tanta ternura!

Maria José, quase sempre partilhava conosco daquelas inesquecíveis reuniões, como se fosse uma irmãzinha, aquela que eu não tive...

Quando começamos a estudar com a vovó, eu procurava ajudá-la, porque aprendia as lições com facilidade. Ajudando-a íamos brincar juntas após as tarefas escolares.

Juntas recebemos cada uma seu apelido: ela de Bandeira e eu de Baú, cada qual por um motivo especial.

Maria José foi para o internato do Colégio do Carmo em Vitória, em 1912. No ano seguinte, tendo perdido meu pai, também fui para o Carmo. E então, apeguei-me mais ainda à Maria José. Eu sentia demais a saudade de casa, de minha mãe, dos irmãos, de tudo.

Maria José era calma, conformada e consolava-me sempre que eu chorava. Ela era estudiosa e aplicada, mas lutava para aprender as lições. Eu tinha facilidade e procurava ajudá-la. No meio do ano fui promovida para o 3º ano e ficamos juntas na mesma classe.

No fim do ano passei para o 4º, porém ela não conseguiu. No ano seguinte, em 1914, cortaram-lhe a bolsa de estudos e eu voltei sozinha. Foi duro para nós duas.

Somente depois que eu terminei os estudos, ela voltou às salas de aula. Já era moça, porém cheia de coragem, levou até o fim e formando-se professora em 1925. Foi nomeada professora para Conceição de Castelo, e mais tarde, transferida para a Fazenda Santa Rita, perto de Muqui. Residia na própria fazenda com a família Lobato\*, que a tratava com toda consideração.

Lá na Fazenda de Santa Rita, conheceu um parente dos Lobato, Sebastião do Valle e com ele casou-se em 14 de Abril de 1928. Depois de casada, pediu transferência para a escola da Fazenda de Santa Rosa, no município de Mimoso, fazenda de propriedade da família do Sebastião. Eram pessoas vindas do Estado de Minas Gerais, de Recreio. Seus pais: Domingos Mendes do Valle e Anna Freitas Valle. Sebastião tinha sete irmãos:- Sizenando, Irene, Cirene, Honório, Maria, Carmen e Indalécio.

Com o seu gênio bom, Maria José adaptou-se logo à família do marido, e lecionou em Santa Rosa até 1938.

Quando se transferiram para Castelo, já haviam nascido seus quatro filhos.

Maria José convidou-me para batizar sua caçula, a Ana Maria.

E foi ao Rio de Janeiro, passar alguns dias em nossa casa, na ocasião do batizado da menina. Assim tornamo-nos comadres.

Pensando no futuro dos filhos que, em Santa Rosa não tinham possibilidade de estudar além do curso primário, Maria José pleiteou e conseguiu sua transferência para a cidade de Castelo.

Mudaram-se no dia 25 de março de 1938, onde ela passou a lecionar no Grupo Escolar da cidade\*\*, chegando a ocupar o cargo de diretora e, em 1950 aposentou-se.

Maria José lutou muito para criar e educar os filhos. O Sebastião era lavrador e trabalhava na fazenda dos pais. Porém, o lucro da propriedade não era grande e só dava para o sustento dos pais e irmãos solteiros.

Muito econômica e trabalhadeira, Maria José conseguiu adquirir uma casa em Castelo,

---

\*Fazenda Santa Rita: Em 1915, o Cel João Lobato Galvão de São Martinho adquiria do Sr. Cap. José Assad, esta propriedade, que fora construída por volta de 1870, por Nonato Ferreira.

\*\*Grupo Escolar “Nestor Gomes”, onde além de professora, foi sua Diretora de 1946 a 1949.

uma residência acolhedora e confortável, onde morou com a família, até o seu falecimento ocorrido em 14 de outubro de 1968.

Em Castelo ela sofreu um derrame cerebral e foi transportada para Vitória. Não recuperou mais a memória. Onde veio a falecer e foi sepultada no cemitério de Castelo.

Em 1964 eu residia em Vitória e tive que me submeter a uma delicada operação.

A meu pedido ela veio para acompanhar-me no hospital. Passamos 14 dias juntas. A noite conversávamos até o sono chegar.

Parecia-me que aquela menininha da Serra que brincava comigo e que era minha companheira inseparável, minha amiga e irmã - voltara a dormir numa cama, ao lado, tal como em nossa fazenda.

Conversávamos longas horas, principalmente no silêncio das noites. Muitas coisas foram lembradas, nomes de pessoas já um tanto esquecidas, voltaram a ser pronunciados. Foi como um mergulho no passado, o que me ajudou a superar os sofrimentos ocasionados pela operação.

Foi bom, muito agradável mesmo, passarmos juntas aqueles dias. Ficamos juntas os melhores tempos de nossas vidas, uma infância despreocupada e feliz, no recanto melhor do mundo, que foi a Fazenda da Serra para nós duas.

Depois eu voltei ao meu lar e separamo-nos novamente. As nossas vidas tomaram rumos diferentes.

Depois de aposentada, Maria José comprou duas casas, bem modestas, em Maratáises. Auxiliada pelo genro e a filha mais velha, reformou as casas.

Modesta, tranqüila e com muita fé em Deus, ela cuidou da instrução das filhas e, preparou um cantinho para a velhice. Gostava de Maratáises.

Já aposentada e com todos os filhos encaminhados na vida, cuidou um pouco de si mesma, escolhendo um local tranqüilo para morar.

Maria José era profundamente religiosa e também devota do terço, que rezava diariamente. Educou as filhas inculcando-lhes fé, aquela fé que jamais foi abalada, mesmo nos momentos mais difíceis de sua vida.

Certa vez, procurou-me para falar sobre os aborrecimentos que estava passando e pediu-me para rezar, porque desta vez, disse-me: “o fardo está muito pesado.” Aos 67 anos de idade, estava forte e em plena luta.

Tencionava morar definitivamente em Maratáises, lugar mais tranqüilo e de melhor clima. Era o lugar que escolhera para descansar na sua velhice.

Porém, Deus a levou para outras paragens melhores.

Aqueles dias que passáramos juntas, em Vitória, foi a nossa despedida, um verdadeiro reencontro, com o passado feliz que havíamos partilhado juntas, nos nossos tempos de criança.

Maria José deixou saudades e um grande exemplo de fé, de coragem e de paciência. Foi airmãzinha que Deus me deu. Sua lembrança mistura-se as que guardo da Serra dos meus tempos de criança.

## 6.12 - Augusto Ferreira Machado

No caderno de apontamentos da Fazenda da Serra, encontra-se escrito pela minha avó Ana Alves Ferreira da Rosa, o seguinte:

**“Segunda- feira. Nasceu meu filho Augusto no dia 10 de Abril de 1905 e foi batizado no dia 13 de Agosto no mesmo anno.”**



FOTO 40 - Augusto Ferreira Machado e Telinha - Sem Data.  
(Acervo: Agostinho Machado - “Machadinho”)

No mesmo caderno, em outra página, escrito pelo próprio Augusto: “Augusto Ferreira Machado casou-se com Encornatela Borelli (Telinha) no dia 10 de Maio de 1930, na igreja de São Sebastião, na cidade de Porto Ferreira (Estado de São Paulo).

Haviam se conhecido em Dezembro de 1928, ficando noivos no dia 21 de Julho de 1929. Nossos filhos: Antonio Augusto, nascido no dia 4 de Março de 1931, em Porto Ferreira”.

Não completou

Lembro-me que o nome Antonio Augusto foi escolhido por ele, a fim de prestar homenagem aos dois tios padres – Monsenhor Antonio Alves Ferreira dos Santos e Monsenhor Augusto Ferreira dos Santos, irmãos de sua mãe.

Os outros filhos do casal são: Ana Maria, Dimas, Alda e Marilda. Em outra página do referido caderno, Augusto escreveu:

“Falleceu minha saudosa mãe no dia 21 de Dezembro de 1933, a 1 hora da manhã e foi sepultada às 17 horas do mesmo dia, no Cemitério de Santa Anna (Chora Menino) em São Paulo. Havia vindo a São Paulo para nos visitar e adoeceu no dia 2 de Novembro.”

No dia 16 de setembro de 1878, nascia Agostinho, na Fazenda Vista Alegre (hoje Fazenda da Serra). Era o primogênito<sup>89</sup> de José da Rosa Machado Junior e Anna Alves Ferreira da Rosa, que haviam se casado em 10 de Junho de 1876, na Fazenda dos Alpes,

<sup>89</sup>PRIMOGÊNITO adj. e s.m. Que, ou aquele que foi gerado primeiro que outros do mesmo casal; filho mais velho. Decorrem do nascimento do primeiro filho para o último, 32 anos.

no Estado do Espírito Santo. Anna contava então, 19 anos de idade e José 28. Em 10 de abril de 1905, nascia portanto, Augusto, o décimo segundo filho do mesmo casal. Anna já completara 46 anos e percorrera uma longa jornada de trabalho e de lutas. Mas o menino Augusto foi recebido com muito amor, não só pelos pais, mas também, pelos 11 irmãos e 8 sobrinhos. Agostinho e Celsa já estavam casados.

Houve problemas ao nascer o menino Augusto e sua mãe fez promessa de só cortar-lhe os cabelos, quando o levasse ao Convento de Nossa Senhora da Penha, em Vitória. Existe uma fotografia do Augusto, ainda com os cabelos compridos, fotografia tirada na ocasião da visita ao Convento.

Quando nasceu o Augusto, Maria José, a 11ª filha do casal, já estava com quase cinco anos de idade e, assim o novo bebê, trouxe grande alegria para toda família.

Em outubro de 1907, seus avós maternos – Agostinho e Violante, comemoraram as bodas de ouro. Houve uma grande festa na Fazenda dos Alpes. Augusto estava com dois anos e meio de idade, e foi levado a cavalo, de colo em colo, por tratar-se de uma longa viagem, por estradas difíceis.

Em 29 de novembro do mesmo ano, faleceu o pai de Augusto, com 57 anos de idade. Augusto e Edison, filho de sua irmã Celsa, eram quase da mesma idade. O primeiro nasceu em abril e o segundo em setembro do mesmo ano. Davam-se muito bem, porém eram bastante diferentes. Augusto custou a falar e zangava-se porque não o entendiam.

Edison falou muito cedo, era levadíssimo, célere pelas suas travessuras. Porém, os dois jamais se desentendiam. Quando alguém não entendia o que tio tentava dizer, chamavam o Edison que traduzia prontamente, como se fora um verdadeiro intérprete.

Quando vovó foi ao Convento da Penha para cumprir a promessa que fizera, ao tomarem o trem de Castelo, Augusto deu um escândalo na estação, com medo da locomotiva. E teve de entrar a força no vagão.

Edison ao ouvir contar o caso, replicou logo: pois eu não teria medo porque, quando o trem desse um baque, eu segurava no fueiro<sup>90</sup>. Certamente o Augusto também imaginava que o trem fosse como um grande carro de bois.

Certa vez a Chiquinha, futura esposa de tio Humberto, passou o dia na Serra. À noite, comentaram que o tio Humberto estava namorando a Chiquinha, e o Augusto perguntou: “- O que é namorá ? O Edison respondeu prontamente: “Seu bobo, namorá é sentá perto e falá baixinho”.

Eram assim os dois, sempre amigos. Porém o Augusto era um menino normal, que brincava com o carro de bois, com juntas de bois de sabugo de milho, imitando a linguagem dos carreiros – como faziam os meninos naquela época etária. Mas o Edison não o acompanhava naquele tipo de brincadeira, porque andava pela fazenda, aprontando travessuras que se tornarem célebres.

Por volta de 1912, os dois amiguinhos separaram-se.

<sup>90</sup>FUEIRO s.m. Estaca que segura a carga, nos carros de bois.

Vovó mudou-se para Cachoeiro de Itapemirim e o Edison ficou conosco na Serra. Em Cachoeiro, Augusto fez o curso primário, no Grupo Escolar.

Brincou na rua, como todos os garotos de sua idade. Entre os meninos que recordo-me dos Borelli: Nelson, Niwton e Nelo, filhos de D. Plácida, a vizinha mais próxima do Hotel da Estação, que era de minha avó. Também o Álvaro Bardi, primo dos Borelli, um menino chamado Bráulio, que mais tarde teve um salão de beleza em Cachoeiro e que sempre me perguntava pelo Augusto e o Zequinha, que era o José meu irmão.

Porém, Augusto sentia saudades da fazenda: dos banhos no açude, de montar a cavalo no Pensamento, o mais manso da Serra, de brincar de pique no grande terreiro de café, de subir nas árvores e colher frutas frescas e saborosas, de dar uma voltinha no carro de bois, às vezes, sentado em cima das espigas de milho, no tempo da colheita.

De quando em vez, no período de férias, ia à Serra ou a Apeninos, fazenda de seu irmão Machadinho, onde encontrava muitos companheiros, os filhos de seu irmão, José, Pedro, Jairo, Jarbas e Luiz. Contam várias travessuras dele, naquele período, inclusive uma que ficou célere, e é a seguinte: Havia umas telhas empilhadas no terreiro, telhas trazidas em cargueiro de longe. Vendo-as Augusto convidou os sobrinhos para quebrá-las e verificar quem faria o “monte maior”, num determinado tempo. Pode-se imaginar as conseqüências da façanha!

Seus estudos continuaram no Rio de Janeiro, para onde sua mãe o encaminhou. Foi residir com a irmã Agripina, numa casa alegre, onde encontrou vários sabrinhos. Começou a estudar e logo depois também a trabalhar. Elazir, filha de tia Agripina, recorda-se de que em 1918, somente ela e o Augusto tiveram a célebre gripe espanhola, que fez tantas vítimas no Rio.

Fez o curso ginásial no Colégio Paula Freitas, na Tijuca. Morou em casa de Agripina até que sua mãe mudou-se para o Rio e foi residir em Vila Isabel, na Praça Sete. Convivi pouco com Augusto.

Até os sete anos ele brincava só com os meninos, como era costume na Serra. Em 1912, mudou-se para Cachoeiro e em 1913 foi para o internato em Vitória.

Somente mais tarde, em 1924, quando me mudei para o Rio, tive oportunidade de conhecê-lo melhor. Porém ele não era muito comunicativo.

Quando fomos morar na Rua Nova, tivemos um convívio melhor. Augusto preferiu instalar-se num quarto que havia no quintal da casa e, lá passou a ser o “seu mundo”. Estudioso e metódico, organizou tudo muito bem e começou a preparar-se para ingressar na faculdade de medicina. Era o sonho que acalentava. Lembro-me dos seus cadernos de história natural feito com muito capricho. Muitas vezes eu o procurava lá na sua toca e conversávamos. E eu sentia nele uma certa amargura, embora às vezes, chegasse a ser expansivo.

Certo dia, não me recordo a data, saiu de madrugada, levando o que lhe pertencia e não deixou notícia alguma. Foi um choque para todos nós, principalmente para minha avó.

A pobrezinha chorava o dia todo ao mesmo tempo em que rezava o terço. Passaram-se muitos dias, creio que mais de um mês e, por fim, chegou uma carta com notícias.

Contou que chegara a conclusão de que não lhe seria possível entrar na Faculdade de Medicina como desejava, e também desanimara de encontrar uma boa colocação no Rio. E resolveu ir para São Paulo tentar uma vida melhor. Nada havia comentado em casa, para que ninguém tentasse demovê-lo da decisão tomada.

Em São Paulo, sem conhecer pessoa alguma, não conseguiu logo uma colocação e, para que não se esgotassem os poucos recursos de que dispunha, entrou para a Força Pública de São Paulo. Assim poderia esperar tranqüilo que surgisse uma oportunidade melhor.

Sempre estudioso e já possuindo uma certa cultura, começou logo a preparar-se para galgar postos na carreira militar e obter melhores salários. E o conseguiu depressa.

Naturalmente, Augusto sentia falta da família e do ambiente doméstico. Arranjou uma namorada e logo tornaram-se noivos. Porém, não deu certo e romperam o compromisso.

Em 1928, conforme ele próprio escreveu, conheceu Telinha, uma jovem professora. Em maio de 1930, casaram-se.

Em março de 1931 nasceu-lhes o primeiro filho, Antonio Augusto. Parece que Augusto sentia-se bem na carreira porém, veio a Revolução Paulista e ele como militar, teria que tomar parte.

Foi terrível para ele ter que lutar contra o Rio de Janeiro, onde residia sua própria família. Teria de lutar com armas contra seus próprios sobrinhos, seus amigos, seus colegas. Era uma guerra sem sentido, contra brasileiros, irmãos contra irmãos. Justamente naquele período, faleceu no Rio o Edison, seu sobrinho, seu amiguinho de infância. Foi um tempo bastante difícil e penoso para ele.

Sobre a sua carreira militar, em São Paulo, não sei escrever. Lembro-me que serviu como Ajudante de Ordem do Governador Ademar de Barros, e que foi comandante do Corpo de Bombeiros.

Em 1933 esteve doente e sua mãe foi visitá-lo. Ele restabeleceu-se, porém sua mãe adoeceu e em seguida veio a falecer. Nesta época ele ainda não havia adquirido a casa da rua Apeninos nº 12. Uma casa simples, porém acolhedora, onde nasceram os outros filhos e ainda hoje reside sua viúva Telinha. Os pais de Telinha eram italianos. Vieram para São Paulo e ficaram. Telinha formou-se como professora e lecionava num bairro distante da residência. Seus pais passaram a residir com eles para tomarem conta das crianças.

Augusto tomou gosto pela carreira, obteve promoções e dedicou-se com carinho à educação dos filhos.

Antonio Augusto é engenheiro, Dimas um ótimo advogado, Ana Maria e Alda são professoras e Marilda formou-se em medicina.

Telinha lecionou até aposentar-se. Augusto depois de completar o tempo de serviço, conseguiu sua reforma.

Telinha nasceu em (sem informação) no dia 30 de setembro de 19 (sem informação). Seus pais eram italianos, de Nápolis. Vieram para o Brasil em 1895. Nome de seus pais: Não identificados.

Quando os visitei pela primeira vez, já residiam na rua Apeninos. Ele recebeu-me com muita alegria, porém Telinha estava em Porto Ferreira, com a Ana Maria recém-nascida. Durante alguns dias ele mostrou-me a cidade, fomos à Santos, numa pitoresca viagem de trem. Depois fomos à Porto Ferreira de trem, com baldeação, creio que em Cordeiro. Gostei muito de Telinha e de toda sua família, pais, irmãos, sobrinhos.

O Mário mostrou-me a fábrica de louças. Fiquei encantada com tudo. Porto Ferreira era uma cidade muito agradável e lembrou-me de Cachoeiro.

Morando em São Paulo, Augusto jamais perdeu contato com os parentes e não se esquecia da Fazenda da Serra.

Sua ida ao Espírito Santo era um acontecimento, para todos os amigos e parentes. Visitava com alegria a todos, um por um.

Algumas vezes tive oportunidade de ir à Serra com ele e os outros tios, Humberto, e Alberto e, lá em nossa velha fazenda passávamos dias inesquecíveis com os tios Bráulio e Olympia. Onde quer que eles, os tios chegassem, as sobrinhas ou os irmãos esmeravam-se no preparo dos quitutes que eles mais apreciavam: os biscoitos cozidos e os de aipim, as célebres cocadinhas de leite da Chiquinha. Era bom, muito bom mesmo, ver a sua alegria!

Augusto fez a árvore genealógica da nossa família. Foi um trabalho minucioso. Para organizá-la de longe, e mantê-la em dia, correspondia com os parentes, até mesmo aqueles que não conviviam habitualmente conosco. Todos nós o ajudávamos, pesquisando o passado e comunicando-lhe os nascimentos. Eu mesma até viajei a cavalo para obter informações de parentes mais afastados.

Ele mantinha seu escritório no porão de sua casa, um cantinho que ele preparou, uma espécie de refúgio, tranqüilo e gostoso. E ali também, colecionava selos e moedas, sem falar na biblioteca. Gostava de fumar cachimbo.

Dizem que os Machado da Serra, não se sentiam realizados enquanto não possuísem um cantinho de terra para cultivar. Assim aconteceu com Machadinho, Humberto e Alberto. Augusto não fugiu a regra e teve seu sítio, no interior de São Paulo.

Sempre que possível, deslocava-se para o seu pedacinho de terra e lá passava momentos de prazer, em companhia com a natureza.

E não demorou muito já conhecia muitas pessoas pelos lugares por onde passava quando viajava para o sítio.

Contou-me o Francisco José, quando levou-me para conhecer o sítio do tio Augusto, infelizmente depois de seu falecimento, que era divertido viajar com ele por aqueles lu-

gares. Ia gritando para chamar as pessoas, distribuindo balas para as crianças, parando para um dedinho de prosa com uns, presenteando a uns com jornais ou revistas, indagando pela saúde das pessoas mais idosas e até parando num certa biquinha d'água, para refrescar-se. Sua alegria começava na estrada e culminava quando entrava nas terras de sua propriedade.

A morte de tio Augusto surpreendeu a todos nós, no dia 7 de setembro de 1969. E deixou-nos uma grande saudade. Ele estava ainda com 64 anos. Parecia estar bem de saúde e mostrava-se eufórico com os preparativos para a formatura em medicina, de sua filha caçula, Marilda. Naturalmente sentindo-se com a tarefa cumprida.

Todos os filhos estavam trabalhando, graças a boa instrução que haviam recebido.

A casa da rua Apeninos já passou por algumas reformas, porém continua acolhedora e pitoresca, como sempre fora.

E eu ainda emocionoo-me quando penetro naquela saleta de entrada e vejo, através dos vidros, o quintal sempre florido. Revendo aqueles aposentos sempre impecavelmente limpos e adornados, parece-me que o Augusto vai surgir ali, alegre e expansivo como sempre fora.

Telinha continua amiga dos parentes do marido e nós a estimamos com muito carinho.

## 7 – HISTÓRICO DAS FAZENDAS ORGANIZADAS PELA FAMÍLIA E/ OU AGREGADAS.

### 7.1 - Fazenda Apeninos



FOTO Nº 41 - Fazenda Apeninos - Sem Data.  
(Acervo: Maria Celsa Zanúncio Gonçalves)

Por volta de 1905, Pedro Vieira da Cunha, sogro de Machadinho, ofereceu-lhe umas terras de sua propriedade, que se encontravam com a situação irregular, por falta de pagamento de impostos. Eram terras excelentes, cobertas de matas, de clima e águas extraordinárias.

Machadinho pagou os impostos, regularizou tudo e recebeu do sogro a escritura de doação.

Em seguida foi trabalhar de carpinteiro em algumas fazendas, a fim de obter recursos para organizar sua nova propriedade. Aliás, ele era hábil na profissão de carpinteiro e marceneiro, ofícios que aprendeu com o próprio pai. Obtendo alguns recursos, Machadinho construiu um rancho numa clareira aberta na mata e para ele conduziu a família que, a esta altura, compunha-se de esposa e seis filhos, o mais moço Luiz, com apenas seis meses de idade.

Rendo aqui, minha homenagem a tia Guiomar, pela sua coragem de enfrentar a situação com seis crianças e total desconforto.

Para ajudar na construção da casa que ia iniciar, Machadinho trouxe de Monte Verde, uma fazenda perto da Independência, alguns pretos que viviam em grande pobreza, num local apelidado de miséria. Eram homens ignorantes, mas trabalhadores. Nas novas terras começaram os tais pretos a promover seções de canjerê<sup>91</sup>, uma forma de feitiçaria

---

<sup>91</sup>CANJERÊ, s.m. (fras.) Reunião de pessoas, geralmente negros, pois a canjerê pratica cerimoniais feiticistas acompanhadas de danças.

com intenção de com isso, afastar o “seu Machadinho” e eles ficarem com as terras. Machadinho sabia de tudo mas não deu importância naturalmente. Sempre que era possível nas noites de luar, prolongava os trabalhos de construção até mais tarde. Numa noite de luar clara, quando terminaram os trabalhos, a esposa de Machadinho foi preparar um café e Machadinho aproveitou para preparar uma brincadeira com os homens. E disse-lhe, muito seriamente: - Eu sei que vocês estão fazendo feitiçaria para afastar-me daqui. Mas estão muito enganados comigo. Saibam que eu tenho muito poder. Muito mesmo. Tanto que até sou capaz de fazer que vocês não consigam mais dormir enquanto eu não terminar de fazer a casa. E, apontando para um galo que dormia numa árvore próxima, disse aos homens, já meio desconfiados: “se eu quiser, mando aquele galo cantar, agora mesmo. Querem ver? – E coincidiu que o tal galo cantou e mais de uma vez.

Os homens muito ignorantes, ficaram apavorados e pediram ao “seu Machadinho”, pelo amor de Deus, que os deixassem dormir para que pudessem voltar ao trabalho. No dia seguinte chegaram bem cedo e nunca trabalharam tanto.

O trabalho ficou pronto rapidamente e a família instalou-se na casa de Apeninos, que ainda existe e onde nasceram Ana, Diná, Inês, Ela, Maria Dulce, João e as duas gêmeas, que viveram poucos dias.

Pouco a pouco foram construídas as dependências da nova fazenda: moinho, paiol, alpendre, forno de barro, açude, horta, pomar, bicas d’água, banheiro. Um pasto para abrigar os animais de sela e algumas vacas, enfim, tudo que era necessário para alimentar e proteger a família.

Apeninos era um local muito pitoresco e acolhedor, com excelente clima e umas terras ótimas para qualquer plantio.

Machadinho e Guiomar trabalhavam intensamente. Ela nas lides domésticas, costurando, ensinado as primeiras letras aos filhos e criando-os com a ajuda das meninas, no que elas podiam fazer. Com as crianças ela promovia plantações de milho e feijão nos terrenos perto do açude e da casa, também de verduras e legumes na horta.

Todos cooperavam. Por sua vez, Machadinho ia preparando as lavouras e construindo as dependências da fazenda com o auxílio dos filhos, desde quando eram capazes de suportar os árduos serviços braçais. Começaram cedo os meninos. E como trabalhavam!

Tudo prosperou. As lavouras de café ficaram lindas e as colheitas começaram.

Em 1921, quinze anos depois de abertas as matas, o local apresentava um ótimo aspecto e, começaram a aparecer pessoas interessadas na compra da propriedade.

Os filhos cresceram. Moças e rapazes precisavam de bom ambiente para um futuro melhor. Os filhos menores necessitavam de escola.

Foi então que resolveram vender Apeninos para um italiano chamado Izidoro Barbieri, pela quantia de cinquenta e cinco contos de reis. Não demorou para que Machadinho

se arrependesse, mas era tarde. Enquanto aguardava a compra de outra propriedade, a família mudou-se para a Fazenda da Serra, onde permaneceu durante um ano.

Em 1922 Machadinho adquiriu a Fazenda das Flores, de Felinto Elisio Martins, por cento e vinte contos de reis.

Guardo uma lembrança muito agradável das visitas que fazíamos a Apeninos, onde éramos recebidos com especial carinho e amizade pelos tios, as primas e os primos. Contou-me uma das primas que na casa de Apeninos, havia um quarto que era apelidado de “quarto de tia Celsa”.

Recordo-me da emoção que eu sentia quando atravessando uma ponte, penetrava-se mata onde havia lindas plantas, ouvia-se os ruídos das águas do córrego, rolando no leito das pedras, e o canto estridente das arapongas, lá nos píncaros das árvores.

E, quando eu me encontrava no internato do Colégio do Carmo em Vitória, minhas saudades da Serra, misturavam-se às de Apeninos, onde eu desfrutava de um convívio agradável e tranqüilo que me deixou profundos laços de afeição para a vida toda.

## 7.2 - Fazenda das Flores



FOTO N° 42 - Fazenda das Flores - Sem Data.  
(Acervo: Augustinho Machado - “Machadinho”)

Primitivamente a Fazenda das Flores era parte das terras da Fazenda da Prata. Para superar as dificuldades que pouco a pouco foram surgindo, com relação à fazenda, seus proprietários resolveram vender parte de suas terras. E, de uma porção delas surgiu a Fazenda das Flores.

Quando Machadinho adquiriu esta fazenda de Felinto Elisio Martins<sup>92</sup>, muitas pessoas

---

<sup>92</sup>MARTINS, Felinto Elisio. Fez parte da 1ª Câmara Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, eleito pela estação de Castelo em 1916, onde chegou a ocupar a presidência e elegeu-se posteriormente Deputado Estadual.

perguntaram: Porque o nome Flores Na verdade por incrível que pareça, não havia uma só flor na fazenda. Sondando o motivo da escolha do nome, souberam o seguinte: As primeiras estradas construídas outrora, eram traçadas e feitas pelos próprios fazendeiros que as demarcaram nas matas virgens. Foi portanto, o que ocorreu também com a Fazenda da Prata.

Joaquim Vieira Machado da Cunha, seu proprietário, traçou e dirigiu a construção de uma estrada que comunicaria sua fazenda com a dos irmãos, que se estabeleceram no Vale do Castelo – Fazendas do Centro, do Fim do Mundo, de São Manoel, etc. Naturalmente a estrada teria que tomar a direção do Castelo. E note-se, o traçado ainda é o mesmo até hoje.

Quando derrubavam as matas, onde hoje é a Fazenda das Flores, depararam com um riacho e, boa parte da superfície do mesmo, estava coberta de flores aquáticas, lindas. Encantado com a beleza do riacho florido Joaquim V. Machado da Cunha, deu-lhe o nome de riacho das Flores que passou a designar toda aquela região, e onde agora é a Fazenda das Flores.

Em 1922 a família de Machadinho mudou-se para a referida fazenda, com alegria de todos.

De início residiram numa casa que já existia na sede da fazenda tendo antes sido reformada. Em 1932 construíram uma boa casa e mudaram-se para ela. A fazenda prosperou, graças a cooperação dos filhos do casal.

Tornou-se um centro de reuniões, graças a alegria e animação das moças e dos rapazes da família, com o consentimento e aprovação dos pais.

Com o falecimento de Machadinho em 1936, seu filho Luiz, casado com Dolores Barbieri, da Fazenda Apeninos, adquiriu a parte herdada pelos outros irmãos e, em 1946, tornou-se o único proprietário da Fazenda das Flores.

### **7.3 - Fazenda da Independência**



FOTO Nº 43 - Fazenda da Independência - Sem Data.  
(Acervo: João Gilberto Machado Moura)

A Fazenda da Independência foi o primeiro lar de meus pais, e onde eu nasci. Na época do casamento deles, a fazenda pertencia ao meu avô Bernardo de Almeida Ramos. Incluindo-a nesse meu trabalho, presto uma homenagem a meus pais.

A fazenda da Independência foi fundada por Francisco Vieira Machado. Como todos os fazendeiros da época, Francisco promoveu a construção da Casa Grande, para residência de sua família. Antes porém, já havia desbravado matas, plantado lavouras e providenciando as principais instalações destinadas ao desenvolvimento da fazenda e ao conforto indispensável à família.

Construir uma bela e grande casa de moradia, era uma justa aspiração daqueles homens, habituados ao conforto e a opulência de suas vivendas nas terras onde residiam, no vale do Paraíba (RJ).

Como era natural, aquelas moradias, quase sempre eram inspiradas no pesado estilo das casas de Portugal. Na cidade do Porto, eu tive ocasião de ver casas semelhantes. E não só na velha cidade do Porto, porém em muitas outras.

Quando ouço falar em desbravar matarias, fico imaginando como seriam lindas e, majestosas, aquelas imensas florestas virgens. E parece-me ouvir ao longe, uma estranha orquestra, quando começava a ecoar dos grotões o som impressionante, causado pelos machados batendo nos duros troncos das árvores, e pelo ruído provocado pelo tombar majestoso das imensas e frondosas árvores, seculares, misturado ao grito agudo das aves assustadas. Quando menina eu costumava chorar, quando assistia a derrubada de uma árvore. Aquele grito prolongado dos trabalhadores, acompanhando o tombar do tronco, parecia-me ser um gemido da própria árvore.

Quem avistasse a imponente casa da Fazenda da Independência, situada no centro de um vale, todo verde e tendo, de um lado as montanhas azuladas da Fazenda Boa Vista, teria impressão de um grande solar, construído por alguém que sonhara com a opulência e o conforto.

Era uma casa de um só andar, mais alta na parte dos fundos. Tinha o formato de um – L, amplas janelas com vidraças de guilhotinas, varanda larga e envidraçada na parte de trás, coberta de escuras telhas, creio que coloniais.

Contornado todo o telhado, os beirais mais longos, servia para proteger os janelões, contra os pingos de água das chuvas. E não possuía escadarias pomposas, nem sacadas de ferro batido, como em outras fazendas. Mas apresentava um aspecto acolhedor e um lindo jardim murado, com muitas flores e um chafariz no centro, esparzindo água límpida, o que lhe dava um aspecto imponente.

Numa parte do – L- havia a sala de entrada, salão de visitas, quartos espaçosos. Uma varanda envidraçada na parte dos fundos. Uma escada de pedra comunicava a varanda com o pátio interno.

Completando a primeira parte do - L -, havia uma espaçosa sala de jantar, mobiliada com antigos móveis, aparadores, guarda – louças e uma comprida mesa de refeições.

Chamava-me a atenção, uma faixa pintada com galhos e cachos de uvas roxas e que contornavam as paredes junto ao teto.

Depois da sala de refeições, havia uma copa espaçosa e uma cozinha grande. Em seguida outras dependências da casa, que não sei descrever. Recordo-me apenas que, no final da construção havia um moinho.

Diziam que o mobiliário da residência, era semelhante ao das outras fazendas da época. Os acessórios eram também de cristais, porcelanas e pratarias, para uso nas festas e os comuns no diário.

No tempo de meus pais, havia faqueiro de prata, peças avulsas de porcelanas finas, lampeões etc. Não me recordo da mobília, a não ser a da sala de jantar, como descrevi acima.

Depois de Francisco Vieira Machado, a fazenda pertenceu a Matheus Vieira Machado, casado com a filha de Francisco e que era seu irmão.

Matheus era filho de Bernardino Vieira Machado e Maria de Jesus. Eram seus irmãos: - Mafalda, Marcelina de Oliveira, Francisco Vieira Machado, Bernardo Vieira Machado, Maria Bernarda Ramos (minha bisavó pelo lado paterno) e Gabriel Vieira Machado.

A esposa de Matheus era sua sobrinha e chamava-se Custódia. Era filha única de Francisco Vieira Machado e Ana Vieira. Tiveram os seguintes filhos: - Jesuíno, Galdina, Petronilha, Francisco e Flausina. E outros falecidos ainda pequenos.

Galdina casou-se com Genaro Sellitti e tiveram uma filha de nome Rosa e que era da minha idade e afilhada da mamãe. Crescemos uma ouvindo falar na outra.

Jesuíno casou-se com Maria Duarte e tiveram os filhos: Maria da Glória, Pedro, Iracema e Francisco.

Davam-se muito com os parentes da Fazenda da Serra.

Flausina casou-se com José da Rosa Machado Sobrinho e tiveram os seguintes filhos: - Edelvina, Aquilina, e Ermengarda.

Aquilina casou-se com Sabino Coelho. Eu os conheci em Cachoeiro.

Lembro-me do tio Matheus já bem velhinho. Ele aparecia lá na Serra, de vez em quando. Tinha longas barbas brancas e levava-nos uns feixinhos de palitos que ele próprio fazia a canivete, com madeira de laranjeira.

Tio Matheus vendeu a fazenda por volta de 1894, para meu avô Bernardo de Almeida Ramos, seu sobrinho.

No caderno dos Alpes, consta o seguinte: “Outubro – 8 – 1895. Mudou-se do Macuco para a Independência o Cpº Bernardo de Almeida Ramos”. Assim fiquei sabendo que em 1895, a Independência já pertencia a Bernardo. Vendendo a fazenda, tio Matheus mudou-se para a do Canta Galo.

No caderno dos Alpes, vovô Agostinho escreveu: “Tio Matheus faleceu na Fazenda do Canta Galo em 2 de Julho de 1907”.

Quando meu avô Bernardo regressou do Macuco, deixou seu filho Pedro, como admi-

nistrador da Independência.

Meus pais, Pedro e Celsa, casaram-se e foram residir na Independência. Em 1902 a fazenda foi vendida creio que para a firma Gonçalves, de Castelo. Nesse mesmo ano, em 1 de dezembro, faleceu Bernardo de Almeida Ramos.

Eu nasci na fazenda da Independência, em 20 de outubro de 1901. Apesar de amar profundamente a fazenda da Serra onde vivi uma infância muito feliz, sinto carinho pela Independência, pois foi o primeiro lar de meus pais e, talvez o único onde foram felizes, numa bem curta temporada.

Não sei de quem Gilberto Machado adquiriu a Fazenda da Independência, mas recordo-me de quando tia Cecília lá residia, casada com Hilário Duarte. Hoje a fazenda pertence aos descendentes do Gilberto.

A casa foi totalmente destruída. A última vez que estive lá foi quando morava um filho de Gilberto – O Jersen que fez questão de que dormisse-nos no quarto onde eu nasci. Um quarto com quatro janelões de guilhotina, na esquina da casa, do lado onde se avistam as montanhas da nossa velha fazenda da Serra.

#### **7.4 - Fazenda do Macuco**



FOTO N° 44 - Fazenda do Macuco - Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)

Acredito que o nome da Fazenda do Macuco tenha sido inspirado aos seus fundadores, devido a uma pequena área de mata virgem que até hoje, ainda existe perto da sede da fazenda.

Naquela mata havia muitas espécies de aves de caça e, diziam, particularmente de macuco, uma das aves mais cobiçadas pelos caçadores de outrora.

E deveria ser estimulante ouvir pela madrugada e à tardinha, o pio característico dos macucos, em coro com outras aves, na manhã próxima.

Jamais vi qualquer documento referente à Fazenda do Macuco, a não ser algumas curtas referências pelo meu bisavô Agostinho, no seu caderno de apontamentos da Fazenda dos Alpes.

Conheci a casa de moradia da Fazenda do Macuco, desde a minha infância. Segundo dizia minha mãe, o meu primeiro aniversário foi comemorado ali, pouco antes do falecimento de meu avô Bernardo.

No caderno dos Alpes o vovô Agostinho escreveu:

-“1902 – 1 de Dezembro. Falleceu o meu Am<sup>o</sup> e Genro e compadre Cel Bernardo de Almeida Ramos. Molestia que o vitimou na opinião dos médicos – Artérios sclerose”. – Sempre ouvi dizer que, as terras que constituem a Fazenda do Macuco foram doadas pelos pais de minha avó Isabel, José Vieira Machado e Lina de Laurdegasis Vieira, da Povoação, quando do casamento de Izabel com Bernardo de Almeida Ramos.

Também foram doadas as terras da Fazenda do Limoeiro à Rachel, quando se casou com Francisco de Almeida Ramos. As dos Pirineus à Rita, que se casou com José Nunes e as do Monte Alverne à Josephina, que se casou com Maurício Vieira da Cunha, da Fazenda da Prata. Todas desmembradas da Fazenda da Povoação.

Bernardo e Francisco A. Ramos, eram filhos de João Luiz de A. Ramos e Maria Bernarda Vieira Machado, ambos de Valença (RJ).

Acredito que a casa de residência do Macuco tenha sido construída quando do casamento de Izabel e Bernardo, em 1876. Era uma casa confortável para a época. A ala da casa destinada à família era muito acolhedora. À entrada havia uma varanda envidraçada, uma espécie de jardim de inverno, e um quarto dando para a referida varanda.

Em seguida entrava-se para uma sala espaçosa, com amplas janelas, com vidraças de guilhotina e abertas para o pomar. A sala era bem mobiliada, com um longo sofá de palhinha, 2 consolos, mesa de centro, oitavada, com tampo de mármore, 2 poltronas e cadeiras de palinha, cadeira de balanço, relógio de pêndulo, lampião belga pendendo do teto. Um conjunto harmonioso e fino que veio da Corte. Havia um piano. Não me lembro de quadros na parede, mas apenas de um espelho de cristal. Havia dois quartos com portas para a sala. Em um deles, meu avô montou seu escritório. Em seguida, havia outra sala, a de refeições, também ampla, porém com mobiliário rústico. À parede, um relógio tipo oito.

Três quartos davam para esta sala, inclusive o do casal onde havia uma bela mobília, presente do Barão de Almeida Ramos, irmão de Bernardo.

Uma pesada porta de madeira, com tranca de metal separava esta parte da casa e outro começava, destoando do estilo da que descrevi.

Dava impressão de que não havia sido completada definitivamente. Descendo uma escada de poucos degraus, seguia-se uma comprida varanda - rústica, toda aberta de um lado e, do outro, uma série de portas, cada uma delas abrindo para um aposento, todos destinados às dependências domésticas – copa, cozinha, dispensa, etc. No final da

varanda havia uma escada e um quarto.

A primeira porta, logo ao descer pela escada residencial havia uma saleta, onde eram guardadas às louças, porcelanas, cristais e talheres.

Em seguida a este aposento, um tanque com água encanada. Terminava esta ala com um banheiro completo – o chuveiro em cima de um tanque de cimento, espaçoso e cavado no piso. Funcionava como uma piscina para as crianças. Os aparelhos sanitário e a pia, eram de cerâmica pintada – um luxo para a época.

A cozinha rústica, espaçosa, com um grande fogão de ferro.

Porcelanas, cristais e pratarias eram usadas nos dias de festa. Para o diário usava-se louça inglesa, branca - Ironstone – tipo usado em todas as fazendas por serem muito resistentes e de ótima aparência. Hoje são peças raras. Eu ainda conheci terrinas<sup>93</sup>, travessas e outras peças. Os talheres de prata e de Christofle. Também conheci lindas peças de porcelana, pertencentes às minhas tias.

No dia 26 de agosto de 1981, visitei o túmulo de vovó Izabel, num cemitério no local Vargem Alegre, perto da Fazenda do Limoeiro. A sepultura está bem conservada e, na pedra mármore está gravado o seguinte: “À memória de Izabel Vieira de Almeida, nascida em 21 de Setembro de 1854. Fallecida em 20 de Julho de 1890. Tributo de amor conjugal”. Lá repousam também o esposo Bernardo, falecido em 1 de dezembro de 1902 e Argentina, filha do casal, que morreu no dia 8 de dezembro de 1907. Porém seus nomes não foram gravados no túmulo.

Até então, o que eu sabia sobre minha avó Izabel, era apenas o que a Mãe-Ina me dizia – que era pessoa finíssima, que andava sempre bem vestida a qualquer hora do dia.

Para Mãe-Ina, que fora sua criada particular, Sinhá fora uma pessoa maravilhosa.

Depois daquela minha visita ao cemitério, 91 anos após sua morte comecei a pensar no que teria sido aquela criatura, a mãe de meu pai, e de quem eu herdara o nome de Isabel.

Casou-se com 22 anos, esteve casada 14 anos, faleceu com 36 anos e deixou seis filhos: - Pedro, Constante, Accácio, Joaquim, Maria Bernarda e Argentina.

Seu filho mais velho – Pedro – tinha apenas 13 anos quando ela faleceu.

Após o falecimento da patroa, Mãe-Ina assumiu as crianças, dedicando-se a elas e ao seu Sinhô com todo carinho.

Pode-se compreender o drama que viveu a preta, quando viu casar-se novamente o seu Sinhô.

Algum tempo após o segundo casamento, Mãe-Ina, a Marcolina de Jesus, disse ao filho mais velho, o seu predileto: - Não agüento mais ficar aqui. Vou-me embora para não ver o que não gosto de ver. E foi para Minas Gerais, onde morava sua filha casada.

Bernardo casou-se em 1893, com Almerinda, filha de Agostinho Ferreira dos Santos.

---

<sup>93</sup>TERRINAS s.f. Vaso de louça ou de metal, com tampa, e no qual se levam alimentos líquidos à mesa, ou que serve sopa à mesa.

Tiveram cinco filhas: Isabel, que nasceu em 1895; Nila, Ruth, Yolanda e Dulce, e um filho – Aarão – que faleceu com dois anos, em 1899.

Pedro estudou na Escola de Minas, em Ouro Preto, residindo numa república de estudantes. Maria Bernarda e Argentina, no Colégio do Matoso no Rio de Janeiro. Os outros, creio que estudaram em Cachoeiro.

Com a morte de vovô Bernardo, a viúva e as filhas herdaram a Fazenda do Macuco, isto é, quase todas as terras, a sede e tudo quanto existia na residência. Os filhos de Isabel nada receberam do que pertencera a sua mãe.

Poucos anos depois, Almerinda e suas filhas mudaram-se para Cachoeiro de Itapemirim e seu irmão, João Ferreira dos Santos, que se casara com Maria Bernarda, ficou administrando a Fazenda do Macuco.

Contou-me o Agostinho, filho de João, que um dia seu pai resolveu acender uma fogueira, queimando todos os móveis da fazenda que estavam “quebrados” ou sem acento de palhinha. Eram aqueles que haviam sido encomendados da Corte, quando do casamento de Bernardo e Isabel.

Mais tarde, Almerinda vendeu a Fazenda do Macuco para seu irmão Agostinho Ferreira dos Santos, casado com Thereza.

Foi somente nessa última fase da Fazenda do Macuco, fazenda onde nasceu meu pai, que eu a conheci melhor. E nesta época eu já compreendia a mágoa e os desgostos que a perda daquela fazenda ocasionara ao meu pai e aos irmãos ali nascidos.

A velha casa ainda estava conservada e acolhedora, porém restavam poucos móveis dos antigos, e nenhum daqueles pertences maravilhosos do tempo de minha avó Isabel.

Por motivo de saúde tio Agostinho mudou-se para Castelo. A fazenda ficou entregue a um dos filhos de tio Agostinho. Mais tarde foi vendida.

Filho de imigrantes italianos, sem tradição e sem compreender o valor que representava aquele patrimônio, o novo proprietário, demoliu o velho solar do Macuco. Foi preciso o uso de trator para derrubar as paredes, tão fortes ainda se encontravam.

Em 1981 estive lá e emocionei-me profundamente – não restava mais nada do que fora a Fazenda do Macuco. Parecia que um terrível vendaval, um verdadeiro ciclone passara pelo local e destruíra tudo – a casa, o conjunto e construções e, até os dois terreiros de secar o café.

No lugar da antiga residência construíram uma casa vulgar, igual a dos colonos, e lá residia a família do administrador das terras.

Procurei um pé de cambucá que fora plantado pelo meu avô, mas estava destruído pelo fogo. Todas aquelas árvores que formaram outrora o pitoresco bosque do pomar, algumas seculares, e que se coloriam todos os anos, com flores e frutos saborosos, haviam sido destruídas. Era de cortar o coração.

Para surpresa minha, estava ainda a matinha onde cantavam as aves, para alegria dos caçadores de outrora.

## 7.5 - Fazenda da Povoação



FOTO N° 45 - Fazenda da Povoação - Sem Data.  
(Acervo: Paulo Ivan Casagrande)

Seria fascinante um estudo minucioso sobre o povoamento do vale e das serras do Castelo. Seus primeiros desbravadores vieram a procura de ouro.

A região do Castelo que era quase desconhecida pelos colonizadores do Espírito Santo, só despertou o interesse deles no princípio do século XVIII, quando começaram a chegar os sertanistas, vindos de terras distantes, sedentos de riquezas, provindas de metais preciosos. A fecundidade do solo e as belezas naturais da região, não lhes interessavam. Visavam somente obter lucros fáceis e rápidos.

Entre vários sertanistas que tentaram retirar o precioso metal dos ribeirões da região do Castelo, destaco Pedro Bueno Cacunda<sup>94</sup>, que tendo descido do Rio Doce e seus afluentes, penetrou no interior do Estado do Espírito Santo. Informado sobre a existência de ouro no local onde hoje são as serras do Castelo, Pedro Bueno deslocou-se para lá, mesmo tendo sido informado sobre a ferocidade dos índios Puris ou Botocudos que ali viviam.

Verificando que de fato existia ouro nos córregos ali existentes, resolveu fundar um arraial junto ao ribeirão a que deu o nome de Sant'Ana, no local onde mais tarde, seria instalada a Fazenda da Povoação.

E ali plantou lavouras, criou animais domésticos, construiu casas e chegou a reunir grande número de pessoas.

Porém, a população silvícola era numerosa e considerava os sertanistas como inimigos, porque alguns deles atacaram suas aldeias, tomaram suas mulheres e escravizaram

---

<sup>94</sup>CACUNDA Pedro Bueno - Vide carta escrita ao Rei, quando se encontrava no arraial de Santa Ana, em 08 de setembro de 1734, e que está arquivada na caixa 3 ES, do Arquivo Público Ultramarino em Lisboa - Portugal.

homens, obrigando-os a trabalharem como escravos.

Apesar dos constantes ataques dos Purus, os sertanistas insistiam, e alguns arraiais foram surgindo: O Ribeirão do Meio, Duas Barras, Caxixe.

Porém, foram tantas as dificuldades devido a falta de apoio governamental e constantes ataques dos silvícolas, que Pedro Bueno resolveu abandonar aquela mineração. Mais tarde vieram os Jesuítas, usando processos diferentes.

Começaram pela catequese dos índios, até obter-lhes a confiança. Protegiam as populações dos arraiais próximos e até conseguiram que os próprios selvagens lhes indicassem os locais onde existia maior quantidade de ouro. Com as catequese atenuaram-se os efeitos das lutas, entre mineradores e os Purus. E houve acentuado aumento das populações nos arraiais.

Quando os Jesuítas foram banidos do país, rompeu-se a maneira pacífica de viver entre mineradores e selvagens, naturalmente devido a imprudência dos sertanistas que retornaram a mineração. A luta recomeçou e não tardou que grande parte dos mineiros, abandonassem a mineração.

Aos poucos o Arraial Velho das Minas de Castelo desapareceu, persistindo alguns mineradores no Ribeirão do Meio e Duas Barras.

Os sertanistas vieram atraídos pela riqueza. Eram aventureiros e ambiciosos, só lhes interessando a extração de metais preciosos, fortuna imediata. Porém, devem ter observado a fertilidade daquele solo, as extensas matas existentes e o variado clima da região, que se prestava a todo tipo de cultura de cereais e de frutas. E ao regressarem às suas terras de origem, transmitiram tais informações aos seus conterrâneos.

A notícia despertou a curiosidade de um grupo de fazendeiros do Estado do rio de Janeiro e de Minas Gerais, interessados em expandir seus recursos financeiros e suas experiências em outras terras.

Ao que se tem notícia, o Major Antonio Vieira Machado da Cunha, e seu irmão Capitão Honório Vieira Machado da Cunha, foram os primeiros que chegaram, por volta de 1845, respectivamente os fundadores da Fazenda do Centro e a do Fim do Mundo. Em seguida vieram outros irmãos dos dois pioneiros: Manoel (Fazenda São Manoel), Joaquim (F. da Prata), Lina Laudegaria, casada com José Vieira Machado (F. Povoação), Francisca, casada com João Pinheiro de Souza (F. Ante Portão).

Chegaram também alguns parentes dos Vieira Machado da Cunha: Almerinda Ramos, Pinheiro de Souza Werneck e Vieira Machado.

Pode-se imaginar a transformação que em alguns anos aquela região apresentou, quando surgiram as grandes fazendas, com suas lavouras e seus suntuosos casarões.

Onde outrora os sertanistas resolveram os leitos dos ribeirões e, não raro, espalharam o pânico entre as populações dos silvícolas e dos arraiais, surgia o progresso e a riqueza extraída de um solo fértil e pouco explorado.

Aqueles pioneiros, membros de famílias que haviam prosperado em suas terras de ori-

gem, viveram animados e corajosos, trazendo além do espírito de iniciativa, suas experiências, largos recursos financeiros e grande número de escravos.

Entre os escravos, havia os especializados, desde derrubadores de matas e plantadores de café, até os artistas em construção de casas de luxo e mobiliário adequado.

Animados pelo espírito de aventura, os "Senhores" lançaram-se ao trabalho, usando os braços de seus escravos e suas experiências obtidas em outras terras onde haviam prosperado.

Assim, em vez das tabas dos índios e das modestas moradias dos arraiais, ergueram-se os casarões, talvez réplicas dos que ocuparam em terras anteriores.

Aqueles casarões, não raro possuíam estilos um tanto pesados, inspirados que foram nas casas do Portugal antigo, como ainda se observa na velha cidade do Porto e em outras regiões portuguesas. Eram monumentos arquitetônicos, com escadarias trabalhadas, sacadas de metal, varandas envidraçadas. Foram construídas em geral, entre 1870 e 1890, e apresentavam aspecto grandioso.

Para uso e decoração nestes casarões, os cristais, porcelanas, pratarias e móveis finos, eram importados do estrangeiro.

Também trazidas, geralmente da França, as telhas para cobertura das casas.

Justamente no local do Arraial Velho das Minas do Castelo, foi que um casal fluminense, vindo da cidade de Valença, instalou a Fazenda da Povoação, uma das mais célebres do Vale do Castelo.

Certamente o nome Povoação veio-lhe por causa do povoado ali erguido por Pedro Bueno Cacunda, em época muito anterior.

Seus proprietários foram: - José Vieira Machado e Lina Laudegaria de Souza. Lina era irmã dos Vieira Machado da Cunha.

Com José vieram alguns de seus irmãos, que fundaram outras fazendas em Castelo e arredores.

Como outros parentes, José e Lina venderam suas antigas propriedades e iniciaram uma vida nova, mas terras que adquiriram no Estado do Espírito Santo.

José Vieira Machado era filho de: José Vieira Machado e Anna Maria de Jesus. Lina Laudegaria de Souza, era filha de: Manoel Vieira Machado e Escolástica Agueda de Souza. São filhos de José e Lina: Conrado, Rita, Rachel, Januária, Teodosia, Maria Lina, Izabel (minha avó), César e Josephina.

Conrado casou-se com Ana (a Voninha de Castelo), filha de Honório da Fazenda Fim do Mundo. Tiveram os seguintes filhos: - Jordelina, Julita (1ª), Jovita, Izaura, Julieta, Olympia, Julita (2ª), José, Cesar, Anibal e Cícero.

Jovita casou-se com Pio Ramos. Filhos do casal: - Niwton, Humberto, Izaura, Zilda, Alda, Dila, Aracy, Acyr, Ary, Amy, Ila, Nadir e Cesar.

Olympia casou-se com: Bráulio Ferreira Machado, da Fazenda da Serra.

Com Olympia tive oportunidade de conversar sobre a Fazenda da Povoação, e ela refe-

ria-se ao incêndio que destruíra a casa, quando ela ainda era menina.

Somente muito mais tarde, num caderno de apontamentos da Fazenda dos Alpes, encontrei escrito de próprio punho por meu bisavô, Agostinho Ferreira dos Santos, o seguinte:

“Fevereiro, 10 de 1898.

Grande desastre se deu na Fazenda da Povoação, Fazenda de D<sup>a</sup>. Lina. Para amanhecer quinta feira, a família acordou à 1 hora da manhã provocada pelo fumo de um grande incendio, que já labrava na cosinha e despensa da casa, incendio este lavrou e se propagou a todo o edificio que calculava em 600 metros quadrados o chão ocupava, ao amanhecer 5 horas da manhã estava o grande edificio reduzido a um montão de ruínas fumegantes, a família talvez não salvasse 10% dos assessorios da casa, felizmente não houve perdas de vidas”.

Um pouco mais adiante no mesmo caderno:-

“Outubro 6 – 1899

Incidioce para amanhecer, o Engenho e machina da Povoação inclusivel a casa não se salvando senão um pouco de café, prejuizo que se calcula em 20:000:000 rs. (vinte contos de reis)”.

Mais adiante, no mesmo caderno.

“Fevereiro 3 – 1903

Faleceu a D<sup>a</sup>. Lina Laudegaria Vieira de Souza.”

Eu sabia muito pouco sobre a minha bisavó Lina. E fiquei emocionada ao ler o que transcrevi acima, escrito por meu bisavô Agostinho. Pareceu-me ver a figura daquela velhinha, sendo retirada, em pânico, altas horas da noite, do conforto de seu leito, entre as labaredas de um incêndio, e assistir da casa das máquinas de sua fazenda, desaparecer seu antigo solar e tudo quanto ali se encontrava, adquirido e conservado durante uma longa existência.

Ali, naquele casarão que desaparecia devorado pelo fogo, talvez aceso criminosamente, ela e o esposo haviam desfrutado momentos de alegrias e de tristezas. Ali, nasceram muitos de seus filhos e também perderam filhas casadas, deixando filhos pequeninos, como Isabel minha avó, com apenas 36 anos de idade.

E tudo ficara reduzido a “um montão de ruínas fumegantes” em poucas horas, conforme escreveu o velho Agostinho.

Quando eu tinha 6 anos, atravessei as terras da Fazenda da Povoação e lembro-me de ouvir falar no grande incêndio.

Porém naquela época, tudo me pareceu tão impessoal, como uma história contada atrás do fogão de lenha da Serra.

E, ao passar pelos mesmos lugares em outras épocas, havia sempre alguém que lembrava o antigo esplendor das festas ali realizadas. Diziam que o “22 da Povoação” era uma solenidade conhecida e, para a qual os amigos e parentes não necessitavam de

convites.

Os povoadores daquelas terras do Castelo, constituíram na época, uma elite humana, e a vida social ali era intensa.

O incêndio da casa da Povoação repercutiu dolorosamente em toda região. Houve suspeita de ter sido culposo, mas não foi apurado. Durante muitos anos, netas e bisnetas de Lina Laudegaria, ouviam estórias sobre a lendária Povoação.

Agora mesmo, em maio de 1985, conversando com a neta de tio Conrado, a Acyr, ela lembrou fatos que a "Voninha" presenciara, no convívio com a tia e sogra. Falou do desespero de Lina Laudegaria, quando da casa das maquinas, acompanhava na escuridão da noite, o incêndio, e ouvia o ruído provocado pelo quebrar dos cristais e das porcelanas, quando as labaredas atingiam as prateleiras onde eram guardados os finos pertences usados em dias de festas na fazenda. Após o incêndio a família foi residir na Fazenda do Fim do Mundo.

A Fazenda da Povoação possuía uma área imensa de terras. O seu desmembramento teve início quando eram doadas uma certa área para cada uma filha que se casava. E o que restou da distribuição gratuita, foi mais tarde toda retalhada e vendida, na maioria a descendentes de imigrantes italianos.

Mas, ainda hoje, quando se atravessa por terras da outrora Fazenda da Povoação, ouve-se alguém dizer: "aqui é a Povoação".

Nas entrelinhas do que escreveu meu bisavô Agostinho, sente-se as dimensões da catástrofe.

O declínio e o desmembramento das antigas fazendas daquela região e de muitas outras no Brasil, deve-se a duas principais causas – a súbita emancipação dos escravos e o esgotamento natural das terras, que naquela época, não recebiam tratamentos adequados.

Em 1982, realizei uma excursão particular, para ver de perto a região das outrora grandes fazendas do Castelo. Eu já havia iniciado as memórias da Fazenda da Serra, e escrito sobre os Rosa Machado, pioneiros da Boa Vista, meus ancestrais pelo lado materno. Tive vontade de conhecer melhor os ancestrais de meu pai – a família dos Vieira Machado da Cunha, e dos Almeida Ramos, também pioneiros de uma vasta região.

Foi uma excursão repleta de descobertas, um encontro embora tardio com parentes próximos de meu pai, um lembrar de fatos e descobertas que me facilitaram bastante escrever este capítulo.

Pelos caminhos que os Rosa Machado percorriam quando visitavam meus bisavós Ferreira dos Santos, da Fazenda dos Alpes, eram paradas obrigatórias – Castelo, Centro, Macuco, Limoeiro e Povoação.

Eu fiz este trajeto em 1907, aos seis anos de idade, quando da festa de bodas de ouro de meu bisavô Agostinho.

Com a construção da Rodovia que liga o Espírito Santo à Minas Gerais, pode-se obser-

var melhor as belezas naturais daquele planalto, alternado de vales e de montanhas, destacando-se o célebre Forno Grande, que eu contemplava desde criança, lá da nossa Fazenda da Serra.

Foi naquela viagem que eu conheci realmente aquela região, parando em cada fazenda, conversando com moradores locais, tirando fotografias.

Creio que foi naquele dia que comecei a pensar melhor na minha bisavó Lina Laudegaria e amar com ternura minha avó Isabel que visitei num pequeno cemitério, num dia lindo e ensolarado.

## 7.6 - Fazenda da Prata



FOTO Nº 46 - Fazenda da Prata - Sem Data.  
(Acervo: Dayse Perim Cola)

Vários motivos levaram-me a incluir a Fazenda da Prata entre as recordações da Fazenda da Serra, que estou escrevendo. Nosso bisavô, José da Rosa Machado, veio de Valença (RJ) para administrar a Fazenda da Prata, antes de adquirir as terras da Boa Vista.

Tio Machadinho, como era conhecido, casou-se com Guiomar, neta dos proprietários da Fazenda da Prata. Sempre existiu alto grau de amizade entre as duas famílias – da Prata e da Vista Alegre.

Joaquim Vieira Machado da Cunha, vendeu sua fazenda denominada Paciência, situada no município de Juiz de Fora, por 60.000\$000 (sessenta contos de réis) e veio para o Espírito Santo, por volta de 1850. Já se encontravam neste estado, seus irmãos - Antônio, Honório, Manoel e Lina, proprietário das fazendas do Centro, do Fim do Mundo, de São Manoel e da Povoação. Haviam chegado em 1848. Foram eles que iniciaram a agricultura em Castelo, então distrito de Cachoeiro de Itapemirim.

Joaquim era casado com Ana Francisca Claudina, a Donana da Prata, como ficou sendo conhecida. Ele era natural de Valença, Estado do Rio de Janeiro e ela de Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais.

A viagem para o Espírito Santo foi realizada assim: Ana e os filhos conduzidos em liteiras, os homens a cavalo e os escravos a pé. As crianças vieram em balaios. A viagem durou cerca de seis meses. Da Barra de São João (RJ) até Barra do Itapemirim, viajaram de rebocador.

Joaquim requereu as terras em 1844. Desbravou as matarias, construindo uma casa baixa, simples, para receber a família – esposa e seis filhos: Maria, Joaquina, Mauricio, Belisário, Joaquim e Lourenço. Na fazenda da Prata, nasceram mais quatro filhos: Francisca, José, Lafayete e João.

Para erguer a casa grande, de sobrado, casa confortável e suntuosa, o fazendeiro comprou um escravo carpinteiro, excelente oficial que, com outros escravos, construiu o grande solar. As portas e janelas eram trabalhadas em almofadas, com madeira de qualidade, retiradas das matas da fazenda. Os pregos usados na construção, foram fabricados por um escravo chamado Rufuno. O único material usado na casa que foi comprado, foi o ferro fundido, das sacadas.

Terminado o grande solar, construíram também quase todo o mobiliário, destacando-se enormes arcas de jacarandá, armários, camas, etc. As peças mais finas do mobiliário, vieram do Rio de Janeiro (RJ).

Terminados a casa e o mobiliário, o escravo carpinteiro foi vendido a outros fazendeiros, para novas construções. A construção da casa da Fazenda da Prata, foi iniciada em 1865 e terminada em 1870.

Houve grande prosperidade na fazenda, administrada durante alguns anos pelo português José da Rosa Machado, nosso bisavô, futuro proprietário da fazenda Boa Vista.

Além da agricultura usada nas terras da fazenda, também cuidavam da pecuária, com grande eficiência. De início, a fazenda chamou-se Fazenda São Mauricio e depois mudaram para Prata, nome escolhido por Donana, que achava o rio que corria na fazenda, semelhante a uma fita prateada. Gostava a fazendeira de apreciar o rio e a paisagem, servindo-se às vezes de um binóculo.

D. Ana era conhecida como a "Donana da Prata", senhora inteligente, ativa e dada a grandes atividades caseiras, inclusive artesanatos finos.

Entre as indústrias caseiras, destacavam-se: renda de bilro, crochê, costura, ponto de marca, tecelagem, crivo, macramê, frivolidê. Havia grupos de escravas especializadas em cada tipo de artesanato. Também havia as quituteiras famosas. Quituteiras e cozinheiros famosos.

As roupas de uso da fazenda eram guarnecidas de bordados, rendas, crivos e crochês. Eram célebres as toalhas de rosto feitas na Prata.

Donana presenteava às amigas com finos trabalhos feitos pelas suas escravas.

Toda roupa dos escravos era feita de fazendas tecidas pelas escravas e com algodão plantado nas terras da fazenda. O colorido dos tecidos era dado pelas plantas naturais da região. Também os cobertores, eram tecidos com lã de carneiros criados na fazenda.

As Sinhazinhas e a própria Donana eram exímias em trabalho manuais, inclusive costura. E isso foi provado mais tarde, por descendentes da família, no decorrer da vida.

Preparavam-se também chinelos bordados a ponto de cruz e armados por sapateiros da Fazenda.

Joaquim mandou construir um cemitério e nele erguer duas sepulturas para a sua esposa e para ele próprio. E lá repousam os dois, embora tenham falecido em outros locais. Ela, na Prosperidade e ele em São Cristóvão.

Depois do falecimento de Joaquim, assumiu a direção da fazenda o filho Lourenço, que foi ótimo administrador. Por morte de Lourenço, o Belisário e depois Lafayete. Esses entretanto, mostraram pouca habilidade como administradores. Mais tarde a fazenda foi vendida para Mauricio, um dos herdeiros, casado com Josefina Vieira, filha dos proprietários da Povoação, Lina e José.

Mauricio era médico e eram seus filhos: Bráulio, Abelardo, Alice, Georgina, Lina, Mara José, Nicota e Georgeta.

Devido as sérias dificuldades financeiras, a fazenda da Prata foi pouco a pouco sendo retalhada e vendida. Nicolau Cola comprou a ultima parte, com a sede. E um dia o velho casarão, o mais belo e majestoso, talvez do Estado, foi demolido.

No caderno de meu bisavô Agostinho, encontrei as seguintes referencias: “22 de maio de 1894. Mudou-se do Monte Alverne o meu Amº Mauricio”. E mais adiante:

-“23 de dezembro de 1894, Falleceu Mauricio Vieira Machado, no Rio de Janeiro”.

Outra referência:

-“Julho – 18 – 1901. falleceu D.Anna da Prata, viúva de Joaquim Vieira Machado da Cunha”.

A fazenda da Prata teve sua época de grande esplendor. Porcelanas, cristais e pratarias estrangeiras eram usadas em festas ali realizadas.

O dia de Santa Ana, 26 de julho, era o dia da festa oficial, e quando se reuniam todos os fazendeiros da região. A festa durava vários dias e constava de fogueiras, banquetes, bailes e cerimônias religiosas.

Os filhos dos proprietários da Fazenda da Prata receberam uma educação esmerada, nas letras e na música. Diziam que durante as festas, Joaquina tocava piano para animar os bailes.

No prefácio do livro de Benjamim Silva, Escada da Vida, Atilio Vivacqua, referindo-se à fase ativa da vida literária de Cachoeiro de Itapemirim, diz o seguinte:

“- No primeiro decênio do nosso século implantara-se ali, uma especie de ditadura intelectual, de que faziam parte João Motta, João Belisario, Mario Imperial, Vieira da Cunha.

O berço dessa geração combativa fôra a Fazenda da Prosperidade, que bem symbolizava a herança espiritual acumulada desde a monarchia pela nobresa agrícola.

- foco de cultura e viveiro das academias. Naquele recanto bucólico pontificava, sereno e bondoso, o Dr. Belisário Vieira da Cunha, mestre insigne e exílio belletrista. Ele era assim como um patriarcha renovador, em torno de quem se reuniam os jovens intelectuais do tempo. Aqueles irreverentes dictadores literários, saíram paradoxalmente dessa tranqüillidade Athenas Campestre, onde se editava o celebre "Martello" panpheto litero - político ilustrado pelo lapis irônico de Vieira da Cunha".

Conheci a Fazenda da Prata quando eu tinha 8 anos de idade. Era sua proprietária Josephina Vieira da Cunha, irmã de minha avó Isabel.

Embora a fazenda não tivesse mais em sua época de esplendor, ainda impressionou-me profundamente. Achei tudo lindo. A tia cercava-nos de carinhos e atenções. Tocava piano na imensa sala de visitas e, todas as tardes mandava preparar um carrinho puxado às juntas de cabritos, para eu e meus irmãos passearmos pelas imensas várzeas, entre alamedas de mangueiras.

A Prata, para mim foi uma espécie de contos de fadas, o lugar mais bonito e maravilhoso que eu estive na minha infância.

## 7.7 - Fazenda São Cristovão



FOTO N° 47 - Fazenda São Cristovão - Sem Data.  
(Acervo: Joelma Celim)

Numa página do diário de Pedro Vieira da Cunha, escrito por ele próprio, lê-se o seguinte:

"No dia 11 de fevereiro de 1876 casei-me com Joaquina Vieira da Cunha". Casaram-se na Fazenda da Prata, dos pais de Joaquina e houve uma festa memorável, celebrando o casamento da primeira filha dos fazendeiros. Foram residir na Fazenda São Cristovão.

Num trabalho escrito pelo General Araripe<sup>83</sup>, lê-se o seguinte: “Fazenda São Cristóvão, ao pé do Forno Grande, foi doada por Joaquim Vieira Machado da Cunha, ao genro Pedro Vieira da Cunha, casado com Joaquina. Foi rica e grande Fazenda, hoje retalhada e pertencente à famílias de origem italiana.”

Num apontamento que tomei em 1942, em conversa com tia Guiomar, consta que São Cristóvão pertenceu primeiramente a Ezequiel Vieira da Cunha. Morrendo solteiro, Ezequiel deixou as terras de herança, aos irmãos. A parte da fazenda propriamente dita “de São Cristóvão” foi a que Pedro Vieira da Cunha recebeu do sogro. O local onde foi aberta a primitiva fazenda chama-se São Cristóvão Velho. Pedro escolheu o local e a casa de moradia.

A Fazenda São Cristóvão fazia limite com a da Prata e a do Centro. Havendo terras pertencentes ao Estado, entre São Cristóvão e Centro, Pedro requereu-as. Porém, como só era permitido a cada pessoa requerer apenas 20 alqueires, Pedro Vieira conseguiu que Alfeu Vieira requeresse 20 alqueires. Os pretos João Bernardo e José Feitor também fizeram o mesmo e se estabeleceram nas respectivas terras.

A Fazenda São Cristóvão, foi instalada em local privilegiado, ao pé da montanha Forno Grande e junto à Cachoeira da Prata, que Sylvio Rangel<sup>82</sup> assim descreve: “De uma altura superior a duzentos metros a água precipita-se numa queda única, brutal, maravilhosa, assemelhando-se de longe a uma linda fita de neblina, ligando pelo abismo o ponto onde se despenha, ao seio da floresta.”

Pedro Vieira construiu sua moradia e as dependências necessárias para desenvolver as atividades da fazenda. Ali nasceram os filhos do casal: Guiomar (1877), Ademar, Dagmar, Belmar, Valdemar, Maria, Ana, Belisario, Clara, Pedro, João e Zulmira.(1902).

O próprio Pedro Vieira registrou num caderno os nomes e as respectivas datas de nascimento e batizados de todos os filhos. O casal lutou bastante para criar e educar os filhos e perderam vários deles ainda pequenos.

Numa época em que atravessavam grandes dificuldades, venderam a fazenda e mudaram-se para Cachoeiro de Itapemirim e lá, as filhas Maria, Ana e Clara abriram um ateliê de costuras, e foram durante muitos anos grandes modistas.

Joaquina, a vovó Joaquininha, fazia frivolidê, que era aplicado em lindos vestidos, assim também contribuindo para as despesas da casa. Pedro Vieira da Cunha era Juiz de Paz e celebrou muitos casamentos. No caderno de apontamentos do meu bisavô Agostinho Ferreira dos Santos, ele registrou o seguinte: - “ 14 de outubro de 1907. Casou o meu filho João com Maria Bernarda, sendo celebrante canônico Mons. Alves e civil Pedro Vieira da Cunha, escrivão Francisco Maia.”

Joaquina deu às filhas uma educação prática, transmitindo-lhes os conhecimentos por ela adquiridos de sua mãe – a célebre “Donana da Prata”.

E não apenas os conhecimentos práticos, mas uma fé muito firme, e que perdurou de geração a geração, até os tempos atuais.

Aqui transcrevo outro trecho escrito por Elsa, filha de Guiomar, e que vem demonstrar a profundidade dos sentimentos religiosos transmitidos pela “vovó Joaquininha às filhas”. “A noite, nos meses de maio, junho e outubro, reunia (Guiomar) todo pessoal da fazenda para o terço e ladainha e, com sua voz forte, puxava os cânticos, acompanhada por papai, os filhos, empregados e colonos. Católica convicta, mamãe sempre deu testemunho de fé.

Na roça, no tempo em que era difícil ocasião de assistir a missa ou comungar, ela ficava em jejum natural até meio dia ou mais, depois de uma longa viagem a cavalo, para receber a santa comunhão. Sempre por ocasião da Semana Santa, vinha à Cachoeiro para assistir aos ofícios religiosos”.

Estas palavras escritas num caderno de recordações pessoais, constituem o melhor testemunho da eficiência dos ensinamentos, e sobretudo, do exemplo daquela que foi para todos que a conhecemos – a “vovó Joaquininha”.

No dia 3 de janeiro de 1921, às 3 1/3 horas da tarde, faleceu o capitão Pedro Vieira da Cunha, em Cachoeiro de Itapemirim.

Joaquina faleceu no dia 23 de abril de 1947, no Rio de Janeiro.

## 8 – COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA CASA

Em 1907, houve uma grande festa na Fazenda dos Alpes, em comemoração as bodas de ouro dos pais da minha avó Donana. Foi tão importante que, até hoje, ainda é lembrada como a “Festa dos Alpes”. Deixou fotografias e lembranças inesquecíveis.

Em 13 de novembro de 1977, num sábado, realizou-se um encontro dos descendentes de José da Rosa Machado Junior e Ana Alves Ferreira da Rosa, fundadores da Fazenda da Serra, comemorando o centenário da casa da fazenda. E, até hoje, quando se comenta sobre aquela comemoração, usa-se a expressão “Festa da Serra”.

Para nós da família, foi realmente uma festa, por dois motivos importantes: primeiro, porque o velho solar ainda é o mesmo inaugurado naquela data, apenas com alguns acréscimos feitos logo depois, e continua de pé, sempre acolhedor, apesar dos seus cem anos; segundo, por tratar-se do reencontro de parentes, alguns que não se viam há muitos anos, e outros que não se conheciam ainda.

Num caderno de apontamentos de nossos avós, lê-se na primeira página, escrito de próprio punho por José da Rosa Machado Junior, quando iniciou e acabou a construção da primeira casa (vide ilustração nº01).

Este caderno está comigo e deu-me a lembrança de realizar a comemoração\*. Pedro e Paulinho aceitaram logo a sugestão e traçamos as diretrizes em linhas gerais. Os convites foram feitos por carta e verbalmente. Em pouco tempo, tornou-se uma espécie de “corrente” – um ia transmitindo aos outros o convite. Não houve propaganda, nem notícias em jornais ou rádios, mas, no dia 13, desde cedo, começaram a surgir na fazenda, automóveis lotados de pessoas. Chegavam alegres e iam formando o grupo. Todos recepcionavam os que iam chegando, saudando-os com palmas e expressões de alegria. Em pouco tempo, a casa ficou cercada de carros. Quando um automóvel surgia na reta de chegada, disputava-se o prazer de adivinhar quem estava chegando...

Não esperávamos tanta gente, porém, nossa satisfação redobrava cada vez que o grupo ia aumentando. Eram só parentes.

A nota mais emocionante foi quando chegou o carro conduzindo tio Humberto, o mais velho dos tios sobreviventes, dos 12 nascidos naquela casa.

Tio Alberto, Julinda e Amanda já haviam sido alegremente recepcionados, e juntaram-se ao grupo de espera. Quando o automóvel que conduzia tio Humberto apontou na estrada, dezenas de fogos o saudaram, sendo recebido com honras de “Chefe de Estado”.

A surpresa o emocionou bastante. E não somente a ele.

Quem chegava, entrava na casa. Alguns passavam rápida revista e não faziam perguntas: eram freqüentadores da fazenda. Porém, outros, aqueles que a visitavam pela primeira vez, percorriam a casa toda, aposento por aposento, reparavam os objetos, os móveis e

mostravam-se surpresos de que houvesse ali, a essa altura, uma casa centenária, onde residia um jovem casal. E faziam mil perguntas.

Pedro e Paulinho foram até a colônia mostrar os novos cafezais da fazenda: lindas lavouras. Não houve propriamente uma programação para aquele dia. O que nos interessava mesmo era a conversação, o papo gostoso dos reencontros, as surpresas dos novos conhecimentos, a satisfação de poder informar aos novos, as coisas do passado, ali vivido naquela velha e querida casa, agora centenária.

E, para melhor atingirmos este objetivo, providenciamos o retorno de objetos que outrora pertenciam àquele ambiente, e que foram levados em épocas e circunstâncias diversas. Voltaram os antigos retratos dos bisavós portugueses, maravilhosas pinturas do imortal Pedro Américo; relógio de pêndulo que marcou horas tristes e horas alegres, durante tantos anos; o relógio de parede do quarto da vovó, onde muita gente da família aprendeu a ler as horas. Vieram também duas imagens antigas – a de Santo Antônio e a de Nossa Senhora da Penha, trazidas de Portugal em 1882 – para compor o oratório da fazenda. Durante muito tempo, escutaram terços e ladainhas dos devotos da família.

Do que restou do antigo mobiliário, lá estavam dispersos pelos diversos aposentos: a arca de madeira com sua estória para contar, a comprida mesa dos banquetes, bancos, mesinhas, cômoda e camas rústicas, feitas pelo vovô Juca.

E estava também, sempre no mesmo lugar do corredor, o armário dividido em duas partes – na de cima, guardava-se a louça dos dias de festa, e, na inferior, as latas com biscoitinhos caseiros.

Também estava, agora na cozinha, o armário onde eram guardados talheres e louças de uso diário. Numa estante, na sala de visitas, organizamos um pequeno museu de lembranças: bilros<sup>32</sup> torneados, feitos pelo nosso avô; marfim das teclas do piano *Aucher Frere*, ali chegado em 1899; um pio de caça de taquara, usado por nosso avô em suas caçadas; uma terrina<sup>94</sup> branca, colocada no centro da mesa comprida, de louça inglesa *Ironstone*, de uso diário outrora na fazenda; uma xícara de louça azul e também alguns trabalhos manuais, como crochê, crivo e renda, feitos pela vovó Donana e suas filhas, e outras miudezas.

Fez sucesso uma coleção de cartas antigas, de pessoas da família; algumas cartas já centenárias.

As paredes do corredor estavam decoradas com uma coleção de peças antigas, de metal, coisas típicas de fazenda, relembando os tempos em que os meios de transporte eram os animais e os carros de bois. Havia caçambas, estribos de vários feitios, freios, peças de arreios de crianças e de adultos. Também foram expostas algumas chaves antigas, outrora usadas nas portas.

Quando fizemos os convites, pedimos aos parentes para que trouxessem algumas fotografias da família, já colocadas em quadros. E reservamos uma parede da sala para colocá-los. No final do dia, a parede estava repleta de quadros. Foi uma lembrança da comemoração.

Os retratos dos bisavós Rosa Machado, o relógio de pêndulo e a imagem de Santo Antônio ficaram na fazenda.

Algum tempo depois, numa das paredes da sala de visitas, foi colocado um quadro contendo as assinaturas de todas as pessoas que compareceram à “Festa da Serra”, no dia 13 de novembro de 1977.

Devo ressaltar que o conjunto da fazenda, apresentava naquele dia, uma ótima aparência.

Uma semana antes da festa, Pedro, Maria e eu fomos para a fazenda, a fim de ajudarmos o Paulo e a Juse nos preparativos, pois havia muito para se fazer. Esses haviam convocado um grande número de pessoas para trabalhar e distribuíram as tarefas. As paredes da casa foram pintadas de branco e toda a madeira das portas e janelas de azul colonial. O mesmo foi feito no moinho e na tulha. Ficaram lindos. As cercas foram pintadas de branco. Terminadas as pinturas, um grupo de mulheres procedeu à limpeza da casa, cômodo por cômodo.

Grupos de homens prepararam todos os arredores da fazenda e executaram outras atividades necessárias.

Mesmo sem estar terminada a reforma da casa, a aparência era ótima e o velho solar apresentava um aspecto acolhedor.

Pedro Paulo havia providenciado 14 mudas de palmeira imperial, para serem plantadas em duas filas, de cada lado da pista, na reta de chegada à fazenda. Seria uma homenagem aos nossos avós e a seus 12 filhos, uma delicada lembrança do Paulinho. As palmeiras não puderam ser plantadas no dia da festa, o que acontecera, porém, algum tempo depois, com a mesma intenção.

O almoço constou de um churrasco e seus complementos.

Na véspera foi abatida uma novilha e, dias antes, foi construída uma churrasqueira no terreiro, em frente ao paiol, onde foram colocados uma grande geladeira e um freezer.

Foram servidos: “*chop*”, cerveja e refrigerantes à vontade.

Asobremesa foi colhida durante os festejos, retirada dos galhos das frondosas mangueiras, de vários tipos, dispersas pelos arredores da casa. Pareciam haver sido especialmente encomendadas para se oferecer aos visitantes aquelas saborosas e lindas mangas.

Todos serviram-se à vontade, e, ao retornarem às suas casas, à tardinha, muitas pessoas levavam mangas e cocos no porta-malas dos seus carros. E foram descobertas também, e colhidas, inúmeras plantas agrestes, principalmente várias espécies de samambaias. A natureza da Fazenda da Serra foi generosa naquele dia.

Foram contratadas várias pessoas para os serviços, e mostraram-se realmente eficientes. Os homens, no preparo do churrasco e servindo bebidas. As mulheres, na cozinha, preparavam arroz, farofa e serviam cafezinho a toda hora.

Uma nota interessante foi a leitura de uns versos comemorativos do centenário da casa, homenageando os tios presentes à festa. Versos escritos e lidos pelo próprio autor, um lavrador das vizinhanças – José Vieira. Um daqueles poetas, semi-analfabetos, mas inteligente. Quatro dias antes da festa, Pedro Paulo o trouxe à fazenda para entender-se comigo. Expliquei-lhe que desejávamos homenagear os tios Alberto e Humberto, e os motivos das comemorações. José Vieira compôs os versos e os leu na sala de visitas, diante de todas as pessoas, com desembaraço. Ele é também músico e, ao som de sua

sanfona, iniciaram-se as danças, em grupos dispersos pelas duas salas. Foi um dia inesquecível.

Havia grupos de jovens, alegres, animados. Grupos de crianças, irrequietas, encantadas com as novidades e o ambiente descontraído.

Havia também pessoas saudosas, encontrando “uma recordação e uma saudade, em cada canto...”. E havia muitas que estavam descobrindo um cantinho gostoso, até aquela data desconhecido.

Lamentamos a ausência do primo Padre Guilherme, que me havia prometido vir do Rio para celebrar a missa de Ação de Graças.

Uma curiosidade: um entre os visitantes que, aliás, é freqüentador da fazenda, apresentava uma grande semelhança com o velho José da Rosa Machado do retrato, de quem é tetraneto. A semelhança era tamanha que várias pessoas o retrataram ao lado do quadro. Trata-se de José Humberto, filho de Francisco José e neto de tio Humberto. Muitas pessoas tiraram fotografias durante a festa. Eu consegui reunir algumas e organizei um álbum de lembranças daquele dia.

À tardinha, os visitantes começaram a despedir-se e, pouco a pouco, voltou a calma ao velho solar centenário.

Observei uma coisa curiosa: durante todo aquele dia 13 de novembro de 1977, o sol esteve ausente, porém permitiu ótima temperatura. Entretanto, as serras – as montanhas da fazenda – tão características do lugar, não se descobriram em momento algum. Parece até que o fizeram de propósito, para que só a casa da fazenda, a homenageada, fosse o alvo de todas as atenções, na data do seu centenário.

A “Festa da Serra” durou apenas um dia, porém relembrou um século de história.

Relembrar a nossa velha casa da Serra é reler as páginas da vida de nossos avós e de sua descendência.

E, se as casas pudessem falar, a casa da Serra teria muito para dizer a todos aqueles visitantes que foram homenageá-la, nas comemorações do seu centenário.

As casas, à semelhança das criaturas humanas, possuem fisionomias peculiares, inspiram sentimentos, lembram épocas e pessoas.

Para mim, a casa da Serra possui uma fisionomia maternal, e me transmite uma sensação de paz, de segurança, de aconchego e de imensa ternura.

Afastada de seu aconchego, morando na cidade grande, quando eu me sinto triste ou deprimida, desejo abrigar-me entre suas paredes e sentir-me debaixo de seu teto, como se, somente ali, eu me sentisse protegida e amada, como fui durante a infância.

E, na minha saudade, olhando o imenso dormitório do internato, o velho solar aparecia-me, à claridade do sol poente, cheio de recordações e de imagens de pessoas queridas, tal como ainda o vejo agora.

1

Agradeço à juruscristo  
por conservar noça vida  
De chegar o Centenario.  
Desta fazenda querida  
quem Adora o noço pai  
Tem as grassas recbida

2

na fazenda da serra  
esta sendo Aniversario  
13 de ..... Novembro  
O primeiro Centenario  
Acorda veio um gongoi  
dum biquinho dum canario  
parece um microfone  
Quando da um Noticiario

3

Viva a da Fazenda da serra  
neste lugar Domimado  
no primeiro Centenario  
O seu nome está gravado  
no presente e no futuro  
do noço querido Estado

4

Aprezenda da Serra  
Desejo felicidade  
Quero que seu Comandante  
seja da humanidade  
que dirija todas obras  
com carinho e amizade.

5  
Desejo felicidades  
para todos os parentes  
A muitos que estão distante  
A todos que estão presentes  
Não cito o nome de todos  
porque não tenho na mente.

6  
Os saudosos troncos  
dos antigos passados  
deixando raiz e galhos  
O sobrenome gravado  
na esperança de 100 Anos  
ser um dia festejado

Quero dar os parabéns  
Ao senhor Humberto Machado  
Aos 89 anos  
Ainda forte ao moço lado  
Em homenagem ao centenário  
dos parentes e comunidade  
8

Ao senhor Dotor Pedro  
Vai a minha saudação  
A todos os seus parentes  
que hoje aqui estão  
Receba dum sertanejo  
uma grande aperto de mão  
Não é poeta nem artista  
é trovador do sertão

9  
O paulinho da Fazenda  
é como juizima  
São os nova geração  
ali na fazenda Domina  
versio muito amizade  
é uma proteção divina

Serlhos. Alberto machado  
Agradesso à Voça selesncia  
nesta festa do centenário  
que terrios à Voça presença  
desejo felicidade  
Com a divina providencia

11

parabens - parabens  
A familia do pedrimho.  
Deus lhe dar a luz divina  
Clariando o seu caminho  
Terás sempre com bondasca  
Saude o pão e Vinho

12

na serra da boa Vista  
Neste lugar tão sagrado  
Onde tem uma lembrança  
de 100 Anos passado  
Vo deixar por lembrança  
Esses Versinhos Rimado

Lamentar: posso desculpas  
 de lotar e Adeogado  
 de achar na minha letra  
 alguns pontos errado  
 não estudei o português  
 e não foi bem educado  
 eu perdi a minha infancia  
 trabalhando no passado

Versos recitados no dia  
 13/11/1977 durante a comemora-  
 ção dos 100 anos da Fajenda  
 da Sena, por  
 José Vieira

## 9 – CONCLUSÃO

As vezes transporto-me ao tempo de criança e procuro sentir-me no ambiente onde vivi naquela etapa da minha vida.

Tento descobrir o segredo de tanta paz e tanto encantamento que sentimos, lá na Fazenda da Serra. E penso, talvez o motivo fosse a simplicidade do ambiente, a singeleza das idéias que fazíamos das coisas e do mundo. Ou quem sabe, o convívio com pessoas que nos amavam e que eram simples e boas.

A fazenda da Serra está situada num recanto muito especial. E nós vivíamos ali, como se estivéssemos num pequeno mundo, exclusivamente nosso.

Para mim, o céu que contemplávamos a noite, repleto de estrelas com a luz que nos encantava e o sol chegando bem cedo e escondendo-se à tardinha, era nosso, somente nosso! Era assim como se fosse a cobertura, o teto da fazenda, como o telhado que cobria a casa de residência.

As montanhas marcavam o limite do nosso mundo e, o horizonte largo indicava o começo de outros mundos, longe do nosso.

Quando falavam sobre o Rio de Janeiro ou Vitória, eu imaginava que fossem outros mundos, maiores do que o nosso, cada um com seu próprio céu estrelado, com uma lua e um sol iguais aos nossos.

Pensando assim, eu sentia um amor muito grande por aquele céu que avistávamos e por tudo quanto nos cercava.

Durante os dias, havia muitas distrações, tarefas para executar, brincadeiras, gente para conversar. Mas, a noite, quando fazia bom tempo, gostávamos de sondar as coisas do céu.

As vezes deitávamos no chão do terreiro de cal, para melhorar observarmos o firmamento. Eu sentia grande curiosidade de saber o que eram as estrelas. Seriam pequenas fogueiras? Ou lamparinas que os anjos, acendiam a noite?

Meu Deus, quantas fantasias passavam por nossas cabecinhas, quando contemplávamos o firmamento estrelado, deitados no chão do terreiro da fazenda!

Às vezes descobríamos novas constelações, além das Três Marias e do Cruzeiro do Sul. E as apelidávamos de acordo com nossas fantasias.

Quando mais tarde, eu li que os pastores enquanto guardavam os rebanhos observavam o céu e, também davam nomes as estrelas, fiquei pensando no que acontecia conosco, que não éramos pastores, mas acreditávamos que a nossa fazenda, possuía o seu próprio céu estrelado, um céu que era cobertura daquele nosso cantinho gostoso.

Durante o dia, quando caía uma forte pancada de chuva, íamos para a varanda da frente da casa, para vermos a chuva caindo. Outras vezes, abríamos a porta da sala de refeições e corríamos até a varanda do paiol. Ficávamos com os cabelos e a roupa molhados e a festa só terminava quando chegavam pessoas adultas. Também gostávamos de

molhar os cabelos nos pingos d'água que escorriam das telhas do beiral da varanda. E como era bom!

Despertavam a nossa curiosidade nuvens brancas que às vezes, apareciam no céu azul, e que se deslocam lentamente, apresentando curiosas formas de animais e de gente. Descobrimos naquelas nuvens, além de carneirinhos, peixes e outros animais, pessoas já falecidas.

Ao tempo em que eu costumava isolar-me de quando em vez, buscando um recanto tranqüilo para pensar, parecia-me que toda a natureza tinha sensibilidade, e eu podia entendê-la.

E no meu esconderijo, eu ouvia tantos sons: das águas do córrego, rolando no leito pedregoso, do vento agitando os galhos das árvores, de mil cigarrinhas ocultas pela vegetação, de galos cantando ao longe, do gorjeio de passarinhos e até do chiado do carro de bois.

Quantos ruídos chegavam-me aos ouvidos, sem feri-los, quando eu estava sozinha pensando. Pensando em que? Naturalmente no que todas as meninas pensavam, naquela idade.

Pensava em conhecer outros lugares. Uma fazenda chamada Canta-Galo, no lugar São Vicente, localizado atrás da Serra da Boa Vista, e em muitas fantasias.

Tudo na fazenda parecia-me muito natural. A água correndo no seu leito, circundando a horta para protegê-la contra as saúvas, enchendo o açude, onde aprendíamos a nadar. E continuando seu trajeto, ia mover o monjolo e o moinho, ou lavar o café na época da colheita.

Jamais imaginei que a água pudesse inundar cidades, desmoronar casas, agredir pessoas.

Que tempo gostoso aquele, quando pensávamos que os elementos da natureza só ajudavam e jamais agrediam.

Mestre Cornille, velho maleiro, personagem de um conto de Alphonse Duadet – O Segredo de Mestre Cornille – chamou a energia que movimenta os moinhos de vento, de respiração do Bom Deus.

Diz ele:- eu trabalho com o mistral<sup>95</sup> e o tramontana<sup>96</sup>, que são a respiração de bom Deus.

Que bonita imagem! O velhinho, simples e bom, protestava contra a instalação dos moinhos mecânicos, numa região da França, onde na época, só existiam moinhos de vento. O progresso assustou-o.

Ele acreditava que os moinhos mecânicos eram acionados pelo demônio.

A primeira vez que avistei as águas do mar, eu assustei-me, como também impressionei-me diante de um rio largo e caudaloso.

---

<sup>95</sup>MISTRAL, s.m. Vento muito frio que sopra do nordeste, no mediterrâneo.

<sup>96</sup>TRAMONTANA, s.f. 1 A estrela polar. 2 O vento ou o rumo do norte.

As águas que eu amava, eram as dos córregos mansos, dos pitorescos reguinhos que meu avô mandava abrir para levar água onde fosse necessário. Era a água límpida, despejada pelas biquinhas, que eu via nas casas dos colonos.

Eu não amava somente as pessoas de minha família e as que conviviam conosco. Gostava da casa, dos objetos que a decoravam e dos que usávamos no dia a dia.

Gostava da nossa sala de visitas, com o piano, os quadros dependurados nas paredes, do lampião pendente do centro do teto de estuque, da mobília, do relógio de pêndulo.

Gostava de tudo na fazenda, até da canequinha esmaltada de azul em que eu tomava café com leite, todas as manhãs, da casa, dos animais, das árvores, do moinho de fubá.

E era de tudo isso que eu sentia falta, quando internaram-me no Colégio.

Quando eu olhava o dormitório imenso, repleto de camas, tudo tão impessoal, tão frio, pensava logo no nosso quarto, com três camas, feitas pelo meu avô, usando madeira das matas da fazenda. Sentia saudades do meu travesseiro de paina de seda, colhida lá na nossa fazenda, e, até da paisagem que avistávamos através das vidraças da janela do nosso quarto.

Comecei, então, a compreender quanto é importante, pela vida afora, o ambiente onde vivemos quando criança.

Quando alguém prepara sua moradia, procura acrescentar ao conjunto de peças novas, um móvel ou objeto que tenha pertencido a um antepassado, e que evoque boas lembranças. Assim, pretende imprimir mais calor ao ambiente onde vai viver.

As paisagens, os objetos, e cada aposento da casa da Serra, sem que eu o percebesse, foram gravando-se no meu subconsciente, e tão profundamente que até agora, aos oitenta e tantos anos de idade, proporcionaram-me condições de escrever estas memórias que acabo de concluir.

Nenhum outro lugar do mundo toca mais profundamente a minha sensibilidade do que a Serra.

Quando viajei pela Europa, lá no velho mundo, que sempre desejei conhecer, extasiei-me diante de catedrais góticas, de monumentos, de museus, e de cidades grandiosas.

Porém, as emoções mais ternas que experimentei, foram as que evocavam lembranças do meu tempo de criança, na fazenda. Recordo-me de algumas. De um oratório, perto de Insbruck, na Áustria, onde vi crianças depositando flores silvestres aos pés de Nossa Senhora, tal como eu fazia outrora, no oratório da fazenda.

Na Suíça eu me emocionei ao ver as vaquinhas, nas verdes pastagens, algumas iguais a nossa "Província", da mesma raça, e que na fazenda acompanhava as pessoas que fossem ao moinho, em busca de um punhado de fubá.

Uma camponesa, na Itália, trajando roupas semelhantes as colonas italianas da Serra, jogando milho as galinhas no terreiro de uma casa a beira da estrada.

Comoveram-me os moinhos, a beira de estradas em Portugal, e um fio de fumaça des-

prendendo-se da chaminé de uma casinhola, no sul da França. Eram cenas simples como tantas que eu presenciava na fazenda, mas que observadas longe do meu país, misturavam-se a saudade de casa, e aumentavam a minha sensibilidade.

Trago hoje inúmeras lembranças dentro de mim. Recordações de viagens pelo Brasil e por países estrangeiros. Porém, eu não conseguiria escrever sobre nenhum deles, como escrevi sobre a Fazenda da Serra.

Acredito que, além das lembranças de infância, um dos fatores que me levaram a decidir escrever, foi porque desde os meus tempos de colégio, meu assunto predileto, usado em composições escolares, era sobre coisas e pessoas da fazenda.

Talvez fosse a maneira que encontrava para atenuar a saudade que eu sentia da casa e dos meus familiares. Na época eu vivia um clima de fortes emoções, devido ao falecimento repentino de meu pai, e a minha saída da fazenda, ainda sob o impacto do choque.

Mais tarde, quando eu colaborava em jornais e revistas do Rio de Janeiro, publiquei artigos sobre a Serra.

Agora já bastante idosa, morando sozinha, em Petrópolis (RJ), afastada de qualquer atividade externa, voltou-me o desejo de escrever. Como outrora, escrever para mim, é uma forma de comunicar-me comigo mesma. Ler, escrever e rezar, fazem parte de meu dia a dia. E escrevi despreocupada, como se conversasse comigo mesma, sem compromisso com editores nem com jornais.

Redigindo eu revivia uma etapa feliz de minha vida e, as vezes tinha a sensação de encontrar-me entre as pessoas que compuseram meu mundo infantil.

Creio que eu não teria coragem de escrever estas memórias, se a casa da fazenda não mais existisse, e se aquelas terras não mais pertencessem a nossa família.

Ao chegar ao final destas páginas, fico pensando que as deveria ter escrito alguns anos atrás, quando eu as pudesse ler e comentar com minha mãe, meus tios Humberto e Alberto e, meu irmão José.

Com eles eu poderia trocar idéias sobre a Fazenda da Serra, na certeza de que estariam incentivando-me e vibrando com a idéia de que as futuras gerações de nossa família, iriam conhecer um pouco da história daquele recanto que foi o berço da descendência de José da Rosa Machado e Maria Florinda, desbravadores da Boa Vista, e Conseqüentemente, da nossa querida Serra.

E, neste instante, ao finalizar minha tarefa, sinto uma profunda ternura pelo meu irmão Pedro, que tanto lutou e conseguiu salvar a Fazenda da Serra de vir pertencer a pessoas estranhas e, inclusive resolveu as questões jurídicas pendentes, normalizando toda a documentação oficial e definitiva d'aquela patrimônio, que recebemos de nossos antepassados.

Também sinto carinho especial por meus sobrinhos Pedro Paulo e Jusé que, mantendo a tradição, ainda conservam de pé o velho e primitivo solar, construído por meu avô,

José da Rosa Machado Junior e, com sacrifício, dedicação e coragem, mantém aquele cantinho de terra, tão corajosamente defendido por seu pai, em ritmo de progresso. Talvez, quem sabe, daqui há muitos anos, algum descendente dos nossos antepassados da Fazenda da Serra, lendo estas páginas que redigi com amor, sentirão alguma ternura por aqueles desbravadores que, um dia escalaram a serra e lá fixaram raízes profundas e duradouras, em 1876.

## 10 - ICONOGRAFIA



FOTO Nº 48 - José da Rosa Machado e Maria Rosa Florinda - Sem Data.  
(Acervo: João Gilberto Machado Moura)



FOTO Nº 49 - Custódia da Rosa Machado e Cecília Ferreira Machado - Sem Data.  
(Acervo: João Gilberto Machado Moura)



FOTO Nº 50 - Cecília (Madrinha Mamãe), Maria Cecília, Tily e Yole - Sem Data.  
(Acervo: João Gilberto Machado Moura)



FOTO Nº 51 - Almerinda - Esposa do Ex-Governador Cel. Marcondes Alves de Souza  
- Sem Data.  
(Acervo: João Gilberto Machado Moura)



FOTO Nº 52 - Da Esquerda para a Direita: Julinda, Maria José, Agripina, Amanda, Alda e Anita - Sem Data.  
(Acervo: Silvia Machado Resende)



FOTO Nº 53 - Da Esquerda para a Direita: 1- Braulio, 2- Olímpya e 3- Amanda - Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)



FOTO Nº 54 - Casal Agostinho e Violante Alves Ferreira, Filhas e Netos. Ao Lado de Violante, a Cecília e Em Frente a Agostinho e Violante, Isabel Serrano - Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)



FOTO Nº 55 - 1ª Comunhão na Chave de Satiro-Muqui.  
Isabel Serrano (Professora). O 1º Aluno ao Lado do Padre é o Pedro Ramos e o Último ao Lado das Duas Meninas, Ary França. Sem Data.  
(Acervo: Familiares de Pedro Juvenal Machado Ramos)



FOTO N° 56 - Agostinho Ferreira dos Santos - Fazenda dos Alpes - Castelo - Sem Data.  
(Acervo: João Gilberto Machado Moura)



FOTO N° 57 - Da Esquerda Para a Direita: (Em pé) Custódio, Violante, Ana e Mon-  
senhor Alves (Sentados) Cecília, Cesar e Agostinho - Sem Data.  
(Acervo: João Gilberto Machado Moura)



FOTO N° 58 - Da Esquerda Para a Direita: Ruth, Áttila, Lúcia e Roberto Vivacqua -  
Sem Data.  
(Acervo: Familiares de João Gilberto Machado Moura)



FOTO N° 59 - Da Esquerda Para a Direita: Luiz Machado e Seus Pais, Guiomar Vieira  
e Agostinho Ferreira Machado - Sem Data.  
(Acervo: Agostinho Machado - “Machadinho”)



FOTO Nº 60 - Da Esquerda Para a Direita: Agostinho Ferreira Machado, Encornatella Borelli e seu Esposo Augusto Machado - Sem Data.  
(Acervo: Agostinho Machado - "Machadinho")



FOTO Nº 61 - Alberto e Cintilla Ferreira Machado com Filhos - Sem Data.  
(Acervo: Agostinho Machado - "Machadinho")



FOTO Nº 61 - Alberto e Cintilla Ferreira Machado - Sem Data.  
(Acervo: Agostinho Machado - "Machadinho")



FOTO Nº 62 - Celsa Machado Ramos - Sem Data.  
(Acervo: Maria Celsa Zanúncio Gonçalves)



FOTO Nº 63 - Alberto Ferreira Machado - Sem Data.  
(Acervo: Maria Celsa Zanúncio Gonçalves)



FOTO Nº 64 - Canuto Luiz Caetano - Filho do Primeiro Escravo Nascido na Boa  
Vista - Neto do Primeiro Casal Vindo de Santa Tereza de Valenea - Data: 08/12/2009  
Quando Completou 109 Anos.  
(Acervo: Maria Celsa Zanúncio Gonçalves)



FOTO Nº 65 - Fazenda da Serra - 04/06/2009.  
(Acervo: Maria Celsa Zanúncio Gonçalves)

## AGRADECIMENTOS:

Os familiares de Isabel Serrano agradecem a todos que se interessaram em viabilizar a publicação deste livro, que conta histórias dos nossos antepassados, e que nos foram contadas, ainda na infância pela nossa querida Tia Bebé. Em especial agradecemos a:

- ❖ Adélia Maria de Souza (Primeira tentativa de diagramação do texto)
- ❖ Admário Rocha de Azevedo da Rosa Machado Chiappinotto. (Dados, identificação de fotos)
- ❖ Ana Moschesotti (Fotos)
- ❖ Augustinho Machado - “Machadinho” (Fotos)
- ❖ Felícia Scabello (Fotos)
- ❖ José Eugênio Vieira. (Revisão e pequenos acréscimos de textos, digitação, fotos, diagramação e viabilização dos recursos financeiros para publicação do livro).
- ❖ João Gilberto Machado Moura. (Fotos)
- ❖ Maria Celsa Zanúncio Gonçalves. (Fotos)
- ❖ Margareth Tarquetti. (Primeira tentativa de diagramação do texto)
- ❖ Norman Ferreira dos Santos. (Fotos)
- ❖ Onny Vieira Bittencourt (Identificação de fotos)
- ❖ Lúcia Maria Lino Ramos Bernardes. (Guardiã do material e fotos)
- ❖ Sílvia Machado Resende (Fotos)

